UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGED

IRLANDIA DA PONTE LIMA

A MEMÓRIA SOCIAL DA ESCOLA MUNICIPAL JOÃO BATISTA FIGUEIREDO PARA OS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO E PARA A COMUNIDADE DO CAFEZAL NA CIDADE DE BARRA DO CHOÇA - BAHIA

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2023

IRLANDIA DA PONTE LIMA

A MEMÓRIA SOCIAL DA ESCOLA MUNICIPAL JOÃO BATISTA FIGUEIREDO PARA OS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO E PARA A COMUNIDADE DO CAFEZAL NA CIDADE DE BARRA DO CHOÇA - BAHIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Formação, Linguagem, Memória e Processos de Subjetivação.

Orientadora: Prof.ª Drª Nereida Maria Santos Mafra De Benedictis.

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2023

L696m

Lima, Irlandia da Ponte.

A memória social da Escola Municipal João Batista Figueiredo para os profissionais da educação e para a comunidade do Cafezal na cidade de Barra do Choça- Ba. / Irlandia da Ponte Lima, 2022.

207f.

Orientador (a): Drª.Nereida Maria Santos Mafra De Benedictis.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED, Vitória da Conquista, 2022.

Inclui referências. 171 – 174.

1. Memória social. 2. Profissionais da educação. 3. Comunidade do Cafezal. I. De Benedictis, Nereida Maria Santos Mafra. II. Programa de Pós- Graduação em Educação – PPGED. II I.T.

CDD 370

Catalogação na fonte: **Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890**
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

IRLANDIA DA PONTE LIMA

A MEMÓRIA SOCIAL DA ESCOLA MUNICIPAL JOÃO BATISTA FIGUEIREDO PARA OS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO E PARA A COMUNIDADE DO CAFEZAL NA CIDADE DE BARRA DO CHOÇA -BAHIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós - Graduação em Educação (PPGED), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), para obtenção do título de Mestre em Educação.

BANCA EXAMINADORA

Nereida Mª Santos Mafra De Benedictis

Prof.ª Drª Nereida Maria Santos Mafra De Benedictis
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
(Orientadora)

Profª Dra. Shirlene Santos Mafra Medeiros
Matrícula 038.180
Professora do Departamento de Filosofia da UERN
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
Campus de Caicó- CAC

Prof.ª Drª Shirlene Santos Mafra Medeiros
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN)
(Examinadora Externa)

Prof.ª Drª Marilete Calegari Cardoso
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
(Examinadora Interna)

Vitória da Conquista, Nove de Dezembro de 2022

CHARME DO CAFEZAL

As cerejas verdes, amarelas e vermelhas,
adornam o cafeeiro, na época da apanha.
Assemelha à moderna de curvas sobrancelhas,
que em passos leves, ao pé da planta assanha.

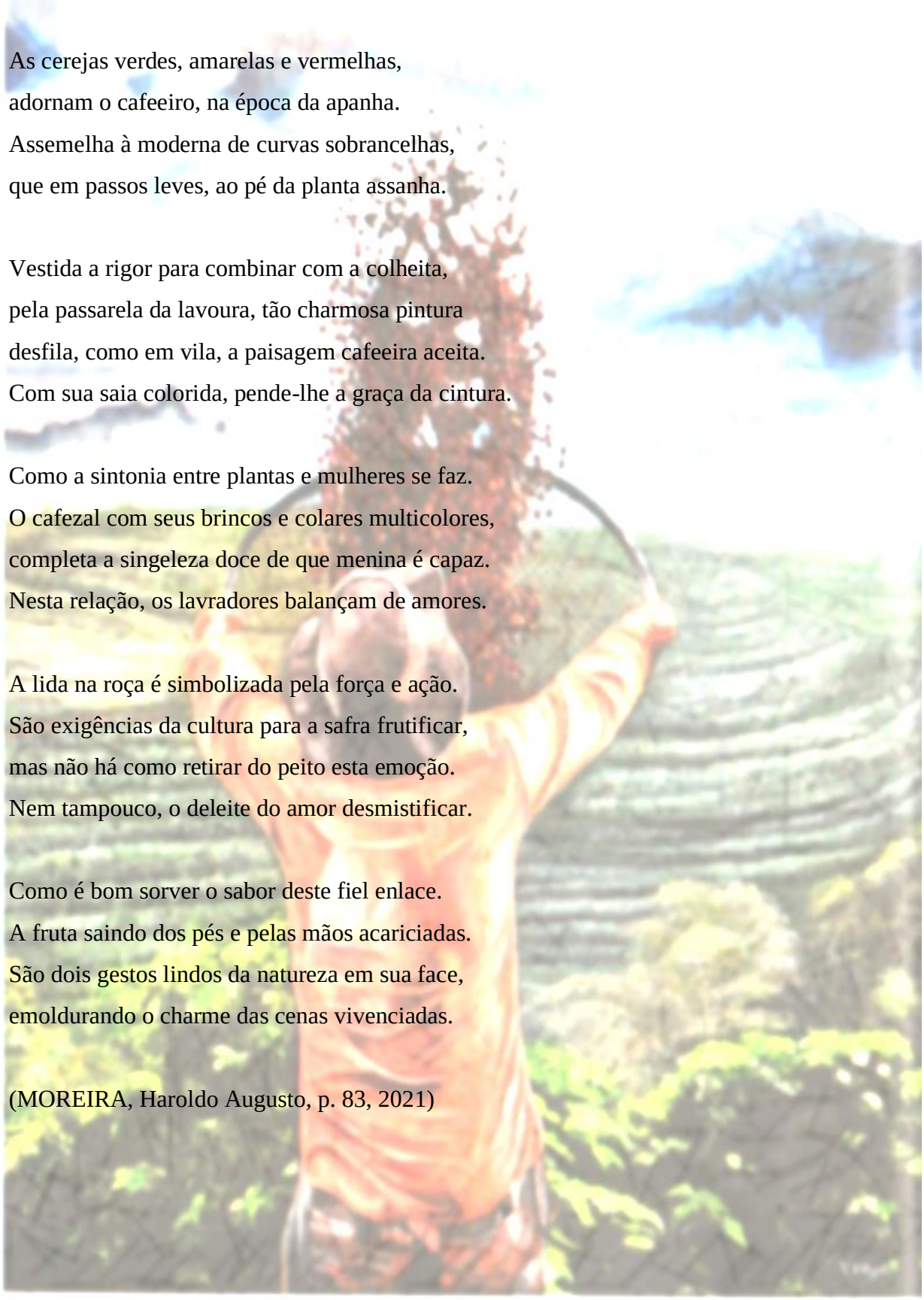
Vestida a rigor para combinar com a colheita,
pela passarela da lavoura, tão charmosa pintura
desfila, como em vila, a paisagem cafeeira aceita.
Com sua saia colorida, pende-lhe a graça da cintura.

Como a sintonia entre plantas e mulheres se faz.
O cafezal com seus brincos e colares multicolores,
completa a singeleza doce de que menina é capaz.
Nesta relação, os lavradores balançam de amores.

A lida na roça é simbolizada pela força e ação.
São exigências da cultura para a safra frutificar,
mas não há como retirar do peito esta emoção.
Nem tampouco, o deleite do amor desmistificar.

Como é bom sorver o sabor deste fiel enlace.
A fruta saindo dos pés e pelas mãos acariciadas.
São dois gestos lindos da natureza em sua face,
emoldurando o charme das cenas vivenciadas.

(MOREIRA, Haroldo Augusto, p. 83, 2021)



Fonte: MOREIRA, Haroldo Augusto (2021). Obra da artista plástica Valéria Vidigal (2021)

AGRADECIMENTOS

Gratidão! Eis a palavra que me define.

Portanto, meu eterno agradecimento, mais que especial ao meu **Deus**, por ter me conduzido, orientando-me e me capacitando para seguir com equilíbrio na caminhada do mestrado. Ele é a minha inspiração!

Gratidão à minha mãe, dona **Nina** e ao meu pai, seu **Laurindo** (*in memoriam*) que sempre me mostraram a importância de viver com honestidade, ter bom caráter e ter respeito ao próximo.

Às minhas **irmãs,** aos meus **irmãos e sobrinhos**, pelo apoio nos momentos de dedicação e esforço. Eu especial ao meu irmão **Laurivo**, pela vida dedicada aos pais e irmãos.

A **Carlos Drigo**, meu companheiro, pelo incentivo nessa caminhada.

Aos **sujeitos sociais da pesquisa**, pois sem eles não seria possível a construção desse estudo.

Os meus mais sinceros agradecimentos à **Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia**, uma instituição pública de ensino de qualidade, que tornou possível a realização dessa dissertação.

Ao **Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGED**, pelos excelentes professores e pelo alto nível das pesquisas realizadas. E seus eficientes e cordiais funcionários.

À coordenação do Programa de Pós – Graduação em Educação, professoras Drª **Nubia Regina Moreira** e **Drª Nilma Margarida de Castro Crusoé.**

Ao Prof. **Dr. Claudio Pinto Nunes**, uma inspiração pela vida acadêmica e incansável dedicação à universidade pública, mas sobretudo pelo ser humano que é.

À minha orientadora, Profa. **Drª. Nereida Maria Santos Mafra De Benedictis**, por ser uma profissional de excelência, por sua vida intelectual e universitária, e por ser uma pessoa idônea, exemplo de mulher cristã e por ter me conduzido com sabedoria, dedicação, competência e perspicácia na organização da nossa pesquisa, desde o princípio.

Aos professores do Programa de Pós -Graduação em Educação – PPGED. Especialmente os que compunham a linha de pesquisa 3: **Formação, Linguagem, Memória e Processos de Subjetivação**.

Às professoras, **Drª. Marilete Calegari Cardoso** e **Drª Shirlene Santos Mafra Medeiros**, que compuseram a banca examinadora desta dissertação, pela leitura minuciosa e cuidadosa do nosso texto.

À minha amiga **Luciana Amorim**, pelo apoio e pela colaboração para minha inserção

no mestrado e pelo olhar cuidadoso.

A **Rogério Gusmão**, por nos representar de maneira cuidadosa, atenta e eficiente.

Aos grupos de pesquisa e estudos, **GRUPEG** e **NUAMSEE**, pelo incentivo, por abrir portas e apontar caminhos para minha inserção no Mestrado e na pesquisa.

Aos meus queridos colegas de turma, da linha de pesquisa Formação, Linguagem, Memória e Processos de Subjetivação.

Às minhas queridas amigas, orientandas da profa. Nereida, em especial, **Mariana e Tayse** parceiras incansáveis e muito especiais. E **Irene Nunes**, amiga que Deus colocou em minha vida.

Para não esquecer de todos que colaboram de uma forma ou de outra com essa pesquisa, meu agradecimento aos amigos e parceiros que direta ou indiretamente contribuíram para que essa pesquisa se tornasse uma realidade.

A todos vocês, o meu cordial e carinhoso agradecimento!

Muito obrigada!

[...] Nosso ambiente material traz ao mesmo tempo a nossa marca e a dos outros. Nossa casa, nossos móveis e a maneira como são arrumados, todo o arranjo das peças em que vivemos, nos lembram nossa família e os amigos que vemos com frequência nesse contexto. Se vivemos sós, a região do espaço que nos circunda de modo permanente e suas partes não refletem apenas o que nos distingue de todos os outros. Nossa cultura e nossos gostos aparentes na escolha e na disposição desses objetos em grande medida se explicam pelos laços que sempre nos ligam a um número enorme de sociedades sensíveis e invisíveis. Não se pode dizer que as coisas façam parte da sociedade. Contudo, móveis, enfeites, quadros, utensílios e bibelôs circulam dentro do grupo e nele são apreciados, comparados, a cada instante descortinam horizontes das novas orientações da moda e do gosto, e também nos recordam os costumes e as antigas distinções sociais. (HALBWACHS, 2006, p. 157/158)

RESUMO

Este trabalho tem como foco a (re) construção da memória social de uma escola situada na comunidade rural do Cafezal, por meio de testemunhos dos profissionais de educação e de seus moradores, cujo objetivo geral foi (Re) construir a memória social da Escola Municipal João Batista Figueiredo para os profissionais da educação e para a comunidade do Cafezal na cidade de Barra do Choça – Bahia, e os objetivos específicos: Compreender os estudos da memória social como um importante recurso para a pesquisa em educação; Identificar por meio de documentos, fotografias e outros elementos, mecanismos relevantes sobre a criação e implementação da escola na comunidade do Cafezal; Conhecer as memórias dos profissionais de educação e de moradores da comunidade do Cafezal sobre esse espaço educativo, a relação da escola e dos projetos desenvolvidos com e para a comunidade. A questão norteadora nos impulsionou investigar como a memória social da Escola Municipal João Batista Figueiredo se estabelece para os seus profissionais da educação e para a comunidade do Cafezal? Para responder esta e outras questões acerca das memórias dos profissionais de educação e dos moradores da comunidade sobre o espaço educativo, a relação da escola com a comunidade, de acordo com os objetivos propostos, fez-se necessário o entendimento das concepções epistemológicas de autores que discutem acerca da memória social e outras categorias as quais culminam na justificativa e compreensão da pesquisa no campo da memória, e que facilitaram o nosso estudo, por isso buscamos ideias em Halbwachs (1990; 2006) e suas contribuições sobre os estudos de memória individual e coletiva; Ricoeur (2007) e De Benedictis (2020) e suas concepções acerca do testemunho; Nora (1993) e o lugar de memória como reconhecimento da identidade do sujeito; Moreira (2019) e sua concepção de espaço rural; Neves (2008) e a compreensão do conceito de comunidade; Minayo (1994) sobre a importância da pesquisa qualitativa e outros autores abordados neste texto. Metodologicamente trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, à luz da fenomenologia e da hermenêutica baseadas no testemunho, sob a concepção teórica de Ricoeur (2007). Além dos estudos para a justificativa da base teórica, construímos o estado da arte em base de dados de instituições como a CAPES e SciELO e Universidades, na busca por estudos que correlacionassem com essa pesquisa. Após esse processo, a pesquisa foi conduzida para a pesquisa documental e, em seguida para as entrevistas semiestruturadas, com a pesquisa de campo. Por meio das informações obtidas com os testemunhos dos sujeitos, estabelecemos o diálogo entre os dados obtidos e as teorias estudadas para a reconstrução da memória social da referida escola. Conforme as informações obtidas, foi possível identificar possibilidades de prosseguimento desse estudo e sua relevância para a pesquisa científica, especialmente no campo da educação.

Palavras-chave: Memória social: Profissionais da educação; Comunidade do Cafezal.

ABSTRACT

This work focuses on the (re) construction of the social memory of a school located in the rural community of Cafezal, through testimonies of education professionals and its residents, whose general objective was to (Re) build the social memory of the Municipal School João Batista Figueiredo for education professionals and for the Cafezal community in the city of Barra do Choça – Bahia, and the specific objectives: Understand social memory studies as an important resource for research in education; Identify, through documents, photographs and other elements, relevant mechanisms about the creation and implementation of the school in the Cafezal community; Knowing the memories of education professionals and residents of the Cafezal community about this educational space, the relationship between the school and the projects developed with and for the community. The guiding question impelled us to investigate how the social memory of the João Batista Figueiredo Municipal School is established for its education professionals and for the Cafezal community? To answer this and other questions about the memories of education professionals and community residents about the educational space, the school's relationship with the community, according to the proposed objectives, it was necessary to understand the epistemological conceptions of authors who discuss about social memory and other categories which culminate in the justification and understanding of research in the field of memory, and which facilitated our study, so we sought ideas in Halbwachs (1990; 2006) and his contributions on studies of individual memory and collective; Ricoeur (2007) and De Benedictis (2020) and their conceptions about testimony; Nora (1993) and the place of memory as recognition of the subject's identity; Moreira (2019) and his conception of rural space; Neves (2008) and the understanding of the concept of community; Minayo (1994) on the importance of qualitative research and other authors addressed in this text. Methodologically, this is a research with a qualitative approach, in the light of phenomenology and hermeneutics based on testimony, under the theoretical conception of Ricoeur (2007). In addition to studies to justify the theoretical basis, we built the state of the art in databases from institutions such as CAPES and SciELO and Universities, in the search for studies that correlated with this research. After this process, the research was conducted for documentary research and then for semi-structured interviews with field research. Through the information obtained from the testimonies of the subjects, we established a dialogue between the data obtained and the theories studied for the reconstruction of the social memory of the referred school. According to the information obtained, it was possible to identify possibilities for continuing this study and its relevance for scientific research, especially in the field of education.

Keywords: Social memory; educational professionals, cafezal community.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Povoado Cafezal em época de secagem de feijão.....54
Figura 02 - Povoado Cafezal no início de sua formação.....57
Figura 03 – Fachada da Escola Municipal João Batista Figueiredo.....65
Figura 04 – O Estado em face da educação 92
Figura 05 – Princípios que norteiam o ensino.....93
Figura 06 – Profissionais da educação.....95
Figura 07 – Decreto nº 5 - para contratação de professor -1963.....97
Figura 08 - Decreto nº 11 - para contratação de professor – 1963.....98
Figura 09 – De orientação geral do Ensino Primário Fundamental.....99
Figura 10 – Convite aos sujeitos da pesquisa.....104
Figura 11 – Emancipação política de Barra do Choça.....105
Figura 12– Fazenda produtora de café no município.....107
Figura 13 – Documento de convênio com o Mobral 110
Figura 14– Decreto nº 16 - para contratação de professor - 1964..... 110
Figura 15 – Decreto nº 40 - para exoneração de professor - 1966.....111
Figura 16 – Jornais de Vitória da Conquista – Bahia que retratam a seca que influenciou no declínio do café na região.....117
Figura 17 – Palmeira da fazenda.....118
Figura 18– Fachada da EMJBF ao longo dos anos.....122
Figura 19 – Lei 436 que altera o nome da EMJBF.....123
Figura 20 – Pavimentação da Praça Gildásio Cairo.....124
Figura 21 – Atividade para os alunos da Escola Castro Alves.....127
Figura 22 – Lei nº 10 de 1983 – que autoriza o PEONASEC 131
Figura 23 – Lei nº 11 de 1983 – que autoriza o PNAE 132
Figura 24 – Material destinado ao ensino do curso Mobral.....135
Figura 25 – Passeio ciclístico.....146
Figura 26 – Festa do Dia das Crianças.....146
Figura 27 – Projeto Eco Teens -EMJBF.....147
Figura 28 – Autorização para construção do Posto de Saúde no Povoado Cafezal.....157
Figura 29 – Palavras que representam os sujeitos da pesquisa.....163

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Categorias encontradas na pesquisa realizada na UNIRIO.....24
Quadro 02 - Estudo que traz sentido de memória social, testemunho e comunidade.....34
Quadro 03 - Estudo com foco nos conceitos de comunidade, memórias e lembranças.....35
Quadro 04 - Pesquisa com análise em memória social e comunidade.....35
Quadro 05 - Pesquisa focada na memória social e sentido de comunidade.....36
Quadro 06 - Estudo com ênfase na memória social, lugares e comunidade.....36
Quadro 07 - Pesquisa que aborda o lugar de memória.....36
Quadro 08 -Estudo sobre a memória e o contexto escolar no período da ditadura militar.....37
Quadro 09- Pesquisa que retrata a percepção da memória social 37
Quadro 10- Estudo com foco na implementação de escola no período da ditadura militar.....38
Quadro 11– Estudo com ênfase na memória de professores e profissionais de educação.....38
Quadro 12 – Estudo com foco nas práticas escolares.....38
Quadro 13 – Pesquisa voltada para a memória da população local.....39
Quadro 14 - Estudo que retrata a educação como forma de evitar o êxodo rural.....39
Quadro 15 - Estudo focado na educação no meio rural no período da ditadura militar.....40
Quadro 16 - Estudo voltado para educação do campo.....40
Quadro 17 - Estudo que remete considerações sobre a memória social.....41
Quadro 18 - Pesquisa voltada para as práticas escolares e a memória social.....41
Quadro 19 - Principais pontos da legislação educacional no Brasil no ensino rural.....97
Quadro 20 - Algumas considerações sobre a Educação na Bahia.....100
Quadro 21 – Características dos sujeitos da pesquisa.....103
Quadro 22 – Informações sobre as Escolas Municipais de Barra do Choça 111
Quadro 23 – Escolas Rurais de Barra do Choça classificadas de acordo à localização.....112
Quadro 24 – Escolas e Creches localizadas na zona rural de Barra do Choça.....113
Quadro 25 – Testemunhos sobre as mudanças no locus da pesquisa.....156
Quadro 26– Relatos sobre as dificuldades no início da formação do Povoado e funcionamento da EMJBF.....159
Quadro 27 – As memórias dos sujeitos da pesquisa sobre o Povoado e a EMJBF.....161

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Número de dissertações e teses identificadas na CAPES.....24
Tabela 02 - Dissertações e teses da UNEB e UNIRIO.....26
Tabela 03 - Teses da Pontifícia Universidade de São Paulo – PUC.....26
Tabela 04 - Dissertações e teses dos programas PPGMLS e PPGED com descritor memória social.....27
Tabela 05 - Produções acadêmicas do Programa de Pós-Graduação em Geografia-PPGEO... 28
Tabela 06 - Plataforma de dissertações e teses da base de dados da CAPES de 1987 a 2002...29
Tabela 07 - Teses da CAPES com Educação como área do conhecimento – 30
Tabela 08 - Teses do banco de dados da Universidade Federal de Goiás.....30

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APMBC	Arquivo Público Municipal de Barra do Choça
APMVC	Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CF	Constituição Federal
CME	Conselho Municipal de Educação
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
EMJBF	Escola Municipal João Batista Figueiredo
GRUPEG	Grupo de Pesquisa no Ensino de Geografia
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação e Cultura
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
NUAMSEE	Núcleo de Análise em Memória Social, Espaço e Educação
PDU	Plano Diretor Urbano
PPGED	Programa de Pós- Graduação em Educação
PPGEO	Programa de Pós-Graduação em Geografia
PPGMLS	Programa de Pós- Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade
PPP	Projeto Político Pedagógico
PUC – SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
SCIELO	Biblioteca Eletrônica Científica Online
SEMAGRI	Secretaria Municipal de Agricultura
UDF	Universidade do Distrito Federal
UEPG	Universidade Estadual de Ponta Grossa
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....16

1.1. Memórias de minha trajetória**:** caminhos que me guiaram até aqui.....17

1.2. Contribuições do estado da arte para a construção do conhecimento do objeto de estudo 20

2. ABORDAGEM METODOLÓGICA.....43

2.1. Explorando a escola como um lugar de memória.....51

2.2. O locus da pesquisa.....63

3.CONCEPÇÕES TEÓRICAS DA MEMÓRIA SOCIAL E REFLEXÕES PEDAGÓGICAS.....67

3.1. A memória social como instrumento da pesquisa científica 67

3.1.1. A relação da Geografia social, o espaço geográfico e a memória.....74

3.1.2. O lugar de memória.....78

3.1.3. O testemunho na pesquisa científica.....81

3.2. Saberes docentes: concepções pedagógicas e o cotidiano escolar.....84

3.2.1. Considerações sobre a legislação educacional brasileira.....91

3.2.2. Um olhar sobre a Educação na Bahia.....99

4. BARRA DO CHOÇA: UM LUGAR DE MEMÓRIAS CONSTRUÍDAS 102

4.1. Barra do Choça: transformações e mudanças no contexto político e educacional do município 105

4.2. A evolução da Escola por meio da cafeicultura: abordagens do passado e do presente 113

4.3. O lugar de memória para os profissionais da educação e para a comunidade do Cafezal 124

4.4. A Escola e o meio rural: sentido de pertencimento à comunidade.....130

5. A (RE)CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA SOCIAL POR MEIO DOS TESTEMUNHOS DOS DOCENTES E NÃO DOCENTES E DA COMUNIDADE DO CAFEZAL.....141

5.1. Os testemunhos e os sujeitos da pesquisa.....142

5.2. Profissionais da educação e comunidade: identidade e memórias.....149
5.3. Relatos de um tempo esquecido: memórias para serem lembradas.....153

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS 165

7. REFERÊNCIAS 171

APÊNDICES.....175

ANEXOS.....191

1. INTRODUÇÃO

Mestrado! Convicções ou aprendizado?

Mestrado, o que é para nós? Aprendizado, convicções, dúvidas ou incertezas? Ou a soma de tudo isso? Espaço para conquistas, para mudanças interiores, oportunidade de crescimento, mas o crescimento que nos torna melhores. Afinal, estamos nos tornando pesquisadores. Abertos ao mundo do vivido, do experienciado, do vivenciado.

Período de valorar, por extensão da palavra apreciar, mas apreciar o outro, e o que nós aprendemos com ele.

Quantas coisas nos deixam marcas, inquietam-nos e nos condicionam, mas certamente nos enriquecem. E nesse percurso, nessa caminhada que, às vezes parece uma eternidade, mas já dá uma angústia, uma notória impressão de que podíamos mais, devíamos ter aprendido mais, ter estudado mais. Porém, somos convictos de que agregamos valores, emoções, percepções e muito, mais muito aprendizado, pois ouvir o outro nos dá a grata sensação de que não estamos sozinhos, buscamos apoio, solidarizamo-nos com aquele colega que se sente fragilizado. E no meio de tudo isso, conduzindo com maestria a nossa missão de sairmos melhores do que entramos, de sairmos mais preparados, não para o mercado de trabalho, mas para a vida. Sim, na nossa condução, segurando em nossas mãos, quando muitas vezes precisávamos do afago e do carinho da família, estão os nossos orientadores. Estes sim, merecem nossos aplausos, nosso respeito, pois muitas vezes o que seria de nós se eles não tivessem ali, ajudando-nos, na nossa pequenez a ganhar fôlego, quando mais precisamos, quando nos sentimos impotentes, incapazes, e por que não dizer desacreditados de nós mesmos. E cá está o nosso orientador, que sabiamente tem as palavras exatas para acalentar o nosso coração. Muitas vezes desiludido do descaso pelo qual a educação tem passado, e parece nunca cessar.

Quando iniciamos o curso de Mestrado, parece que temos o poder de mudar muita coisa, mas talvez muita coisa não queira ou não precisa ser mudada, somos nós que precisamos mudar. Precisamos daquela esperança de que no fundo ainda podemos fazer algo, ser solidários, rirmos com o outro, sofrer também. Mas sobretudo, termos Fé, e é essa Fé que nos molda, que arranca do nós a angústia, o medo de não darmos conta, de errarmos e não ter como consertar o nosso erro.

E sabe o melhor de tudo? É sabermos que tudo tem o seu preço, as escolhas que fazemos são para a vida toda e elas nos moldam de acordo com o que precisamos e não com o que queremos.

Nesse percurso, descobrimos que não conseguimos participar de tudo que nos fora oferecido, as oportunidades são ínfimas, e certamente valerão à pena.

O Mestrado é um processo de busca pelo conhecimento, de busca por novos saberes, de desafios, o desejo de enfim nos tornarmos mestres. Mas mestres conscientes de que estamos apenas começando nosso processo de pesquisadores.

Se estamos aqui, é porque algo temos a oferecer, que sejamos capazes de continuar nossa caminhada. E como meta, devo continuar fazendo o meu melhor naquilo que me propus vivenciar/experienciar como profissão. E que, certamente será conduzida de forma mais amorosa, mais calorosa, mais leve e muito mais humana, pois por meio do Mestrado, a única certeza que temos é que nada será como antes, se assim não o for, "não terá valido à pena"

1.1. Memórias de minha trajetória: caminhos que me guiaram até aqui

Inicialmente, peço licença para proferir algumas considerações acerca da minha carreira docente e da minha inserção no meio acadêmico, com o intuito de mostrar minha trajetória até chegar ao mestrado, e falar sobre a memória que deu subsídios para a questão de pesquisa e os objetivos desse estudo, construído com base nos testemunhos dos sujeitos sociais, para dar voz e visibilidade às pessoas que de forma direta ou indireta são também responsáveis pela formação do espaço educativo e pela construção do lugar de memória.

A partir dessa abordagem, evoco minhas memórias sobre os longos anos de docência e das experiências vivenciadas desde 1996, na educação do município de Barra do Choça, que estão entre os fatores motivacionais para esse estudo, uma vez que a educação é uma área que precisa ser investigada por estar em constantes transformações. Assim como outros estudos, as pesquisas sobre educação não se esgotam. Por isso, para o professor, independente da modalidade em que atua, a formação continuada deve estar presente em sua carreira, no sentido de encontrar caminhos que facilitem o fazer docente. Nos últimos 26 anos, trabalhando com crianças, adolescentes e adultos, tem sido perceptível a necessidade de encontrar meios para o aprimoramento profissional, que se adequem às mudanças ocorridas na sociedade e que implicam diretamente no trabalho do professor.

Sob essa ótica, o ensino superior é realmente um processo não só de conquistas, como também abre as portas para a nossa formação acadêmica e melhoria da nossa prática profissional. É na universidade que você, enquanto estudante se torna um pesquisador. É no contexto acadêmico que surgem os questionamentos da formação do indivíduo como sujeito social consciente de seus direitos e deveres.

Nessa perspectiva, a busca por uma formação consistente, após alguns anos de estudos e preparação em cursinhos no próprio município, veio a tão sonhada aprovação no vestibular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), para o curso de Licenciatura em Geografia. Momento de muita gratidão e recompensa pelo esforço, dedicação e resiliência. A licenciatura foi concluída em 20 de setembro de 2005. Ainda neste ano, com o intuito de dar prosseguimento aos estudos, iniciei uma Especialização em Espaço, Sociedade e Meio Ambiente.

Contudo, é também na prática que percebemos a importância da educação para os sujeitos. Nesse sentido, durante o período de 8 anos trabalhados na Escola Municipal João Batista Figueiredo, exercendo à docência e às funções de coordenação pedagógica e direção escolar em uma comunidade rural, tornou-se evidente o quanto estas comunidades rurais podem acrescentar em nossa formação, devido à forte ligação estabelecida entre os profissionais, alunos e comunidade local. Por meio desse processo de interação, o sujeito cresce por conta das peculiaridades que cercam o ambiente e que envolvem os que ali trabalham. Conforme Medeiros (2016, p. 45) "[...] as memórias das experiências vividas permitiriam ao sujeito apreender os distintos pontos de vista dos indivíduos, e que estão conexas com as vivências do indivíduo e ao grupo social em que convive."

Sabe-se que a prática docente possibilita a oportunidade de crescimento humano e profissional. Contudo, sabemos que somente a prática não é suficiente para as demandas de uma sociedade que está em constante transformação, assim como se trata de uma escola que trabalha com educação infantil, ensino fundamental, anos iniciais e finais, houve a necessidade profissional de fazer o curso de Pedagogia, logo fiz uma segunda graduação, cursando também uma especialização em Gestão Escolar, entre os anos de 2017 e 2018.

Na perspectiva de continuar melhorando o fazer pedagógico, com o anseio e a necessidade de uma formação profissional que habilitasse de forma mais coerente o trabalho docente, é que surgem as possiblidades de diminuir essa distância entre a prática e a teoria, por meio de uma formação mais consistente.

Após longos anos, e longe do contexto da academia, em 2019, nasceu o desejo e a necessidade de estudar, de aprimorar os conhecimentos e de me envolver em algo novo. Fiz minha inscrição para o curso de mestrado em Educação pela UESB, porém, não obtive êxito, todavia, emergiu a busca para saber onde estavam as minhas limitações, o que eu precisava fazer para ser aprovada no mestrado na área de educação, que sempre foi o foco.

Ainda que o percurso até o mestrado fosse longo e difícil, procurei caminhos que me guiassem para obter um resultado melhor e ingressar no contexto da academia. Assim, ingressei

no Grupo de Estudo e Pesquisa no Ensino de Geografia (GRUPEG) na UESB, que foi de extrema importância para minha formação. Nesse mesmo ano me inscrevi para cursar uma disciplina como aluna especial – Trabalho e Desenvolvimento Profissional Docente. Foi um ponto de partida para conhecer autores em evidência, fazer novas leituras, saber como o programa funciona e, preparar-me para o ingresso na pesquisa.

A inscrição foi realizada para pleitear uma vaga no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação - UESB, a escolha foi a linha 4 – Conhecimento e Práticas Escolares, uma vez que o meu anteprojeto era intitulado - As categorias de análises Geográficas no processo de ensino e aprendizagem em Geografia da Escola Municipal João Batista Figueiredo do Povoado Cafezal - Barra do Choça – BA, em consonância com a linha.

O ingresso no curso de mestrado ocorreu quando cursava, como aluna especial, no ano de 2021, a disciplina – A memória como objeto para a pesquisa: abordagens teóricas e metodológicas. A referida disciplina estava sendo ministrada por uma docente da linha de pesquisa 3 – Formação, Linguagem, Memória e Processos de Subjetivação - PPGED/UESB, linha na qual estou inserida como mestranda, tendo a professora dra. Nereida Mª Santos Mafra De Benedictis como orientadora. Assim, com afinidade e estreitamento dos estudos na área de memória, a pesquisa está intitulada em "A memória social da Escola Municipal João Batista Figueiredo para os profissionais da educação e para a comunidade do Cafezal na cidade de Barra do Choça -Bahia". Pois, como em Halbwachs, "Para que a memória dos outros venha assim reforçar e completar a nossa, é preciso também, dizíamos, que as lembranças desses grupos não estejam absolutamente sem relação com os eventos que constituem o meu passado." (HALBWACHS, 1990, p. 78)

Como membro do Grupo de pesquisa Núcleo de Análise em Memória Social, Espaço e Educação (NUAMSEE/CNPQ), é notório o quanto a pesquisa pode influenciar não só em nossa formação profissional, como também formação humana. Por meio das discussões propostas nas reuniões do NUAMSEE, os estudos relacionados à memória, tornaram-se elementos que contribuíram para a nossa inserção na pesquisa. Sobre a importância da memória, Halbwachs (1990, p. 79) salienta, "Se por memória histórica, entendemos a sequência dos acontecimentos dos quais a história nacional conserva a lembrança, não é ela, não são seus os quadros que representam o essencial daquilo que chamamos memória coletiva."

Com o ingresso no mestrado, percebi que a pesquisa, a leitura e a escrita fazem parte da rotina do mestrando, uma vez que produzir cientificamente requer habilidade para dialogar com os autores. E quando estamos envolvidos nesse processo de construção do conhecimento, ao estudar questões ligadas à educação, percebemos quais os rumos que a ciência vem tomando

diante das diversas circunstâncias que perpassam as transformações ocorridas na sociedade e nos espaços onde ela habita. As pesquisas científicas tomam diferentes direções de acordo com o aspecto da sociedade que elas pretendem analisar.

Portanto, diante do que foi descrito, para a construção da pesquisa, realizamos uma investigação exploratória para averiguar como ocorreu o contexto de criação da unidade de ensino, a caracterização do lugar de pesquisa e as principais mudanças ocorridas no Povoado do Cafezal, com o intuito de reconstrução da memória social da Escola Municipal João Batista Figueiredo no Povoado Cafezal em Barra do Choça – Ba, a partir dos testemunhos dos profissionais da educação e da comunidade local, que vivenciaram a implementação da escola.

Nessa perspectiva, de identificação de informações para reconstrução dessa memória, foi importante ouvirmos as pessoas com maior idade na comunidade. A partir das observações que antecederam a pesquisa, percebemos como ocorreram as mudanças no lugar e delimitamos nossos sujeitos da pesquisa.

1.2. Contribuições do estado da arte para a construção do conhecimento do objeto de estudo

Além da pesquisa exploratória, que foi um processo relevante para a construção e apreensão do nosso objeto, realizamos uma busca nas plataformas de bancos de dados de algumas instituições de ensino superior, sobretudo nos programas de pós-graduação do Brasil, e em banco de dados da Biblioteca Eletrônica Científica Online (SciELO) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), para a construção do estado da arte sobre o objeto estudado. Sobre esse aspecto, o trecho seguinte diz:

> Nos últimos quinze anos tem se produzido um conjunto significativo de pesquisas conhecidas pela denominação “estado da arte” ou “estado do conhecimento”. Definidas como de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários. (FERREIRA, 2002, p. 258)

Buscamos informações a partir do nosso tema e com base nos descritores delimitados, para a identificação de produções que correlacionassem com nosso estudo e que tivessem elementos referentes a nossa pesquisa, através dos temas abordados. Ressaltamos que,

conforme ideias defendidas pelas autoras Romanowski e Ens (2006, p. 39), “Os estudos realizados a partir de uma sistematização de dados [...], recebem esta denominação quando abrangem toda uma área do conhecimento, nos diferentes aspectos” A pesquisa denominada de estado da arte, pode ser considerada uma ressonância sobre as produções catalogadas, identificadas como trabalhos que contribuem de forma significativa para quaisquer produções acadêmicas. Em conformidade com Ferreira, o trecho a seguir ressalta:

> Sustentados e movidos pelo desafio de conhecer o já construído e produzido para depois buscar o que ainda não foi feito, de dedicar cada vez mais atenção a um número considerável de pesquisas realizadas de difícil acesso, de dar conta de determinado saber que se avoluma cada vez mais rapidamente e de divulgá-lo para a sociedade, todos esses pesquisadores trazem em comum a opção metodológica, por se constituírem pesquisas de levantamento e de avaliação do conhecimento sobre determinado tema.(FERREIRA, 2002, p.259)

Com base nesse processo da pesquisa, elencamos algumas produções acadêmicas que possuem elementos que estão presentes em nossa pesquisa. Portanto, o estado da arte se configurou como um importante processo de pesquisa para a construção do texto e delineamento do campo teórico. Como afirma Ferreira (2002):

> Nos últimos vinte anos, com o fortalecimento da produção acadêmica - cientifica, com pesquisas que emergem em diferentes programas de pós-graduação pelo país, um movimento se transforma em empenho de diferentes entidades [...] para o estabelecimento de uma política de divulgação de seus trabalhos científicos. E uma das formas é através de catálogos E uma das formas é através de catálogos, inicialmente impressos e, mais tarde, em forma de CD-ROM. (FERREIRA, 2002, p. 260)

Construído com base da busca minuciosa e atenta, tal processo se faz pela pesquisa por produções que estão em consonância com o nosso objeto. Ressaltamos que devido ao número grande de trabalhos publicados nas bases de dados dos Programas de Pós-graduação, ou em outros bancos de dados, fez-se necessário, a partir das categorias analíticas explícitas do estudo em questão, delinearmos descritores para facilitar a busca e a leitura de títulos, resumos e palavras-chave para observarmos se havia alguma conexão com tema. Conforme Romanowski e Ens (2006):

> Estados da arte podem significar um contribuição importante na constituição do campo teórico de uma área de conhecimento, pois procuram identificar os aportes significativos da construção da teoria e prática pedagógica, apontar restrições sobre o campo em que se move a pesquisa, a suas lacunas de disseminação, identificar experiências inovadoras investigativas que apontem alternativas de solução para os problemas da prática e reconhecer as

> contribuições da pesquisa na constituição do processo na área focalizada. (ROMANOWSKI, ENS, 2006, p. 39)

No processo de construção da pesquisa, buscamos no banco de dados de algumas instituições, como a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), plataforma de dissertações e teses da CAPES e na plataforma de dissertações e teses da SciELO. Este estado da arte, trata-se de uma pesquisa nos bancos de dados, por trabalhos que têm referência com o objeto de estudo, sendo uma etapa importante para a pesquisa científica, uma vez que evidencia estudos realizados nas Instituições de todo o país.

Nossa pesquisa teve início em maio de 2021, e, prolongou-se até o mês de setembro do mesmo ano, com o intuito de encontrar estudos que correlacionassem com nosso tema. Buscamos focalizar em temas voltados para nosso estudo, contudo, não foram encontramos trabalhos que tivessem uma relação direta com o objeto de estudo e correlação com nosso tema. Nota-se que alguns estudos foram selecionados a partir de seus títulos, porém ao lermos os resumos, verificamos que não relacionavam com nosso tema. Sobre isso, Romanowski e Ens (2006) afirmam:

> Essas análises possibilitam examinar as ênfases e temas elaborados nas pesquisas; os referenciais teóricos que subsidiaram as investigações; a relação entre o pesquisador e a prática pedagógica; as sugestões e proposições apresentadas pelos pesquisadores; as contribuições da pesquisa para mudança e inovações da prática pedagógica [...]. (ROMANOWSKI, ENS, 2006, p. 39)

Vale ressaltar também que filtramos as buscas por área de concentração, para que pudéssemos selecionar um número de trabalhos que fosse possível fazer essa identificação. Ainda assim, os estudos encontrados são incipientes em relação ao nosso objeto. Filtramos as buscas por meio dos descritores de acordo o nosso estudo e não foram encontradas pesquisas relevantes. No entanto, lemos resumos, construímos uma tabela (para nossa consulta) com dados dos autores, títulos, ano da pesquisa, instituição e palavras-chave, no sentido de melhor identificar os trabalhos a serem selecionados.

Para a construção do estado da arte, estabelecemos um recorte temporal de 2013 a 2021, uma vez que o número de trabalhos encontrado foi amplo. Nosso foco de pesquisa se baseou apenas em dissertações e teses. Contudo, elaboramos uma tabela com estudos produzidos de 1987 até, para melhor organização dos dados identificados na pesquisa.

Com o descritor, Memória Social, foram encontradas várias dissertações e teses nas diversas instituições brasileiras, como também nas plataformas de bases de dados de

dissertações e teses da CAPES e SciELO. No entanto, na pesquisa refinada com o descritor Memória Social da Escola Municipal João Batista Figueiredo não foi encontrado nenhum trabalho. Por essa razão, entendemos que a pesquisa "estado da arte", tornou-se um elemento indispensável como parte da nossa metodologia, para que pudéssemos conhecer as produções acadêmicas que possuíam contribuições acerca da nossa pesquisa. Sobre o estado da arte, Ferreira (2002) corrobora:

> Também são reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho e no conjunto deles, sob os quais o fenômeno passa a ser analisado. (FERREIRA, 2002, p. 258)

Por meio do estado da arte, o pesquisador observa e percebe a riqueza das pesquisas, e que as discussões se restringem apenas aos cursos de pós-graduação ou pesquisa acadêmica. Nota-se que a pesquisa do estado da arte tem sido uma metodologia recorrente em trabalhos científicos. São fontes e referências que fornecem dados, informações e teorias para que se realize o levantamento e análises desses dados e, que subsidiam os trabalhos posteriores. A partir do levantamento desses dados, o pesquisador faz a análise tanto quantitativa quanto qualitativa, estabelecendo relações com os elementos observados por ele no bojo da pesquisa.

Para construção do estado da arte e filtrar os resultados obtidos nas pesquisas ou dar ênfase aos estudos encontrados em consonância com nossa pesquisa, foram elencados descritores a partir da proposta de pesquisa delineada, como: Memória Social, Memória Social e Comunidade, Memória Social e Educação, Memória Social e Comunidade do Cafezal e Memória Social e Escola Municipal João Batista Figueiredo. Sobre esse aspecto, "Os catálogos permitem o rastreamento do já construído, orientam o leitor na pesquisa bibliográfica de produção de uma área. Eles poder ser consultados em ordem alfabéticas por assuntos, por turmas, por autores, por datas, por áreas." (FERREIRA,2002, p. 261)

De acordo com a plataforma de dissertações e teses do banco de dados da CAPES, pesquisa realizada em junho de 2021, foi identificado um número grande de resultados produções científicas, para os descritores Memória social e comunidade. Para o descritor memória social foram encontradas 239504 dissertações e teses e para o descritor comunidade encontramos 53778 (2016 a 2020). Observamos também 8647 (2016 a 2020) trabalhos com filtro para a educação como área do conhecimento. A Tabela 01, apresenta a tabulação dos primeiros dados identificados, a partir dos descritores Memória social e comunidade:

Tabela 01 – Número de dissertações e teses identificadas na CAPES

BASE DE DADOS DA CAPES		
DESCRITORES	DISSERTAÇÕES	TESES
Memória social e comunidade	868706	30476
Anos	2016 a 2020	2016 a 2020

Fonte: Banco de dados da CAPES (2021)
Elaboração: LIMA, I. P. (2022)

Notamos que o índice encontrado a respeito dos descritores "memória social e comunidade" foi alto. Por essa razão foi difícil adequar a pesquisa, pelo fato de a identificação de elementos nos títulos das pesquisas selecionadas, não terem consonância com nosso objeto de estudo. Diversas teses encontradas foram escritas antes da Plataforma Sucupira[1]. Logo, atentamo-nos para trabalhos escritos a partir de 2013.

Com base nas pesquisas realizadas na SciELO e na CAPES, verificamos que há muitos estudos produzidos sobre a memória. Buscamos estudos na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, que tem um Programa em Memória Social. Porém, após a leitura dos títulos, resumos, objetivos e palavras – chave, encontramos poucos estudos que se relacionam com o nosso tema. A pesquisa foi abrangente, logo selecionamos estudos a partir de 2013, uma vez que a partir deste ano os trabalhos foram publicados na Plataforma Sucupira.

A seguir, descrevemos por instituição, como se deu a pesquisa nos bancos de dados. Em seguida serão apresentados os trabalhos encontrados nas pesquisas que tiveram mais proximidade com o nosso estudo.

A UNIRIO possui um Programa de Pós -Graduação em Memória Social, e por isso despertou nosso interesse por alguns trabalhos pela proposta apresentada no título. Nessab perspectiva, sondamos os resumos para estabelecer relação teórica com nosso objeto.

No banco de dissertações e teses da UNIRIO, foram catalogadas produções de 2001 a 2021, com 475 produções identificadas. Há trabalhos, conforme podem ser visualizados no Quadro 01, cujos temas abordam categorias como:

Quadro 01 – Categorias encontradas na pesquisa realizada na UNIRIO

Categorias	
Museologia, memória sobe publicidade, memória social e envelhecimento saudável.	Memórias sobre deficiência visual e sobre autismo.

Continua

[1] A Plataforma Sucupira é fruto da parceria da Capes com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Em maio de 2012, as duas instituições assinaram termo de cooperação para o desenvolvimento de um sistema destinado a coletar informações dos programas de pós-graduação em tempo real e estabelecer os procedimentos de avaliação com transparência para toda a comunidade acadêmica. (PORTAL DO MEC)

Conclusão

Categorias	
Memórias carnavalescas, memória e história dos cassinos.	Feminismo, memória e as diversas formas de arte, memória e subjetividade.
Estádios de futebol, a memória e os metalúrgicos.	Psicanálise e violência contra a mulher, memória social do espaço público nas favelas.
Redes sociais e fake News, memória e discurso escolar sobre sexo (e o livro didático).	Memória fonográfica, memória de povos tradicionais como os indígenas, memória e práticas escolares.
Escolas de samba, a construção de memórias historiográficas por Walter Benjamin e Michel Foucault.	O papel da mulher na sociedade, espaços prisionais e pessoas LGBT.
Narrativas e memórias de medicinas tradicionais, memória social no campo da cultura popular.	Memória e prisões femininas no Brasil, memória e a magia negra.
Memórias de escritores de literatura, Morro do Vidigal, memória, corpo e dança.	Violência nas redes de informação, Largo do Boticário, discurso e identidade.
Mulheres encarceradas e o tráfico de drogas, a memória em Nietzsche, memória em Hanna Arendt, interatividade e o lúdico.	Memória e movimentos sociais, parque arqueológico de São Marcos, memória sobre a infância.

Fonte: Bando de dados da UNIRIO (2021)
Elaboração: LIMA, I. P. (2022)

Em uma dissertação de 2015, com o descritor memória coletiva presente, tanto no título, quanto nas palavras-chave, a autora cita em seu resumo, o autor Halbwachs, porém à medida que lemos o resumo, não encontramos outros elementos que fazem menção ao nosso tema. Ao percorrermos o resumo, notamos que o foco dessa dissertação era a autodescrição capaz de promover a inclusão da pessoa com deficiência visual. Em outro texto, identificamos também a presença do descritor memória social no título e a palavra memória estava entre as palavras-chave. Contudo, por meio da leitura, observamos que o trabalho não insere o sentido da memória social, como preconiza o nosso objeto de estudo.

Em uma pesquisa de 2020 (UNIRIO), notamos que trazia o descritor memória social em seu título e como palavra-chave. Ao fazer a leitura do resumo, encontramos autores como Halbwachs e Gondar, porém o autor fez um estudo bibliográfico sobre o tema.

Identificamos na Universidade do Estado da Bahia – UNEB, no Programa de Educação Contemporânea, muitas teses, vale ressaltar que nessa pesquisa não foram encontradas dissertações. Com os descritores Memória e Comunidade, apenas 19 teses foram selecionadas, dentre eles notificamos que somente 04 traziam os descritores abordados em nosso estudo. Contudo, selecionamos quinze teses para que pudéssemos correlacionar com nossa pesquisa. Após a leitura dos resumos, verificamos que pouca ou nenhuma semelhança havia entre os

estudos pesquisados e nosso objeto de estudo. Entretanto, construímos uma tabela (Tabela 02) que mostra numericamente as dissertações e teses encontradas nas instituições pesquisadas:

Tabela 02 - Dissertações e teses da UNEB e UNIRIO

Instituição	Descritores	Ano	Dissertações	Teses
UNEB	Memória social e comunidade	2013 a 2020	_____	121
UNIRIO	Memória social e comunidade	2012 a 2021	165	103

Fonte: Bando de dados da CAPES e UNIRIO (2021)
Elaboração: LIMA, I. P. (2022)

Continuamos a busca por estudos em outras universidades. Na Pontifícia Universidade de São Paulo – PUC -SP, no Programa de Educação: História, Política e Sociedade (pesquisa realizada pelo banco de dados da CAPES), com refinamento para instituição, identificamos 82 pesquisas, vale ressaltar que no banco de dados da Instituição encontramos apenas teses, observamos pela leitura dos resumos que em nenhum texto havia elementos que relacionava com nosso tema. Os trabalhos encontrados foram distribuídos por ano da seguinte forma, de acordo com a Tabela 03:

Tabela 03 - Teses da Pontifícia Universidade de São Paulo – PUC

Descritores	Ano	Dissertações	Teses
Memória social e comunidade	ANO	_____	14
Memória social e comunidade	2013	_____	11
Memória social e comunidade	2014	_____	05
Memória social e comunidade	2015	_____	14
Memória social e comunidade	2016	_____	12
Memória social e comunidade	2017	_____	14
Memória social e comunidade	2018	_____	01
Memória social e comunidade	2019	_____	10
Memória social e comunidade	2020	_____	.

Fonte: Bando de dados da CAPES (2021).
Elaboração: LIMA, I. P. (2022)

Salientamos que dos estudos citados na tabela, apenas uma tese de 2015 foi selecionada, já que tem os descritores comunidade e memória em seu título. Os demais trabalhos não tiveram relação com a nossa pesquisa.

Realizada entre os meses de maio a setembro de 2021, em dois dos programas da UESB, já que a Universidade possui outros programas de Pós-Graduação, buscamos pesquisas que colaborassem com a nossa, no banco de dados do Programa de Pós - Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – PPGED-UESB, até a data da pesquisa foram

encontradas 230 dissertações (Programa não possui doutorado).

No Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, também da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - PPGMLS – UESB, que existe desde 2009, conta com 225 dissertações e 73 teses até a data da pesquisa. Por meio dos resumos e das palavras-chave buscamos estudos que contribuíssem com o nosso.

Selecionamos uma tese de 2015, duas 2016, uma dissertação de 2015 e outra de 2017, com o intuito de analisar os seus conteúdos, buscando relação com nosso tema. Contudo, por meio da leitura de resumos não foram identificadas conexões com nosso objeto de estudo. A Tabela 04 apresenta em números as produções acadêmicas por ano, em dois dos programas selecionados na UESB:

Tabela 04 – Dissertações e teses dos programas PPGMLS e PPGED com descritor memória social

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB				
Ano	**Dissertações**		**Teses**	
	PPGMLS	**PPGED**	**PPGMLS**	**PPGED**
2009	07			
2010	07	_____	_____	_____
2011	07	_____	_____	_____
2012	28	_____	_____	_____
2013	10	_____	_____	_____
2014	20	01	01	_____
2015	18	14	02	_____
2016	25	20	14	_____
2017	32	51	19	_____
2018	31	26	11	_____
2019	17	37	11	_____
2020	15	54	10	_____
2021	08	27	05	_____

Fonte: Bando de dados da UESB (2021)
Elaboração: LIMA, I. P. (2022)

Percebe-se que o volume de produções do PPGMLS/UESB, cresceu de forma significativa. Nos anos de 2012, 2014, 2015, o Programa teve um número bem salutar de dissertações. Nesse período, o programa não contava com o doutorado, sendo contemplado a partir de 2014. Outro ponto que nos chamou atenção foi o aumento de dissertações e teses produzidas entre 2016 e 2019. No Programa, um texto chamou a nossa atenção, pois trazia em seu título o descritor memória social, ainda que houvesse um recorte temporal. Contudo, com a leitura do resumo identificamos que a tese continha elementos voltados para a narrativas de sujeitos que vivenciaram o ambiente escolar entre as décadas de 40 e 50 do século XX.

O Programa de Pós-Graduação em Educação (PGGED) - UESB tem, até a data da pesquisa, 230 dissertações. Desde que iniciou em 2014, o número das produções tem crescido, contando com 54 trabalhos no ano de 2021.

Visitamos o banco de dados do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) - UESB, na busca por produções que tivessem de acordo com o nosso tema e com alguns conceitos da Geografia, uma vez que nossa pesquisa faz menção a categoria lugar e espaço. Analisando os títulos, selecionamos 04 textos para avaliarmos os resumos e fazermos a comparação com o nosso tema.

A partir da leitura dos títulos, palavras-chave, dos trabalhos selecionados podemos observar que os textos tinham pouca relação com a memória social. Porém, selecionamos 02 dissertações, cujos títulos nos chamaram atenção, por apresentarem palavras concernentes com o tema por nós estudado. Um deles (2019) trazia o lugar e a memória em seu título e nas palavras-chave, referenciando autores como Halbwachs. Sendo assim, sentimos a necessidades de analisá-lo a partir do resumo. Observamos que se tratava de texto produzido sobre as casas de farinha e análise de alimentos identitários. Outro trabalho (2019) trazia a palavra lugar em seu título e nas palavras-chave, assim como o descritor memória social. Notamos também que neste texto, a autora faz referência às obras de Halbwachs, Nora e Pollak. No decorrer da leitura do resumo, notamos que a memória social dos fregueses e feirantes em Vitória da Conquista foram o objeto de estudo da pesquisadora, portanto, não há relação com nossa temática.

Os dados tabulados são de 2016 a 2021. Uma informação importante, as produções estão catalogadas em período equivalente a 2 anos, uma vez que na pesquisa realizada estava assim representado. A Tabela 05 evidencia o número de pesquisas do programa:

Tabela 05- Produções acadêmicas do Programa de Pós-Graduação em Geografia-PPGEO

Instituição	Descritores	Ano	Dissertações	Teses
UESB	Memória social, comunidade e lugar	2016-2018	14	.
UESB	Memória social, comunidade e lugar	2017-2019	15	.
UESB	Memória social, comunidade e lugar	2018-2020	13	.

Fonte: Banco de dados da UESB (2021).
Elaboração: LIMA, I. P. (2022)

Na perspectiva de encontrar novos escritos que convergissem com nossa pesquisa, no dia 08 de agosto, recorremos mais uma vez a base de dados da CAPES, procuramos por dissertações e teses. Utilizamos o descritor memória social e profissionais de educação, e à medida que

filtramos a busca, visto que o número de trabalhos ainda era grande, encontramos o seguinte resultado: inicialmente foram encontrados 1281401, subdividas em dissertações – 872084 e teses -306017. Como já foi mencionado no início desse estudo. Na Tabela 06, observe o número de trabalhos em cada ano, num recorte temporal de 1987 até 2018.

Tabela 06- Plataforma de dissertações e teses da base de dados da CAPES de 1987 a 2002

Base de dados da CAPES – produções por ano			
Descritores: Memória social e profissionais de educação			
Ano	**Quantidade**	**Ano**	**Quantidade**
1987	4491	2003	35611
1988	4679	2004	34695
1989	5601	2005	39367
1990	6738	2006	41220
1991	8051	2007	42819
1992	8965	2008	46749
1993	9517	2009	50164
1994	9973	2010	50900
1995	11836	2011	55552
1996	13495	2012	61047
1997	15645	2013	68101
1998	15723	2014	71072
1999	20219	2015	76296
2000	23683	2016	83293
2001	25975	2017	85348
2002	31259	2018	88539

Fonte: Banco de dados da CAPES (2021)
Elaboração: LIMA, I. P. (2022)

Notamos por meio da tabela anterior que as produções de dissertações e teses no Brasil, de acordo o banco de dados da CAPES, tiveram um crescimento significativo.

E para melhor associar as produções identificadas com o nosso objeto de estudo, delineamos a busca por teses, destas, existiam 306017. Na busca refinada, usando a Educação como Área do Conhecimento, foram encontradas 8205 teses. Como o número foi muito alto, tornou-se difícil encontrar escritos relacionados a nossa pesquisa. Além disso, identificamos que a boa parte dos trabalhos eram anteriores a Plataforma Sucupira. Assim, utilizamos apenas profissionais da educação como descritor, como mostra a Tabela 07. Selecionamos apenas teses, e educação como área do conhecimento, foram encontradas 8667. No entanto, devido à quantidade, buscamos por área de educação e tinham 551 resultados, numa base temporal, assim distribuída:

Tabela 07 – Teses da CAPES com Educação como área do conhecimento

Descritores	Ano	Teses
Memória e profissionais de educação	2014	74
Memória e profissionais de educação	2015	93
Memória e profissionais de educação	2016	66
Memória e profissionais de educação	2017	74
Memória e profissionais de educação	2019	73
Memória e profissionais de educação	.	.

Fonte: Banco de dados da CAPES (2021)
Elaboração: LIMA, I. P. (2022)

Baseado nas pesquisas da base de dados da plataforma de dissertações e teses da CAPES, utilizamos os descritores profissionais de educação. Foram encontradas 1289615 entre dissertações e teses e ao refinarmos por teses, e inserir a educação como área do conhecimento e como área de concentração, foi identificada como instituição, a Universidade Federal de Goiás (UFG). Também foram identificadas 70 teses, em anos alternados, distribuídos entre os anos de 2014, 2016, 2017, 2018 e 2020. Como mostra a Tabela 08:

Tabela 08 -Teses do banco de dados da Universidade Federal de Goiás

Universidade Federal de Goiás		
Descritores	**Ano**	**Teses**
Educação	2014	16
Educação	2016	12
Educação	2017	13
Educação	2018	15
Educação	2020	14

Fonte: Banco de dados da CAPES (2021).
Elaboração: LIMA, I. P. (2022)

No entanto, observados os títulos e resumos de poucos trabalhos selecionados, compreendemos que nenhum estabelecia relação com nossa pesquisa, visto que os que tratavam de profissionais de educação apenas faziam referência aos docentes, já outros trabalhos eram voltados para a arte, cultura e psicologia. Ao ponto que nenhum deles servirá como referência para nossos escritos.

Nossas buscas nas plataformas de bases de dados da CAPES, SciELO, e em instituições como a UNIRIO, por exemplo, que tem um Programa de Pós-graduação em Memória Social, ou ainda em Programas de Pós-graduação em Educação, como na UNEB, não se limitaram apenas aos descritores já mencionados. Contudo, pesquisamos trabalhos foram encontrados que pudéssemos estabelecer esta correlação entre os descritores por nós estabelecidos. Assim, selecionamos alguns estudos para fazermos leitura dos resumos, a grande maioria foi incipiente

ao nosso campo da pesquisa. Destarte, selecionamos algumas produções do Programa de Memória Social da UNIRIO, no intuito de encontrar elementos que subsidiassem nosso estudo. No entanto, o foco da memória social encontrado em vários resumos desta instituição, é a memória social da educação carcerária. Identificadas as obras por títulos, selecionamos os resumos e palavras-chave que convergissem com a pesquisa.

Salientamos que muitos textos continham os nossos descritores no resumo e no título, mas a abordagem feita estava atrelada a temas completamente diferentes do nosso. Alguns dos teóricos abordados em muitos desses trabalhos, são os mesmos por nós estudados, como referências principais na construção da nossa pesquisa. Em algumas pesquisas, ainda que não tivessem inferência com o nosso estudo, foi interessante estudar o resumo, observando a metodologia aplicada à pesquisa e conceitos como memória social.

Para buscar informações pertinentes à construção da nossa pesquisa, lemos os resumos para melhor compreender os objetivos dos escritos selecionados, principalmente da UNIRIO, aqueles que nos chamaram mais atenção. Em uma tese de 2020 notamos a presença da memória, porém com foco completamente diferente do nosso, retratando a memória ferroviária e ditadura civil. A partir da leitura de uma outra tese, também do ano 2020, entendemos que a proposta do autor foi retratar a memória voltada para as prisões brasileiras. Outra tese do mesmo ano trazia como foco a memória na era tecnológica. Em outro escrito, dissertação de 2019, o autor faz um estudo sobre a memória social, mas retratando o trabalho de mediações nas prisões femininas.

Continuamos com a nossa busca, para que pudéssemos encontrar alguns trabalhos que contribuíssem com nossa dissertação, em sua base teórica e, posterior diálogo com os dados obtidos na pesquisa de campo. Entretanto, continuamos sem obter resultados que fossem importantes para esse estudo. Assim, por meio dos títulos e palavras-chave, pesquisamos textos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Alguns trabalhos apresentavam os descritores da nossa pesquisa e, até os autores que também são nossas referências, como Halbwachs, Gondar, Pollak, Nora e outros. Ao fazer a leituras dos resumos ficou evidente que a proposta desses estudos era bem diferente da que nós propusemos. Mesmo fazendo referência a mais de um dos descritores que nós delimitamos. Percebemos também que a maioria dessas produções focam em um público bastante específico e diferente dos nossos sujeitos.

Utilizando o descritor profissionais de educação para a pesquisa, encontramos na Universidade de São Paulo (USP) um único trabalho destacado, porém, os descritores memória social e educação estavam presentes no título, mas não nas palavras-chave. Notamos que o texto fazia referência à escola rural e escolarização, não havendo conexão com nosso tema.

Na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), as pesquisas foram realizadas no Programa de Educação e Contemporaneidade, e todos os trabalhos encontrados são teses. No entanto, encontramos estudos sobre as trajetórias de vida das mulheres negras (2015), outro trazia as trajetórias de vida no campo da educação de jovens do campo e da periferia urbana (2017), em um outro trabalho (2015), o autor do texto (2018) traz a memória das professoras negras, observamos um texto que traz a prática de professoras da zona rural, notamos um trabalho sobre memória e letramento em escolas rurais (2014). Identificamos ainda um estudo sobre a docência e memória em salas multisseriadas (2015), em (2017) foi identificado um estudo que se refere ao contexto de afetividade entre professor e aluno. Observamos um trabalho sobre as histórias de vida de professores de Geografia da zona rural (2013). Por fim, no programa já mencionado da UNEB, destacamos apenas estes trabalhos para a leitura dos resumos e identificação dos descritores que estabelecem relação com nosso texto, contudo, nenhum desses trabalhos estabelecia relação com nossa pesquisa. No entanto, buscamos elementos que fossem comuns entre as pesquisas, percebemos então que nenhum deles tem essa correlação.

No decorrer das pesquisas realizadas nas plataformas do banco de dados da CAPES, o número de trabalhos existente era grande, tornando-se difícil analisá-los. Foi percebido também que a maioria não tinha nenhuma conexão com os elementos presentes em nosso tema. Entretanto, realizamos uma pesquisa no dia 10 de setembro de 2021, utilizando os descritores memória social e comunidade, com o uso dos operadores booleanos AND e das aspas (“ “). Descrito da seguinte forma: "memória social" AND "comunidade", foram identificados 213 estudos, facilitando assim nossa análise dos títulos e resumos, mas o número ainda era grande para leitura. Refinamos com base temporal entre os anos de 2013 a 2017, foram identificadas 93 pesquisas, distribuídas em 61 dissertações, 13 teses e 19 dissertações de mestrado profissional. Entre estes trabalhos, destacamos alguns que pudessem estabelecer relação com o foco de nosso estudo. Selecionamos 06 estudos, porém salientamos que estabelecemos uma correlação entre os escritos, já que de forma direta não encontramos elementos que pudessem correlacionar com nossa pesquisa.

Ressaltamos ainda que, buscamos também em 10 de setembro do mesmo ano, estudos voltados à educação e sua relação com a memória social. Utilizamos descritores memória social e educação, os operadores booleanos AND e uso de aspas, na plataforma da base de dados da CAPES, "memória social" AND " educação”. identificamos 205 produções. Fizemos o refinamento por base temporal, de 2013 a 2017, notamos 100 produções, distribuídas em: 65 dissertações, 26 teses e 9 dissertações de mestrado profissional. A partir das observações sobre

os títulos, selecionamos 21 textos, para que fosse feita a análise dos resumos. Destes, notamos que 11 trabalhos tinham relação mais próxima com nossa pesquisa.

O mesmo processo de pesquisa com os descritores "memória social" AND "comunidade" e "memória social" AND " educação", foi utilizado para a plataforma da SciELO, no entanto, nenhum trabalho foi identificado no dia 10 de setembro, do corrente ano.

Selecionamos produções encontradas na base de dados da plataforma de dissertações e teses da CAPES. Durante a leitura, procuramos estabelecer uma relação dos nossos descritores, com descritores presentes em diferentes trabalhos, no sentido de valorizar os estudos identificados. Elencamos 18 pesquisas e destacamos o título, autor, ano, instituição, objetivos e os resumos de cada uma delas. Em seguida, destacamos as considerações sobre as contribuições que estas pesquisas trouxeram ao nosso estudo.

Dos estudos selecionados, observando atentamente as relações estabelecidas com nossa proposta de estudo. Buscamos textos que condizem com nossa pesquisa, mas não em sua totalidade, por isso a sua atenção para perceber as correlações estabelecidas, será imprescindível, posto que elencamos um número bastante razoável de produções acadêmicas.

No processo de leitura dos títulos e resumos dos trabalhos, foi percebido que tinha uma relação direta com nossos descritores, porém, devido aos temas abordados em alguns deles, destacamos os que melhor se adequavam ao nosso tema estudado, e ainda buscamos estabelecer uma correlação entre os elementos evidenciados nos trabalhos destacados. Não focamos em uma área em específico, mas nas ideias presentes nas pesquisas. Focamos em estudos sobre a memória social, sentido de comunidade, testemunho, educação, ditadura militar, visibilidade de moradores, identidade da comunidade, entre outros temas com possibilidade de correlacionar com nossa pesquisa.

Ressaltamos que as pesquisas se iniciaram em 19 de maio de 2021. Levando-se em consideração os descritores que fizessem jus ao nosso trabalho de pesquisa. na base de dados da SciELO, utilizando o descritor Memória social e comunidade, obtivemos 58 resultados. Quando alocamos os descritores Memória social e comunidade do Cafezal, nenhum resultado fora encontrado. Refinando ainda mais a pesquisa, por meio do descritor Memória Social e Escola João Batista Figueiredo, também não foram encontradas produções. Com descritor ainda mais delimitado - A memória social da Escola Municipal João Batista Figueiredo para os profissionais da educação e para a comunidade do Cafezal, no município de Barra do Choça - Bahia, também não obtivemos resultados na pesquisa.

Vale ressaltar que de acordo com uma busca minuciosa sobre estudos que convergissem com nossa pesquisa, notamos que praticamente não há trabalhos com essa temática, à medida

que elencamos os descritores para facilitar e delimitar nos bancos de dados estes trabalhos, percebemos a relevância científica, acadêmica e social da pesquisa aqui proposta, uma vez que suscita novos estudos, contribuindo de forma significativa para o *locus* da pesquisa e para os sujeitos envolvidos.

A construção do estado da arte é um trabalho artesanal que requer paciência, atenção e insistência. Sobre a necessidade de mapear as produções acadêmicas, autores como Romanowski e Ens (2006, p. 38) ressalta que: "[...] pode-se dizer que faltam estudos e um balanço que encaminhem para a necessidade de um mapeamento que desvende e examine o conhecimento já elaborado e apontem os enfoques, os temas pesquisados e as lacunas existentes". Construir um estado da arte é, portanto, um trabalho que requer atenção e um cuidado minucioso, pois se trata da utilização de dados que farão parte da nossa pesquisa e, portanto, da produção acadêmica.

Observamos que, nos estudos selecionados, após a leitura dos resumos, tivemos bastante dificuldades de estabelecer relação com o nosso trabalho, visto que em alguns trabalhos, notamos a falta de clareza, de objetivos explícitos ou ainda dados bibliográficos, dificultando nossa compreensão, ou a comunicação com nosso objeto de estudo.

Diante das dificuldades em encontrar pesquisa em conformidade com nossa temática, selecionamos algumas que podem ser visualizadas nos Quadros 02 a 18. Nestes quadros, selecionamos os tipos de texto (artigo, dissertação ou tese), o autor, o ano, os objetivos das produções e quais contribuições forneceram ao nosso estudo. Do Quadro 02 ao Quadro 07 são referentes aos estudos selecionados pela pesquisa com os descritores "memória social" AND "comunidade". Para o título de cada quadro, apresentamos as informações que estão presentes em seus resumos. Como podem ser visualizados nos Quadro seguintes:

Quadro 02 – Estudo que traz sentido de memória social, testemunho e comunidade

Artigo Dissertação Tese	**Autor**	**Ano**	**Objetivos**	**Contribuições**
Tese	Jose Cesar Coimbra	2013	Analisar a articulação entre as noções de testemunho, comunidade e resto nas narrativas sobre a busca das origens na adoção e suas	O resumo traz elementos importantes, como a relação entre testemunho, comunidade, a memória coletiva. Este trabalho traz a importância do testemunho e da narrativa para a memória social. Mesmo que o tema enfatize a adoção, o sentido de pertencimento e de identificação está evidente. O

Continua

Conclusão

Artigo Dissertação Tese	Autor	Ano	Objetivos	Contribuições
			implicações para o campo da memória social.	autor busca em Halbwachs, como em outros autores, a base teórica para noções de testemunho e pertencimento.

Fonte: Banco de dados da CAPES, (2021). **Elaboração:** LIMA, I. P. (2021)

Quadro 03 – Estudo com foco nos conceitos de comunidade, memórias e lembranças

Artigo Dissertação Tese	Autor	Ano	Objetivos	Contribuições
Dissertação	Cristiane Bartz de Ávila	2014	Investigar, junto aos moradores do Distrito de Quilombo do Município de Pelotas (RS) e da Comunidade Negra Rural do Alto do Caixão, que se localiza no próprio Distrito, as memórias da experiência da escravidão e da experiência Quilombola; pesquisar como as políticas públicas têm influenciado a vida desta Comunidade Negra Rural.	O que nos chamou atenção nesse texto foi a menção a noção de comunidade, memória e experiência presentes na dissertação. As memórias e lembranças silenciadas da comunidade Quilombola.

Fonte: Banco de dados da CAPES (2021). **Elaboração:** LIMA, I. P. (2021)

Quadro 04 – Pesquisa com análise em memória social e comunidade

Artigo Dissertação Tese	Autor	Ano	Objetivos	Contribuições
Dissertação	Natalia Kerche Alvaides	2013	Analisar como elementos da memória social dos moradores da comunidade de Marujá − identificar as mudanças nas diretrizes político administrativas, comparando as diferentes edições do plano de manejo, bem como analisando a atuação do comitê de apoio à gestão; reconstruir as memórias sociais da comunidade e as expectativas vividas; identificar a influência de experiências passadas sobre determinadas esferas culturais e econômicas da vida do sujeito cotidianas.	O texto traz elemento como a reconstrução das memórias sociais da comunidade, identificando as experiências cotidianas dos sujeitos. As pré-entrevista, que podem ser entendidas como pesquisa exploratória, a análise documental e estudos bibliográficos

Fonte: Banco de dados da CAPES (2021). **Elaboração:** LIMA, I. P. (2021)

Quadro 05 – Pesquisa focada na memória social e sentido de comunidade

Artigo Dissertação Tese	Autor	Ano	Objetivos	Contribuições
Tese	Maria Celia Barros Virgolino Pinto	2015	Coletar e registrar as falas e experiências de Jurussaca, que tem na narrativa oral a base de sua história e memória.	Percebemos que o texto perpassa pela memória social e, observamos a identidade da comunidade. Presença de elementos que evidenciam a influência da identidade de um povo para a construção de uma comunidade.

Fonte: Banco de dados da CAPES (2021)
Elaboração: LIMA, I. P. (2021)

Quadro 06 – Estudo com ênfase na memória social, lugares e comunidade

Artigo Dissertação Tese	Autor	Ano	Objetivos	Contribuições
Dissertação	Ângela Maria da Silva de Oliveira	2015	_____	Nesse estudo, identificamos categorias que estão presentes em nossa pesquisa, como memória social, acontecimentos vividos, lugares, comunidade e identidade. O autor faz uma análise sobre a história do município de Ernestina, no Rio Grande do Sul, focando a comunidade como de descendência alemã. Nós abordaremos as origens dos sujeitos pesquisados, mas nos remeteremos a formação da comunidade e constituição da escola por meio da memória dos seus moradores e dos profissionais de educação da escola.

Fonte: Banco de dados da CAPES (2021)
Elaboração: LIMA, I. P. (2021)

Quadro 07 – Pesquisa que aborda o lugar de memória

Artigo Dissertação Tese	Autor	Ano	Objetivos	Contribuições
Tese	Amós da Cruz Sousa	2014	_____	A categoria lugar de memória da comunidade foi relevante para a seleção desse trabalho. O tema da pesquisa aqui analisada é bem diferente do nosso, de acordo com as evidências por nós expostas, contudo, para maiores esclarecimentos buscamos trabalhos que, mesmo estando voltados para áreas diferentes, tivessem elementos que convergissem com nossa pesquisa. Um elemento presente no texto foi o dispositivo de dados documentais.

Fonte: Banco de dados da CAPES (2021). **Elaboração**: LIMA, I. P. (2021)

Os textos a seguir foram gerados por meio de uma pesquisa realizada em 10 de setembro de 2021, utilizando os descritores memória social e educação. Usamos o refinamento com base nos boleanos AND e aspas (“ “). Como já informado anteriormente, foram identificados 205 trabalhos pela plataforma da base de dados de dissertações e teses da CAPES. Sobretudo, selecionamos 27 para que pudéssemos observar melhor os títulos e identificar os temas abordados e fazer a leitura dos resumos. Mediante tais informações, elencamos 11 destes trabalhos que tiveram mais relevância para nosso estudo, tais como o leitor pode perceber. A partir do Quadro 08, utilizamos a mesma caracterização para visualização das informações contidas, porém os descritores utilizados foram “memória social” AND “educação. Como apresentam os Quadros 08 ao 18:

Quadro 08 – Estudo sobre a memória e o contexto escolar no período da ditadura militar

Artigo Dissertação Tese	Autor	Ano	Objetivos	Contribuições
Dissertação	Thiago Vieira Pires	2015	Trabalhar a memória como uma das formas de resistência ao autoritarismo e as opressões a partir da história da Organização política Ação Popular (AP) e dos relatos e narrativas dos ex-militantes dessa Organização que atuaram no estado do Rio Grande do Sul	O último presidente do período de Ditadura Militar, general João Batista Figueiredo (1979 a 1985), como também foi criada nesse interim. Portanto, interessamo-nos também por trabalhos que evidenciavam o tema., ainda que não seja o foco da pesquisa. buscamos relacionar a alguns elementos que tratam do tema com a memória. Nota que o autor se fundamenta na memória como ruptura do esquecimento, como forma de evidenciar os relatos de quem experienciou o período e, que pode contribuir com a política, baseando-se na memória social e coletiva.

Fonte: Banco de dados da CAPES (2021).
Elaboração: LIMA, I. P. (2021)

Quadro 09 – Pesquisa que retrata a percepção da memória social

Artigo Dissertação Tese	Autor	Ano	Objetivos	Contribuições
Dissertação	Igor Marcio Correa Fernandes da Cunha	2013	Ressaltar determinados valores e saberes	Trata-se de um estudo sobre a importância da capoeira e todas as suas características no cenário cultura. Porém, a memória como

Continua

Conclusão

Artigo Dissertação Tese	Autor	Ano	Objetivos	Contribuições
			que participam da construção da sociedade contemporânea	instrumento para conseguir expor todas evidências que envolve acapoeira, chamou nossa atenção, no sentido da percepção da memória social que permeia por diversos campos do saber.

Fonte: Banco de dados da CAPES (2021)
Elaboração: LIMA, I. P. (2021)

Quadro 10 – Estudo com foco na implementação de escola no período da ditadura militar

Artigo Dissertação Tese	Autor	Ano	Objetivos	Contribuições
Dissertação	Girlane Costa Ribeiro	2014	_____	Destacamos esse texto por trazer a Ditadura militar como foco da pesquisa em memória social, devido às condições de implementação da escola por nós pesquisa. Além do autor usar como palco de sua pesquisa, uma escola, que também concerne com nosso estudo

Fonte: Banco de dados da CAPES (2021)
Elaboração: LIMA, I. P. (2021)

Quadro 11- Estudo com ênfase na memória de professores e profissionais de educação

Artigo Dissertação Tese	Autor	Ano	Objetivos	Contribuições
Tese	Mucio Medeiros	2015	Perceber, a partir da memória dos professores, o sentido dado às técnicas apreendidas, bem como, como tais técnicas serviram para o desenvolvimento de ações posteriores.	Este estudo está atrelado à nossa pesquisa, pelos instrumentos presentes no texto, como educação, relatos e entrevistas com professores e profissionais acerca de um projeto em específico. Foi perceptível também que autor utiliza da memória dos professores para a compreensão do que foi apreendido a partir das técnicas utilizada no projeto.

Fonte: Banco de dados da CAPES (2021).
Elaboração: LIMA, I. P. (2021)

Quadro 12 – Estudo com foco nas práticas escolares

Artigo Dissertação Tese	Autor	Ano	Objetivos	Contribuições

Continua

Conclusão

Artigo Dissertação Tese	Autor	Ano	Objetivos	Contribuições
Tese	Simone Maria Francisco Gomes	2016	Investigar como sentidos de violências são reproduzidos, legitimados, produzidos e transformados nas práticas escolares	Nosso locus da pesquisa, trata-se de uma escola em pequena comunidade, não sendo perceptível a violência como em grandes centros como o Rio de Janeiro. Mas, a pesquisa também foca em elementos como a memória e as práticas escolares na visão dos sujeitos pesquisados, bem como as influências que os sujeitos sofrem no ambiente escolar.

Fonte: Banco de dados da CAPES (2021)
Elaboração: LIMA, I. P. (2021)

Quadro 13 – Pesquisa voltada para a memória da população local

Artigo Dissertação Tese	Autor	Ano	Objetivos	Contribuições
Tese	Diego da Costa Vitorino	2014	Reconstruir a memória de uma parte da população local e do Jongo, trazendo à tona a história dos negros no Brasil.	Como nossa pesquisa também irá trazer elementos da comunidade do Povoado Cafezal, em Barra do Choça -Ba, destacamos esse texto com intuito de identificar elementos que contribuem para o nosso entendimento sobre comunidade. Notamos que o autor traz esses elementos quando caracteriza e enfatiza as peculiaridades da comunidade, como número de habitantes, o imaginário popular, o destaque da comunidade como potencial produtora de café, as tradições e cultura de sua população, o modo de agir do cotidiano de seu povo, sua identidade enquanto sujeitos, bem como os ofícios pertencentes ao seu povo, como as benzedeiras, os curandeiros, as parteiras, os foliões etc.

Fonte: Banco de dados da CAPES, (2021)
Elaboração: LIMA, I. P. (2021)

Quadro 14– Estudo que retrata a educação como forma de evitar o êxodo rural

Artigo Dissertação Tese	Autor	Ano	Objetivos	Contribuições
Tese	Camila Timpani	2016	Discutir a ideologia	O cessar o êxodo rural por meio da escola. Para o autor, foi uma saída

Continua

Conclusão

Artigo Dissertação Tese	Autor	Ano	Objetivos	Contribuições
	Ramal		Educacional do movimento do ruralismo pedagógico que atribuiu à escola rural a responsabilidade de cessar o êxodo rural, iniciado com o processo de industrialização do Brasil, no início do século XX.	encontrada pelos ruralistas, no século XX, para evitar a saída de pessoas de suas localidades. Percebe-se no Brasil, que há uma desvalorização do homem do campo, e com isso uma educação precarizada. Contudo, a valorização do homem do campo, como sujeito social se torna possível à medida que o poder público estabeleça condições educacionais para que essa população seja favorecida, sem, contudo, deslocar-se para outras regiões em busca de escolas de melhor qualidade.

Fonte: Banco de dados da CAPES (2021)
Elaboração: LIMA, I. P. (2021)

Quadro 15 – Estudo focado na educação no meio rural no período da ditadura militar

Artigo Dissertação Tese	Autor	Ano	Objetivos	Contribuições
Dissertação	Iete Rodrigues Reis	2016	_____	Destacamos este estudo por abordar a educação no âmbito rural, assim como a abordagem ao período de Ditadura Militar, já que converge com o período de implementação da escola palco de nossa pesquisa. Além disso, buscamos identificar as ideias abordadas pelo autor no que se refere ao contexto de processo educativo em escolas rurais, observando os elementos que o autor traz como característicos de escolas rurais e que os diferenciam das escolas ditas urbanas.

Fonte: Banco de dados da CAPES (2021).
Elaboração: LIMA, I. P. (2021)

Quadro 16 – Estudo voltado para educação do campo

Artigo Dissertação Tese	Autor	Ano	Objetivos	Contribuições
Dissertação	Carlos Eduardo	2015	Evidenciar que a forma de atuar do educador	O trabalho traz a educação do campo como foco, mas

Continua

Conclusão

Artigo Dissertação Tese	Autor	Ano	Objetivos	Contribuições
	da Silva		militante, está relacionada às experiências em que a escola se vê no campo e o campo adentra a escola para comporem juntos o equilíbrio entre as formas sistematizadas e assistematizadas de educar.	também busca os depoimentos dos educadores. Mesmo que a pesquisa seja relativa à escola de assentamentos, os depoimentos dos educadores, assim como a noção de comunidade, são, certamente os pontos que mais convergem com nossa pesquisa.

Fonte: Banco de dados da CAPES (2021)
Elaboração: LIMA, I. P. (2021)

Quadro 17 – Estudo que remete considerações sobre a memória social

Artigo Dissertação Tese	Autor	Ano	Objetivos	Contribuições
Tese	Carlos Alberto Maciel Públio	2016	Analisar a institucionalização de crianças e adolescentes no município de Vitória da Conquista, tomando como lócus de estudo a Casa de Acolhimento, instituição que acolhe crianças e adolescentes que tiveram vínculos familiares rompidos, provisória ou definitivamente.	A memória social é um elemento presente no resumo. O tema apesar de ser diferente do nosso, trata-se de buscar por meio das vivências dos sujeitos pesquisados, evidências que justifiquem a inserção da memória como fonte de contribuição para os objetivos propostos no texto.

Fonte: Banco de dados da CAPES (2021)
Elaboração: LIMA, I. P. (2021)

Quadro 18 – Pesquisa voltada para as práticas escolares e a memória social

Artigo Dissertação Tese	Autor	Ano	Objetivos	Contribuições
Tese	Edileusa Santos Oliveira	2015	_____	O estudo contribui com o nosso, uma vez que traz as práticas escolares como foco, assim como a memória social. Cabe ressaltar que recorremos as experiências profissionais de educadores e de outros profissionais da educação, para dar uma dimensão dessas memórias sobre um

Continua

Conclusão

Artigo Dissertação Tese	Autor	Ano	Objetivos	Contribuições
			_____	período vivenciado. Assim como as fontes documentais, vale ressaltar que é importante observar as mudanças ocorridas ao longo dos anos na escola.

Fonte: Banco de dados da CAPES (2021).
Elaboração: LIMA, I. P. (2021)

Além da pesquisa realizada nas bases de dados de teses e dissertações das instituições pesquisadas, e da pesquisa sobre as teorias da memória social, vale salientar que o estado da arte evidenciou pesquisas de relevância acadêmica para nosso objeto de estudo, visto que os elementos nelas encontrados podem servir de base para a condução do estudo, por isso a importância de pesquisarmos estes trabalhos para evidenciar a sua relevância científica. Os mesmos trazem contribuições para os estudos, pois essas produções reforçam a base epistemológica com outros autores que buscam novas leituras sobre os temas pesquisados.

2. ABORDAGEM METODOLÓGICA

Para este estudo, buscamos percorrer o caminho da pesquisa qualitativa, por meio das pesquisas exploratória e de campo, na perspectiva teórica da memória social.

No campo da pesquisa qualitativa, buscamos a teoria analisada por Minayo (1994). Salientamos que, outros autores durante o processo de estudo e ao longo da escrita foram citados, como suporte teórico para o diálogo nesse estudo, com sua abordagem, correlacionando-se com o tema em questão.

Nesse sentido, a partir das contribuições de Minayo, (1994), a pesquisa qualitativa, tornou-se uma aliada no campo da memória e, reforça a ideia da importância dos sujeitos para a construção dessa memória, quando salienta:

> A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1994, pp. 21/22)

Por se tratar de um estudo, na perspectiva qualitativa, que envolve sujeitos de uma comunidade, para o reconhecimento de elementos que identificassem características desses sujeitos, a pesquisa exploratória foi muito importante para a percepção dos elementos que compunham esse estudo. Salientamos que com a pesquisa inicial, percebemos a relevância desse lugar para os profissionais da escola e para a comunidade. Certamente, é uma etapa da pesquisa que contribui de forma significativa para esse estudo, posto que as informações das pessoas, até então guardadas, trazem todo um sentimento de pertencimento, elas se sentem importantes por poderem contribuir com algo que julga relevante. Suas memórias silenciadas ganham vida, tornam-se informações que ganharam evidência.

Diante do exposto, notamos a riqueza das informações que eram desconhecidas até mesmo para outros moradores da comunidade. Com a pesquisa, entendemos os sentimentos das pessoas pelo lugar onde elas vivem. Por meio das informações, gestos e forma de se expressar, notamos o que esse lugar representa para elas. Portanto, a pesquisa exploratória significou muito para nós, pois foi uma forma de tentar valorizar os relatos das pessoas que contribuíram para a construção do lugar.

Nessa perspectiva, para melhor conhecimento do objeto de nossa pesquisa e delineamento dos seus sujeitos, a partir do dia 08 de maio de 2021, iniciamos nossa pesquisa

exploratória por meio de visitas à Escola Municipal João Batista Figueiredo e à comunidade do Cafezal. Mediante as visitas, estabelecemos uma base temporal entre 1983 a 2015, uma vez que identificamos elementos sobre o funcionamento da escola, nota-se também nesse recorte temporal, como um período relevante para a pesquisa, pois muitos profissionais e professores ainda trabalham na instituição, fato que facilita a obtenção das informações e os diferentes pontos de vista desses sujeitos. Contudo, fatos e acontecimentos anteriores e posteriores a esse período foram abordados no estudo.

Em relação à pesquisa exploratória e ao levantamento teórico realizados, o campo da memória, do ponto de vista sociológico, fundou-se como base teórica do nosso estudo, e com ela o testemunho ganhou um foco importante como instrumento para a coleta das narrativas dos sujeitos da pesquisa, pois detectamos a falta de registros sobre a Instituição.

Vale ressaltar que na secretaria da Escola há cadernetas a partir de 1999, sendo assim, realizamos uma sondagem com algumas pessoas que já trabalharam na escola desde a década de 1980, sobre o que sabiam acerca da história da escola e quais pessoas são como memória viva. Buscamos documentos anteriores a 1999, e no arquivo da secretaria das Escolas do Campo do município, foram encontrados registros a partir de 1983.

Com base nas informações obtidas, ainda que informalmente, notamos que estudar temas como esse nos remete a uma busca por conhecer autores que discutem sobre a questão. Conforme Mills (2009, p. 60) “A satisfação que o resultado lhe proporciona inspira os meios de alcançá-lo, e desse modo seu trabalho não é apenas significativo para ele, mas participa da satisfação que ele tem no produto e que o completa.” Assim, o trabalho dessa pesquisa buscou uma apresentação para as pessoas, do quanto suas memórias são importantes, e o quanto estas podem contribuir para a reconstrução da memória do lugar. Ainda que no decorrer do processo, percebemos que dificuldades surgiram para a construção da pesquisa. Notamos o quão importante ela é, independente do caminho percorrido, precisamos buscar meios que promovam tal reconstrução. Mills (2009) ainda afirma:

> Seja um bom artesão: evite todo conjunto rígido de procedimentos. Acima de tudo, procure desenvolver e usar a imaginação sociológica. Evite o fetichismo de método e técnica [...]. Deixe que cada homem seja seu próprio metodologista; deixe que cada homem seja seu próprio teorizador; deixe que a teoria e método se tornem parte da prática de um ofício. Tome o partido do primado do estudioso individual; tome partido contra a ascendência de equipes de pesquisa formadas por técnicos. Seja uma mente independente na confrontação dos problemas do homem e da sociedade. (MILLS, 2009, p. 56)

Ao pesquisador cabe potencializar suas habilidades em construir seus escritos por meio

da pesquisa e dos passos que se percorrem através dela, como afirma Mills (2009, p. 56), “Estimule a reabilitação do artesão intelectual despretensioso, e tente se formar você mesmo tal artesão.” Assim, ao iniciar uma pesquisa, o pesquisador deve se cercar dos elementos e aspectos que o conduzem a ela. Para o autor:

> O conhecimento é uma escolha tanto de um modo de vida quanto de uma carreira; quer o saiba ou não, o trabalhador intelectual forma-se a si próprio à medida que trabalha para o aperfeiçoamento de seu ofício; para realizar suas próprias potencialidades, e quaisquer oportunidades que surjam em seu caminho, ele constrói um caráter que tem como núcleo as qualidades do bom trabalhador. (MILSS, 2009, p. 22)

Durante o processo de leitura das teorias abordadas nesse estudo, notamos que o trabalho do pesquisador é como um trabalho de artesão, tanto no que se refere ao campo artístico, como na forma de construção de um texto a partir da identificação com a pesquisa, no sentido de alinhar as ideias ao campo do saber. E ainda, observamos que cada pesquisador tem sua performance na escrita, e por meio dela ele busca os caminhos que o façam ser compreendido pelo leitor. A sua identidade como pesquisador é a sua marca na percepção dos elementos que são parte da pesquisa. O cuidado sistemático do pesquisador em tornar visíveis suas ideias, também faz parte do perfil do pesquisador, especialmente do pesquisador social, não subtraindo o sujeito humano do sujeito pesquisador. Nota-se, portanto, que por meio da pesquisa científica, há um envolvimento salutar dos sujeitos envolvidos, visto que o pesquisador precisa estar atento a todos os detalhes que envolvam o estudo e que vão surgindo no decorrer do processo. Nesse caso, é preciso que o pesquisador seja um observador de cada informação obtida, na busca por fidedignidade na construção do seu texto.

A escrita científica ao mesmo tempo que precisa ser objetiva, precisa também ser embasada, tanto nas teorias que cercam o tema, como nos resultados constatados e evidenciados por meio da pesquisa de campo. No tocante, percebe-se o quanto é importante para o pesquisador estabelecer paralelos do objeto de estudo com elementos do passado e suas conexões com o presente.

Logo, o pesquisador deve se cercar de teorias que municiam seu campo de pesquisa e, para balizar as discussões sobre a relação entre memória coletiva e individual e de categorias como memória social, testemunho, lugar de memória, comunidade, espaço, profissionais de educação, abordadas nessa pesquisa, fez-se necessária a realização de visitas a algumas teorias sobre o tema estudado. Ao longo do processo de escrita e de observações acerca da pesquisa, notamos que além de Maurice Halbwachs (1990, 2006) que traz contribuições ao nosso

trabalho, com suas discussões acerca da memória individual e social, outros autores também municiaram acerca da memória, auxiliando-nos na justificativa dos caminhos percorridos no processo de construção do estudo, destacamos os autores como De Benedictis (2020) que traz a concepção de geografia social e testemunho; Ricoeur (2007) também faz reflexões teóricas do testemunho e sua importância para os estudos da memória como fenômeno social; Gondar (2005) que reforça as contribuições de Halbwachs acerca da memória social; Nora (1993), como teórico quer aborda a ideia o lugar de memória e sua importância para o reconhecimento da memória com abordagem diferente da história. Além das categorias analíticas citadas, destacamos outras que também contribuíram para nosso trabalho, com explanações sobre espaço e lugar, destacados por Santos (2008, 2012), Moreira (2019). Quanto à concepção de comunidade, elencamos abordagens de Neves (2008).

Além de toda fundamentação teórica, fez-se necessário que as memórias fossem reconhecidas tanto dos profissionais da educação da escola, como também para alguns moradores da comunidade que residem há mais tempo no Povoado Cafezal. Sobre a busca por relatos de informações que não constam em registros, mas que estão nas memórias dos sujeitos. O trecho abaixo apresenta a seguinte ideia:

> [...] não se pode dizer que, mais tarde, todos aqueles que correspondem ao meio social apresentar-se-ão a ela como um quadro abstrato e artificial. É nesse sentido que a história vivida se distingue da história escrita: ela tem tudo o que é preciso para reconstruir um quadro vivo e natural em que um pensamento pode se apoiar, para conservar e reencontrar a imagem de seu passado. (HALBWACHS, 1990, p. 71)

Na busca por elementos que forneçam informações sobre nosso objeto de estudo, recorremos à memória individual dos sujeitos acerca do lugar. Para isso, a evocação das lembranças individuais evidencia as características que envolvem o lugar por meio da memória coletiva. Reforçando essa ideia, Halbwachs (1990) salienta:

> [...] se a memória individual pode, para confirmar algumas de suas lembranças, para precisá-las, e mesmo para cobrir algumas de suas lacunas, apoiar-se sobre a memória coletiva, deslocar-se nela, confundir-se momentaneamente com ela; nem por isso deixa de seguir seu próprio caminho, e todo esse aporte exterior é assimilado e incorporado progressivamente a sua substância. /A memória coletiva, por outro, envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Ela evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal. (HALBWACHS, 1990, pp. 53/54)

Conforme Halbwachs (1990, p. 66), “Não são somente os fatos, mas as maneiras de ser

e de pensar de outrora que se fixam dentro de sua memória”. Para o autor, todos os detalhes que cercam o sujeito são importantes para evocação da sua memória, o que reforça a ideia de que ao fazermos uma pesquisa, precisamos estar atentos ao contexto do entrevistado, pois cada performance do sujeito indica algo que não está explícito. Portanto, não são somente as palavras que expressam a memória, são também a forma de se expressar, os intervalos nas falas dos sujeitos que demonstram o sentido de cada fato por ele vivenciado. Para o autor, a memória coletiva se configura como um processo de evocação de fatos que foram relevantes para um grupo social. Logo, por meio da memória coletiva e individual, as lembranças podem ser evocadas contribuindo com a pesquisa. Com relação a memória coletiva, De Benedictis (2020, p. 52) enfatiza:[...] existe uma necessidade de compreensão da vida dos grupos, dos comportamentos, por meio da lembrança do indivíduo, que está no limite e aparece na intersecção do “pensamento coletivo.””

Com a compreensão de contextualizar o *locus* da pesquisa, buscamos caracterizar o lugar, para que pudéssemos nos cercar de informações e elementos relevantes para nosso estudo.

As visitas à comunidade do Povoado Cafezal e as conversas com os moradores da comunidade trouxeram para nossa pesquisa informações importantes que corroboraram com nosso estudo. Foi possível também, observar por meio dos relatos, quais dessas informações eram importantes para a condução do trabalho. Os relatos nos subsidiaram dos elementos que foram inseridos no texto. Mediante esse dispositivo, foi possível a delimitação dos participantes da pesquisa, compondo-se de 03 profissionais de educação, os de maior tempo de trabalho na instituição, 03 professores que trabalham há mais tempo na escola ou comunidade, incluindo uma das primeiras professoras do Povoado Cafezal. Segundo as conversas com moradores e seus relatos, percebemos a importância de agregarmos pessoas da comunidade à pesquisa. Incluímos aqueles que já moravam na comunidade quando o Povoado ainda estava em formação, para melhor compreensão da memória social da escola na visão dos moradores da comunidade do Cafezal. Nesse sentido, foram agregados também 03 moradores da comunidade como sujeitos em nosso estudo.

Durante as visitas à escola e à comunidade, foi verificada a inexistência de fotografias e outros elementos que compunham sua memória. Solicitamos via ofício de n° 0001, de 26 de maio de 2021 do Conselho Municipal de Educação (CME), quaisquer documentos referentes à escola pesquisada, como documento do Ato de criação, exemplar mais atualizado do Projeto Político Pedagógico (PPP) e outros documentos que estivessem em posse desse conselho. Em resposta, o CME nos encaminhou um ofício de número 48, de 27 de maio de 2021, com uma

cópia do Decreto nº 026, de 22 de maio de 2007, que cria escolas municipais localizadas na zona rural de Barra do Choça. Foi-nos informado também que uma cópia do PPP que estava em posse do CME, referente ao ano 2012, estava à nossa disposição para consulta. Logo, fez-se necessário a busca, no interior da escola por documentos que mostrassem a sua existência anterior a esse período. Até 2007 a escola pertencia às Escolas do Campo do Município de Barra do Choça, por isso, recorremos à secretaria das Escolas do Campo, com o intuito de encontrar registros que antecedessem ao Ato de criação, como já informamos anteriormente. Contudo, foram encontrados apenas boletins que comprovam a existência da escola a partir 1983.

Sob a perspectiva de encontrarmos registros sobre a escola e a comunidade do Cafezal, enviamos um ofício de nº 0002, de dia 03 de agosto de 2021, para a Secretaria de Administração, solicitando visitas ao Arquivo Público Municipal de Barra do Choça (APMBC), e o acesso aos registros da comunidade do Cafezal e da Escola Municipal João Batista Figueiredo, como fotografia, recortes de jornais, decretos e outros. Não obstante, em resposta, a Secretaria de Administração nos informou, por meio de ofício, de nº 542, de 30 de agosto de 2021, que por conta da Pandemia da COVID -19, não seria possível a visita ao Arquivo Público Municipal. Informando ainda que, não havia encontrado quaisquer registros sobre o Povoado Cafezal, como os requeridos mediante ofício. Segundo esta Secretaria, os únicos registros encontrados foram Ata do Conselho Fiscal da Unidade Executora da Associação de Pais e Mestres da Escola Municipal Joao Batista Figueiredo, Folha de Pagamento de Contratos Temporários, mas que estes precisavam de um posicionamento jurídico para consulta. Sobre a importância de arquivos, Segundo Nora (1993), os lugares de memória podem não ser uma memória espontânea, por isso, torna-se necessária a criação de arquivos, e que as celebrações e as comemorações sejam mantidas, no sentido de manter também vivas, as lembranças desse lugar.

Realizamos muitas visitas à Escola e comunidade, para conversas com moradores e com funcionários da Escola. Durante essas visitas, solicitamos da direção da Escola alguns registros nos livros de resultados finais para nos certificarmos do funcionamento da Escola, além dos boletins fornecidos pela Secretaria das Escolas do Campo de Barra do Choça. Os registros encontrados estão conosco para prosseguimento da pesquisa sobre à Escola e sobre a comunidade.

Ressaltamos que, durante as visitas e conversas informais, várias informações acerca da escola e da comunidade foram observadas. Ouvimos as pessoas, e por meio dos relatos obtivemos informações relevantes sobre a Escola João Batista Figueiredo (EMJBF) e a comunidade do Cafezal. Nesse contexto, o testemunho será um recurso fundamental para nosso

estudo, uma vez que não há muitos registros sobre a memória do locus da pesquisa, sendo as fontes testemunhais uma parte importante da nossa metodologia. Como aponta Ricoeur (2007), o testemunho é importante fonte de pesquisa, pois:

> O testemunho nos leva, de um salto, das condições formais ao conteúdo das "coisas do passado", das condições de possibilidade ao processo efetivo da operação historiográfica. Com o testemunho inaugura-se um processo epistemológico que parte da memória declarada, passa pelo arquivo e pelos documentos e termina na prova documental. (RICOEUR, 2007, p.170)

Assim como Ricouer, De Benedictis também reforça a importância do testemunho como elemento de uma pesquisa, quando ressalta que "O testemunho é o seguimento de uma narrativa, ou seja, uma memória declarativa, uma memória que se exterioriza, evidenciando a força do próprio testemunho" (DE BENEDICTIS, 2020, p. 113). Portanto, para o presente estudo, os testemunhos são relevantes e constituem como uma verificação dos fatos e acontecimentos que não constam nos documentos ou em outros registros. Uma vez que é preciso que se registre a memória dos sujeitos, que nesse sentido foram protagonistas para construção da pesquisa em questão. Corroborando com esse entendimento, Halbwachs (1990, p. 71) adverte, "É esse passado vivido, bem mais do que o passado apreendido pela história escrita, sobre o qual poderá mais tarde apoiar-se sua memória."

Com base no processo de reconhecimento da realidade da instituição, os estudos foram conduzidos para a pesquisa sobre a memória dos sujeitos e constituem a memória social da instituição escolar. De acordo os objetivos propostos e a partir das informações obtidas por meio de pesquisa (entrevista), foi pertinente a averiguação de documentos que comprovem a existência da escola, para a composição dos elementos necessários para a construção da memória da Escola e a identificação de projetos que existem na escola e que buscam o envolvimento e a participação da comunidade do Cafezal.

Após o período de identificação da parte documental e pedagógica da Instituição, foram elaboradas questões para as entrevistas, em conformidade com os objetivos propostos. As entrevistas cumpriram a meta de dois entrevistados por dia, almejando um tempo com qualidade, no sentido de obtermos as informações que buscávamos.

A pesquisa se deu por meio de 2 a 4 encontros individuais com os sujeitos, para a verificação de possíveis dúvidas em seus relatos testemunhais. Os sujeitos da pesquisa deram seus testemunhos sobre a escola, de acordo com o que eles vivenciaram nesse processo de construção, bem como as transformações ocorridas na comunidade do Povoado Cafezal. Conforme Ricouer (2007, p. 453), "A lembrança pura só é impotente em relação a uma

consciência preocupada com a utilidade prática.”

Ao coletar os dados, de acordo o processo descrito anteriormente, como a coletas de dados documentais e entrevistas, em conformidade com os objetivos propostos, o processo metodológico seguiu algumas etapas para que melhor se identifique quais as informações que seriam importantes para a condução da pesquisa e análise desses dados. Nesse contexto, mediante a complexidade da análise dos dados, fez-se necessário que se estipulasse um período destinado à compreensão desses dados, definido com base nas informações obtidas por meio desta etapa da pesquisa.

Salientamos que por meio das informações obtidas nesse estudo, as categorias analíticas (memória social, testemunho, lugar, espaço, comunidade) foram discutidas com base nas teorias elencadas, e com nossa inferência e interpretação sobre os elementos abordados no texto e coletados nas entrevistas.

Sobre as entrevistas e sua importância para a pesquisa qualitativa, Chizotti (2008, p. 57) afirma, “A entrevista dirigida em pesquisa é um tipo de comunicação entre um pesquisador que pretende colher informações sobre fenômenos e indivíduos que detenham essas informações e possam emiti-las.” Vale ressaltar que na pesquisa qualitativa novos elementos vão surgindo todo o tempo por meio das entrevistas. E esses elementos devem ser analisados pelo pesquisador, podendo ser agregados ao texto, especialmente à análise dos dados. Sobre esse aspecto, note o que aborda a citação:

> Na pesquisa qualitativa todos os fenômenos são igualmente importantes e precisos: a constância das manifestações e sua ocasionalidade, a frequência e a interrupção, a fala e o silêncio. É necessário encontrar o significado manifesto e o que permaneceu oculto. (CHIZOTTI, 2008, p. 84)

Todo esse processo de reconhecimento ao direito e pertencimento do sujeito à memória individual, torna-se um fator relevante para a constante busca da memória como campo de estudos. Notamos na memória social uma aliada na produção acadêmica, como um campo em evidência para a produção científica e que emerge para novos estudos. Compreendemos que os sujeitos de nosso estudo precisavam estar dispostos a contribuir, a ser pacientes para lembrar de algo que estava guardado e que talvez já não faz mais parte do seu cotidiano, eles precisavam se sentir importantes, e são. Logo, procuramos pessoas cujas memórias pudessem ser evocadas.

Com base nas observações e no contexto de realização das entrevistas, para análise dos dados pesquisados, utilizamos a fenomenologia e a hermenêutica. A fenomenologia pela compreensão da memória como um fenômeno social, e a hermenêutica é o desvendamento dos sentidos ocultos, a compreensão dos símbolos, desvelados por meio dos testemunhos dos

nossos sujeitos sociais. Por isso, deve ter interpretação, tomando como base os testemunhos e a memória arquivada. Para Gadamer (2007), a hermenêutica se trata de um método de interpretação de fatos ou dados.

Trazida para o campo da memória por Ricoeur (2007), a fenomenologia, trata-se de um método científico, mediante os elementos que este recurso traz para a compreensão da memória como um fenômeno social e suas implicações para o entendimento do contexto pesquisado, levando-se em considerações todos os fatores que são evidenciados quando o pesquisador vai a campo. Nesse sentido, a Fenomenologia e a Hermenêutica foram os métodos científicos utilizados para esta pesquisa, por se tratar do estudo da memória como campo do saber dos testemunhos, da fala, da narrativa. Como mostra Ricoeur (2007):

> [...] a fenomenologia da memória inicia liberadamente por uma análise voltada para o objeto de memória, a lembrança que temos diante do espírito; depois ela atravessa o estágio da busca da lembrança, da anamnésia, da recordação; passa-se, finalmente, da memória dada e exercida à memória refletida, à memória de si mesmo. (RICOEUR, 2007, pp. 17/18)

A fenomenologia, como método científico, busca o estudo interpretativo dos fenômenos na perspectiva da consciência humana. Nesse aspecto, suas abordagens fenomenológicas refletem o estudo dos fenômenos com base na atribuição dada à essa consciência. Segundo Ricoeur (2007, p. 23) "A fenomenologia da memória aqui proposta estrutura-se em torno de duas perguntas: *De que há lembrança? De quem é a memória?* São perguntas baseadas na fenomenologia sob sua abordagem.

Para Ricoeur (2007), "a percepção não tem mesmo nenhum direito exclusivo sobre a descrição do presente. O presente é também o do gozar e do sofrer, e, de maneira mais significativa, para uma investigação sobre o conhecimento histórico, presente de iniciativa." (RICOEUR, 2007, p. 51).

2.1. Explorando a escola como um lugar de memória

Na busca pelo entendimento do contexto escolar como lugar de memória, a visita ao *locus* da pesquisa foi um passo importante, à medida que as conversas, as indagações e observações com e sobre as pessoas foram o primeiro passo para traçarmos o perfil de quem devíamos elencar como os sujeitos da pesquisa, salientamos que boa parte dos moradores teria importância em nossa pesquisa. Entretanto, procuramos aquelas pessoas que melhor se adequassem a proposta de estudo e que tivessem a disposição necessária para evocar suas

memórias.

Ao delinearmos o nosso objeto de estudo, buscamos a identificação do locus da pesquisa. Por isso, fez-se necessária a localização do município de Barra do Choça no estado da Bahia, como mostra o Mapa 01. Em seguida, por meio do Mapa 02, apresentamos a localização dos principais povoados do município, dentre eles o Povoado Cafezal

.

Mapa 01 – Localização do Município de Barra do Choça no Estado

Fonte: OLIVEIRA. J. T. DE (2021)

Mapa 02 – Município de Barra do Choça, Povoados e municípios vizinhos

Fonte: OLIVEIRA. J. T. DE (2021)

Além da identificação do locus da pesquisa, por meio do processo de observações e visitas, foi possível identificar informações que compunham a formação do Povoado Cafezal e características da comunidade. Conforme Neves, "[...] o estudo de um grupo humano implica no conhecimento do meio no qual vive e sua interação com ele; nos reflexos dos fenômenos físicos sobre as relações interpessoais, no imaginário social e no comportamento coletivo." (NEVES,2008, p. 25)

A comunidade do Povoado do Cafezal fica situada a 13 km de Barra do Choça, sentido Vitória da Conquista. Conforme moradores, o primeiro nome do lugar foi Catolé. Segundo uma moradora, das mais antigas do Povoado, que chegou à região por volta do ano de 1975, quando sua família chegou ao Cafezal existiam cerca de 15 casas no local, não mais que isso.

Ainda de acordo com o relato de uma moradora da comunidade, durante pesquisa inicial,

um padre que celebrava uma missa no local, perguntou à comunidade sobre a escolha da padroeira e do nome do lugar, nesse momento o lugar passou a designar-se Povoado Cafezal em virtude da relação com a existência das lavouras de café. Na Figura 01, notamos que a estrutura das habitações passou por um processo de modificação, apresentando-se bastante diferentes das habitações descritas no início de sua formação.

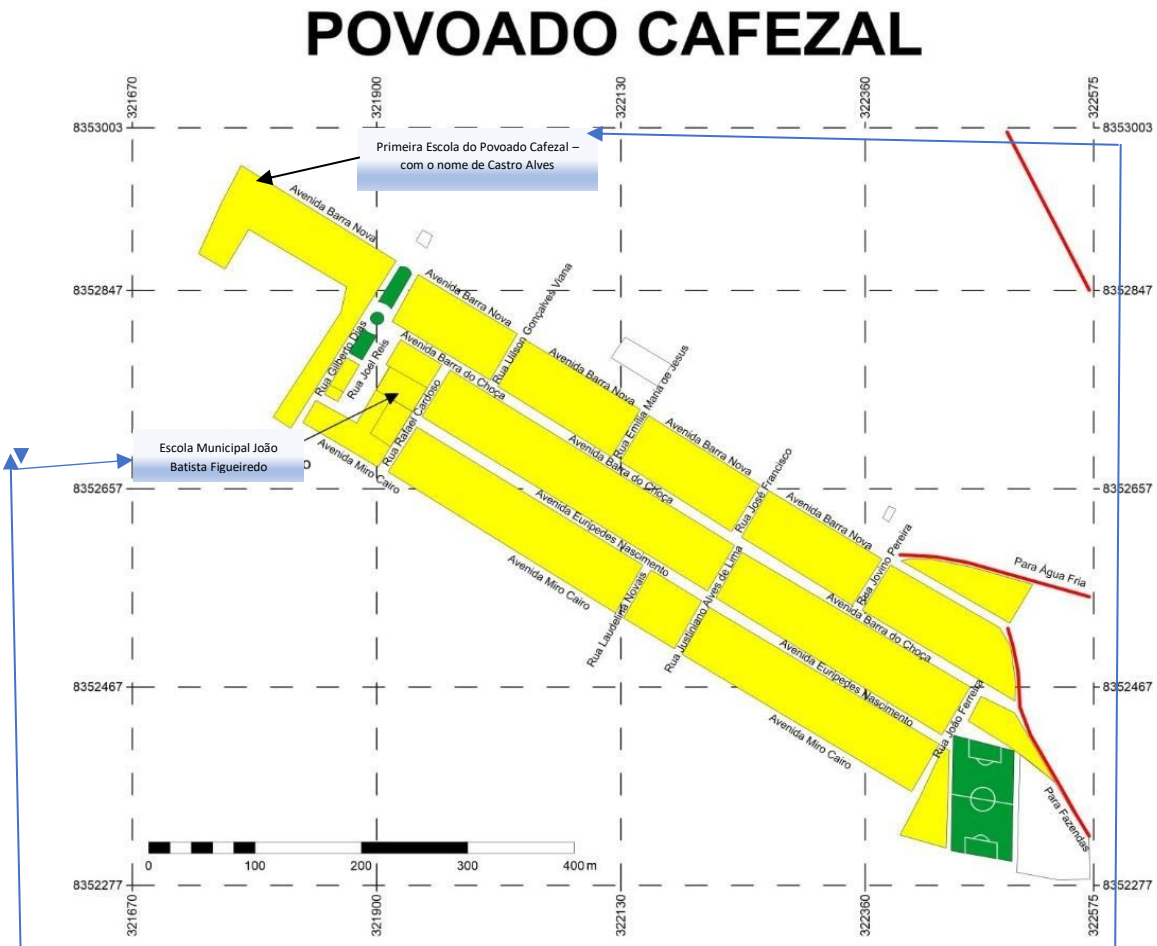
Figura 01 – Povoado Cafezal em época de secagem de feijão

Fonte: Povoado de Cafezal na época de secagem de feijão, cedida por uma moradora. Aproximadamente década de 1980. Pesquisa exploratória (2021)

Nessa época, existiam casas cobertas com lona e feitos de enchimento. Como ressalta Neves (2008, p. 102), “As habitações rurais do início do povoamento tinham, em geral paredes de enchimento ou de taipa, material ainda muito usado na atualidade, e tetos de palha de Ouricuri ou cascas de pau-d’arco”. Com o passar do tempo, essas casas foram derrubadas e outras foram construídas no lugar. Nas palavras da moradora, na comunidade do Cafezal não tinha nenhuma estrutura, não era asfaltado, não tinha quase casa, não tinha igreja, não tinha água encanada, a água era cedida por um fazendeiro e não era de boa qualidade, pois possuía uma coloração amarelada.

Por meio do Mapa 03, é possível ver uma planta urbana do Povoado Cafezal, onde identificamos a localização da escola na comunidade. As fotos são um comparativo da EMJBF, desde o funcionamento da primeira escola no lugar até a estrutura atual. Vale lembrar que a escola passou por uma reforma em sua estrutura, mudando sua aparência física, tornando-se bem diferente da época em que foi construída.

Mapa 03 – Localização da Escola Municipal Joao Batista Figueiredo



Fonte: OLIVEIRA. J. T. DE (2021)

Prédio atual da EMJBF

Fonte: Pesquisa exploratória (2021)

EMJBF em reforma

Fonte: Pesquisa exploratória (2021)

Local de funcionamento da primeira Escola do Povoado Cafezal

Fonte: Pesquisa exploratória (2021)

Com relação à escola, segundo moradores da comunidade, a construção do prédio da unidade de ensino, nosso objeto de estudo, deu-se entre 1979 e 1980, aproximadamente, e o terreno foi doado por um fazendeiro da região, chamado Gildásio Cairo[2]. Outro detalhe

[2] Nasceu em nove de setembro de 1916, no município de Ituberá, no Estado da Bahia, falecido em 24 de junho de 1997. Em 1976, foi candidato a vice-prefeito na chapa com Raul Ferraz, sendo eleitos em 15 de novembro. Em 1982, Raul Ferral, candidatou-se ao deputado federal, sendo Gildásio Cairo conduzido a assumir o cargo de prefeito de Vitória da Conquista, em 15 de maio de 1982, cujo mandato foi até 31 de janeiro de 1983, transferindo o mandato para o prefeito eleito sr. José Pedral. Como cafeicultor, o sr. Gildásio Cairo, tornou-se um dos maiores produtores da região, chegando a uma plantação de 100 mil covas na sua fazenda denominada "Palmeira da Boa Vista", situada no município de Barra do Choça. Local em que foi criado um povoado, que atualmente conta com diversas residências, e comércios. Quanto às instalações para beneficiamento do café eram das mais modernas.

importante é o fato do funcionamento da primeira escola do Povoado ocorrer em uma casa cedida por ele. Fato que nos instigou a busca por informações acerca desse fazendeiro, que teve participação para o surgimento da unidade de ensino. Sobre o fazendeiro, as fontes documentais mostram claramente seu vínculo com a comunidade e envolvimento econômico como cafeicultor.

Gildásio Cairo dos Santos

Não poderia ser omitido da História de Conquista o nome do Sr. Gildásio Cairo dos Santos, conquistense pelo coração, desde quando veio residir nesta Cidade, aonde nasceram todos seus filhos que são conquistenses «Valores da Terra».

Não se pode negar o acervo de relevantes serviços que ele vem prestando a Vitória da Conquista e que, por isto mesmo, mereceu a atenção do autor deste livro, apreciador que é, do valor de tantos quantos de outras plagas vieram para a terra dos Mongoiós e dos Imborés e fizeram-na crescer e chegar ao apogeu que se nota atualmente (1982), colocando-a entres as cidades mais progressistas do País.

Para o autor deste livro que é o registro dos acontecimentos de maior relevo da apreciável História Conquistense, Gildásio Cairo dos Santos contou a história de sua vida, que é belíssimo exemplo de trabalho e obstinação de todos os que não sendo filhos de pais ricos, lutam e alcançam vitória com o seu próprio esforço e crescem sobre si mesmos.

Eis a biografia de Gildásio Cairo:

Nasceu no dia 9 de Setembro de 1916 às 18 horas, no Município de Ituberá, Estado da Bahia, na fazenda Patagônia de propriedade de seus pais Hermógenes do Espírito Santo e Senhorinha Cairo dos Santos.

Começou a trabalhar muito cedo. Aos 6 anos já trabalhava na roça com o seu pai, serviço que fez até aos 9 anos.

Gildásio Cairo dos Santos

Em 4 de Fevereiro de 1925 faleceu o seu querido pai deixando uma prole de 9 filhos. Em 1926 passou a trabalhar com o Dr. Esperidião de Souza Cairo, primo de sua mãe, médico e comerciante, com quem ficou cerca de 9 anos e 6 meses. Este trabalho durante 2 anos foi a troco de comida e roupa lavada, sendo que começando do primeiro ano, ganhava dez mil réis, importância que até o término dos 9 anos fora aumentada para cento e cinquenta mil réis.

329

BIBLIOTECA MUNICIPAL - SÁ NUNES - Vitória da Conquista - Bahia

Fonte: Arquivo Público de Vitória da Conquista. Pesquisa exploratória (2022)

Nessa época, de acordo com uma testemunha, quando sua família chegou a essas terras, existia um chafariz que acabou após o encanamento da água pela Empresa Baiana de Saneamento (EMBASA). Ainda segundo ela, poucas pessoas moravam no Povoado e, quando vinham trabalhar na colheita do café eram pessoas de Vitória da Conquista e do Sertão. Só aqui eram 53 quadras de café. Hoje, os moradores saem do Cafezal e vão trabalhar na colheita de café no Estado do Espírito Santo.

Conforme a Figura 02, nota-se como era o Povoado Cafezal nos anos de 1970. Um lugar com características peculiares do meio rural, a presença de mata ainda era muito forte. Podemos identificar também a presença de trabalhadores na região, que por sua vez estava em processo de povoamento.

Contando com o café exportável no ano de 1982 de 1.500 sacas. (ARQUIVO PÚBLICO DE VITÓRIA DA CONQUISTA, 2022).

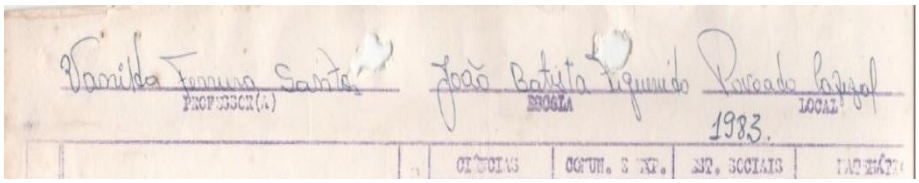
Figura 02 – Povoado Cafezal no início de sua formação

Fonte: Cedida por uma moradora. Aproximadamente década de 1970. Pesquisa exploratória (2021).

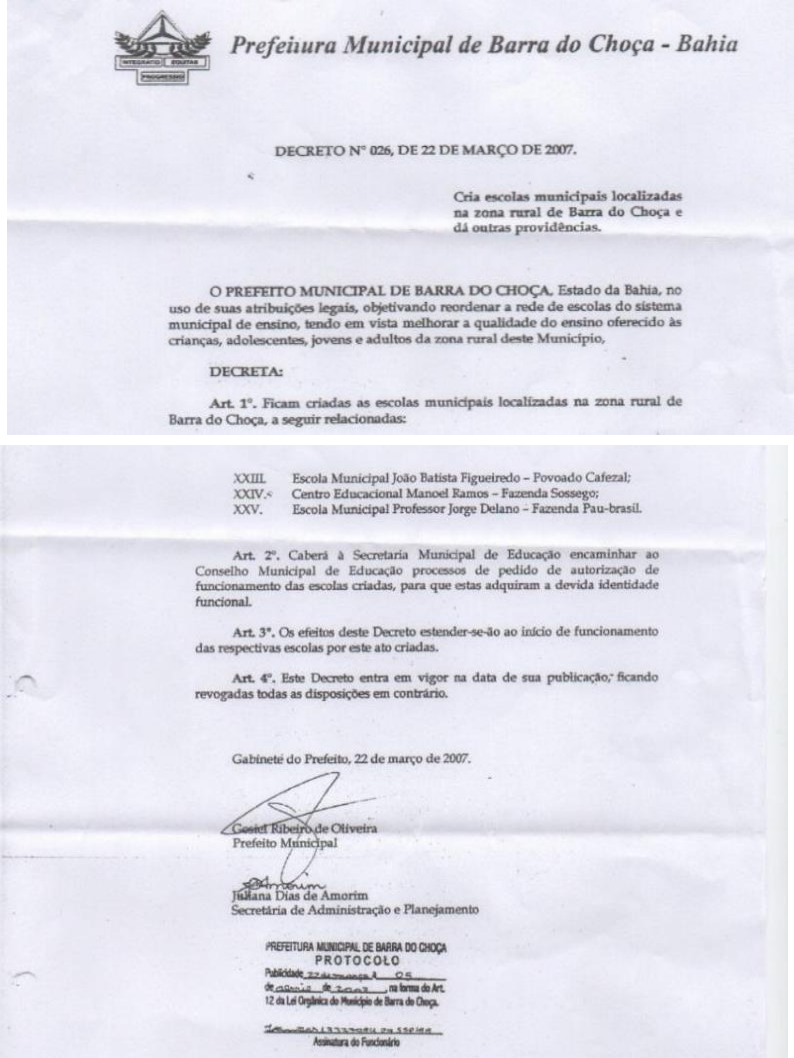
Ainda conforme o relato da moradora, não eram oferecidos os serviços médicos na comunidade, e quando precisavam do serviço de saúde, os moradores se locomoviam para Barra do Choça. Para ela, no Povoado Cafezal existia muito trabalho na época. As crianças trabalhavam enchendo saquinho e plantando café, feijão ou adubando as plantações de café. Segundo seu relato, o trabalho é bem escasso na região. Sobre as características que determinam uma comunidade, Neves corrobora com o seguinte trecho:

> [...] a multiplicação de histórias de comunidade – que estudem a inserção do homem no meio físico, suas articulações sociais, as estruturas produtivas, os circuitos comerciais, a geografia dos poderes, as manifestações culturais – possibilita análises mais abrangentes e aprofundadas do conjunto multifacetário da história nacional. (NEVES, 2008, p. 17)

Mediante os novos elementos aportados pela pesquisa, a EMJBF começou a funcionar na primeira metade dos anos de 1980, conforme documento apresentado de 1983 da Secretaria das Escolas do Campo de Barra do Choça (Boletim de notas). Segundo o Secretário Municipal de Educação (2021), os registros sobre a documentação de todas as unidades de ensino foram feitos a partir de 1983. Contudo, o documento da Ato de Criação perante o Conselho Municipal de Educação, Câmara Municipal de Vereadores e Secretaria Municipal de Educação, só se deu em 2007, conforme podemos observar nos documentos abaixo:



Fonte: Secretaria das Escolas do Campo (1983). Pesquisa exploratória (2021)



Prefeitura Municipal de Barra do Choça - Bahia

DECRETO Nº 026, DE 22 DE MARÇO DE 2007.

Cria escolas municipais localizadas na zona rural de Barra do Choça e dá outras providências.

O PREFEITO MUNICIPAL DE BARRA DO CHOÇA, Estado da Bahia, no uso de suas atribuições legais, objetivando reordenar a rede de escolas do sistema municipal de ensino, tendo em vista melhorar a qualidade do ensino oferecido às crianças, adolescentes, jovens e adultos da zona rural deste Município,

DECRETA:

Art. 1°. Ficam criadas as escolas municipais localizadas na zona rural de Barra do Choça, a seguir relacionadas:

XXIII. Escola Municipal João Batista Figueiredo – Povoado Cafezal;
XXIV. Centro Educacional Manoel Ramos – Fazenda Sossego;
XXV. Escola Municipal Professor Jorge Delano – Fazenda Pau-brasil.

Art. 2°. Caberá à Secretaria Municipal de Educação encaminhar ao Conselho Municipal de Educação processos de pedido de autorização de funcionamento das escolas criadas, para que estas adquiram a devida identidade funcional.

Art. 3°. Os efeitos deste Decreto estender-se-ão ao início de funcionamento das respectivas escolas por este ato criadas.

Art. 4°. Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, ficando revogadas todas as disposições em contrário.

Gabinete do Prefeito, 22 de março de 2007.

Gesiel Ribeiro de Oliveira
Prefeito Municipal

Juliana Dias de Amorim
Secretária de Administração e Planejamento

PREFEITURA MUNICIPAL DE BARRA DO CHOÇA
PROTOCOLO
Publicidade
na forma do Art. 12 da Lei Orgânica do Município de Barra do Choça.
Assinatura do Funcionário

Fonte: Conselho Municipal de Educação (2007). Pesquisa exploratória (2021)

Os documentos apresentados são registros importantes sobre a memória da escola. Conforme Neves (2008, p. 19) por meio dos documentos, "procura localizar fontes documentais que revelem o cotidiano da comunidade e tenta conhecer paradigmas teóricos e metodologias que facilitem o estudo de viveres e saberes regionais e locais na perspectiva histórica". Além desses documentos, para evocar a memória social do lugar, não basta dar voz apenas àqueles que compunham a memória diretamente do espaço escolar, fez-se necessário entrevistar as pessoas que residem no Povoado Cafezal desde a sua formação, posto que é por meio desse processo de conhecimento que conseguimos reconstruir a memória do lugar.

De acordo com relatos dos primeiros profissionais da Escola, assim como mediante análise de arquivo da instituição e após essa primeira investigação em documentos, foram pesquisados os primeiros professores e funcionários, aqueles que inicialmente participaram da história da Escola entre os anos 1983 até 2015. O recorte desse período está relacionado ao fato de ter sido o período de maiores mudanças no funcionamento e existência da escola, também

por conta das transformações estruturais e imateriais da escola terem sido mais intensificadas nesse recorte.

Durante às visitas à escola e à comunidade percebemos o contentamento dos moradores e dos profissionais em relatar seus testemunhos acerca da memória do lugar. Visto que a dedicação desses profissionais com maior tempo de trabalho na escola é imensurável e de grande relevância para dar vida a um lugar que tem sido tão significativo para tantas crianças, adolescentes e jovens que passaram pela instituição. Portanto, torna-se impossível construir um estudo que caberia abordar tantas vivências marcantes para a escola, assim como para a comunidade do Cafezal. Abordando as características que compõem uma comunidade, Neves (2008) salienta:

> O cotidiano social desenvolve-se como resultado de articulações heterogêneas, sobretudo no que se refere ao conteúdo e à significação ou importância dos tipos de atividade, como a organização do trabalho e da vida privada, o lazer e o descanso, as atividades sociais sistematizadas e os intercâmbios. (NEVES, 2008, p. 18)

No decorrer da pesquisa exploratória, percebemos a importância dos testemunhos como recurso para delineamento do objeto e conhecimento sobre a (re)construção da memória social da escola, pois conseguimos informações sobre a memória do lugar, como as características do Cafezal há 40 anos atrás, condições de infraestrutura e até forma de locomoção. Conforme alguns relatos de moradores, as crianças tinham que se locomover de bicicleta por 3 km de estrada de chão, quando chegavam ao asfalto guardavam suas bicicletas na casa de uma senhora e pegavam o ônibus para irem estudar na cidade de Barra do Choça. A passagens de ônibus eram pagas pelas famílias dos alunos. Quando retornavam, pegavam novamente as bicicletas e voltavam para casa.

Vale lembrar, conforme umas das primeiras professoras da EMJBF (nascida em 02 de março de 1961), que nessa época ela lecionava em sala mista, ou seja, as turmas eram compostas por alunos de duas ou mais séries. Naquele tempo, “eu nem me lembro como que era”, as crianças estudavam no ABC, que hoje é o Pré, e a “Cartilha”. Ainda que se fazia a chamada, na época da colheita as crianças desapareciam da escola, maioria ia pra roça colher café, ou os que não iam colher ficavam em casa para cuidar dos menores, para que as mães pudessem ir para as roças trabalhar.

Em conversa com a professora mencionada anteriormente, hoje com 60 anos de idade, ela destaca que, o coordenador quase não comparecia à Escola (ele foi prefeito do município). Ela não se lembra quem era o diretor, porque era de Barra do Choça. A professora ainda relata

que existiam duas salas apenas na escola, dois banheiros e a cantina, mas não a utilizava para o cozimento da merenda, que era feita na casa da merendeira (funcionária da Escola, hoje já aposentada). Porém, a merenda era servida na escola, nos turnos matutino e vespertino.

Segundo a professora, nessa época as crianças não eram proibidas do trabalho, tanto que a partir de 8 a10 anos de idade, elas podiam trabalhar. Tanto trabalhavam, quanto cuidavam dos irmãos mais novos. Encontravam-se muita dificuldade, mesmo porque os tempos eram completamente diferentes do ensino atual, não existiam condições favoráveis à aprendizagem como existem hoje.

Quanto à recreação, para a professora, as "brincadeiras" eram feitas no intervalo (recreio). O horário era aproveitado para fazer as brincadeiras, visto que nessa época ainda era comum que as crianças brincassem de: cantigas de roda. "Então, a gente trabalhava e não tinha conhecimento. Nessa época, muitos professores eram leigos. No município de Barra do Choça, foi realizado um curso de formação para professores considerados leigos" (Mulher, 60 anos).

O relato feito por uma das servidoras mais antigas da Escola João Batista Figueiredo, que começou a trabalhar na escola no dia 21 de abril de 1987 e se mudou com a família para o Povoado Cafezal aos 9 anos de idade, conta-nos que quando começou a trabalhar na EMJBF, a água que era usada para consumo na escola, vinha de uma fazenda vizinha, e ficava armazenada numa caixinha de um morador, e só dava para consumo de dois da semana, pois além de pequena a caixa, a água abastecia o Posto de saúde, a Igreja e a Escola. A servidora relata que buscava água na casa de sua mãe e era transportada na cabeça para poder fazer merenda e a limpeza da escola.

Nas palavras da profissional que também é moradora da comunidade do Cafezal, na escola pequena, composta por apenas duas salinhas, apenas duas professoras lecionavam, uma professora atendia pela manhã, outra atendia à tarde, esta residia em Vitória da Conquista. Os moradores precisavam buscar a professora no "ponto" de bicicleta ou de carro, pois não havia transporte. Tinham poucos alunos na unidade escolar. Com o passar do tempo, uma das professoras veio morar no Cafezal, mas logo se mudou, assim como a outra professora também saiu da escola. Vieram para os lugares delas, dois professores residentes em Barra do Choças, um deles ainda atua na Escola até os dias atuais.

Quanto à merenda escolar, a funcionária ressalta que na época a merenda vinha do governo, às vezes ficava até três meses ou quatro sem merenda. Eram as crianças que traziam de suas casas temperos e verduras. Era uma época difícil, a senhora que iniciou como merendeira, tornou-se faxineira. Com o tempo a prefeitura ficou responsável pela merenda escolar, a situação melhorou. Como a situação social era bem difícil, muitas vezes os alunos

merendavam e traziam os irmãos mais novos para merendarem também, devido às necessidades que passavam.

No decorrer da nossa exploração ao locus da pesquisa em 2022, observamos o desinteresse de participante, em contribuir com a pesquisa. Contudo, algumas informações que obtivemos foram importantes para a construção da memória social EMFBF. Nesse percurso, conhecemos uma ex-professora que nasceu na Fazenda Pedra Branca, localidade próxima ao Povoado Cafezal, em 31 de julho de 1955 e trabalhou na primeira escola do Povoado nos anos de 1977, 1978 e 1979. Segundo ela, outro professor trabalhou na instituição antes dela. Ele não está vivo e não tem familiares próximos, pois não era da região. Cabe ressaltar que a escola que ela lecionou, por não ter nome, quando fora convidada para trabalhar no Povoado Cafezal, nomeou a escola de Castro Alves, já que era o nome da outra escola que ela lecionava. A escola não funcionava no local que funciona atualmente (pode ser localizada no mapa do Povoado Cafezal), além disso não se trata da EMJBF. No lugar da antiga escola situada logo na entrada do Povoado, sentido Barra do Choça, não tem a mesma estrutura, hoje é uma casa onde reside uma família.

> [...] daqui lá são 4 km. Eu ia para o Cafezal, dormia lá, amanhecia o dia vinha dar aula na outra Escola Castro Alves, voltava pra lá meio-dia para ensinar lá de tarde. Teve uma época que eu ensinei também o Mobral lá, só que era uma casinha, a última que vai chegando no Cafezal, a primeira casa que tem era ali que era a Escola. [...] **Eu era professora, faxineira, tudo quem fazia era eu, e merendeira**. (Professora aposentada, 67 anos) (Grifo nosso)

Quando lhe foi perguntado sobre a merenda e a água que os alunos bebiam e que era utilizada para fazer a merenda e a faxina da escola, observe o que a ex-professora tem a dizer:

> A merenda era uma merenda legal. No início quando começou a merenda, que veio pra região de Barra do Choça eu já trabalhava, e as merendas eram umas merendas especiais, não vinha merendinha pouca não, era muita merenda. Não, vinham os pacotes das merendas e a gente que tinha que preparar. A questão da água que era pior, a água era de poço, lá no Cafezal, e aqui na Pedra Branca – Castro Alves, a gente tinha que levar caldeirãozinho de água para as crianças beberem e a merenda, fazia em casa, onde tinha água, e levava a merenda pronta. Era uma dificuldade muito grande para gente conseguir cuidar dessa merenda e fazer faxina, porque não existia ninguém pra ajudar [...]. (Professora aposentada, 67 anos)

Perguntamos à professora sobre a falta de registro ou de documentos sobre os alunos da época em que ela ensinou, e sobre o professor que exerceu a função antes dela. Ela respondeu:

> Os alunos dessa época passavam pouco tempo na escola. Eles mudavam,

> vinha gente de outros lugares para o Cafezal. Sobre família que teve no Cafezal dessa época e existe até hoje, é do pessoal de seu Antônio, vieram e continuaram, muitos mudaram e eu não recordo do nome das outras famílias, porque ficavam pouco tempo e iam embora, no tempo em que eu ensinava nas duas escolas. (Professora aposentada, 67 anos)

Sobre o relato da professora, identificamos elementos que nos mostram que durante longos anos, os professores não eram apenas docentes, exerciam a função de merendeiros faziam a faxina das escolas, e em muitas delas não tinha água para as crianças beberem, fato que comprova que buscavam água em outros locais para a utilização na escola. É sabido que em algumas escolas de pequeno porte, principalmente na zona rural, os docentes trabalhavam em turmas multisseriadas, ou seja, várias séries em uma mesma classe, como era conhecido o ano escola. Aos poucos, nesse quesito, as escolas foram ganhando fôlego, e os professores passaram a receber o auxílio que tanto almejavam e mereciam. Na região do Povoado Cafezal, a situação não era diferente. Sobre as condições do ensino da época em que a professora esteve em sala de aula, a docente informa que ensinava turma multisseriada (da alfabetização da 4ª série), com cerca de 57 alunos em um único turno.

A testemunha ainda comenta sobre as dificuldades em ter que "tomar lição" dos alunos todos os dias. As provas eram realizadas apenas no final do ano, não sendo separado por unidade como hoje, mas as crianças não tinham notas ruins porque decoravam as lições. Segundo ela, os alunos da alfabetização saiam da escola sabendo fazer bilhete, já os do Mobral sabiam preencher um cheque. Ela faz um comparativo entre os alunos de sua época e os de hoje. Para ela a diferença é que muitos alunos não sabem muita coisa, como as datas comemorativas, coisas que os alunos de sua época da 1ª série já sabiam (no ABC). A professora continua pontuando que os alunos da 4ª série saiam da série com conhecimentos nas quatro operações matemáticas. De acordo seu relato, ela era professora leiga, pois não tinha a formada mínima para lecionar.

Ao contextualizar o lugar de memória, por meio das informações obtidas, percebe-se que nesse momento é a realidade ganhando forma, são pessoas expondo suas memórias, por isso é um momento genuíno, de interação, de auscultar, de compreender que existem memórias e elas precisam ganhar forma por meio dos seus testemunhos. Assim, os sujeitos participantes de nossa pesquisa, foram delineados com muito zelo, com a delicadeza, o carinho, a consideração e a percepção que as pessoas "invisíveis" têm muito a contribuir. E ao escolhermos, depois de muitas observações e muitas conversas para a percepção de quem teria mais a oferecer, no sentido de disposição, e entendimento de quão valiosas suas memórias são. Traçamos o perfil, notamos que muitos deles se sentiram lisonjeados por tamanha

responsabilidade e pelo legado que deixam à sua família, ao local de trabalho ou à comunidade. Estes sujeitos precisam ter direito à voz, sua sabedoria, suas informações e suas lembranças mais escondidas devem fluir para tomar outros rumos, já que serão protagonistas de nossa pesquisa.

Compreendemos que os sujeitos sociais de nosso estudo precisavam estar dispostos a contribuir, a ser pacientes para lembrar de que algo que estava guardado e que talvez já não faz mais parte do seu cotidiano, eles precisavam se sentir importantes, e são. Logo, procuramos pessoas cujas memórias têm sede de serem evocadas. Em alguns momentos, notamos que os olhos lacrimejavam; eles pausavam, às vezes não falavam algo como realmente aconteceu. Outros diziam sobre as dificuldades encontradas na caminhada profissional. Já nossos sujeitos da comunidade se sentiram muito agraciados; descreviam de forma tão rica suas memórias que não encontramos palavras para resumir todo esse sentimento de afeto, de amor, de coragem e principalmente de sobrevivência. Enfim, tarefa muito difícil escolher entre tantas pessoas que têm muito a oferecer, porém, aqueles cuja riqueza de informações nos impressionou, apesar da idade, chamou nossa atenção e nesse momento evidenciamos por meio dos seus testemunhos, suas trajetórias.

Para mantermos a privacidade das identidades de nossos sujeitos da pesquisa, pedimos a cada um (individualmente) que pensando no lugar de memória, a escola, falasse com uma palavra, o que este lugar representa para ele. Supreendentemente, as palavras foram leves, cheias de sentidos, de significados, como podemos notar: **Educação, Amizade, Esperança**, **Crianças, Saudade, Recordação, Recomeço, Aprendizagem e Amor**. E para cada uma delas ficou a marca daquilo que um lugar representa para alguém independente de sua formação, idade ou função exercida neste lugar ou o que ele significa para a comunidade.

2.2. O *locus* da pesquisa

Com base no reconhecimento da importância da memória para esse trabalho formulou-se a seguinte questão: Como a memória social da Escola Municipal João Batista Figueiredo se estabelece para os seus profissionais da educação e para a comunidade do Cafezal? A partir dessa questão, outras questões norteadoras que mediam a apreensão do objeto de estudo foram surgindo, como: Qual o processo de criação da escola? O que motivou a criação da escola? Qual a importância da escola para a Comunidade do Cafezal e para os profissionais de educação? Quais os sujeitos que participaram do processo de criação e implementação da escola? Quais memórias foram construídas nesse espaço educativo? Qual a relação da escola,

dos projetos desenvolvidos com a comunidade?

Mediante o que foi exposto, o presente estudo tem como objetivo (re)construir a memória social da Escola Municipal João Batista Figueiredo para os profissionais da educação e para a comunidade do Cafezal no Município de Barra do Choça – Bahia. Para tanto, usar-se-á da abordagem qualitativa, para a (re)construção da memória social da escola, tendo como base os testemunhos dos profissionais da educação da escola, dos moradores com maior tempo na comunidade do Cafezal e de fontes documentais. Por meio dessa proposta, foram elaborados objetivos específicos que deram maior embasamento metodológico ao objeto, tais como: compreender os estudos da memória social como um importante recurso para a pesquisa em educação; identificar por meio de documentos, fotografias e outros elementos, mecanismos relevantes sobre a criação e implementação da escola na comunidade do Cafezal; conhecer as memórias dos profissionais de educação e de moradores da comunidade do cafezal sobre esse espaço educativo, a relação da escola e dos projetos desenvolvidos com e para a comunidade.

Nessa perspectiva, as pesquisas relacionadas à memória são importantes para evocar lembranças que ficaram guardadas e que em algum momento virão à tona. Por isso, nossa pesquisa em memória social, buscou a (re)construção da memória desse lugar, por meio dos sujeitos delimitados nesse estudo. A partir das concepções de Halbwachs (1990) sobre os aspectos concernentes ao lugar, na citação a seguir ele ressalta:

> Cada aspecto, cada detalhe desse lugar em si mesmo tem um sentido que é inteligível apenas para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outro tanto de aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, ao menos, naquilo que havia nela de mais estável. (HALBWACHS, 1990, p. 133)

É importante salientar que, para o autor, cada lugar representa um conjunto de detalhes que evidenciam as características peculiares aos sujeitos e seus aspectos individuais representam todo o contexto social, logo, cada detalhe inerente ao sujeito está diretamente ligado à memória de si e do outro. No sentido de compreensão do cotidiano que envolve a memória social do contexto da referida unidade escolar (Figura 03), buscamos informações de docentes e outros profissionais da educação que possuem entre 26 a 38 anos, e trazem para a pesquisa informações significativas por meio da memória; são informações que não constam em registros da Prefeitura Municipal de Barra do Choça, ou ainda não tiveram o devido reconhecimento. Assim, torna-se importante saber a partir dessas memórias, quais as dificuldades encontradas no início de suas experiências profissionais e, qual a relação com a situação atual. Por meio da pesquisa exploratória, buscamos informações sobre a escola tais

como: como era o lugar no início de seu funcionamento? E qual a visão que esses moradores têm do ensino e da escola?

A Figura 03 apresenta a fachada da Unidade Escolar em 2021. A escola passou por uma reforma em sua estrutura física, já que se trata de uma escola com muitos problemas estruturais, devido ao processo de ampliação ao longo dos anos.

Figura 03 – Fachada da Escola Municipal João Batista Figueiredo

Fonte: LIMA, I. P. Pesquisa exploratória (2021)

A Instituição escolhida para nossa pesquisa, atende alunos da Educação Básica, na modalidade de Ensino Fundamental, Anos Iniciais e Anos Finais. Nesse contexto de um espaço que acolhe tantas diferenças, como profissional da educação na Instituição por 8 anos, percebi a possibilidade de entendimento do perfil dos profissionais que ali trabalham. Para isto realizamos visitas e observações para uma melhor compreensão do lugar a ser pesquisado. Em conversa informal com alguns professores que trabalham na escola entre 10 a 30 anos, nota-se que para eles, a unidade de ensino é um ambiente acolhedor, são realizadas atividades com o envolvimento das comunidades estudantil e local. Para esses profissionais, isso traz satisfação em fazer parte do seu quadro funcional e compartilhar os saberes docentes com os alunos. Contudo, os profissionais que têm maior tempo de trabalho na instituição, relatam que as dificuldades nas décadas de 1980 e no começo de 1990, eram muitas. A escola possuía apenas 02 salas, 02 banheiros e uma cantina, era desprovida de muitos recursos pedagógicos, não tinha recurso próprio para gerir as necessidades dos alunos. Para eles o perfil do público estudantil era diferente, já que não existiam tantos atrativos fora do contexto escolar que comprometessem o seu rendimento na escola. Na visão desses profissionais, o envolvimento das famílias com relação ao comprometimento e frequência dos estudantes era outro fator que contribuía para o

desempenho estudantil.

A partir das conversas com alguns docentes sobre sua relação com a escola e as mudanças do perfil estudantil ao longo dos anos, nota-se que a memória social se tornou um campo importante na busca por informações que possam ser capazes de reconstruir a história de uma instituição escolar e sua importância para a comunidade do Cafezal.

Por meio do estudo realizado sobre a memória coletiva e individual, percebe-se a importância de uma pesquisa social que evidencie o papel e a relevância da educação na sociedade. Diante disso, houve uma necessidade de dar visibilidade às memórias dos profissionais da educação, da escola e da comunidade, para o reconhecimento da educação que é desenvolvida na zona rural e, ao mesmo tempo, dar visibilidade ao trabalho da instituição para além do espaço escolar.

3. CONCEPÇÕES TEÓRICAS DA MEMÓRIA SOCIAL E REFLEXÕES PEDAGÓGICAS

Neste capítulo, apresentamos concepções teóricas acerca da memória social e sua importância para a pesquisa científica dentro do contexto da educação, relacionando-a com o nosso objeto de estudo. Para o entendimento das abordagens teóricas que cunharam essa pesquisa, organizamos o capítulo da seguinte forma: A memória social como instrumento da pesquisa científica; A relação da Geografia social, o espaço geográfico e a memória; O lugar de memória; O testemunho na pesquisa científica; Saberes docentes: concepções pedagógicas e o cotidiano escolar; Considerações sobre a legislação educacional brasileira; Um olhar sobre a Educação na Bahia.

Para justificar as abordagens do texto sobre a memória coletiva, buscamos dialogar com as teorias de autores como: Halbwachs (1990, 2006), De Benedictis (2016, 2020) e Gondar (2005). Sobre os conceitos de espaço, espaço geográfico, lugar de memória e geografia social, buscamos os estudos de Santos (2008, 2012), De Benedictis (2016, 2020), Moreira (2019) e Nora (1993). Estabelecemos relação desses conceitos com as ideias sobre o testemunho, defendidas por Ricoeur (2007) e De Benedictis (2020). Verificou-se por meio da pesquisa exploratória, a quase inexistência de registros sobre essa memória do lugar. Mediante o exposto, focamos no testemunho como dispositivo de grande relevância para coleta de informações, na pesquisa de campo.

Em relação as concepções pedagógicas, nossa pesquisa foi pautada em discussões de autores como Tardif (2014), Nóvoa (1999), Freire (2007), Adorno (2020), Arroyo (2009), Neto (2016) entre outros.

Sobre as abordagens da legislação brasileira, apresentamos algumas considerações propostas pela LDBEN (9.394/96), Cordiolli (2011). Com relação a educação na Bahia, elaboramos um quadro que traz informações salutares sobre a legislação baiana.

Notamos, portanto, que para a compreensão das temáticas desenvolvidas no capítulo, foi necessário ordená-lo, como já mencionado anteriormente. Feito isto, a partir dos estudos relacionados a cada tópico, buscamos o diálogo com o nosso objeto de estudo, na perspectiva de reconstrução da memória social do lugar pesquisado.

3.1. A memória social como instrumento da pesquisa científica

A memória como campo de estudo apresenta condições para que o pesquisador

compunha uma produção acadêmica que não se limite aos dispositivos materiais encontrados em arquivos públicos ou particulares. Ela fornece elementos que facilitam a compreensão do objeto de estudo, por meio das lembranças evocadas de cada sujeito que participou de determinado acontecimento. Nesse sentido, De Benedictis (2020, p. 45), argumenta que: "A memória era considerada como um exercício de uma experiência vivida, do que foi visto e conservado, um instrumento para o conhecimento, um modo de consciência compartilhada como uma reminiscência." Além disso, a pesquisa a partir da memória coletiva, oportuniza o trabalho criativo e autônomo dos sujeitos sociais, pois é nela que devemos recorrer para conhecer os costumes, tradições e crenças de um povo, como relata De Benedictis (2020):

> A história dos seres humanos tem sido narrada e até mesmo escrita sob diversas óticas. Estudar sobre essas histórias nos faz adentrar em um mundo particular dos documentos e dos testemunhos de vida, aqueles que narram suas histórias, os que vivenciaram os fatos ou que ouviram falar sobre eles, e ainda aqueles que puderam registrar, por meio dos documentos, as suas memórias. (DE BENEDICTIS, 2020, p. 41)

Portanto, compreendemos os grupos sociais como notadamente sujeitos sociais, porém, dentro de uma mesma sociedade há grupos que possuem suas próprias características individuais e coletivas. Consideramos os estudos da memória e das vivências de determinada comunidade como meios que possibilitem a investigação em relação a criação do espaço, como também o gerenciamento dessas lembranças que, quando evocadas se transformam na memória coletiva. Nessa perspectiva, Gondar (2005, p. 22) esclarece que "Pensar a memória como um processo permite pôr em discussão alguns hábitos de pensamento que se disseminam no campo da memória social".

De acordo Gondar (2005) a memória social como objeto de pesquisa pode produzir conceitos, mas tal conceito não pertence a nenhuma disciplina, de forma tradicional, não sendo nenhuma delas também detentora de tal conceito. A autora enfatiza que esse conceito está em constante construção, a partir de problemas que forem surgindo ao longo dos estudos de cada disciplina. Sendo que a partir do surgimento de novos problemas, possíveis teorias podem também surgir.

A memória coletiva tem se tornando bastante relevante para as Ciências Sociais, já que remete ao pesquisador social a ousadia de traçar caminhos norteadores para os estudos da sociedade, buscando correlacionar fatos atuais, mas que tiveram relação com o passado e entre os sujeitos. Nessa perspectiva, as relações sociais são inerentes aos estudos da memória, que vem ganhando espaço nas pesquisas, como aponta Gondar (2005):

> [...] Mas se quisermos marcar o momento em que a memória passa a ser concebida como uma construção social, ou seja, como algo que os homens produzem a partir de suas relações e de seus valores, teremos que retornar ao fim do século XIX. É apenas nesse período, bastante recente na história do pensamento, que os homens admitiram que a memória é algo que eles mesmos constroem a partir de suas relações sociais – e não a verdade do que se passou ou do que é. (GONDAR, 2005, p. 18)

Gondar (2005) traz reflexões que mostram que o campo da memória vem ganhando notoriedade, a partir do momento em que a memória passa ser considerada como uma construção social, estabelecida pelas relações humanas com base nos seus valores culturais. Por se tratar de uma construção relativa à sociedade, a cada caraterística observada dentro dos grupos sociais remete as lembranças por eles guardadas. E estas lembranças relacionam as pessoas entre si, e com os grupos os quais elas pertencem. Nesse sentido, Halbwachs (1990, p. 109) faz uma reflexão bastante clara, afirmando que "A memória coletiva avança, no passado até certo limite, mais ou menos longínquo aliás, segundo se trate deste ou daquele grupo. Para além desse limite ela não atinge mais os acontecimentos e as pessoas numa apreensão direta."

Halbwachs (1990, 2006) vê nos aspectos de determinado lugar um significado para os membros de cada grupo, uma vez que todas as partes de um espaço correspondem a vida de determinada sociedade. Os elementos que compõem uma sociedade são os elementos do grupo social do qual ela faz parte. No sentido de pertencimento, o grupo social comunga das mesmas características. Logo, Halbwachs (1990) reforça a ideia de memória coletiva, quando afirma:

> [...] não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem, uma à outra, nada permanece em nosso espírito, e não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca. É sobre espaço, sobre nosso espaço – aquele que ocupamos, por onde sempre passamos, ao qual sempre temos acesso, e que em todo o caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembrança. (HALBWACHS, 1990, p. 143)

Essas lembranças, comuns aos membros do mesmo grupo social, são carregadas de sentidos para as pessoas. São lembranças que marcam, de modo particular, as vivências que cercam o passado dos sujeitos, dentro do espaço onde eles rememoram suas experiências, e são comuns aos demais sujeitos que também presenciaram, diferente da história que segue a sequência dos fatos, sem, contudo, perceber as minúcias decorrentes desses fatos. Essas memórias são carregadas de sentimentos, de subjetividade, de lembranças, como mostra o relato a seguir:

> Para começar volto ao ano de 1988, lembro-me da expectativa para conhecer a escola (estávamos eu e meu amigo) junta em um fusquinha com o Secretário de Educação da época e o motorista. Eu sei que quando cheguei à escola encontrei uma realidade diferente do que eu imaginava, era uma escola pequena, com duas salas somente, dois sanitários e a cantina, situava-se na praça da comunidade, era bem organizada e fomos bem recebidos pelas pessoas que estavam aguardando o Secretário de Educação, (**o que naquela época era uma festa quando esses representantes iam até as comunidades**). Vivi momentos bons e alguns ruins que são percalços do ofício nesses 33 anos de trabalho na mesma comunidade, na escola fui professor, Diretor, sempre trabalhei nessa escola, aqui trabalhei do Pré ao 5º ano e fui professor de Educação Física, atendendo os alunos do Pré ao 5º ano durante três anos. (Professor, 55 anos) (Grifo nosso)

Notamos no relato anterior que os sentimentos estão presentes quando a memória é evocada. Por isso, ao lembrarmos de um fato qualquer, nossas impressões estão neste fato. Já a história delimita cronologicamente aquilo que deve ser evidenciado. Nesse sentido, Halbwachs (1990) revela que a memória coletiva é diferente da história, uma vez que esta memória carrega rugosidades, posto que a não linearidade da memória nos traz informações peculiares aos sujeitos e aos grupos sociais, não estando visível na cronologia da história. Sobre a distinção entre memória e história, autor afirma:

> A memória coletiva se distingue da história pelo menos sob dois aspectos. É uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, já que retém do passado somente, aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do corpo que a mantém. Por definição, ela não ultrapassa os limites do grupo. Quando um período deixa de interessar ao período seguinte, não é um mesmo grupo que esquece uma parte de seu passado: há, na realidade, dois grupos que se sucedem. A história divide a sequência dos séculos e períodos, como se distribui o conteúdo de uma tragédia em vários atos. (HALBWACHS, 1990, pp. 81/82)

Reforçando as reflexões de Halbwachs (1990) sobre memória coletiva, Gondar (2005) menciona que ela é concebida de várias formas e envolve posições teóricas, éticas e políticas. Para a autora, o território da memória é um território que se move, e suas fronteiras são carregadas de muitas definições. Sobre a definição da memória, Gondar (2005, p.17) afirma, “O conceito de memória produzido no presente, é uma maneira de pensar o passado em função do futuro que se almeja. Seja qual for a escolha teórica em que nos situemos, estaremos comprometidos ética e politicamente”.

Estabelecemos um paralelo entre as concepções de Gondar e De Benedictis no cerne do conceito da memória social, notamos que Gondar (2005) vê a memória social como um processo em construção que nos possibilita reconstituir o passado, para Gondar (2005, p. 19), “O homem, com seus limites, sua história, seus valores sociais, pôde se tornar objeto de

investigação. Foi esse momento de surgimento das ciências humanas e sociais, e também aquele em que a memória se tornou uma construção humana, finita [...]". Conforme De Benedictis (2020), o contexto da memória social perpassa por muitos conhecimentos, assim torna-se bastante complexo conceituar esse campo do saber. Portanto, autora afirma que conceituá-la: "É difícil por que possui um conjunto de representações que abarca, em certa medida, diversas áreas da ciência, possuindo, portanto, características que se configuram por um processo permanente de construção das lembranças e do que foi esquecido". (DE BENEDICTIS, 2020, p.43)

Há outros autores que também observam a importância dos estudos sobre a memória coletiva, quando mostram que ela tem a função de rememorar e evocar as lembranças que ficaram marcadas na vida do sujeito. Remeter ao passado mostra a dimensão da memória e dos acontecimentos inerentes a sociedade. Conforme Pollak (1989):

> Estudar as memórias coletivas fortemente constituídas, como a memória nacional, implica preliminarmente a análise de sua função. A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas. aldeias. regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que com· põem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irredutíveis. (POLLAK, 1989, p. 9)

Assim como Pollak, Santos (2012) corrobora com as explicações inerentes a memória, como as lembranças e o passado, quando explica que o passado não voltará em nossas lembranças da mesma forma como ocorreu, contudo, quando evocamos nossas lembranças buscamos trazê-lo às nossas vidas, por meio da memória coletiva, como mostra neste trecho: "[...] o momento passado já não é, nem voltará a ser, mas sua objetivação não equivale totalmente ao passado, uma vez está sempre aqui e participa da vida atual como forma indispensável à realização social". (SANTOS, 2012, p. 14)

Certamente, ao analisarmos a dimensão da memória social dentro do contexto de evocação das lembranças dos sujeitos, percebe-se também que suas teorias tem tomado proporções inerentes as pesquisas científicas e a valorização dos sujeitos sociais que, surge nesse contexto como alguém que precisa ser notado, ser ouvido e, sobretudo ter sua contribuição dentro do universo da pesquisa, como um elemento importante e que contribui para evidenciar todos os detalhes que ficaram guardados em sua memória. Portanto, cada lugar, cada espaço geográfico está imbuído de suas características e de seus vestígios, por isso quando se evoca as

lembranças, percebe-se algo desconhecido aos sujeitos externos sendo valorizado.

Nessa perspectiva, os espaços que se tornam lugares de memórias, carregados de subjetividade, são importantes, pois carregam aquilo que é vivenciado pelos grupos sociais. Nesse ponto, a Geografia enquanto ciência que tem o espaço geográfico como seu objeto de estudo, auxilia-nos nessa compreensão da sociedade e todas as suas experiências. Sendo assim, perceberemos como esta ciência tem contribuído para a noção de espaço dentro do contexto da memória social.

A memória coletiva está diretamente atrelada aos grupos sociais, e sua representatividade no contexto de evocação das lembranças, dando-lhes um dinamismo que, talvez não seja possível apenas quando evocamos lembranças que são individuais. Sobre essa questão**,** Halbwachs (2006) afirma:

> Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 2006, p. 30)

No contexto social a memória coletiva é evocada a partir das lembranças que são comuns aos sujeitos que fazem parte de um mesmo grupo. Entretanto, Ricoeur (2007), menciona que há lembranças que são de cunho individual. O autor também busca as diferenças entre memória individual e memória coletiva, quando relata, “Não se pode transferir as lembranças de um para a memória do outro. Enquanto minha, a memória é um modelo de minhadade, de possessão privada, para todas as experiências vivenciadas pelo sujeito.” (RICOEUR, 2007, p. 107). O autor continua a justificar a dicotomia entre memória individual e memória coletiva, afirmando que:

> É nessa situação altamente polêmica, que opõe a uma tradição antiga de reflexividade uma tradição mais recente de objetividade, que memória individual e memória coletiva são postas em posição de rivalidade. Contudo, elas não se opõem no mesmo plano, mas em universo de discursos que se tornaram alheios um ao outro. (RICOEUR, 2007, p. 106)

No entanto, Halbwachs em suas discussões sobre as lembranças dentro dos grupos sociais, não diminui a importância da memória individual, ele faz uma reflexão sobrepondo as lembranças que forem comuns a um coletivo, em relação as memórias individuais. De acordo o autor “É bem verdade que em cada consciência individual as imagens e os pensamentos que resultam dos diversos ambientes que atravessamos se sucedem segundo uma ordem nova e que,

neste sentido, cada um de nós tem uma história". (HALBWACHS, 2006, p. 57)

Nota-se que para ele, as lembranças se apoiam formando o coletivo, uma vez que os sujeitos são membros dos diversos grupos que compõem a sociedade. Sobre essa questão, Halbwachs (2006) afirma:

> Contudo, se a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo. Desta massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, não são as mesmas que aparecerão com maior intensidade a cada um deles. De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. (HALBWACHS, 2006, p. 69)

O autor também reforça a ideia de coletividade, quando expressa que a sociedade está propícia a múltiplos grupos, ainda que estes tenham uma duração, por isso há o tempo coletivo, relacionado a decomposição da sociedade em grupos. Assim, Halbwachs (1990) salienta:

> Não há um tempo universal e único, mas a sociedade se decompõe em uma multiplicidade de grupos, nos quais cada um tem sua duração própria. O que distingue esses tempos coletivos, não é o fato de que uns se escoem mais depressa que os outros. Não podemos mesmo dizer que esses tempos se escoem, já que cada consciência coletiva pode lembrar-se, e que a substância do tempo parece realmente ser uma condição da memória. (HALBWACHS, 1990, p. 127)

Nesse sentido, considera-se a memória como o movimento de determinada experiência dos grupos sociais, agindo efetivamente sobre as lembranças evocadas que pertençam a esse grupo, e a importância de evocar nossas lembranças, como forma de perpetuação de nossa memória, de nosso passado, como aborda Ricoeur (2007):

> O passado não é mais garantia do futuro, eis a razão principal da promoção da memória como campo dinâmico e única promessa de continuidade, solidariedade do presente e da memória substituiu a solidariedade do passado e do futuro. (RICOEUR, 2007, pp. 420-421)

O autor continua sua reflexão, relatando que os recursos da memória, são capazes de trazer a luz o esquecimento, as lembranças encobridoras dos atos falhos que trazem à memória coletiva, gigantescos prejuízos (RICOEUR, 2007). Portanto, como Ricoeur, Halbwachs (2006, p. 53), reforça o quanto é relevante evocar o passado para pensar nas lembranças como sendo, "[...] a condição necessária para voltarmos a pensar em algo aparentemente é uma sequência de percepções pelas quais só poderemos passar de novo refazendo o mesmo caminho, de modo a estar outra vez diante das mesmas casas, do mesmo rochedo etc." Assim, a memória coletiva

tem a função de rememorar aquilo que foi vivido pelos grupos sociais em um dado momento.

3.1.1. A relação da Geografia social, o espaço geográfico e a memória

No entendimento de um ambiente imbuído de diferenças individuais dos sujeitos inseridos num espaço coletivo como a EMJBF, remete-nos a compreensão do espaço como foco das lembranças inerentes aos grupos sociais. Sobre esse aspecto, De Benedictis (2020, p. 63) ressalta, "A Geografia como uma ciência de caráter social, proporciona a leitura do espaço geográfico, dos arranjos espaciais, das relações sociais e dos grupos sociais que compõem o espaço social." Nesse sentido, o espaço carregado de significados traz as características de cada grupo, identificando-o e diferenciando dos demais ao mesmo tempo. A autora reforça o sentido de espaço, quando aborda que "O espaço social, aqui contextualizado, é materializado dentro de uma conjuntura e, por isso, revela, em uma percepção dialética, certa característica, que é socialmente construída, por meio das relações humanas e de seus interesses econômicos". (DE BENEDICTIS, 2020, p.57)

Portanto, o espaço geográfico, como objeto de estudo da ciência geográfica, representa o *locus* do sujeito social. Assim, "O espaço não é nem a soma nem a síntese das percepções individuais. Sendo um produto, isto é, um resultado da produção, o espaço é um objeto social como qualquer outro". (SANTOS, 2008, p. 161). E é esse sujeito que o transforma e modifica de acordo com suas necessidades, construindo suas relações e, consequentemente, produzindo os conhecimentos por meio dessas relações. Para De Benedictis (2020):

> [...] o nosso entendimento norteia-se na concepção de que o espaço é produto das relações sociais intersubjetivas, ele é geográfico e social ao mesmo tempo. São essas relações que criam e recriam as estruturas e os arranjos espaciais em um processo histórico. Dessa forma, compreender essa construção se dá pelas relações sociais, nos conduz para a apreensão de que os espaços podem ser criados e estruturados de acordo com os papéis e atividades que são desempenhadas na sociedade. (DE BENEDICTIS, 2020, p. 59)

Nessa perspectiva a transformação do espaço em espaço geográfico, por meio das interações estabelecidas entre o homem e o meio do qual ele pertence, é estabelecida pelas relações sociais, e por suas experiências dentro do que para ele é sua identidade. Dessa forma, o espaço geográfico, torna-se o lugar de lembranças., em que o sujeito faz parte e constrói sua cultura e interagem com outros sujeitos de acordo os interesses comuns. Por isso, o espaço é tão importante para cada ser humano, uma vez que traz as peculiares daqueles que nele vivem. Reforçando o conceito de espaço a partir das relações sociais nele estabelecidas, Santos (2008)

corrobora:

> O espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e de formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente. isto é, o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante dos nossos olhos e que se manifestam através de processos e funções. (SANTOS, 2008, p.153)

As relações humanas têm diferentes interferências no espaço a depender do lugar em que o homem vive. E essas relações sociais do passado ditam as transformações no espaço percebidas no presente, delas também dependem as características presentes no espaço geográfico, de acordo às necessidades humanas. Santos (2008) faz uma abordagem sobre as transformações ocorridas na natureza, que se dão através do trabalho. De acordo com o autor, ainda no início da história, o ser humano, como produtor do seu espaço, construía seu instrumento de trabalho, utilizando seu próprio conhecimento. O ser humano, refazia seu caminho, usando o prolongamento do seu corpo. Assim, "havia uma comunhão quase total entre o homem e os instrumentos que ele utilizava e manipulava na tarefa cotidiana de produzir. Era também assim que ele imprimia a sua marca sobre a natureza". (SANTOS, 2008, p, 214)

Conforme, Barros et al (2022), o sujeito fortalece sua identidade dentro do espaço por ele habitado. Estreitando laços com os grupos sociais os quais faz parte, estabelecendo-se enquanto sujeito social, quando cria essa identidade por meio das memórias do seu cotidiano. De acordo com as autoras:

> A Geografia pode ser capaz de auxiliar no fortalecimento da identidade do sujeito, contribuindo assim para o entendimento da sua territorialidade e do lugar em que está inserido, uma vez que, enquanto ciência, ela remete as categorias analíticas que facilitam a compreensão do sujeito no espaço. Quando entendida como uma ferramenta crucial na construção dessa identidade do sujeito, sobretudo, as memórias, os saberes, vivências e o lugar do público ao qual está destinada, condiz com o conhecimento e acaba por evidenciar a sua realidade e as suas memórias. (BARROS; DE BENEDICTIS; DIAS; LIMA, 2022, p. 165)

Alguns aspectos da ciência geográfica colaboraram para compreensão do espaço produzido pelo sujeito, de acordo suas peculiaridades. Logo, o conceito de espaço surge como uma abordagem que demarca a interação do homem ao espaço por ele produzido. Nesse aspecto, a categoria espaço, aparece com um meio de focalizar o sujeito e sua vinculação ao lugar, de modo mais específico. Desse modo, a geografia social relaciona com maior precisão, ao sujeito e a forma como ele vive. Sobre este ponto, De Benedictis (2020) firma:

> A geografia social estuda o espaço humano ou social expresso no meio de vida dos homens e das mulheres, por isso, é mutável no processo histórico, é social. A intenção para compreender o conceito de espaço, do espaço social geográfico é para decifrar as forças que movem sobre esse lugar e delimita territórios, tornando-o, de certa forma, lugares e conflitos, de desigualdades. (DE BENEDICTIS, 2020, p. 65)

As mudanças ocorridas no espaço, que se tornam a concepção de paisagem para cada sujeito, estão diretamente ligadas a interação humana neste espaço, modificando-o e o adequando a cada sociedade que queira habitar neste lugar. O sentido de pertencimento que o sujeito estabelece ao lugar onde ele habita, ao espaço geográfico em que ele está inserido, expressa as características de uma sociedade, fazendo parte de suas atividades diárias e delimitando o seu lugar de vivências e interações. Segundo Santos (2008), existem categorias de análise que são consideradas permanentes e há aquelas com duração pouco longa. Entretanto, para todos elas, os momentos históricos e as circunstâncias, tornam-nas utilizáveis mais adequadamente. O testemunho que segue corrobora com as ideias de Santos, quando mostra as mudanças ocorridas no locus da pesquisa:

> Quando a gente chegou aqui era muito difícil. Aqui as casas eram poucas, lama, as ruas todas embruacadas. Quando a gente chegou aqui não tinha água, quando você abria a torneira só caia aqueles bolos de junco, que o motor jogava de uma fazenda, vinha água misturada com lama, aqui era uma dificuldade medonha. Morria muita criança desnutrida que não tinha nenhum suporte, socorro pra essas crianças, a água não prestava, que você sabe que água é saúde, com água ruim a situação sempre difícil. As ruas aqui tinham muito criatório de porco, às vezes quando chegava aquele esterco, os porcos fundavam nessa água, comendo besouros, furava nas casas, derrubava casas. Naquele tempo havia dificuldade... hoje não, a realidade do Cafezal de certos anos pra cá vem mudando muitas coisas, melhorando a vida das pessoas, dos moradores né. Vem chegando novos gestores. Mudou muito, teve uma significação muito grande. Mas na data que chegamos aqui era muito difícil. **(**Morador do Cafezal, 59 anos**)**

Neste relato é possível notar como o espaço foi mudando gradativamente, por meio das interferências e necessidades humanas de habitação e infraestrutura. Isso corrobora com a ideia defendida por Santos (2008) sobre as transformações do espaço, tornando algumas categorias geográficas com pouca duração, perceptível nas mudanças da paisagem do lugar, como vimos no testemunho de um morador do Povoado Cafezal. Ainda conforme Santos (2008), a geografia se ocupa do espaço transformado humanamente, em momentos históricos diferentes, pois:

> Essa geografia renovada (espaciologia?) ocupar-se-ia do espaço humano transformado pelo movimento paralelo e interdependente de uma *história* feita em diferentes níveis – internacional, nacional, local. As noções de totalidade

> e de estrutura, de universal e de particular, deverão ser unificadas em um mesmo movimento conjunto no qual a sociedade seria reconhecida em seu diálogo com a natureza transformada, não apenas como agente transformador, mas também com um dos seus resultados. Uma vez mais, toda tentação dualista seria exorcizada. (SANTOS, 2008, p. 240)

Cada elemento será considerado dentro de uma perspectiva das relações de totalização. Contudo, será pertinente reconhecer a cada momento, cada lugar e suas variáveis hierarquias (SANTOS, 2008). A categoria analítica espaço é analisada sob alguns conceitos, contudo a sua construção não pode ser dissociada da produção humana, diante de diversas circunstâncias no que diz respeito aos aspectos de sobrevivência e necessidades dos seres humanos ao longo desse processo.

O sujeito como condutor dessas mudanças ocorridas no espaço, exerce uma forte influência em sua transformação, por meio de suas interações e interferências. Portanto, cada sociedade exerce o papel de construtora do seu espaço, segundo as condições estabelecidas pelo seu trabalho e adequação de suas atividades cotidianas, modificando assim a natureza desse espaço para sua melhor adaptação. Segundo Moreira (2019):

> Vendo o mundo pela fruição/permanência da paisagem os geógrafos anos a fio registraram e fixaram em memoráveis afrescos a relação da paisagem com o tempo em seu vínculo com o espaço e com a técnica, captando-lhe a emergência e a sucessão, o movimento e o ritmo das pulsações. Nesse longo decurso de leitura do espaço – tempo, da paisagem enquanto construção e memória da história humana, criaram e aperfeiçoaram eles suas metodologias de registro; obnubilando o permanente, priorizando a fala do mutante. E, sem disso se dar conta, originaram duas geografias, a real e a da leitura, uma dobra que lhes embaciou a visão. (MOREIRA,2019, p. 12)

O autor ainda remete sobre a concepção de espaço rural, atribuindo-lhe o contexto de campo. Ele ainda o diferencia, pois para o autor, “O mundo muda. E, no entanto, como um todo permanece. Por traz da paisagem mutante, há uma estrutura de permanência que a refaz toda vez que muda”. (MOREIRA, 2019, p. 185). Observe o relato de uma moradora do Povoado Cafezal, que está na região desde 1976. Nele, podemos verificar as mudanças ocorridas no espaço e as características que diferenciam o espaço rural do espaço urbano:

> Quando nós chegamos para aqui era tudo mato. Eles tinham roçado tudo, sapecou, estava só roçado. Aqui para fazer casa, estava dividindo os terrenos para o povo. Quando nós mudamos para aqui, todo mundo ganhava um terreno para fazer a casa [...] aqui, era uma mangona, depois foi construindo casa [...] depois fez as roças de café. Aí nós fomos trabalhar nas roças de café[...]. Isso aqui era tudo matão. [...] **(**Moradora do Cafezal, 63 anos**)**

Nota-se, que o espaço é o reflexo das influências que o homem exerce sobre sua formação. E estas influências são percebidas no dia a dia dos seres humanos, e nesse ponto a paisagem representa esse reflexo, como já mencionado anteriormente. Como ressalta Moreira (2019, p. 248), "A percepção do temo se expressa por meio da percepção do espaço. Seus momentos são os momentos das coisas do espaço, e a paisagem é por isso a janela de ambas as percepções". Nesse contexto de associação entre a memória social e os elementos que compõem a base de estudos da Geografia, torna-se imprescindível que levemos em consideração que estes elementos também estão ligados às lembranças e as vivências da sociedade. Isso posto, destacamos uma dessas categorias analíticas da Geografia, que é o lugar, uma vez que está diretamente associado ao contexto das memórias e dos grupos sociais.

3.1.2. O lugar de memória

Pensar a memória social é pensar nos acontecimentos inerentes aos grupos sociais, em determinado lugar, levando-se em consideração a identidade do sujeito e sua participação na construção do espaço geográfico o qual pertence. Sobre o conceito de lugar, dentro da esfera geográfica e a partir de suas origens, Santos (2008) ressalta:

> O conceito de lugar – porção discreta do espaço total – teria precedido o conceito de espaço: Aristóteles já havia formulado esta ideia e Einstein insiste nela ("Prefacio" Jammer, 1969, p. 13). Para o criador da teoria da relatividade "parece que o conceito de espaço teria sido precedido pelo conceito psicológico mais simples de lugar". **O lugar é, antes de tudo, uma porção da face da terra identificada por um nome. Aquilo que torna o "lugar" específico é um objeto material ou um corpo**. (SANTOS, 2008, p. 152) (Grifo nosso)

Apesar de trazer o lugar para o campo da Geografia, percebemos a inserção do ser humano como pertencente a essa categoria. Além disso, os lugres de memória representam as vivências e experiência deste sujeito, que em algum momento evocará suas lembranças e as dos grupos sociais dos quais ele faz parte. Sobre isto, De Benedictis (2020) corrobora:

> Essa memória, carregada de subjetividades é o lugar de vivências e experiências de homens e mulheres, que são, no tempo e no espaço, construídas e reconstruídas por seus sujeitos e pelos grupos aos quais fazem parte. Nesse sentido, essas memórias são individuais e coletivas e se materializam no espaço ao qual o grupo faz parte. Esse espaço é o lugar, a esfera social onde os sujeitos vivem e trabalham um ambiente para além do físico. É o espaço das lutas, das diferenças, das interações, dos grupos e das relações sociais. (DE BENEDICTIS, 2020, p. 41)

De acordo a autora, a memória é subjetiva, pois pertence àqueles que vivenciaram um fato qualquer em determinado momento de suas vidas. E os grupos sociais presenciam e participam de tal fato por meio das relações sociais estabelecidas entre si, e, posteriormente, evocam as memórias coletivas e o que elas configuram para cada sujeito envolvido.

Evocar as memórias locais por meio do diálogo com a comunidade, com as pessoas mais idosas, que residem há mais tempo na comunidade, com mais experiência de vida e conhecimento sobre o lugar e suas referências culturais, pode trazer elementos importantes para a construção da pesquisa científica. No decorrer dos anos, essa evocação da memória como instrumento de pesquisa vem ganhando espaço, tornando-se cada vez mais utilizada, tornando-se um elemento muito importante para a pesquisa científica, sobretudo para a pesquisa social.

Diferente da história, a memória é viva e traz as lembranças que ficaram no passado e que são carregadas de subjetividade. "A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado". (NORA,1993, p. 9)

Refletindo sobre o lugar, onde essas memórias se fazem presentes e que remetem as lembranças de quem ali viveu, "Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma externa onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora". (NORA, 1993, pp. 12/13). De cordo as ideias de Nora, Halbwachs complementa que "Cada aspecto, cada detalhe do lugar tem sentido que só é inteligível para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, pelo menos o que nela havia de mais estável". (HALBWACHS, 2006, p. 160)

Esses lugares representam os elementos que compunham as lembranças que formam as memórias individual e coletiva. Por meio desses lugares é possível compreender a importância dessas memórias para os sujeitos que vivenciaram tais experiências, e o que elas representam para determinada sociedade, podendo identificar os grupos sociais través das lembranças que lhes são comuns. Como afirma Nora (1993):

> Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações, são os marcos testemunhas de uma outra era, das lições da eternidade. Daí o aspecto nostálgico desses empreendimentos de piedades, patéticos e glaciais. São os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma sociedade que aplaina os particulares; diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende reconhecer indivíduos iguais e idênticos. (NORA, 1993, p. 13)

Segundo autor, o sentimento é o elemento que impulsiona o nascimento dos lugares de memória, não havendo assim memórias que são espontâneas, por isso, tem-se a necessidade de criar arquivos que representam quaisquer celebrações e que culminam nos lugares de memória (NORA, 1993). Reforçando a ideia de lugar como pertencente ao presente e ao passado, Santos (2008) argumenta que o lugar pode ser considerado como resultados de ações multilaterais realizadas em tempos diferentes.

Os lugares de memória estão ligados a momentos da vida de cada sujeito. Nesse sentido, Nora (1993) afirma:

> **A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história**. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória. (NORA, 1993, p. 7) (Grifo nosso)

Nesse contexto, percebemos a importância que o lugar tem nos estudos sobre a memória coletiva, visto que sobre ele nossas lembranças são evocadas. Os acontecimentos referentes aos grupos sociais dos quais participamos são vivenciados por nós. Esses lugares marcam com tanta força nossas experiências, que outros autores, além dos já citados, trazem em suas concepções, o papel exercido por essa categoria dentro do contexto da memória dos sujeitos. Como mostra Ricouer (2007):

> Assim, as "coisas" lembradas são intrinsecamente associadas a lugares. E não é por acaso que dizemos, sobre uma coisa que aconteceu, que ela teve lugar. **É de fato nesse nível primordial que se constitui o fenômeno dos "lugares de memória", antes que eles se tornem uma referência para o reconhecimento histórico.** Esses lugares de memória funcionam principalmente à maneira dos *reminders*, dos indícios de recordação, ao oferecerem alternadamente um apoio à memória que falha, uma luta na luta contra o esquecimento, até mesmo uma suplementação tácita da memória morta. **Os lugares "permanecem" como inscrições, monumentos, potencialmente como documentos, enquanto as lembranças transmitidas unicamente pela voz voam, como voam as palavras**. (RICOUER, 2007, pp. 57/58) (Grifos nossos)

Portanto, os lugares de memória possuem os registros dos sujeitos e possibilitam a recordação do que foi vivenciado. Contudo, tais recordações podem ser esquecidas e esses lugares permitem a evocação das lembranças de um tempo que não volta mais, mas que deixou elementos que impulsionam e apoiam a memória que estava intacta. Por estas e outras

concepções, o lugar de memória de nossa pesquisa representa um lugar carregado de lembranças, de mudanças no espaço físico e, sobretudo, de implicações no cotidiano e na vida das pessoas que estão ali inseridas.

A Escola Municipal João Batista Figueiredo, é uma escola de zona rural, situada a 13 km do Município de Barra do Choça. Nesta instituição, de pequeno porte, são recebidos alunos da Educação Infantil aos Ano Finais do Ensino Fundamental. A escola existe desde a década de 1980, contudo, a primeira escola do Cafezal existe desde a década de 1970, não com este nome, também não funcionava no local que funciona a EMJBF, segundo relato de moradores e de profissionais de educação da Instituição. Trata-se de um ambiente que atende alunos de várias localidades vizinhas (fazendas da região, como exemplo a Fazenda Palmeirinha, São Bernardo, Mocambo, Cofarma etc.). É um espaço acolhedor, sendo suas memórias bem prazerosas de evocar. Portanto, nossa pesquisa deve funcionar como uma grande possibilidade de tornar vivas essas memórias, para que as próximas gerações ou as pessoas que passarem nesse espaço possam conhecer como se deu o processo de implementação desse lugar de memórias.

Nesse contexto, espaços como o nosso objeto de estudo, podem ser entendidos como lugares que possibilitam ao sujeito rememorar aquilo que por ele foi experienciado, mas que ficou na memória individual, podendo ser partilhado quando for evocado. Por meio de lugares de vivências, a memória é construída e reconstruída. Neste sentido, cada elemento presente no lugar/espaço vivenciado traz consigo a representação desse lugar, como um lugar de memória.

3.1.3. O testemunho na pesquisa científica

No contexto da pesquisa científica, numa perspectiva de atribuir sentido aos relatos dos sujeitos inseridos neste estudo, o testemunho surge como um dispositivo de caráter relevante e que vem ganhando notoriedade, na medida em que nas pesquisas que envolvem a memória coletiva, nem sempre é possível evidenciar os fatos por meio de documentos ou quaisquer outros materiais que comprovem a existência de um acontecimento. Assim, o testemunho tem sido requisitado por estudiosos da memória, uma vez que dá voz aos sujeitos e trazem consigo um leque de detalhes que não estão presentes nas evidências físicas. De Benedictis (2020) reforça a importância do testemunho como fenômeno social, visto que ele cria condições que possam reconstruir a vida cotidiana. Ainda sobre o testemunho, a autora reforça essa questão, quando afirma:

> [...] o testemunho é um recurso primordial, pois ele cria condições de reconstrução do cotidiano de vida, de gênero, de classe. É o momento de rever os diversos grupos particulares da sociedade, incorporando as suas experiências de vida, e usando da oralidade como um dos procedimentos metodológicos qualitativos utilizados por estudiosos das Ciências Sociais. (DE BENEDICTIS, 2020, p. 102)

São muitas abordagens teóricas que reconhecem no testemunho um mecanismo de fundamental importância para a pesquisa em memória social. De acordo De Benedictis (2020, p. 99), "A palavra testemunho designa uma declaração, uma narração, um vestígio de uma experiência, considerando-se as circunstâncias externas e internas de um determinado acontecimento que foi vivenciado". Sobre o testemunho, De Benedictis (2020) ainda afirma:

> A prática do testemunho, na produção do conhecimento moderno, tornou-se bastante questionada em relação à sua comprovação. Para a ciência, a validade é processada por meio do que pode ser experimentado e comprovado, logo, o conhecimento humano, suas vivências, tradições e experiências ficara perdidas e desmerecidas como fontes históricas, pelas diversas ciências, principalmente a história. (DE BENEDICTIS, 2020, p. 98)

Somando-se as considerações da autora quanto ao testemunho e sua importância como dispositivo da pesquisa, tornando-se uma comprovação dos fatos vivenciados pela sociedade, ainda que tenha ressalvas quanto a sua credibilidade por várias ciências, Ricoeur (2007) reforça que o testemunho é um elemento que remete as coisas do passado, e por sua vez parte da memória declarada, mesmo aquelas que não estão em arquivo, conforme mostra o trecho seguinte:

> A especificidade do testemunho consiste no fato de que a asserção de realidade é inesperável do seu acoplamento com a autodesignação do sujeito que testemunha. Desse acoplamento procede a fórmula típica do testemunho: eu estava lá. O que se atesta é indivisamente a realidade da coisa passada e a presença do narrador nos locais da ocorrência." (RICOEUR, 2007, p.172)

Nessa perspectiva, o testemunho é uma importante fonte de informações para contextualização da memória, enquanto campo da pesquisa social. Ele é um suporte para a pesquisa, sendo um complemento dos arquivos. Portanto, Ricoeur (2007) afirma:

> [...] no próprio interior da esfera histórica o testemunho não encerra sua trajetória com a constituição dos arquivos, ele ressurge no fim do percurso epistemológico no nível da representação do passado por narrativas, artifícios retóricos, colocação em imagens. Mas que isso, sob certas formas contemporâneas de depoimento suscitadas pelas atrocidades em massa do século XX., ele resiste não somente à explicação e à representação, mas até à colocação em reserva nos arquivos, a ponto de manter-se deliberadamente à

> margem da historiografia e de despertar dúvidas sobre sua intenção veritativa. (RICOEUR, 2007, p. 170)

Conforme o autor, o testemunho como dispositivo da pesquisa, torna-se uma continuidade ou confirmação das informações que já foram obtidas no processo, por meio das provas documentais. Logo, reforça-se a concepção que o testemunho remete às lembranças que precisam ser reconstruídas, rememoradas e ou registradas pelos grupos sociais dos quais os sujeitos participam ou participaram de um dado acontecimento. Sobre esse assunto, Ricoeur (2007) adverte:

> Do papel do testemunho dos outros na recordação da lembrança passa-se assim gradativamente aos papéis das lembranças que temos enquanto membros de um grupo; elas exigem de nós um deslocamento de ponto de vista do qual somo eminentemente capazes. Temos assim, acesso a acontecimentos reconstruídos para nós por outros que não nós. (RICOEUR, 2007, p. 131)

A prática do testemunho tem realmente ganhado espaço na pesquisa social, valendo-se dos relatos de experiências e da oralidade como elementos contribuintes para a condução da ciência. No entanto, faz-se necessários que alguns cuidados sejam tomados, quanto a veracidade desses testemunhos. Como ressalta Ricoeur (2007, p. 171) "É então trazendo à luz as condições em que é fomentada a suspeição que temos a oportunidade de abordar o núcleo de sentido do testemunho." Para o autor, a autenticidade de um testemunho se completará a partir do momento que se aceita tal testemunho, a partir daí ele é acreditado. "É o credenciamento, enquanto processo em curso, que abre alternativa da qual partimos da confiança e da suspeita." (RICOEUR, 2007, p. 173). Sendo o testemunho oral, ele é escutado, ouvido. "O arquivo é escrita; ela é lida, consultada. Nos arquivos, o historiador profissional é um leitor". (RICOEUR, 2007, p. 176).

Quando se direciona a pesquisa para fontes escritas, os arquivos, os testemunhos, seguem como fontes da pesquisa, porém os testemunhos serão fontes orais. Mas, não menos importantes, contudo, seguem outra abordagem metodológica dentro da pesquisa cientifica, nas Ciências Sociais. "O arquivo apresenta-se assim como um lugar físico que obriga o destino dessa espécie de rastro que cuidadosamente distinguimos do rastro cerebral e do rastro afetivo, a saber, o rastro documental". (RICOEUR, 2007, p.177).

No cerne das fontes documentais, como as encontradas nos arquivos, que funcionam como confirmação das fontes orais e se diferenciam destas justamente porque nestas há a inferência do pesquisador ao indizível, o sentido que o silêncio, que os olhares, que a pausa para reflexão do entrevistado ou testemunho fazem, podem representar lembranças que estão

em completo silêncio. Pollak (1989) remete a esta questão, abordando a seguinte reflexão:

> O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas. (POLLAK, 1989, p. 5)

Esse trecho nos traz a impressão de que nem todas as memórias têm o desejo de serem evocadas, visto que há muitas delas com um significado doloroso. Nota-se, portanto, que as lembranças que marcaram as vivências de um sujeito, podem não ser as mesmas daqueles que expõem os fatos ou acontecimentos. Por isso, o experienciado muitas vezes não é evidenciado pelos sujeitos, visto que pode não representar as impressões ou memórias desse sujeito. Para o autor: "Manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum, em que se inclui o território [...], eis as duas funções essenciais da memória." (POLLAK, p. 9). As lembranças dos sujeitos sociais remontam o que ficou guardado em suas memórias e ganharam relevância em um dado momento, a partir da evocação dessas lembranças e do que eles representam para um determinado grupo em um momento específico.

Ao analisarmos a importância da memória no contexto da pesquisa científica, sobretudo na educação, notamos o quanto é relevante observarmos como o testemunho faz parte desse processo de construção e de evocação das lembranças dos sujeitos, de tudo aquilo que não está arquivado. Portanto, "A autenticação do testemunho só será então completa após a resposta em eco daquele que recebe o testemunho e o aceita; o testemunho, a partir desse instante, está não apenas autenticado, ele está acreditado". (RICOUER, 2007, p. 173)

Assim como Ricoeur (2007), Halbwachs (2006) explica a importância das testemunhas, quando elas reforçam ou enfraquecem algo que nós já temos informações, ainda que elas permaneçam no nosso inconsciente, ou não foram evocadas em um dado momento. "Essa estrutura estável da disposição a testemunhar faz do testemunho um fator de segurança no conjunto das relações constitutivas do vínculo social". (RICOEUR, 2007, p. 174)

3.2. Saberes docentes: concepções pedagógicas e o cotidiano escolar

As tradições hierárquicas dos docentes se baseiam na diferenciação dos graus de ensino, e em que linguagem se fixou em diferentes denominações, como: mestre, professor e catedrático. Segundo Lakatos (1990):

> São as civilizações antigas aquelas que apresentam o que primeiro se caracteriza como educação específica: sendo sociedades com funções diferenciadas, a soma de conhecimentos específicos torna necessária a preparação de seus membros para executar as diferentes atividades. Entretanto, essa tarefa cabia principalmente aos pais, pois nessas sociedades a maioria das "profissões" era herdada. **A característica singular dessas sociedades letradas é que a arte de ler e escrever não era ligada estritamente à educação – ficava a cargo de escribas**, especificamente preparados para tais funções, geralmente a serviço das classes altas; e as atividades "nobres" estavam ligadas, frequentemente, a práticas religiosas. (LAKATOS, 1990, p. 218) (Grifo nosso)

Ao longo dos tempos, a educação vem passando por processos de transição e o acesso a ela se tornou obrigatório. No contexto escolar os professores vêm assumindo um papel diferente do que exerciam no passado. Nesse sentido, a figura do professor também se profissionalizou. Contudo, conforme testemunho de um professor, por meio de nossa pesquisa exploratória, a escola enquanto instituição continua com dificuldades em assumir o papel de interlocutora entre família e instituição, pois, as atividades promovidas por ela, são pontuais, não dando oportunidade de oferecer o acolhimento necessário para que a sociedade participe da vida escolar:

> Vejo que a escola é carente de programas no sentido de fazer com que a comunidade se aproxime mais da instituição e da vida escolar dos seus filhos, pois o contato escola/comunidade fica basicamente restrito a alguns momentos específicos tais como: reuniões de professores e pais e comemorações (dia das mães e dos pais, por exemplo) (Professor, 45 anos)

Para tanto, a escola, desde a educação infantil às universidades, precisa reunir em torno de si, as famílias dos educandos. Buscando estimulá-las a participarem de forma mais direta na educação. Sobre as relações sociais do aluno com o ambiente escolar, Freire (2007) analisa que a concepção sobre a relação do indivíduo com a escola e, sobretudo com outros indivíduos, reforça que os seres humanos são seres que se socializam entre si e com o meio em que vivem, já que o homem é um ser que interage com o espaço no qual está inserido.

Considerando-se que o ambiente escolar se constitui como espaço de construção do saber, que promove também outras formas para que esta construção tenha significado para os alunos. Entretanto, a educação se tornou mais que cumprimento de currículo. Num cenário em que os alunos vivem em situações de dificuldades quanto às condições sociais (como moradia e alimentação precárias, falta de estrutura familiar etc.), a escola se transforma numa espécie de amparo, não só no sentido de desenvolver potencialidades fora do ambiente familiar, como também em questões emocionais, focando-se na construção do ser social.

O papel da educação na vida dos sujeitos envolvidos precisa contribuir com a formação dos educandos, para que estes tenham oportunidades e que as diferenças existentes na sociedade sejam diminuídas. Nesse sentido, o saber pedagógico é imprescindível no cotidiano escolar e na formação social dos educandos. Logo, o papel que o professor exerce diariamente e a forma como compartilha seu conhecimento, são processos importantes nessa formação. Nesse aspecto, podemos dizer que o conhecimento é gerado pela troca de experiências e que as vivências de nossos educandos devem ser levadas em consideração no processo de ensino aprendizagem. Tardif (2014) afirma que:

> Quanto memos utilizável no trabalho é um saber, menos valor profissional parece ter. Nessa ótica, os saberes oriundos da experiencia de trabalho cotidiana parecem constituir o alicerce da prática e da competência profissionais, pois essa experiencia é, para o professor, a condição para a aquisição e produção de seus próprios saberes profissionais. (TARDIF, 2014, p. 21)

Torna-se importante que no contexto escolar, não só os professores como toda equipe esteja disposta a participar da aprendizagem do educando, de forma que compreenda melhor o seu contexto social para que haja êxito na proposta pedagógica das instituições escolares, na busca por uma formação mais concreta e legítima. Segundo Tardif (2014):

> [...] **no âmbito dos ofícios e profissões, não creio que se possa falar de saber sem direcioná-lo com os condicionantes e com o contexto do trabalho: o saber é sempre o saber de alguém que trabalha alguma coisa no intuito de realizar um objetivo qualquer**. Além disso, o saber não é o saber *deles* e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com a sua experiencia de vida e com a sua história profissional, com as suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores escolares na escola etc. Por isso, é necessário estudá-lo relacionando-o com esses elementos constitutivos do trabalho docente. (TARDIF, 2014, p. 11) (Grifo nosso)

Portanto, os saberes do cotidiano do educando são fatores imprescindíveis para a construção de sua identidade e de seu conhecimento. Cabe aos educadores a busca por sua autonomia em sala de aula, refletindo certamente no desenvolvimento intelectual dos sujeitos no processo educativo. Logo: “Para além da tradicional autonomia na sala de aula, os professores têm de adquirir margens mais alargadas de autonomia na gestão da sua própria profissão e uma ligação mais forte aos atores educativos locais [...]”. (NÓVOA, 1999, p. 25)

Quando a escola busca trazer o sujeito para à sua realidade, associando-o a teoria, os resultados serão mais positivos, uma vez que agindo com autonomia e buscando o diálogo entre teoria e práticas educativas, esse comportamento facilitará o processo de emancipação do

sujeito, pode-se dizer que a escola forma cidadão para a vida. Com relação a esse aspecto, Adorno (2020) reforça:

> O indivíduo só se emancipa quando se liberta do imediatismo de relações que de maneira alguma são naturais, mas constituem meramente resíduos de um desenvolvimento histórico já superado, de um morto que nem ao menos sabe de si mesmo que está morto. (ADORNO, 2020, p. 73)

Por esse argumento, não cabe a escola apenas a busca de conhecimentos meramente teóricos, a ela cabe também a busca de sentido para aquilo que se propõe, como a formação cidadã, humana, pois "A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma autorreflexão crítica" (ADRORNO,2020, p.132). Colaborando assim, com a formação individual, o preparo para encarar os problemas sociais, de maneira a se posicionar diante das circunstâncias adversas de forma crítica.

Nesse processo de busca pelo conhecimento e preparação para um trabalho que cada vez exige mais dos educadores, e que muitas vezes os rumos da sociedade atual recaem sobre a carreira docente, Nóvoa (1999) ressalta:

> [...] o que está em causa é a possibilidade de um *desenvolvimento profissional* (individual e coletivo), que crie as condições para que *cada um* defina os ritmos e os percursos da sua carreira e para que o *conjunto* de professores projete o futuro desta profissão, que parece reconquistar, neste final de século, novas energias e fontes de prestígio. (NÓVOA ,1999, p. 30)

A real situação do sistema educacional não corresponde às expectativas desse profissional que traz consigo o desejo de transformação social e a permanente busca por uma formação que alcance cada um dos seus alunos, dentro e fora do ambiente escolar. Visto que o respeito e a responsabilidade com os princípios educacionais e com o aluno são imprescindíveis para que haja partilha de ideias e desenvolvimento intelectual dos educandos. Sobre isso, Tardif (2014), advoga:

> Dizer que o saber dos professores é temporal significa dizer, inicialmente, que ensinar supõe aprender a ensinar, ou seja, aprender a dominar progressivamente os saberes necessários à realização do trabalho docente. Os inúmeros trabalhos dedicados à aprendizagem do ofício de professor colocam em evidência a importância das experiências familiares e escolares anteriores à formação inicial na aquisição do saber-ensinar. (TARDIF, 2014, p. 20)

Portanto, as experiências do cotidiano do educando podem e devem fazer parte de sua aprendizagem. Elas estão associadas à sua formação, uma vez que traz consigo os saberes de cada um. Surh (2012), compartilha do princípio de que a prática pedagógica deve partir da

coletividade, quando explica que os profissionais de educação, de forma individual e coletiva, têm saberes que possibilitam e norteiam sua prática. Porém, a prática docente deve ser pautada também na ação pedagógica consciente, reflexiva e científica. Nesse ponto, a autora ressalta:

> A prática é o elemento central da construção do novo saber, pois é dela que parte a problematização que nos leva à busca de novos saberes, que precisa partir da teoria. Essa segunda tem o objetivo de ajudar a compreender a prática e apontar formas de enfrentamento para os problemas que dela surgem. Ambas (prática e teoria) são elementos constituintes do mesmo processo, não podendo ser separadas. (SUHR, 2012, pp. 49/50).

Somando-se ao fato da valorização da prática no processo educativo, Nóvoa (1999) reforça a ideia de que a prática pedagógica é vivenciada e que a formação docente se tornou num tema amplamente debatido e investigado, mas que é indispensável para o processo de ensino aprendizagem. Sobre a carreira e formação docente e a construção de sua autonomia, no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, aborda:

> A tradição das hierarquias docentes, baseadas na diferenciação dos graus de ensino, e que a linguagem fixou em denominações diferentes (mestres, professor e catedrático), é inteiramente contrária ao princípio da unidade da função educacional, que, aplicado, às funções docentes, importa na **incorporação dos estudos do magistério às universidades, e, portanto, na libertação espiritual e econômica do professor, mediante uma formação e remuneração,** equivalentes que lhe permitam manter, com a eficiência no trabalho, a dignidade e o prestígio indispensáveis aos educadores. (R. BRAS. EST. PEDAG, 1984, pp. 421/422). (Grifo nosso)

Os docentes que não possuíam formação mínima (Curso de Magistério) para lecionar, eram considerados como professores Leigos. Identificamos o caso de uma professora que fez parte desse quadro de professores Leigos na escola do Cafezal. De acordo com o testemunho da ex-professora, durante a pesquisa exploratória, ela lembrou dos cursos que os professores precisavam fazer por ser professora leiga, e não ter a formação mínima para lecionar:

> [...]Os cursos que a gente tomava. Dava curso, eram semanas mais semanas de curso que o governo pagava pra gente. A gente foi aperfeiçoando para dar aula, porque não tinha professora formada nessa época, eu não era formada, sou professora leiga. A gente teve que estudar para poder aprender para ensinar, porque não foi muito fácil. Eu não sei se saiu bem o que eu ensinei, mas graças a Deus todos os alunos que saíram da minha sala na 4ª foram para Barra do Choça e não perderam na 5ª, porque tinha que ter um trabalho especial com as crianças da 4ª série, porque eles iam para outras escolas que seria bem mais difícil para eles. Eu levei o tempo assim, graças a Deus até hoje. (Professora aposentada, 67 anos)

Por meio do testemunho acima, percebe-se que a formação docente para o exercício da

profissão, além de ser um direito é também uma conquista para a classe dos professores. Por isso, Tardif afirma a importância dessa formação, trazendo a seguinte reflexão:

> Em suma, **o professor ideal é alguém que deve conhecer sua matéria, sua disciplina e seu programa, além de possuir certos conhecimentos relativos às ciências da educação e à pedagogia** e desenvolver um saber prático baseado em sua experiência cotidiana com os alunos. (TARDIF, 2014, p. 39) (Grifo nosso)

A formação é um fator que aprimora a profissão docente, habilita os educadores e quando associada às vivências e experiências do dia a dia, torna-se um ato de amor, de socialização e desperta a curiosidade e o interesse dos alunos para aquilo que realmente faz sentido em suas vidas e que podem lhes assegurar um conhecimento para a vida e para o trabalho. Nesse sentido, a socialização das experiências e as vivências no ambiente escolar imprimem sua marca, não importando em qual espaço a escola está situada, se urbano ou rural. Moreira (2019), traz para o campo da Geografia e contextualiza a diferença existente entre espaço rural e urbano e suas transformações, ao mesmo tempo que o autor esclarece que o espaço está carregado dos hábitos e valores da sociedade, seja ela no espaço rural ou urbano. Portanto, o autor argumenta:

> [...] o urbano é o contexto da cidade. E a cidade, o recorte do espaço no qual se desenrola a atividade da administração, do comércio e da indústria (hoje a fábrica e os complexos de agroindústria). **O rural é, assim, um território, o território rural, onde o campo se dissemina segundo os recortes e paisagens – manchas de cultivos e criação** [...]. O urbano é, vagamente, um contexto de representação de cultura, uma ordem de hábitos, valores e costumes que geralmente destoam e às vezes contradizem a ordem dos hábitos, valores e costumes rurais, não um território – este quem o tem é a cidade, o território urbano, em geral num recortado do território rural. (MOREIRA, 2019, p.185) (Grifo nosso)

Relacionando o pensamento do autor acerca do território rural com a educação rural, pode-se inferir que a formação educacional, baseia-se para a vivência do meio rural. Logo, as práticas educativas nas escolas rurais precisam ser voltadas para os sujeitos nela inseridos, para que eles possam refletir sobre o seu lugar. Buscando-se a compreensão dos sujeitos e o espaço rural, há uma necessidade de que a educação perpasse pelas condições dos homens e mulheres que habitam nesse espaço. Sobre a educação do meio rural, Neto (2016) ressalta:

> O termo ruralismo pedagógico foi cunhado para definir uma proposta de educação do trabalhador rural que tinha como fundamento básico a ideia de fixação do homem no campo por meio da pedagogia. Ou seja, um grupo de intelectuais, pedagogos ou livres-pensadores defendiam que deveria haver

> uma pedagogia que ajudasse a fixar o homem no campo, ou que, pelo menos, dificultasse, quando não impedisse, sua saída desse habitat, considerado natural para as populações que o habitaram ao longo de muito tempo. (NETO, 2015, p. 15)

Segundo o autor, as propostas de educação voltada para o trabalhador rural, surgiram em um momento de grandes transformações política e econômica no cenário nacional. Nesse contexto, o autor revela que na década de 1930, com a crise do sistema capitalista, o Brasil passava por dificuldades econômicas e com prejuízos para os proprietários de terras, produtores agrícolas voltados para a exportação, em especial a cultura cafeeira, sofrendo o enfraquecimento de sua política. (NETO, 2016, p. 15)

Na perspectiva do autor, sobre a concepção de educação do campo, é necessário compreender que, "se o campo não tinha atrativos para seus habitantes, ou se o meio urbano atraía e encantava o trabalhador rural, caberia à sociedade, como um todo, desenvolver mecanismos de retenção do trabalhador no ambiente que este julgasse mais adequado". (NETO, 2016, p. 19)

O autor explica que nas escolas rurais, já havia a defesa de uma implantação de cursos de ruralismo, visando ser agregado ao meio rural com uma utilidade direcionada ao homem do campo e sua realidade de vida. Contudo, o contexto histórico de homens e mulheres que habitam as áreas rurais, é carregado de preconceitos. Ainda que seja uma realidade diferente dos habitantes do meio urbano, o contexto rural requer um olhar diferenciado, pois são pessoas com uma forma de viver diferenciada, e que merecem respeito por suas tradições culturais e peculiaridades do seu ambiente.

Nessa perspectiva, há teóricos que defendem uma educação adequada à realidade social dos educandos, respeitando as peculiaridades e a diversidade cultural de cada época. Sobre esse aspecto, o trecho a seguir ressalta:

> A questão primordial das finalidades da educação gira, pois em torno de uma concepção da vida, de um ideal, a que devem conformar-se os educandos, e que uns consideram abstrato e absoluto, e outros, concreto e relativo, variável no tempo e no espaço. Mas, o exame, num longo olhar para o passado, da evolução da educação talvez das diferentes civilizações, nos ensina que o "conteúdo real desse ideal" variou sempre de acordo com a estrutura e as tendências sociais da época, extraindo a sua vitalidade, como a sua força inspiradora, da própria natureza da realidade social. (R. BRAS. EST. PEDAG, 1984, p. 411).

Sob essa ótica, percebe-se que a questão da educação para a vida não é algo novo, perpassando por discussões ao longo dos anos. Assim, como a educação urbana, a educação no

meio rural precisa ser um instrumento construído a partir de um projeto educativo que valorize o sujeito e que compreenda o seu contexto não de forma preconceituosa, mas como homens e mulheres que vivem em seu lugar de maneira a agregar conhecimento para a vida daqueles que transformam a terra.

3.2.1. Considerações sobre a legislação educacional brasileira

Historicamente, a educação no Brasil teve uma trajetória de avanços e importantes conquistas. Ao longo do tempo, os problemas educacionais foram se tornando mais intensos, mesmo diante das discussões da política educacional, como assegura O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova:

> [...] sob a inspiração de novos ideais de educação, é que se gerou, no Brasil, o movimento de reconstrução educacional, com que reagindo contra o empirismo dominante, pretendeu um grupo de educadores, nestes últimos doze anos, transferir do terreno administrativo para os planos político-sociais a solução dos problemas escolares. Não foram ataques injustos que abalaram o prestígio das instituições antigas; foram essas instituições criações artificiais ou deformadas pelo egoísmo e pela rotina, a que serviram de abrigo, que tornara inevitáveis os ataques contra elas. (R. BRAS. EST. PEDAG, 1984, p. 408).

Além do processo de renovação instituído com os novos ideais de educação, nota-se que esta precisava ser utilizada como um instrumento para diminuir a desigualdade social, e suas reflexões sobre questões inerentes ao país podem conduzir o sujeito a um caminho que o possibilite às mesmas condições e oportunidades a partir do processo educacional, pautado na formação. Visto que, surge a necessidade de produzir o pleno desenvolvimento de suas potencialidades, de maneira que cada sujeito seja capaz de agir de forma autônoma e potencialize o seu conhecimento, criando oportunidades adequadas de interação entre a teoria e prática para uma formação mais consistente, perante às condições impostas pelas mudanças constantes da própria sociedade.

Notamos algumas proposições que nortearam a educação e respondem por muitas conquistas percebidas ao longo do tempo, assim como a responsabilidade do Estado em relação ao direito à educação pública, como uma conquista de todo indivíduo e deve ser acessível a todo brasileiro. Como aponta a Figura 04:

Figura 04 - O Estado em face da educação

A educação, uma função essencialmente pública:
Direito de cada indivíduo à educação integral em decorrência do Estado que o reconhece e o proclama. O Estado tem o dever de considerar a educação, na variedade de seus graus e manifestações, como uma função social e eminentemente pública, que é chamado a realizar, com a cooperação de todas as instituições sociais.

b) A questão da escola única:
Assentado no princípio do direito biológico de cada indivíduo à sua educação integral, cabe ao Estado a organização dos meios de o tomar efetivo, por um plano geral de educação, de estrutura orgânica, que torne a escola acessível, em todos os seus graus, aos cidadãos a quem a estrutura social do país mantém em condições de inferioridade econômica para obter o máximo de desenvolvimento de acordo com as suas aptidões vitais.

c) A laicidade, gratuidade, obrigatoriedade e coeducação:
A laicidade, gratuidade, obrigatoriedade e coeducação são outros tantos princípios em que assenta a escola unificada e que decorrem tanto da subordinação à finalidade biológica da educação de todos os fins particulares e parciais (de classes, grupos ou crenças), como do reconhecimento do direito biológico que cada ser humano tem à educação.

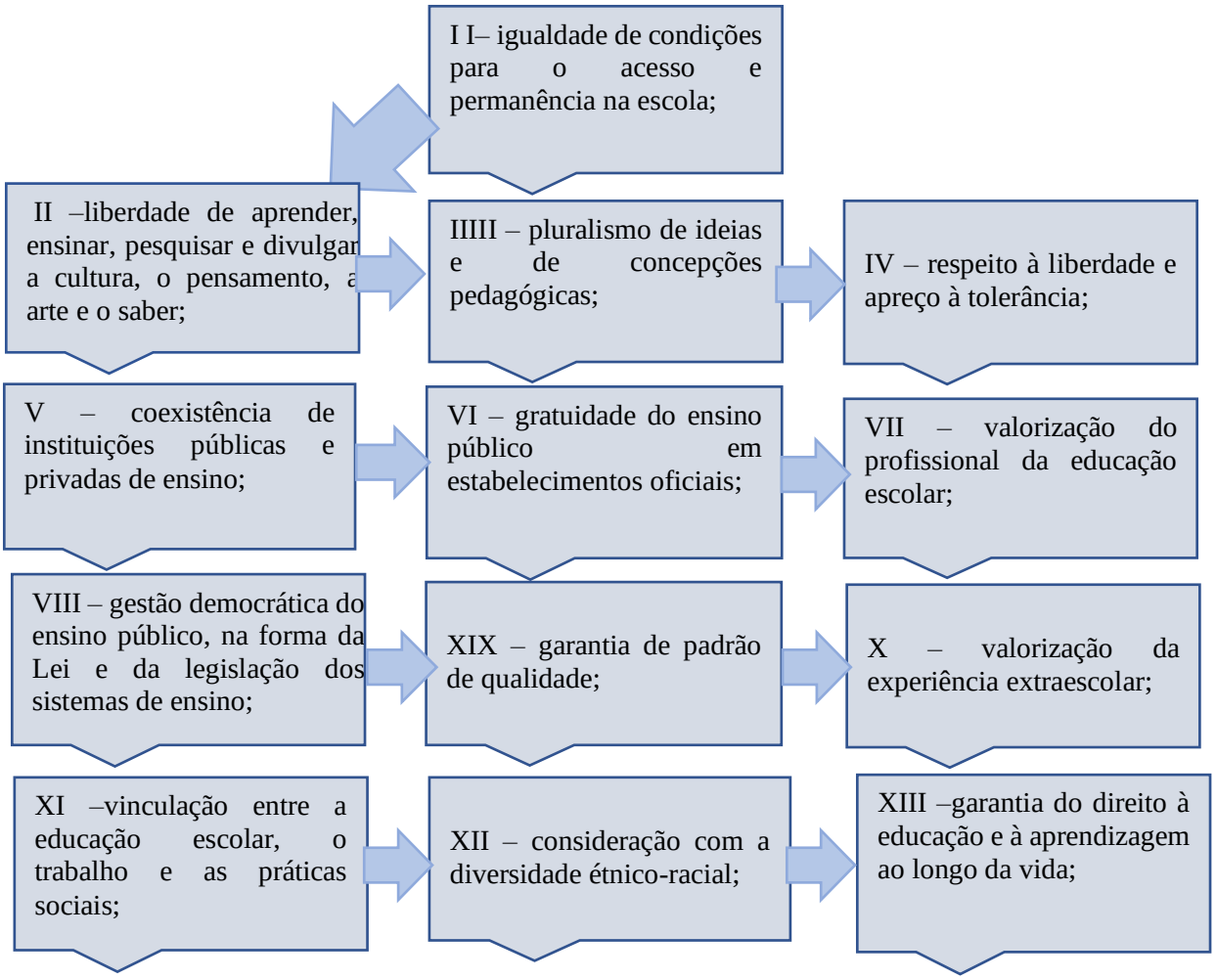
Fonte: R. bras. Est. pedag., Brasília, 65 (150): - 25, maio/ago. (1984)
Elaboração: LIMA, I. P. (2022)

De acordo com a Constituição Federal, cabe ao Estado garantir que esses direitos sejam cumpridos, como retrata o Capítulo III, Seção I – da Educação, Art. 205:

> A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988, p. 124)

Observa-se que a Constituição Federal estabelece que o Estado e a família são responsáveis pela formação do sujeito enquanto cidadão pleno de direitos e preparo para o mercado de trabalho. No entanto, diante da desigualdade vivenciada em nosso país, os direitos constitucionais não são postos em prática nem são respeitados, visto que nem todos tem oportunidades iguais. De acordo a LDBEN (1996), a Figura 05 ilustra os princípios que norteiam o ensino:

Figura 05 – Princípios que norteiam o ensino



Fonte: LDBEN (1996)
Elaboração: LIMA. I. P. (2022)

Em 1996, a LDBEN trazia informações importantes para o funcionamento das instituições de ensino, de forma democrática, com direito à educação ao longo da vida, respeito, tolerância e valorização dos profissionais que fazem parte da educação, como podemos notar na figura anteriormente apresentada.

A LDBEN 9.394/1996 aborda em seu Título II – Dos Princípios e Fins da Educação Nacional: Art. 2º - A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tendo por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, e seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. A garantia desses direitos é responsabilidade do poder público, que deve cumprir com esses princípios. No entanto, no cenário da educação brasileira é perceptível o descumprimento com a valorização desses direitos, garantida pela legislação. Conforme Cordiolli (2011):

A legislação educacional e as políticas educacionais podem ser efetivadas na

> medida em que são inter-relacionados os diversos sujeitos educacionais. Assim, as proposições governamentais podem ser boicotadas ou distorcidas em diversas de suas instancias. Da mesma forma, escolas e professores podem construir espaços de autonomia que permitem praticar ações educacionais distintas daquelas propostas pelas políticas educacionais. (CORDIOLLI, 2011, p. 99)

Nesse trecho, podemos notar a importância da educação para a construção de uma sociedade melhor, mais justa e acolhedora, dito isto, percebemos que o trabalho do educador e demais profissionais da educação é de fundamental importância para elevar o sujeito a esse patamar de autonomia. Por isso, todos os sujeitos envolvidos no contexto escolar exercem a função de buscar alternativas para melhor preparar os alunos ao convívio social e, sobretudo, torná-lo um cidadão pleno de direitos.

Em uma das visitas ao arquivo público de Barra do Choça identificamos o Plano de Carreira e Estatuto do Magistério Público Municipal (1998) que foi reestruturado em 2004. Nos documentos, observamos quem são os profissionais de educação, em conformidade com a LDBEN (1996) que estabelece que profissionais que exercem outras funções na escola, são considerados profissionais da educação, assim como o docente.

Observem que nos trechos dos documentos expostos a seguir, os dois Planos de Carreira do Magistério Público Municipal de Barra do Choça (1998 e 2004), estão em conformidade com a LDBEN (1996), estabelecendo-se a composição do quadro de profissionais da educação:

LEI Nº 008, DE 06 DE JULHO DE 1998

> Dispõe sobre o Estatuto e o Plano de Carreira do Magistério Público Municipal de Barra do Choça, Estado da Bahia, e dá outras providências

PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

Artigo 4º. As funções de Magistério compreendem atribuições dos Profissionais do Ensino que atuam nas áreas de **Docência** e as que oferecem **Suporte Pedagógico** direto a tais atividades, incluídas as de Direção ou Administração Escolar, Planejamento, Supervisão, Orientação e Inspeção diretamente nas Unidades Escolares ou nos Órgãos da Secretária Municipal de Educação.

Fonte Arquivo Público Municipal de Barra do Choça, Plano de Carreira (1998). Pesquisa exploratória (2021)

LEI Nº 016, DE 20 DE JANEIRO DE 2004

Dispõe sobre o Plano de Carreira e Remuneração dos Servidores do Magistério Público Municipal de BARRA DO CHOÇA.

O Prefeito do Município de Barra do Choça, Estado da Bahia, no uso de suas atribuições legais, faz saber que a Câmara Municipal decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Capítulo I

DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

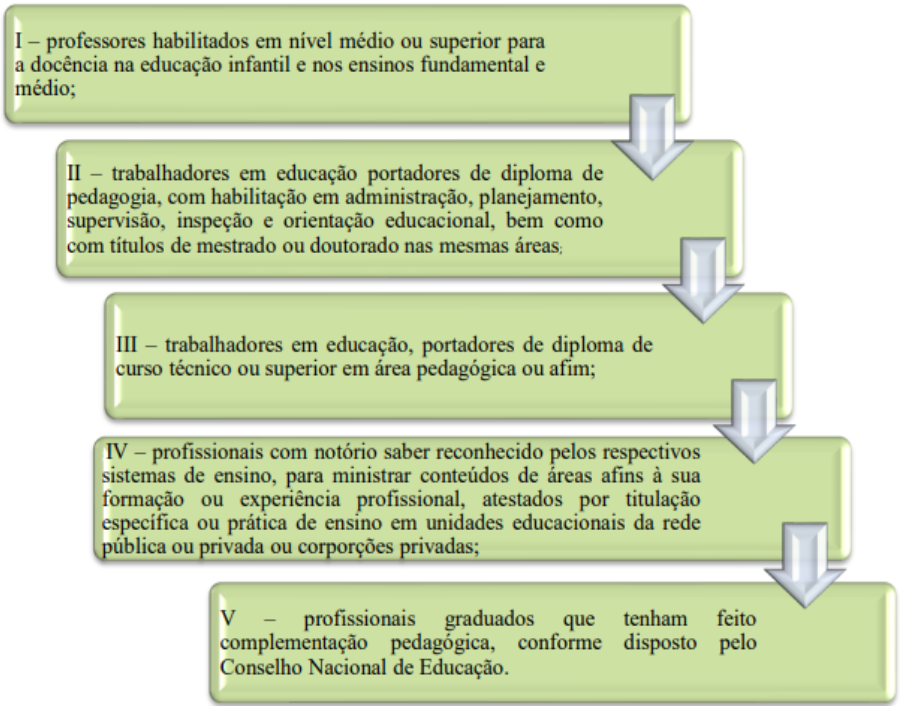
Art. 1º - Esta Lei dispõe sobre o Plano de Carreira e Remuneração dos Servidores do Magistério do Município de Barra do Choça, no Estado da Bahia.

Parágrafo único: Integram o Magistério os profissionais de educação que exercem atividades de docência e os que oferecem suporte pedagógico direto a tais atividades, incluídas as de direção ou administração escolar, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional.

Fonte Arquivo Público Municipal de Barra do Choça, Plano de Carreira (2004). Pesquisa exploratória (2021)

Nos trechos dos documentos apresentados, os profissionais de educação, são todos aqueles profissionais que fazem parte do quadro de funcionários do Magistério. Considera-se, ainda como profissionais, não somente docentes, como também: pedagogos, agente de portaria, secretário, merendeira, auxiliares de serviços gerais, auxiliares de pátio, entre outro que prestam serviços nas unidades de ensino ou nas secretarias de educação. Segundo a LDBEN (1996):

FIGURA 06 - Profissionais de Educação



Fonte: LDBEN (1996). **Elaboração**: LIMA, I. P. (2022)

Vale lembrar que em nossa pesquisa, além dos professores ouvimos testemunhos de profissionais da educação que exercem outras funções dentro do ambiente escolar e, não por isso participam menos do processo de educação para a vida e para o ensino aprendizagem.

De acordo com Cordiolli (2011), tanto a LDBEN (1996) como a Constituição Federal (1988), estabelecem alguns princípios básicos do ensino, dentre eles estão a igualdade de condições, a liberdade de aprende e ensinar e a garantia de qualidade, e nos mostram em que condições a educação deve existir no ambiente escolar. Cordiolli (2011) reafirma esta questão, quando aponta no trecho a seguir:

> A Constituição Federal (CF) de 1988 fixou que "a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho" (art. 205). E como finalidade geral, a educação do Brasil deve instituir, segundo a legislação da Constituição de 1988 e da LDBEN de 1996, as condições para que os estudantes tenham "acesso aos níveis mais elevados do ensino da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um" (CF 1988, art. 20, V; LDBEN, art. 4º, V). (CORDIOLLI, 2011, pp. 119/120)

Percebe-se que a LDBEN abre caminho para a construção de um modelo educativo que almeja alcançar o educando como sujeito de sua história. Por outro lado, dentro de um ambiente tão complexo que é a educação e envolve bem mais que a mera transmissão de conhecimentos, já que estamos falando de sujeito sociais e de contextos diversos, o lugar da escola precisa ser acolhedor, dialógico e, sobretudo, propício ao conhecimento e as formações social e humana desses sujeitos. Portanto, a prática aliada ao conhecimento teórico pode ser esse caminho de construção e de transformação, de uma sociedade mais igualitária, baseado no princípio da igualdade social.

Compreende-se que a sociedade passa por constantes transformações nas esferas política e econômica, o que acarretam mudanças nos cenários educacional e social. Segundo Arroyo (2009, pp. 72/73) "O direito coloca a educação no terreno dos grandes valores da vida e da formação humana." O mundo no cenário atual e toda a influência que isso traz para a educação, vem modelando, especialmente, a forma de pensar e agir dos indivíduos. Entre várias questões que remetem esta relação, estão as trajetórias de vida dos educadores e suas metodologias de ensino, e todo o processo que viabiliza a efetivação destas metodologias no ambiente escolar.

O quadro a seguir (Quadro 19), apresenta alguns aspectos sobre da história da legislação brasileira, que concernem acerca do nosso objeto de estudo. Após a leitura de algumas leis no contexto da educação brasileira, percebemos que não há inferência com a educação do meio

rural, exceto em 1959 (Decreto nº 47.251) que versa sobre a implementação da Campanha de Educação Rural e Erradicação do Analfabetismo. No capítulo introdutório, por meio de testemunhos, identificamos a escola, apresentada neste texto como “lugar de memória”. Portanto, buscamos reconstruir sua memória a partir dos profissionais de educação e moradores da comunidade, visto que a escola começou a funcionar na década de 1980, contudo, a primeira escola do Povoado na década de 1970, fato possivelmente relacionado com essa campanha:

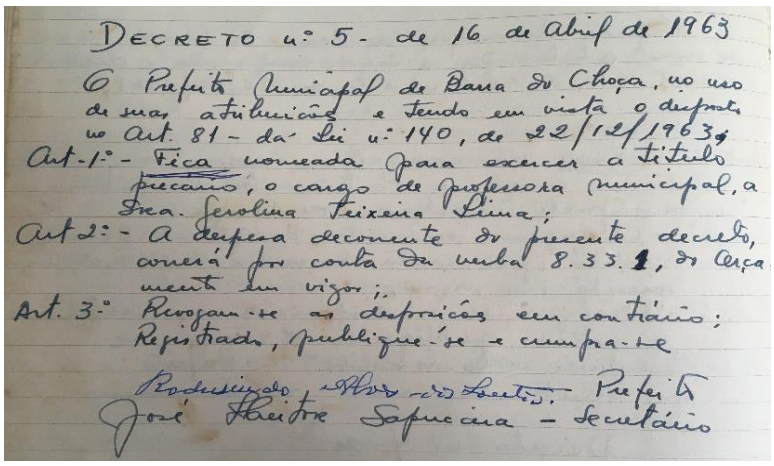
Quadro 19 – Principais pontos da legislação educacional no Brasil no ensino rural

Ano	Principais informações
1930	Criado o Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública com a função de “despacho dos assuntos relativos ao ensino, à saúde pública e à assistência hospitalar” (Decreto nº 19.402, de 14 de novembro de 1930).
1959	No âmbito do Decreto nº 47.251, de 17 de novembro de 1959, são lançadas a I - Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos; II - a Campanha de Educação Rural e III - a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo.
1961	Sancionada em 20 de dezembro de 1961 a Lei nº 4.024, que fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.
1996	Promulgada a Lei de diretrizes e bases da Educação Nacional, (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996), que estabelece normas para todo o sistema educacional, da educação infantil à educação superior, além de disciplinar a Educação Escolar Indígena. A nova LDB substitui a Lei nº 5.692 de 1971 e dispositivos da Lei nº 4.024, de 1961, que tratavam da educação.
2008	Instituído o piso salarial profissional nacional para profissionais do magistério da educ. básica (Lei nº 11.738, de 16 de julho de 2008).
2020	Lançado, em 18 de fevereiro, o programa Tempo de Aprender (Portaria Nº 280) visa o aperfeiçoamento, o apoio e a valorização a professores e gestores escolares.

Fonte: MEC (2020)
Elaboração: LIMA. I. P. (2022)

Mediante os documentos expostos a seguir (Figuras 07 e 08), é possível notar que desde 1963 escolas rurais já funcionavam no município.

Figura 07 – Decreto nº 5 - para contratação de professor -1963


DECRETO nº 5 - de 16 de abril de 1963

O Prefeito Municipal de Barra do Choça, no uso de suas atribuições e tendo em vista o disposto no Art. 81 - da Lei nº 140, de 22/12/1963;

Art. 1º - Fica nomeada para exercer a título precário, o cargo de professora municipal, a Srta. Jerolina Teixeira Lima;

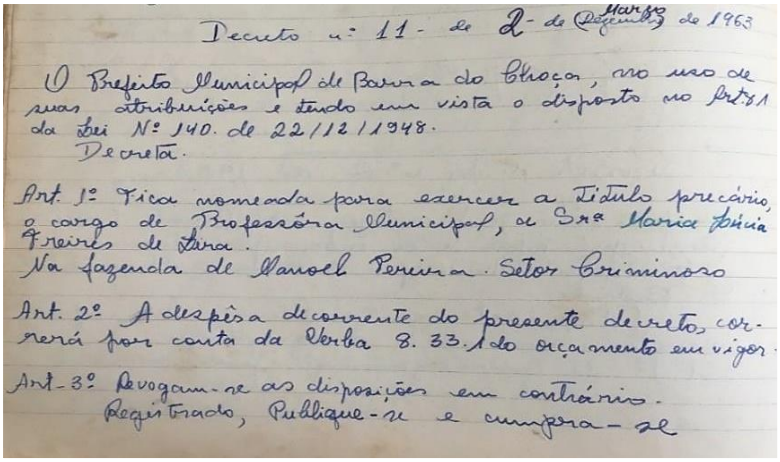
Art 2º - A despesa decorrente do presente decreto, correrá por conta da verba 8.33.1, do Orçamento em vigor;

Art. 3º Revogam-se as disposições em contrário; Registrado, publique-se e cumpra-se

Rodrigues Alves dos Santos - Prefeito
José Heitor Sapucaia - Secretário

Fonte: APMBC (1963).
Pesquisa de campo (2022)

Figura 08 – Decreto nº 11 - para contratação de professor - 1963



Decreto nº 11 - de 2 - de Março de 1963

O Prefeito Municipal de Barra do Choça, no uso de suas atribuições e tendo em vista o disposto no Art. 81 da Lei Nº 140. de 22/12/1948.
Decreta.

Art. 1º Fica nomeada para exercer a Título precário, o cargo de Professôra Municipal, a Srª Maria Lúcia Freires de Lira.
Na fazenda de Manoel Pereira. Setor Criminoso

Art. 2º A despêsa decorrente do presente decreto, correrá por conta da Verba 8. 33. 1 do orçamento em vigor.

Art. 3º Revogam-se as disposições em contrário.
Registrado, Publique-se e cumpra-se

Fonte: APMBC (1963).
Pesquisa de campo (2022)

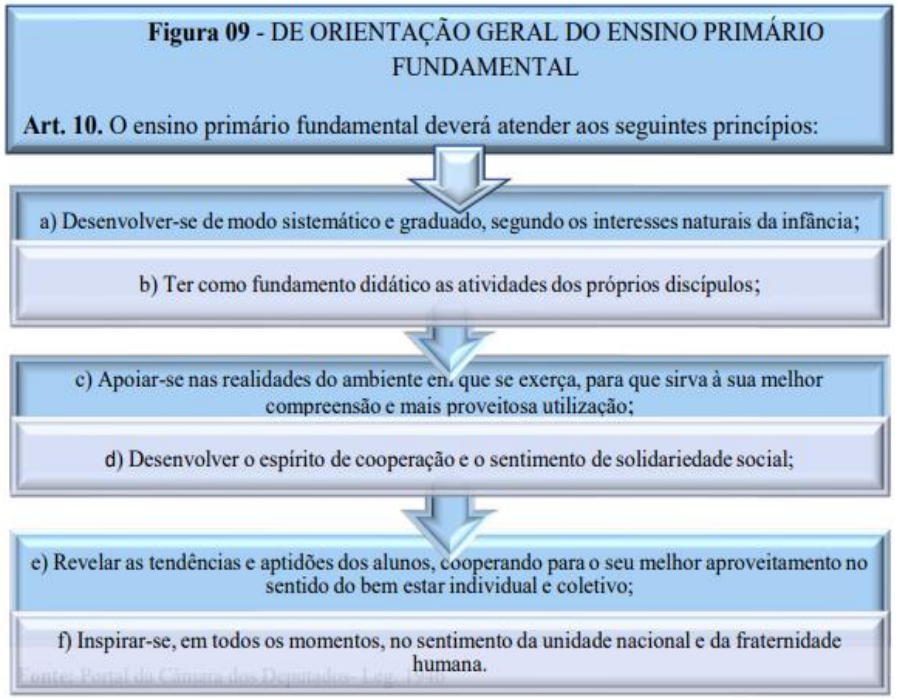
Os registros encontrados mostram que, possivelmente o funcionamento dessas escolas, seja um reflexo da campanha nacional de Educação Rural de 1956. Entretanto, em nosso lugar de memória, a primeira escola passou a funcionar por volta de 1970 (não se sabe a exatidão do ano), o que nos leva a crer que também tem relação com a campanha.

Ressaltamos que foram realizados estudos sobre a legislação educacional brasileira, no entanto, para o contexto deste estudo, buscamos apenas aquelas informações que tinham uma relação direta com o objeto de estudo, a nível de Brasil.

Por meio do quadro, divulgamos informações pontuais sobre a legislação nacional. Conforme Decreto-Lei nº 8.529, de 2 de janeiro de 1946 (Publicação Original Decreto -Lei Nº 8.529, de 2 de janeiro de 1946), e, a partir da atribuição conferida no art. 180 da Constituição, com base nesse Decreto, criou-se a Lei Orgânica do Ensino Primário.

Buscamos estabelecer relação com nosso objeto de estudo, por se tratar de uma escola, apresentamos alguns aspectos da educação brasileira, pois apresenta características pontuais e relevantes ao ensino primário. Essas informações estão presentes na Figura 09, que revela alguns princípios que orientam o ensino primário fundamental, baseados no Art. 1º da Lei de 8.529 de 1946.

Nesta imagem, podemos destacar pontos que se adequam ao ensino proposto nas escolas rurais, como forma de compreensão do ambiente que o sujeito está inserido, como um ambiente propício para a aprendizagem e para a vida, sendo o conhecimento construído a partir de suas experiências e vivências coletivas e com os elementos que o lugar lhe propicia para o seu desenvolvimento.



Fonte: Portal da Câmara dos Deputados - Leg. (1946)
Elaboração: LIMA. I. P. (2022)

Notamos ainda que, independentemente do espaço em que os alunos pertençam, seus ideais, suas aptidões e seus valores devem ser respeitados no contexto educativo, para uma aprendizagem que tenha sentido e possa servir de base para a condução de sua vida na sociedade.

3.2.2. Um olhar sobre a Educação na Bahia

Assim como nos estudos realizados sobre a legislação brasileira, apropriamo-nos de informações acerca da legislação educacional na Bahia. Entretanto, buscamos informações que condizem ou estabelecem alguma relação com o nosso objetivo de estudo. Em 1905, por exemplo, com a criação do ensino profissional com escolas práticas no Instituto Baiano de Agricultura, percebe-se uma leve relação com a educação no meio rural. Já em 1946, destacamos o secretariado de Educação sob o comando do educador baiano Anísio Teixeira à frente da secretaria de Educação, um dos expoentes do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932). Em 1964, há uma relação com nossa pesquisa, pois foi o momento em que o país passou a ser governado por militares, período que está associado com nosso lugar de memória, visto que a instituição recebeu o nome do último governo militar no Brasil. Pontuamos considerações acerca da legislação, com o intuito de visualizar fatos que são

necessários para o reconhecimento do objeto de estudo. Identificamos por meio da Lei nº 1.962, de 16 de setembro de 1963, revogada pelo art. 116 da Lei nº 2.463, de 13 de setembro de 1967 (Lei Orgânica do ensino), em seu Cap. I, os princípios e os métodos da Educação e Cultura, estabelecidos no Art. 1º:

> Art. 1º - Os serviços de educação e cultura, inspirados nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana oferecendo a todos os habitantes do Estado da Bahia, sem distinção de raça, crença e convicção política, condição econômica ou social, oportunidades iguais para o desenvolvimento de sua inteligência e personalidade a fim de habilitá-los aos benefícios da civilização, à plena participação nos direitos e deveres da sociedade e às múltiplas e variadas necessidades ocupacionais.(Portal de Legislação do Estado da Bahia, 1967, p. 1)

Com base nos estudos que realizamos, a partir de 1913, o Estado da Bahia passou por várias mudanças e adequações em seu sistema de ensino. Algumas dessas mudanças podem ser identificadas no Quadro 20. Para isto, elencamos dois momentos diferentes do cenário educacional na Bahia, de acordo a proposta de estudo em questão.

Quadro 20 – Algumas considerações sobre a Educação na Bahia

Ano	Principais informações
1946	Novos governadores foram eleitos. Na Bahia, Otávio Mangabeira governou de 10 de abril de 1947 até 31 de janeiro de 1951. Seu secretário de Educação e Saúde foi **Anísio Spínola Teixeira**[3]
1964	O Brasil passou a ser governado por militares a partir 1º de abril, governos baixaram Atos Institucionais cerceando vários direitos dos cidadãos brasileiros.

Fonte: NUNES. A. D'A. (2008)
Elaboração: LIMA. I. P. (2022)

Um dado interessante e que merece destaque, está na Lei nº 1.962-a de 16 de setembro de 1963 (Lei orgânica do ensino), no Capítulo II da Educação de Primeiro Grau, Seção II do Ensino Primário, na página 7, "Parágrafo único - nas escolas isoladas, haverá além da classe, pequena biblioteca escolar e área suficiente para trabalhos agrícolas e atividades sociais."

[3] Anísio Spínola Teixeira nasceu em Caetité- Ba, em 12 de julho de 1900, e faleceu em março de 1971, no Rio de Janeiro. Educador, filósofo, escritor, homem de ação, assumiu a direção da Educação do Estado da Bahia aos vinte e quatro de idade, e promoveu uma reforma que ampliou o escopo da educação do estado. Aos trinta anos foi chamado para dirigir a Educação no Rio de Janeiro, na época Distrito Federal. Estava em curso a Revolução de 30 e Anísio, sentindo o precário quadro da educação no Rio, elaborou um audacioso plano de revigoramento do setor, realizando uma administração que o projetou nacionalmente. Sob o influxo das ideias mudancistas da Revolução de 30 que proeminentes educadores, entre os quais Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira, apresentam à Nação o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, onde sustentam, pela primeira vez no país, que o Estado deve ser o organizador de uma escola, pública, universal, laica, obrigatória e gratuita. O Manifesto inaugurou o projeto nacional da reconstrução educacional. (RETIRADO DA BIBLIOTECA VIRTUAL DA CASA ANÍSIO TEIXEIRA – CAETITÉ – BA)

Ilustramos por meio das imagens e quadros construídos, aspectos sobre a educação, a partir de um panorama da legislação nacional e baiana. O nosso intuito é mostrar de forma objetiva o percurso da educação no Brasil e Bahia, para trazer a realidade do contexto do *locus* da nossa pesquisa. Para isto, foi necessário destacar as informações que, no nosso entendimento deveriam ser expostas nesse estudo, já que se trata da reconstrução da memória de uma escola que começou a funcionar por volta do início da década de 1980, mais que já existia uma escola no Povoado na década de 1970, e passou por dificuldades na época e podem ser rememoradas por profissionais que vivenciaram esse momento e presenciaram de forma direta ou indiretamente, todo o processo de mudanças na legislação educacional. Por isso, salientamos que a memória desses profissionais que passaram por experiências diferentes da realidade atual, foram o ponto de partida para observarmos a memória da escola a partir dessas vivências.

Nesse sentido, buscamos expor, do ponto de vista legal, algumas considerações acerca da educação, uma vez que nossa pesquisa pretende relacionar por meio dos testemunhos, o contexto educativo da unidade escolar e o processo de mudanças ocorrido ao longo do tempo. Portanto, conforme as informações contidas nos quadros e imagens, exibimos uma síntese de períodos dessas mudanças ocorridas no cenário nacional e baiano, para correlacionar com as transformações que também foram presenciadas no *locus* de nossa pesquisa.

4. BARRA DO CHOÇA: UM LUGAR DE MEMÓRIAS CONSTRUÍDAS

No presente capítulo, apresentamos, por meio de fotografias, documentos e testemunhos, informações sobre o processo de construção da EMJBF. Identificamos algumas características de Barra do Choça, as transformações e mudanças no Município**.** Dessa forma, o capítulo será subdivido da seguinte forma:

- Barra do Choça: transformações e mudanças no contexto político e educacional do município;
- A evolução da escola por meio da cafeicultura: abordagem do passado e do presente;
- O lugar de memória para os profissionais da educação e para a comunidade do Cafezal;
- Escola e meio rural: sentido de pertencimento à comunidade.

A EMJBF está localizada em um espaço rural, por isso buscamos memórias desse lugar e seu sentido de pertencimento para os sujeitos da pesquisa. As entrevistas nos deram suporte para a compreensão do significado do lugar para a comunidade do Cafezal, evidenciando sua relação com a Escola. Salientamos que as entrevistas semiestruturadas, com abordagem qualitativa, foram organizadas de forma que os sujeitos se sentissem à vontade para responderem às questões acerca da memória do lugar.

No decorrer da pesquisa, identificamos o perfil de cada pessoa que conversamos, assim foi possível percebermos se havia ou não interesse e compatibilidade com as características dos sujeitos que buscávamos para esse estudo. Notamos o interesse e a disposição de cada um em contribuir com essa pesquisa, por isso, foram observados as palavras, gestos, olhares para detectar os detalhes expostos e que poderiam compor essa memória. Nesse sentido, a cada visita que fazíamos a comunidade do Cafezal e à Escola, verificávamos constantes novidades, um fato que, ainda que corriqueiro, correlacionava-se com as muitas informações obtidas. A partir dessas informações, construímos o perfil dos sujeitos da pesquisa.

Ressaltamos que foram criados codinomes para os participantes da pesquisa por meio do significado acerca da escola, bem como para manter o sigilo quanto a sua identidade. As respostas foram interessantes, pois os mesmos faziam referência ao sentimento e às lembranças por esse lugar, pois "[...] a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada." (HALBWACHS, 1990, p. 71). Os docentes, por exemplo, deram respostas que se relacionavam à profissão, como **Crianças, Aprendizagem** e **Esperança**. Enquanto os profissionais de educação, não docentes, escolherem ser chamados por **Saudade**, **Amizade e Educação**, que

tem relação com o ambiente de trabalho e vale lembrar que todos eles residem na comunidade do Cafezal. Quanto aos moradores da Comunidade preferiram as denominações: **Recordação, Amor e Recomeço**, palavras que indicam o sentimento que eles têm pelo Povoado e representam o passado por eles vivenciado. Para conhecer melhor o perfil de cada um, no Quadro 21, apresentamos algumas características sobre estes sujeitos sociais, de acordo com a idade, tempo de trabalho na escola ou tempo que reside no Povoado Cafezal:

Quadro 21 – Características dos sujeitos da pesquisa

Sujeitos sociais da Pesquisa		
Profissionais da Educação (docentes)	Codinomes	Idade e tempo no lugar de memória
Professor dos anos iniciais	Aprendizagem	55 anos, 34 anos de trabalho (1988)
Professora dos anos iniciais	Esperança	52 anos, 30 anos de trabalho (1992)
Professora dos anos iniciais (aposentada)	Crianças	67 anos, lecionou na primeira Escola do Povoado Cafezal em 1977, 1978 e 1979
Profissionais da Educação (não docentes)	Codinomes	Idade e tempo no lugar de memória
Auxiliar de pátio	Amizade	55 anos, 35 anos de trabalho (1987)
Auxiliar da cantina (aposentada)	Saudade	63 anos, 38 anos de trabalho (1983)
Auxiliar de sala de leitura	Educação	55 anos, 21 anos de trabalho (2001)
Moradores da Comunidade	Codinomes	Idade e tempo no lugar de memória
Morador da comunidade	Recordação	86 anos, chegou no Cafezal por volta de 1975 (47 anos)
Moradora da comunidade	Amor	83 anos, chegou no Cafezal por volta de 1975 (47 anos)
Morador da comunidade	Recomeço	59 anos, chegou no Cafezal por volta de 1983 (39 anos)

Fonte: Pesquisa de campo (2022)
Elaboração: LIMA, I. P. (2022)

Ressaltamos que os dados acima foram expostos para melhor visualização e informação do perfil dos sujeitos. As análises dos testemunhos se deram por meio da criação de categorias analíticas, para melhor entendimento dos testemunhos, relacionando-os à tais categorias, e para facilitar a leitura. Informamos que as tabelas estão nos anexos desse estudo.

Para atingirmos o objetivo proposto foi realizada a busca por fontes documentais que contenham informações, bem como testemunhos, imagens, documentos oficiais para análise e escrita do quarto capítulo desta dissertação. Por meio de tais aspectos e elementos foram consideradas as seguintes categorias analíticas:

- O processo de criação da escola;
- A motivação para a criação da escola;

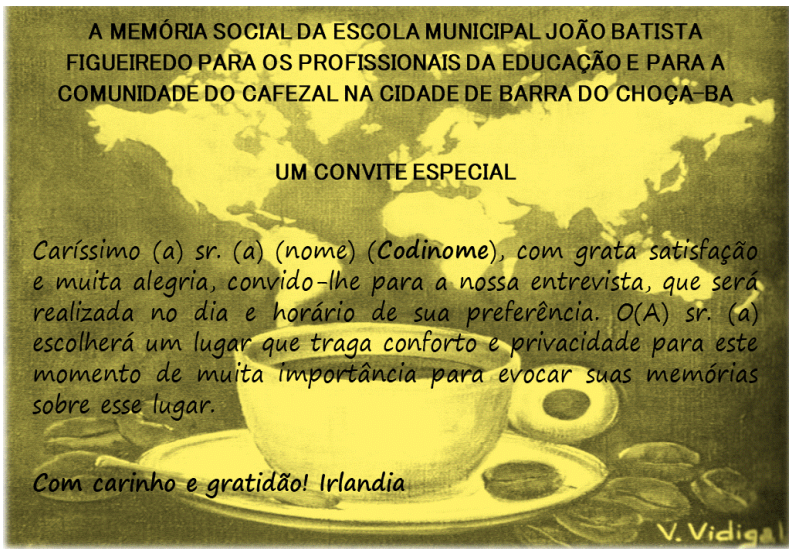
- Os sujeitos que participaram do processo de criação e implementação da escola.

Além das categorias analíticas construídas a partir do objetivo: Identificar por meio de documentos, fotografias e outros elementos, mecanismos relevantes sobre a criação e implementação da escola na comunidade do Cafezal, por meio da entrevista, com o intuito de obter informações acerca da escola, com base nos testemunhos dos sujeitos sociais da pesquisa, elaboramos as seguintes questões semiestruturadas que nortearam nossas entrevistas:

1. Evocando suas memórias sobre a formação da Escola, em que cenário a instituição começou a funcionar no Povoado Cafezal?
2. Quais participantes colaboraram para esse processo?
3. Em que condições a instituição foi implementada?
4. No período inicial de seu funcionamento, quais eram as dificuldades encontradas na escola pelos profissionais e pela comunidade local?
5. Como era a escola, nessa época?

Após a elaboração do instrumento para coleta de dados, construímos um convite, conforme o modelo apresentado na Figura 10, para que os participantes sugerissem a data, horário e lugar de sua preferência para entrevista, com intenção de manter o conforto, a credibilidade e a privacidade no decorrer da entrevista.

Figura 10 - Convite aos sujeitos da pesquisa



Fonte: Pintura da artista plástica Valéria Vidigal (2010).
Elaboração: LIMA, I. P. (2022)

O convite foi entregue pessoalmente, para que eles se sentissem valorizados e compreendessem a importância dos seus testemunhos para a construção desse estudo, bem como a relevância dessa pesquisa para a comunidade escolar e para a Comunidade do Cafezal.

As entrevistas ocorreram individualmente, no mês de setembro de 2022, nos turnos matutino e vespertino, de acordo com a disponibilidade dos nossos sujeitos. Ressaltamos que, anterior ao período das entrevistas, visitamos os sujeitos da pesquisa para que eles se sentissem à vontade quanto a evocação de suas memórias e tomasse conhecimento do Termo de Consentimento e Livre e Esclarecido (TCLE).

No próximo tópico, serão apresentadas informações acerca do Município de Barra do Choça, com abordagem sobre algumas de suas características, principalmente sobre a cafeicultura e a educação municipal.

4.1. Barra do Choça: transformações e mudanças no contexto político e educacional do município

O município de Barra do Choça está localizado na região Sudoeste do Estado da Bahia. Fica situado a 27 km de Vitória da Conquista e a 524 km de Salvador, capital do Estado. Sua população estimada em 2021 era de 30.831 habitantes, de acordo com dados do IBGE. Sua área é de 778.335 km², com altitude em torno de 900 m. Buscamos informações de Barra do Choça, disponíveis do Plano Diretor Urbano de 1978, que evidenciam o contexto do município na época. No Arquivo Público Municipal, identificamos uma foto de quando Barra do Choça ganhou status de município (Figura 11), com sua emancipação política.

Figura 11 – Emancipação política de Barra do Choça

Fonte: Arquivo Público de Barra do Choça (Lei. nº 1.694 de 22/06/1962)
Pesquisa de campo (2022)

O processo de emancipação política se deu em um contexto conduzido por políticos locais e de Vitória da Conquista. Como apresentam Gomes, Novais e Oliveira (2012):

> Os principais motivos que conduziram à emancipação política de Barra do Choça estão ligados aos interesses de grupos político-partidários de Vitória da Conquista e de Barra do Choça. O município iniciou de fato a sua vida política em 1962, com sua emancipação de Vitória da Conquista. Nesse momento, conquista a sua autonomia política de forma que a população poderia escolher seus representantes do executivo e do legislativo. Seria governada a partir desse momento por pessoas da própria localidade e não por Vitória da Conquista. No período de 1963 (posse do primeiro prefeito) a 1982 (auge da lavoura cafeeira em Barra do Choça), o município foi governado pelos seguintes prefeitos: Roduzindo Alves dos Santos, Francisco Xavier de Amorim Primo, Florival Silva Amorim e Israel Tavares Viana (GOMES; NOVAIS; OLIVEIRA, 2012, p. 106).

No entanto, ainda de acordo com Gomes, Novais e Oliveira (2012), mesmo com a emancipação, Barra do Choça, inicialmente permaneceu com os mesmos problemas, como a pobreza que pairava sobre a cidade, e ainda sofria com a falta de infraestrutura, visto que a população necessitava de saneamento básico, rede elétrica, fornecimento de água e escolas para atender o público. O município ainda permaneceu dependendo economicamente da cidade de Vitória da Conquista.

As mudanças no município só começaram a surgir em 1970, quando a lavoura cafeeira começou a despontar na região. Nesse contexto, houve um grande fluxo populacional em Barra do Choça, já que pessoas de outras regiões começaram a vir em busca de emprego nas lavouras do café, devido a oferta de mão de obra. Assim, a produção cafeeira foi substituindo a pecuária e a produção de subsistência (GOMES; NOVAIS; OLIVEIRA, 2012). Encontramos no livro Café a saga de um herói de Lêda Nova e Valéria Vidigal (2010), informações sobre a chegada do café no Brasil, que pode ter acontecido ainda no século XVIII, como mostra o trecho:

> O café foi trazido ao Brasil, mais precisamente para Belém do Pará, pelo oficial luso-brasileiro, sargento-mor Francisco de Mello Palheta, no ano de 1727, quando a produção cafeeira só era permitida em colônias europeias. Conta-se que, a pretexto de tratar de questões fronteiriças, Palheta foi à Guiana Francesa, ficou íntimo da esposa do governador de Caiena e voltou ao Brasil com sementes de Café Arábica, clandestinamente escondidas no vaso de planta presenteado por Madame D'Orvilliers. (NOVA; VIDIGAL, 2010, p. 163)

Logo, segundo as autoras, o produto pode ter chegado primeiro na região Norte, sendo levado para o Nordeste pelo estado do Maranhão, Ceará, Pernambuco e Bahia, até chegar, em 1773 no Rio de Janeiro. Sua expansão se deu em 1.825 no Vale do Paraíba, alcançando os

estados de São Paulo e Minas Gerais e, logo após no Paraná, dando início a um novo ciclo econômico no país (NOVA; VIDIGAL, 2010, p. 163). A Figura 12, refere-se a uma fazenda de café da região de Barra do Choça.

Figura 12- Fazenda produtora de café no município

Fonte: Arquivo Público Municipal de Barra do Choça (S/ANO)
Pesquisa de campo (2022)

Os trechos do Plano Diretor Urbano (PDU) de 1978, apresentados ao longo do texto, versam sobre as informações acerca de Barra do Choça, na intenção de mostrar algumas características do município, como complemento aos testemunhos dos sujeitos entrevistados.

Sobre as características da educação do município, conforme visitas ao APMBC (2022) para a análise documental, encontramos algumas informações referentes a educação municipal, contidas no Plano Diretor Urbano de 1978, apresentadas nas citações a seguir:

> Há dois grupos escolares em funcionamento, nove postos de Mobral e uma biblioteca. O Grupo Escolar, Antônio Carlos Magalhães está localizado na rua Régis Pacheco, e o Leonídio Oliveira se encontra junto à praça Senhor do Bomfim, localizações que propiciam raios de atendimento dentro do limite da influência quanto a percurso para escolas do 1º grau (400 metros). Os dois Grupos Escolares têm facilidade de acesso, e está em fase de construção outro no Bairro Bela Vista. (Barra do Choça, PDU, 1978, p. 92)

Observamos no trecho do documento, a existência de dois grupos escolares na sede do município de Barra do Choça, e outra escola em construção. Vale ressaltar que o documento mostra que as escolas foram construídas num perímetro urbano que facilite o acesso dos alunos. Também notamos que na época havia uma biblioteca no município.

Os dados do PDU, retratam que o número de alunos frequentes é menor que a quantidade de vagas disponíveis nas escolas. O documento traz a precariedade de funcionamento das

escolas que atendem alunos das primeiras séries. Outro dado relevante é a construção de um ginásio no município, visando atender 280 alunos, porém, segundo o documento, o número de alunos era superior ao número de vagas. De acordo as informações do documento, mesmo com a existência do curso Mobral, que atendia na época cerca de 250 alunos, somados aos alunos do município, é maior que o de vagas ofertado. Vale lembrar que o Mobral foi criado para erradicar o analfabetismo de jovens e adultos.

> Em 1978, temos 400 alunos, ou pouco mais, frequentando o 1º grau. O número de vagas ocupadas não é equivalente ao número de vagas disponíveis, se bem que as disponíveis se limitam às últimas séries, onde a maioria dos alunos não consegue chegar. Nas primeiras séries não existem vagas, sendo flagrantes as condições precárias em que funcionam. O ginásio local, em construção pretende oferecer 280 novas matrículas. Em 1981, entretanto, os habitantes urbanos entre 5 a 14 anos já serão 1.328 pessoas (1.495 em 1982). A soma das 400 vagas iniciais às 280 futuras fica longe de abranger este número. Mesmo acrescentando-se (o que é inadequado) as 250 vagas de Mobral encontradas em 1978 e não descontadas no déficit, e mesmo que tais vagas de alfabetização muito elementar cresçam, o estado deficitário continuará. (Barra do Choça, PDU, 1978, pp.57/58)

As informações obtidas no PDU (1978) são interessantes, visto que apresentam uma característica das escolas rurais da época, informando que as escolas situadas na zona rural, na década de 1970, funcionavam basicamente com apenas uma classe (sala de aula). Outro dado que merece destaque, é o número muito alto de alunos das escolas rurais, cerca de 822 estudantes da 1ª série (ensino fundamental). Na época, eram 23 professoras em escolas rurais. Dos 753 alunos matriculados em escolas rurais, de acordo com o Anuário Estadual de 1974, cerca de 603 eram aprovados. Isso se deve, principalmente, pela evasão escolar.

> Salvo a situação de duas escolas, onde há duas classes de alunos em cada, todas a unidades educacionais rurais se limitam a manter uma única classe. A população estudantil feminina é de 397 alunas, e a masculina de 425. Isto quer dizer que na zona rural foram censiados 822 estudantes da 1ª série do 1º grau. Ao número de uma por escola, existem 23 professoras em toda rede escolar rural. Os dados de 1974 ao Anuário Estatístico da Bahia, por outro lado, apontam uma população estudantil de 753 alunos (matriculados no início do ano). O crescimento em quatro anos, da população estudantil, é de 67 alunos, 8,8%. As reprovações, em 1974, atingiram 150 alunos, ou 19,9%. (Barra do Choça, PDU, 1978, p. 50)

Notamos no trecho, referente ao PDU de 1978, algumas informações importantes sobre a educação municipal da época, é o grau de instrução dos chefes de família. Conforme o PDU, os chefes de família da época, em sua maioria, não possuíam nenhuma instrução formal. Um percentual bem pequeno apenas estudara a 3ª ou 4ª séries.

> Dados da pesquisa feita junto às unidades domésticas apontam que 58% dos chefes de família, maioria absoluta, na época não tinham nenhuma instrução formal, não tiraram nem a 1ª série do 1º grau. Com a 3ª ou 4ª séries, os mais altos graus de instrução alcançados, só existem 10% dos chefes de família. Resta observar que não se tem informação da instrução dos chefes de famílias de 14% das unidades domiciliares pesquisadas. (Barra do Choça, PDU, 1978, p.50)

Ao analisarmos outras informações contidas no PDU (1978), notamos o detalhamento da construção do primeiro ginásio de Barra do Choça, para atender aos alunos que concluíssem a 4ª série (hoje 5º ano). Uma obra construída pelo governo do Estado, mas com a parceria com o município para o pagamento dos professores, atendendo por volta de 280 alunos.

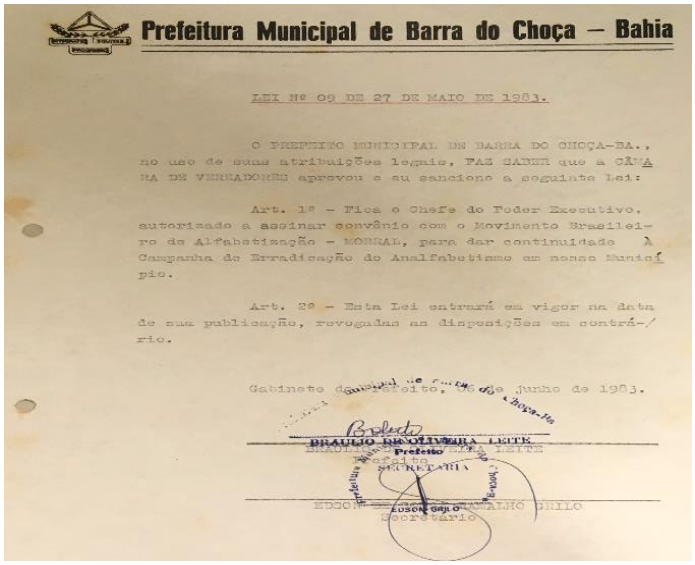
> Estão adiantadas as obras de construção de um prédio escolar no Bairro Ipanema, que será utilizado como ginásio local. A construção é financiada pelo Governo Estadual, sendo previstas quatro salas de aula, diretoria, secretaria, área livre, sanitários e demais dependências afins. O ginásio, quando concluído, atenderá a uma população de aproximadamente 280 alunos, distribuídos nos turnos matutino e vespertino, respectivamente. Serão ocupados oito professores, cujo pagamento caberá à Prefeitura e ao Estado. Há perspectiva de que o ginásio venha a ser beneficiado pelo programa de merenda escolar e seus alunos utilizarão a Biblioteca Municipal, porque não há unidade desse porte no plano da obra. (Barra do Choça, PDU, 1978, p. 51)

Conforme a análise documental no Arquivo Público Municipal, encontramos a autorização da Câmara de Vereadores de 1971, para que a prefeitura assinasse convênio com o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) em Barra do Choça, sendo um projeto nacional de erradicação do analfabetismo de jovens e adultos, ganhando reforço para continuidade de seu funcionamento em 1983, em Barra do Choça. (Figura 13).

045	07 de maio de 1971	Autoriza o Executivo a celebrar convênio com o MOBRAL e dá outras providências.	Câmara Municipal

Fonte: Arquivo Público Municipal de Barra do Choça (1971)
Pesquisa de Campo (2022)

Figura 13– Documento de convênio com o Mobral



Prefeitura Municipal de Barra do Choça – Bahia

LEI Nº 09 DE 27 DE MAIO DE 1983.

O PREFEITO MUNICIPAL DE BARRA DO CHOÇA-BA., no uso de suas atribuições legais, FAZ SABER que a CÂMARA DE VEREADORES aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º – Fica o Chefe do Poder Executivo, autorizado a assinar convênio com o Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL, para dar continuidade à Campanha de Erradicação do Analfabetismo em nosso Município.

Art. 2º – Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Gabinete do Prefeito, 06 de junho de 1983.

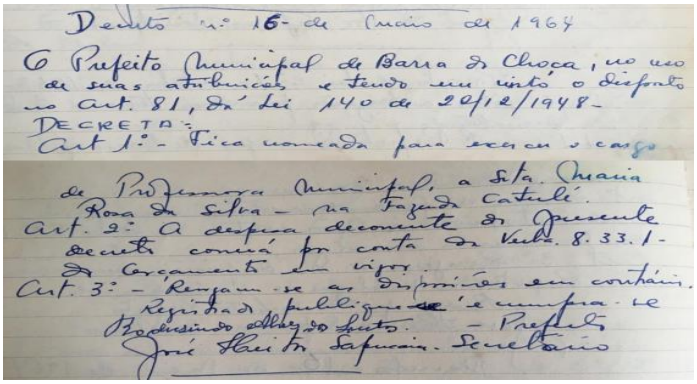
BRAULIO DE OLIVEIRA LEITE
Prefeito

EDSON GRILO
Secretário

Fonte: Arquivo Público de Barra do Choça (1983). Pesquisa de campo (2022)

Dentre os documentos encontrados, além dos citados anteriormente sobre a inserção do Mobral no município, no APMBC, identificamos decretos de contratação e exoneração de professores das escolas rurais. Para melhor compreensão da educação rural, destacamos dois desses decretos de professores que trabalhavam nessas escolas em Barra do Choça (Figuras 14 e 15). Um desses decretos de contratação de professor, refere-se ao ano de 1964 (Figura 14). Nele foi identificada uma escola que funcionava na região denominada de Catulé, na zona rural do município de Barra do Choça. Vale ressaltar, que na década de 1970, a região do Cafezal era conhecida como Fazenda Palmeira da Boa Vista, mais tarde recebeu o nome de Catulé, e a primeira escola do Povoado Cafezal foi denominada de Castro Alves pela professora que lecionava nesta escola, já que a escola não tinha nome. Contudo, segundo informações que obtivemos dos nossos entrevistados, essa Escola Castro Alves funcionava próxima a região que hoje conhecemos como Povoado Cafezal (1960 - 1970), e não se trata da primeira escola do Cafezal, pois a mesma só começou a funcionar neste Povoado a partir da década de 1970.

Figura 14 – Decreto nº 16 para contratação de professor - 1964



Decreto nº 16 - de Maio de 1964

O Prefeito Municipal de Barra do Choça, no uso de suas atribuições e tendo em vista o disposto no Art. 81, da Lei 140 de 20/12/1948 -

DECRETA:

Art 1º - Fica nomeada para exercer o cargo de Professora Municipal, a Srta. Maria Rosa da Silva - na Fazenda Catulé.

Art. 2º A despesa decorrente do presente decreto correrá por conta da Verba 8.33.1 - do Orçamento em vigor.

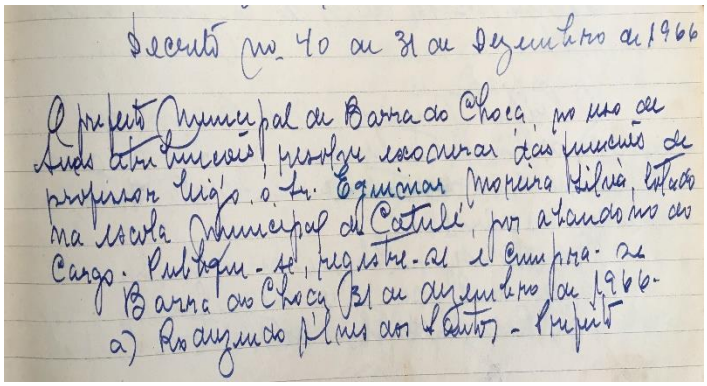
Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário. Registrado, publique-se e cumpra-se

Prefeito

José Heitor Sapucaia - Secretário

Fonte: APMBC (1964). Pesquisa de campo (2022)

Figura 15 – Decreto nº 40 - para exoneração de professor - 1966



Decreto nº 40 de 31 de Dezembro de 1966

O prefeito Municipal de Barra do Choça, no uso de suas atribuições, resolve exonerar das funções de professor leigo, o Sr. Eguimar Moreira Silva, lotado na escola Municipal de Catulé, por abandono do Cargo. Publique-se, registre-se e cumpra-se.
Barra do Choça 31 de dezembro de 1966.
a) Rodrigues Alves dos Santos - Prefeito

Fonte: APMBC (1966).
Pesquisa de campo (2022)

Para melhor contextualização da educação em Barra do Choça, buscamos informações na Secretaria de Educação do Município e da Secretaria das Escolas do Campo, no dia 24 de maio de 2022. Conforme informações obtidas, a distribuição das escolas municipais, urbana e rural, bem como o número de alunos: Barra do Choça possui um total 45 Escolas, sendo 34 localizadas na zona rural e 11 na zona urbana, com demanda maior das escolas rurais. Segundo o censo 2022, o município conta com 7.785 alunos matriculados, divididos da seguinte forma: 46 turmas de Pré Escola; 42 turmas de Creche; 123 turmas do ensino fundamental, anos iniciais; 29 turmas de salas multisseriadas (algumas funcionando da Pré Escola ao 5º ano, outras com 2 anos na mesma sala); 06 turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Nos anos finais as turmas são divididas em: 33 turmas de 6º ano, 27 turmas de 7º ano, 27 turmas de 8º ano e 19 turmas de 9º ano. O Quadro 22, sobre as escolas municipais apresenta o seguinte cenário:

Quadro 22 – Informações sobre as Escolas Municipais de Barra do Choça

Quantitativo de alunos nas Escolas Municipais		
Escolas		Número de alunos
01	Escola Municipal Antônio Carlos Magalhães	365
02	Escola Municipal Adeliêta Ramalho	428
03	Centro Educacional de Barra do Choça	1.065
04	Centro Educacional de Barra Nova	485
05	Centro Educacional Professor José Xavier de Amorim Primo	403
06	Centro Educação Infantil Cantinho da Criança	274
07	Creche Municipal Eurides Marques do Nascimento	109
08	Creche Fidelis Pereira de Souza	83
09	Creche Municipal Joana Viera Rocha	81
10	Centro Municipal de Educação Infantil Sheila Teixeira Oliveira	341
11	Unidade de Ensino Municipal Conveniada Francisco de Assis Amorim Bomfim	355
12	Escola Municipal Teódulo Leite	249

Continua

Conclusão

Quantitativo de alunos nas Escolas Municipais		
13	Escolas do Campo Nucleadas I*	417
14	Escolas do Campo Nucleada II*	476
15	Escola Municipal Francisco Amorim	489
16	Escola Municipal João Batista Figueiredo	410
17	Escola Municipal Professor Jorge Delano	118
18	Escola Municipal Professor Josenildo Leite	232
19	Centro Educacional Manoel Ramos	86
20	Escola Municipal Maria da Glória Amorim Côrtes	362
21	Escola Municipal Marlene Santana	482
22	Escola Municipal Emiliano Zapata	387

Fonte: Secretaria Municipal de Educação e Secretaria das Escolas do Campo (2022)
Elaboração: LIMA, I. P. (2022)

De acordo com os dados fornecidos pela Secretaria das Escolas do Campo, do ensino fundamental dos anos iniciais, o número de matrículas chegou a 1050 alunos. Conforme as informações da Secretaria Municipal de Educação (2022), todas as escolas do município que não se localizam na sede são denominadas de Escolas da Zona Rural. Segundo dados da Secretaria das Escolas do Campo, as escolas se subdividem em 2 grupos, denominadas de Núcleo Escolar Integrado I e II (*NEI I e *NEI II), referente ao agrupamento de escolas de acordo com sua localização, e tem duas direções. Contudo, existem outras escolas que não se localizam no perímetro urbano, são consideradas escolas rurais e cada uma delas possui direção própria. As escolas rurais estão distribuídas da seguinte forma:

Quadro 23 -Escolas Rurais de Barra do Choça classificadas de acordo à localização

Escolas Municipais da Zona Rural – Ensino Fundamental Anos Iniciais	
*Núcleo Escolar Integrado I (NEI – I)	*Núcleo Escolar Integrado II (NEI – II)
Escola Municipal Ana Nery	Escola Municipal Elzita Fernandes
Escola Municipal Duarte da Costa	Escola Municipal José Bonifácio
Escola Municipal Edvaldo Flores	Escola Municipal Juliana
Escola Municipal Idália Galdino Costa	Escola Municipal Presidente Médici
Escola Municipal Joana Angélica	Escola Municipal e Creche Rogério Gusmão
Escola Municipal Monteiro Lobato	Escola Municipal Santa Rita
Escola Municipal Olavo Bilac	Escola Municipal e Creche Vieira de Melo
Escola Municipal Osvaldo Cruz	Escola Municipal José Clemente
Escola Municipal Otávio Mangabeira	Escola Municipal Santo André
Escola Municipal Manoel Mares	Escola Municipal Santa Terezinha
Escola Municipal Régis Pacheco	
Escola Municipal Santo Antônio	
Escola Municipal Adelmário Pinheiro*	
Creches Situadas na Zona Rural	
Creche Izaulina Rodrigues (NEI – I)	Creche Delça Silva Cruz (NEI – I)
Creche Vieira de Melo (NEI – II)	Creche Rui Barbosa (NEI – II)

Fonte: Secretaria das Escolas do Campo (2022). **Elaboração:** LIMA, I. P. (2022)

Quadro 24 – Escolas e Creches localizadas na zona rural de Barra do Choça

Escolas e Creches Localizadas na Zona Rural – Ensino Fundamental Anos Iniciais	
Escola Municipal Marlene Santana	Creche Fidélis Pereira de Souza
Creche Eurides Marques do Nascimento	
Escolas Localizadas na Zona Rural – Ensino Fundamental Anos Finais	
Centro Educacional de Barra Nova Escola	Escola Municipal Emiliano Zapata
Escola Municipal João Batista Figueiredo	Escola Municipal Professor Jorge Delano
Municipal Professor Josenildo Leite	Centro Educacional Manoel Ramos

Fonte: Secretaria Municipal de Educação (2022)
Elaboração: LIMA, I. P. (2022)

Ainda de acordo as informações obtidas na Secretaria das Escolas do Campo (2022), algumas escolas situadas na zona rural do município foram desativadas ao longo dos anos, um total de 12 escolas. Segundo a Secretaria, tal fato se deve, principalmente, pela falta de alunos para compor as turmas ou ainda a mudança das famílias para outras localidades da região. São elas: Senhor do Bomfim, Benjamim Franklin, Nelson David, Castro Alves, Presidente Castelo Branco, Primavera, Azaleia, Don Pedro II, Duque de Caxias, Carvalho de Mendonça, André Rebouças e *Adelmário Pinheiro (esta foi desativada temporariamente). Outras duas escolas foram reativadas em 2022, Santo André e Santa Terezinha.

No percurso da pesquisa de campo, foram identificados dados relevantes sobre a educação do município, tanto na Secretaria de Educação, como na Secretaria das Escolas do Campo. Ressaltamos a identificação de informações no APMBC, acerca do contexto educacional de Barra do Choça na década de 1970, além das caraterísticas já apresentadas, outras serão mencionadas nos próximos tópicos. Salientamos que ao falarmos da memória do Povoado Cafezal, faz-se necessário fazer referência à cafeicultura da região, como atividade econômica que impulsionou a formação e o crescimento do Povoado e implantação da EMJBF.

4.2. A evolução da escola por meio da cafeicultura: abordagens do passado e do presente

A história do Povoado Cafezal está associada a produção do café na região. Seu nome também se deve as vastas plantações de café que ali continham. Por volta da década de 1970, o café era considerado como a maior riqueza da região de Barra do Choça. Além disso, o período da colheita do café proporcionava o único sustento de grande parte das famílias do município, sobretudo, das comunidades rurais. Em entrevista com o secretário municipal de Agricultura de Barra do Choça, no dia 06 de julho de 2022, foi mencionado que o café foi implantado na década de 1970, e ainda tem uma influência econômica muito forte no município.

Nesse sentido, como forma de promover o desenvolvimento da cafeicultura para o

crescimento econômico da região do Povoado Cafezal que também recebeu a cafeicultura praticamente na mesma época do município, em uma conversa no dia 19 de julho de 2022 na UESB em Vitória da Conquista, com o filho de seu Gildasio Cairo, cafeicultor na região do Cafezal, buscamos conhecer um pouco desse contexto do café na região. Nesse sentido, ele nos conta:

> Foi quando naquela década de 70, então surgiram os primeiros movimentos aqui em Vitória da Conquista de pessoas que achavam que valia a pena, em busca de alternativas econômicas para cidade, que ela estava estagnada, a cidade era sempre prestadora de serviço, era só comércio, não tinha muito uma atividade econômica que pudesse impulsionar mesmo a cidade, então naquela época começou a surgir uma conversa que talvez fosse uma coisa interessante desenvolver a cafeicultura aqui em Conquista. [...]. Me lembro que dos pioneiros mesmo tinha o ex-prefeito de Conquista Jadiel Matos, teve o colega dele que era médico também, que até se tornou deputado, era o Sebastião Castro [...]. E aquele movimento foi crescendo, aos pouquinhos um ia convencia o outro [...], então meu pai aos poucos começou se convencer que talvez valesse a pena arriscar, comprar uma área e plantar café. Plantar café, [...] plantava de qualquer jeito assim, sem muita tecnologia. Então ele comprou uma propriedade na época, junto com o irmão dele, Miro Cairo que também era parceiro no loteamento aqui em Conquista, e junto com um grande amigo dele [...], o Dialma Souza. Eles conseguiram convencer esse caminhoneiro [...] a se fixar em Conquista e apostar na cafeicultura. Então esses três, meu pai, o irmão Miro Cairo e o Djalma Souza, seguiram, foram acompanhando aquele movimento inicial dos cafeicultores aqui. (Filho de seu Gildásio Cairo, professor, 59 anos)

Conforme o relato do Secretário de Agricultura, sobre a implantação do café no Município, buscamos confirmação sobre a implantação da lavoura cafeeira em Barra do Choça, por meio do Plano Diretor Urbano de 1978. Como podemos ver nos trechos do documento:

> A partir de 1971, alguns municípios localizados no contexto de Vitória da Conquista, aderiram ao Plano de Renovação e Revigoramento dos cafezais Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC). Porém, só depois de 1975 o Polo Cafeeiro Nordestino ganhou maior incremento, movido pelo impasse criado pelas geadas no Sul do país. Conforme deliberações oficiais do IBC, a implantação do Polo estava dirigida para: - repor estoque de café anterior às geadas; - estoque estratégico; - satisfazer o mercado interno nordestino. Após estudos do clima, solo e relevo, o IBC definiu áreas do Estado da Bahia aptas para a cultura do café, e foram estabelecidas “zonas cafeeiras”, que se constituem de manchas distribuídas por 46 municípios localizados na Chapada Diamantina, no Planalto da Conquista e em outras áreas. (Barra do Choça, Plano Diretor Urbano Municipal, 1978, p.10)

Sobre a expansão do café na região e substituição da agricultura de subsistência pela produção cafeeira, observe os trechos seguintes, referente ao Plano Diretor Urbano de Barra do Choça:

> Assim, a agricultura de subsistência que existia, principalmente em Barra do Choça, vai sendo substituída por uma atividade agrícola voltada para o mercado, devido à sensibilidade do produto ofertado. As atuais propriedades ocupadas pela lavoura, pertencentes a antigos pecuaristas da região, comerciantes de Vitória da Conquista, profissionais liberais, pessoas estabelecidas nos grandes centros urbanos, como Vitória da Conquista, Jequié, Feira de Santana e Salvador, e mesmo de outros Estados, sobretudo Paraná e São Paulo. É muito reduzido o número de empresas. A ampliação do crédito agrícola, a mecanização da agricultura e uma maior assistência de órgãos técnicos vinculados à agricultura foram outras modificações trazidas pelo PRRC, que atingiram o setor primário do contexto. Estava previsto para 77/78 a produção de 300.000 sacas de café em todo o Estado da Bahia, sendo 60% desta produção pertencente à região de Vitória da Conquista. (Barra do Choça PDU, 1978, p. 12)

Os trechos apresentados mostram como a cafeicultura foi uma atividade econômica que impulsionou o desenvolvimento da região, assim como na Fazenda Palmeira da Boa Vista, que devido ao crescente número de famílias que migravam para essa região em busca de trabalho, logo recebeu o nome de Povoado Cafezal, em conformidade com a produção cafeeira que era a principal atividade econômica em todo o município.

A cafeicultura no município cresceu nessa época. Segundo informações, o senhor Cristóvão Esteves Khouri – no ano de 1981, foi o pioneiro a receber o Prêmio Nacional pela Alta Produtividade do Café na Fazenda Casca, em Barra do Choça, entregue pelo presidente da República João Figueiredo. Fato confirmado pela matéria do Jornal Tribuna do Café em 29 de dezembro de 1981:

TC TRIBUNA DO CAFÉ

Ano IX — Nº 1332 — Vitória da Conquista, 3ª-Feira, 29/12/1981. — CR$ 20,00

Trio elétrico fará carnaval na última noite do ano

O Vice-Prefeito Gidásio Caipo dos Santos segundo nos informou o companheiro Enyl Lemos, vai oferecer aos conquistenses, a oportunidade de fazer um Carnaval, na noite de 31 do corrente, última noite do ano de 1981.

O Trio Elétrico «Alegria do Povo» que é de propriedade do Vice-Prefeito de Vitória da Conquista, a partir das 21 horas, estará nas ruas centrais da cidade, devendo tocar até às 3 horas do dia 1º de janeiro, proporcionando, assim, àqueles que não podem frequentar clubes ou boites nas festas de «Reveillon», o Baile Popular que marca o final de 81 e o começo de um Ano Novo que chega com esperanças de melhores dias.

Cafeicultor conquistense recebeu prêmio de produtor modelo

Fonte: Jornal Tribuna do Café (1981) APMVC.
Pesquisa de campo (2022)

Posteriormente, em anos diversos, a região recebeu outros Prêmios Nacionais do Café. Em anos posteriores, cafeicultores do município continuaram a receber premiações, como Luíz Benício Santos Torres – de Barra do Choça, 1º colocado no Primeiro Concurso de Prêmios Cafés Especiais da Bahia, prêmio recebido em 2002; Barra do Choça, 3º colocado no Segundo Concurso de Café Especiais da Bahia e 09º colocado no Concurso Nacional da Illy Café,

prêmios recebidos em 2003; Barra do Choça, 2º colocado no Terceiro Concurso de Cafés Especiais da Bahia, prêmio recebido em 2004 também de Barra do Choça, 2º colocado no Sexto Concurso de Cafés Especial da Bahia, prêmio recebido em 2007 (NOVA, VIDIGAL, 2010, p. 123).

De acordo o secretário de Agricultura de Barra do Choça, a produção cafeeira passou por um período de ascensão na década de 1970, e perdeu força por volta de 1990, devido a fatores diversos, como a aplicação dos recursos financeiros e o monopólio das propriedades rurais de café em mãos de fazendeiros que levavam as divisas financeiras para o município de Vitória da Conquista. Segundo o secretário, esses fatores influenciaram para a decadência da produção do café no município, como mostra o relato a seguir:

> A gente tem a cafeicultura que entra aqui na década de 1970, e o pessoal implanta a cafeicultura, depois vem a criação da Secretaria de Agricultura, pra poder alavancar a cafeicultura, faz toda a questão do empréstimo para o produtor no banco, o produtor começa, mas também começa a aplicar recursos de forma errada. E aí tem os grandes produtores que acabam tendo a cafeicultura como uma fonte maior de renda e ele acaba levando para Vitória da Conquista essa questão do cenário da cafeicultura, é tanto que em Vitória da Conquista não tem, então ele veio aqui plantar, é proprietário de fazenda e aí acaba levando essas divisas financeiras para Conquista. E a gente vem com crescimento e depois com declínio da cafeicultura, porque você vê na década de 1990, 1996 mais ou menos até 2000, o preço do café ele baixa e o custo da produção não paga o valor da saca. (Secretário Municipal de Agricultura, 43 anos)

Para a confirmação das informações sobre o declínio do café, buscamos em nossa pesquisa documental, indícios que comprovassem as causas para a decadência da lavoura cafeeira no Planalto da Conquista, região em que se situam as fazendas de café em Barra do Choça.

No Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista, buscamos informações acerca da cafeicultura da região. Encontramos reportagens de jornais da época sobre o declínio da cafeicultura no Planalto da Conquista, e, portanto, de Barra do Choça.

A Figura 16, apresenta essas reportagens de jornais locais, ajudando-nos a compreender as informações do Secretário de Agricultura sobre a cafeicultura no município. Elas confirmam que houve um período de estiagem, causando danos à cafeicultura no Planalto da Conquista. As fontes ainda indicam que a lavoura cafeeira passou por um período de dificuldades na produção, principalmente por conta da escassez da água, em decorrência da falta de chuvas na década de 1990. **As r**eportagens também podem ser visualizadas nos anexos desse estudo.

O período de estiagem se deu quase duas décadas depois do início da implantação da

lavoura do café, na década de 1970, como mostram as reportagens de jornais locais da década 1990. No período da lavoura cafeeira, Barra do Choça ficou muito conhecida por suas plantações de café e pela riqueza que essa lavoura trazia para a região e, principalmente, para os cafeicultores. Nesse período, as fazendas de café cresciam em número de trabalhadores na época da colheita. Contexto que, conforme relatos de moradores, surgiram as primeiras moradias da Fazenda Palmeira da Boa Vista (nome dado ao lugar devido ao apreço que seu Gildásio tinha por palmeiras (Figura 17).

Figura 16 – Jornais de Vitória da Conquista – Bahia que retratam a seca que influenciou no declínio do café na região

Estiagem gera carências e incertezas na Região

Fonte: Jornal Diário do Sudoeste APMVC (1997). Pesquisa de campo (2022)

Estiagem compromete até sistemas de irrigação da lavoura cafeeira

Fonte: Jornal Diário do Sudoeste APMVC (1997). Pesquisa de campo (2022)

afeicultura da Região luta para dar a volta por cima

Fonte: Jornal Diário do Sudoeste APMVC (1997). Pesquisa de campo (2022)

O século da seca

Fonte: Jornal A Tarde APMVC (1997). Pesquisa de campo (2022)

A decadência do café

Fonte: Jornal Diário do Sudoeste APMVC (1997). Pesquisa de campo (2022)

O crescimento que se deu principalmente pela necessidade dos produtores (vale destacar o fazendeiro dono da terra na época, seu Gildásio Cairo) em manter a mão de obra próxima às lavouras de café, para diminuir gastos com transporte, assim como partiu também da necessidade da comunidade local em morar próxima à região que proporcionasse trabalho para sua família, já que o café se despontava como uma alternativa de trabalho para muitos

moradores do município e de regiões próximas à Barra do Choça.

Figura 17– Palmeira na Fazenda

Fonte: Pesquisa de Campo (2022)

Ao perguntarmos para o secretário sobre a produção do café no Povoado Cafezal, ele responde que a região do Cafezal é considerada uma região de transição, em que não há muitas caraterísticas climáticas que favoreçam a produção do café. As áreas mais propícias a esse cultivo estão localizadas próximas a barragem Água Fria I. Segundo ele, nessa região apenas os grandes proprietários conseguiram manter o cultivo do produto, conforme sua explicação:

> O Cafezal hoje, ela tem a peculiaridade, ela é uma região interessante, para questão da agricultura do cerrado, porque ela já começa a transição, porque na minha visão Barra do Choça tem as zonas de transição de vegetação. [...] eu digo que a gente poderia mapear e dizer que o rio Catolé, ele acaba sendo um divisor de águas mesmo da agricultura, tanto que do rio Catolé pra lá tem plantio, aí você já pega a fazenda Cofarma, o pessoal perdeu muitas áreas produtivas, perde-se muitas áreas naquele entorno, porque não tem características de solo, nem de água, a gente perde a pluviosidade no município, que a gente trabalha com 2.100, 1.900 mm, para de 900 para 1.200 mm, tem uma perda de quase 900 mm ano, se for fazer um estudo histórico de Barra do Choça. Ali, vamos dizer essa zona de transição mais para semiárido. Vem a questão da cafeicultura irrigada, veda a irrigação, porque ali é um cenário de conflito de águas para a barragem de Água Fria I, que é justamente o abastecimento humano. (Secretário Municipal de Agricultura, 43 anos)

O café em Barra do Choça, tornou-se fonte de trabalho e renda para muitas famílias, como já foi mencionado, assim como no Povoado Cafezal, mas muito mais que isso, avaliamos o que há por trás de qualquer atividade que fora herdada, como analisa Giddens (2012, p. 19) “Aprender a pensar de maneira sociológica – olhar, em outras palavras - significa cultivar a nossa imaginação. Estudar Sociologia não é apenas um processo rotineiro de adquirir

conhecimento". Portanto, o café além de ser uma bebida e um produto valioso, também se configura como um hábito inerente à rotina diária de muitas pessoas e representa uma cultura colonial. Como ressalta Giddens (2012):

> A imaginação sociológica exige que, acima de tudo, "nos afastamos em nosso pensamento" das rotinas familiares de nossas vidas cotidianas para enxerga-la como algo novo. **Considere o simples ato de tomar uma xícara de café**. **O que poderíamos observar para falar, do ponto de vista sociológico,** sobre esse comportamento desinteressante? Uma quantidade enorme de coisas. (GIDDENS, 2012, p. 19) (Grifo nosso)

Esta bebida, é considerada como uma das mais consumidas no mundo. Isso demonstra o poder que o cultivo do café representa nos nossos costumes e em nossa vida cotidiana, como marca da influência que exerce sobre nós, uma vez que simbolicamente herdemos esse hábito dos nossos colonizadores. Para Giddens (2012), o consumo do café como uma atividade do nosso dia a dia, está associado ao valor simbólico que tal ato representa, que certamente, vai além do ato de tomar café, mas está relacionado com a interação por ele proporcionada.

Muito mais que simbolizar um simples hábito cultural, um passatempo, um momento de descontração ou bate papo, ele representa uma articulação entre países com culturas e economias muito diferentes, e a influência de uma herança que é muito mais que um simples gesto de afeto ou de um encontro casual, representa uma hierarquia, em que os países ricos exercem sobre os países pobres, Giddens (2012), assim, podemos notar no trecho a seguir:

> [...] um indivíduo que toma uma xícara de se encontra em meio a um complicado conjunto de relações sociais e econômicas que se estende pelo mundo. O café é um produto que conecta pessoas em algumas das parres mais ricas e mais pobres do planeta: ele é consumido em grandes quantidades em países ricos, mas é cultivado principalmente em países pobres. Juntamente com o petróleo, o café é a mercadoria mais valiosa no comércio internacional. (GIDDENS, 2012, p. 20)

Nessa perspectiva, notamos que o ato de consumir café está muito mais associado às nossas heranças coloniais, às raízes culturais, ou o ideal de economia que nos é imposto pelas redes globais. Isso mostra que, ao analisarmos de modo mais profundo os nossos hábitos, percebemos que há muito mais do outro do que de nós mesmos em nosso dia a dia. Isso indica que em meio ao contexto de povoamento da região do Povoado Cafezal, as raízes de uma cultura econômica, presentes na formação desse lugar carregado de memórias de pessoas que testemunharam o processo de sua consolidação, enquanto comunidade.

Em outro momento, de acordo com o relato do secretário, foi-nos informado que a

produção cafeeira, muito tradicional na região de Barra do Choça e a principal produção econômica do município não foi banida, os produtores precisam se adequar à nova realidade do mercado, cuidando de suas plantações e plantando apenas o que eles conseguem dar conta para obter uma produção com a qualidade esperada pelo mercado e condizente com aquilo que o município vem expondo enquanto produtor de café. O que há na verdade é uma diversidade da produção agrícola para que os produtores, em especial os pequenos, não tenham apenas uma alternativa de cultivo, como era no passado. Nesse sentido, o papel da Secretaria Municipal de Agricultura (SEMAGRI) é de incentivo e acompanhamento para que esses produtores tenham subsídios de se manterem até chegar à colheita do café. Tudo isso é realizado visando uma sobrevivência do pequeno produtor rural, que não tem condição de manter apenas a produção cafeeira como fonte de renda, visto que as exigências legais são muitas. Como podemos ver no trecho seguinte:

> [...] o pequeno produtor não consegue se manter no cenário da cafeicultura, e aí começa que a gente chama fiscalização abusiva, dentro da cafeicultura de Barra do Choça, seria tanto do Ministério do Trabalho, quanto também da Secretaria de Meio Ambiente. O café passa a ter que ser tecnificado, Barra do Choça começa a perder a influência climática e aí tem o conflito das águas com Vitória da Conquista para o abastecimento humano. Vem a força do Estado, através do INEMA freando a produção do café irrigado, que era quem sustentava a nossa economia maior. O pequeno produtor abandonou a propriedade, porque ele teve a crise do café e ele não aguentou passar por ela, porque o preço do café ele foi muito abaixo, por exemplo chegou a R$ 80,00 a saca, sendo que o custo de produção estava mais de R$ 90,00 R$ 100,00 na época, então muita gente abandona as produções e quem sobrevive, os grandes, alguns grandes e médios produtores que já estavam mais tecnificados em suas propriedades. (Secretário Municipal de Agricultura, 43 anos)

Assim, com a impulsão econômica do café em de Barra do Choça, é possível notar na fala do filho de seu Gildásio que a implantação do café na época era uma tentativa de ganhos econômicos, uma vez que não existia todo o aparato científico que possui hoje, sendo, portanto, uma atividade de possíveis riscos econômicos. No PDU de 1978, reforça a fala tanto do secretário, quanto do filho de seu Gildásio, quando mostra a necessidade de financiamento, para a continuidade e crescimento da lavoura cafeeira. Nele é possível notar ainda que os cafeicultores da época já tinham dificuldades em manter os gastos com a produção, em decorrência de ter apenas a cafeicultura como principal fonte de renda, como notamos no trecho a seguir:

> A maior dificuldade para aquisição desse maquinário reside na estrutura do financiamento. O prazo de carência para o plantio é longo, quatro, cinco e seis anos, respectivamente, assim distribuídos: 20% no quarto ano, 30 % no quinto

> ano e 50% no sexto ano. Nesse período de carência, o produtor obtém uma certa reposição financeira com a primeira safra, chamada de "safra oxigênio" que dá para cobrir pelo menos as despesas que ele teve com a aplicação de capital no projeto. Acontece que para o beneficiamento, o prazo de carência é bem menor, o que acarreta dificuldades para o produtor obter financiamento. Em consequência, pela inexistência da infraestrutura, o produtor compromete a qualidade do café, dificultando a sua comercialização, que atualmente vem sendo feita por intermediários, firmas de Conquista, Salvador, São Paulo e Paraná [...]. (Barra do Choça PDU, 1978, p.13)

Atualmente, segundo informações que obtivemos da SEMAGRI, por meio do secretário, existe um plano de ação desta secretaria para conseguir fazer uma divisão múltipla da água, com o intuito de garantir ao produtor a volta ao acesso a água, já que esta é a principal problemática das pequenas propriedades rurais. Uma outra condição é agregar valor ao produto, buscando junto ao produtor alternativas viáveis a outras plantações. Portanto, ramificando soluções dentro do contexto desse proprietário, mapeando as prováveis soluções e alternativas, de acordo com a fala do secretário.

Para Giddens (2012) o café é um produto em constante debate no mundo globalizado, já que ao se tornar um produto de grande popularidade, é um produto também politizado, pois há toda uma cultura sobre o tipo de café que se toma, qual a origem desse produto, como ele deve ser apresentado para o consumo de acordo com o gosto do consumidor. Até mesmo os lugares preferidos por determinadas classes ou países de origem. Assim:

> [...] o ato de bebericar um cafezinho, pressupõe um longo processo de desenvolvimento social econômico. Juntamente com outros elementos, conhecidos das dietas Ocidentais – como o chá, bananas, batatas e açúcar refinado – o café somente passou a ser consumido amplamente a partir do final do século XIX, mesmo que já fosse considerado elegante entre a elite antes disso. Embora a bebida seja originária do Oriente Médio, seu consumo em massa dará do período da expansão Ocidental, há aproximadamente dois séculos. Praticamente todo o café que bebemos atualmente vem de áreas como a América do Sul e a África, que foram colonizadas por europeus: de maneira alguma, ele é uma parte "natural" da dieta Ocidental. O legado colonial teve um impacto enorme no desenvolvimento do comércio global do café. (GIDDENS, 2012, p. 20)

Em Barra do Choça, a cultura do café está atrelada a sobrevivência econômica de boa parte das famílias. Sobre o Povoado Cafezal, buscamos documentos que comprovem sua formação. Na Prefeitura Municipal de Barra do Choça, no setor de tributos, em julho de 2022, funcionários nos informaram que os terrenos que foram vendidos e doados por seu Gildásio Cairo, ainda não possuem escritura, portanto, pertencem a fazenda da qual faziam parte.

Sabemos de acordo com nossos entrevistados, que a construção da EMJBF se deu em

meio a influência da produção de café na região, visto que muitas pessoas se mudaram com suas famílias para àquela região em busca de trabalho e por lá ficaram, construíram suas casas e algumas delas constituíram família. Nesse sentido, o Povoado Cafezal foi sendo modificado e com isso a EMJBF também foi modificada. De acordo com a pesquisa, selecionamos algumas fotografias que representam esse processo de mudanças ocorridas no espaço físico da escola.

Buscamos representar por meio de fotografias as transformações ocorridas na EMJBF desde o início de seu funcionamento, da década de 1980 até 2022. Ressaltamos que, de acordo os testemunhos dos sujeitos dessa pesquisa, percebemos que, a mediada que um novo prefeito tomava posse, a escola passava por ampliação. Verificamos ainda que, essas mudanças foram importantes para contemplar a demanda do público estudantil da comunidade, e da região do Cafezal. Portanto, apresentamos a seguir, algumas fotografias que evidenciam tais mudanças. A última reforma, ocorreu em 2022 durante o I semestre, e a escola foi reinaugura no dia 13 de agosto. Como mostram as fotografias da Figura 18.

Figura 18– Fachada da EMJBF ao longo dos anos

EMJBF na década de 1980

Fonte: SEMED (década de 1980)
Pesquisa de campo (2022)

EMJBF em 2021

Fonte: Pesquisa exploratória (2022)

EMJBF em reforma

Fonte: Pesquisa de campo (2022)

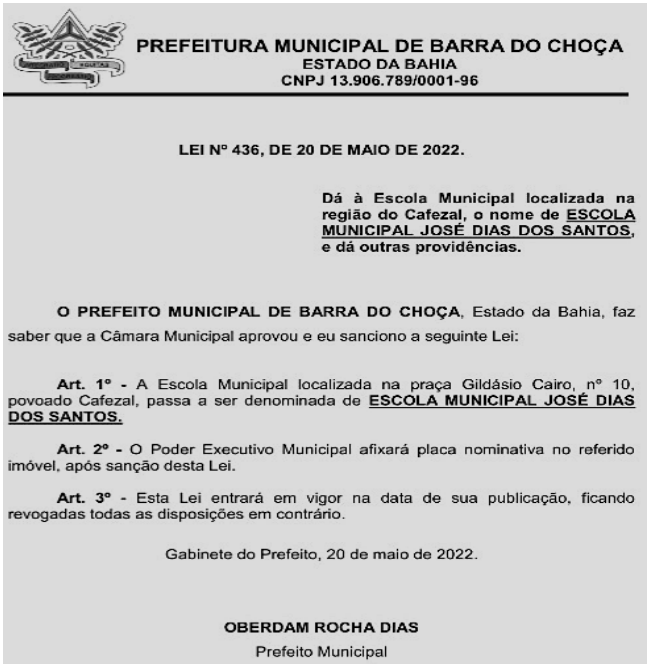
EMJBF em 2022 após a reforma

Fonte: Pesquisa de campo (2022)

No decurso da pesquisa, deparamo-nos com a informação que a EMJBF teria seu nome alterado. O documento foi publicado dia 23 de maio de 2022, no Diário Oficial do Município de Barra do Coça, a Lei de nº 436 de 20 de maio de 2022 (Figura 19), que modifica o nome da Escola Municipal João Batista Figueiredo, para Escola Municipal José Dias dos Santos. No dia 25 de maio, visitamos a família do senhor, para conhecer melhor sua trajetória de vida. Segundo a esposa, seu José Dias dos Santos, era popularmente conhecido como seu Zé de Girú, apelido dado ela derivado do nome de sua mãe, dona Gerosina, Seu José nasceu no dia 02 de março de 1936, e faleceu no dia 10 de dezembro de 2021, aos 85 anos de idade. No Povoado Cafezal, seu José era encarregado de formar grupos de pessoas para trabalharem nas fazendas da região.

José Dias dos Santos nasceu na cidade de Vitória da Conquista, na Bahia, mas viveu grande parte de sua vida na Fazenda Pedra Branca, região do Povoado Cafezal, em Barra do Choça, chegando a este lugar em 1974. Atualmente, seu José e sua esposa são conhecidos como os prováveis primeiros moradores da região, conhecida atualmente por Povoado Cafezal. Nessa época, conforme a esposa de seu José Dias, a região era formada apenas por fazendas cercadas de matas, existindo pouquíssimas casas. A seguir, apresentamos o documento que propõe a mudança no nome da Escola. Porém, ressaltamos que até a data de reinauguração da escola, o nome ainda permanece Escola Municipal João Batista Figueiredo.

Figura 19– Lei 436 que altera o nome da EMJBF



PREFEITURA MUNICIPAL DE BARRA DO CHOÇA
ESTADO DA BAHIA
CNPJ 13.906.789/0001-96

LEI Nº 436, DE 20 DE MAIO DE 2022.

Dá à Escola Municipal localizada na região do Cafezal, o nome de ESCOLA MUNICIPAL JOSÉ DIAS DOS SANTOS, e dá outras providências.

O PREFEITO MUNICIPAL DE BARRA DO CHOÇA, Estado da Bahia, faz saber que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º - A Escola Municipal localizada na praça Gildásio Cairo, nº 10, povoado Cafezal, passa a ser denominada de **ESCOLA MUNICIPAL JOSÉ DIAS DOS SANTOS.**

Art. 2º - O Poder Executivo Municipal afixará placa nominativa no referido imóvel, após sanção desta Lei.

Art. 3º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, ficando revogadas todas as disposições em contrário.

Gabinete do Prefeito, 20 de maio de 2022.

OBERDAM ROCHA DIAS
Prefeito Municipal

Fonte: Portal da Prefeitura Municipal de Barra do Choça Diário Oficial/maio (2022)
Pesquisa de campo (2022)

A partir da pesquisa de campo, tonou-se possível a identificação de elementos que foram

importantes para a construção desse estudo, uma vez que esses registros comprovam muitos testemunhos dos nossos participantes. Por meio deles, verificamos informações que não eram do nosso conhecimento ou dos nossos colaboradores. Assim, apresentamos registros que comprovam informações que obtivemos por meio dos testemunhos, como mostra a Figura 20 sobre a pavimentação da praça Gildásio Cairo, no Povoado Cafezal.

Figura 20 - Pavimentação da Praça Gildásio Cairo

Fonte: Arquivo Público de Barra do Choça (2003) Pesquisa de Campo (2022)

Os documentos apresentados no texto, foram obtidos por meio da pesquisa e análise documental e, referem-se aos registros encontrados no Arquivo Público Municipal de Barra do Choça. Por isso, foram fundamentais expor alguns desses achados, no sentido de apresentar algumas evidências físicas daquilo que ouvimos por meio dos testemunhos. Eles confirmam algumas informações que foram citadas nesse estudo, acerca da trajetória da educação no município e, as transformações no nosso *locus* da pesquisa. Contudo, reafirmamos que os testemunhos dos nossos entrevistados tiveram grande relevância para a construção do texto, uma vez que, como já informado, há poucos registros sobre a memória do lugar.

4.3. O lugar de memória para os profissionais da educação e para a comunidade do Cafezal

De acordo com Nora (1993, p. 8), “Se habitássemos nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares. Não haveria lugares porque não haveria memória transportada pela história.”. Os lugares de memória fortalecem as lembranças do passado e servem como mecanismos de construção do presente e, consequentemente, influenciarão o

futuro, e esses lugares existem para que possamos lembrar enquanto sujeitos sociais daquilo que ficou guardado em nossa memória, e que será evocado quando necessário. Nora (1993) reforça a ideia da importância dos lugares de memória, quando afirma que, "[...] a memória pendura-se em lugares, como a história em acontecimentos" (NORA, 1993, p. 25). Em conformidade com as entrevistas na pesquisa de campo, ao perguntarmos para nossos entrevistados sobre que condições favoreceram a construção da EMJBF, **Crianças**, por exemplo, citou as precárias condições em que a escola funcionava antes da construção do prédio:

> Resolveu construir uma nova escola, devido ao local onde funcionava, era só um cômodo e um banheiro, como aumentou muito a quantidade de crianças, lá já não comportava o tanto de crianças e precisava de uma escola. Juntou a prefeitura e construiu essa nova escola. Ficando com mais alunos, pois tinha mais salas, porque lá onde funcionava a escola não dava condição. (CRIANÇAS, professora aposentada, 67 anos)

Esperança menciona que, quando chegou à comunidade para lecionar, a escola já funcionava no prédio, construído em anos anteriores. Segundo ela, em 1992, quando chegou ao município, prestou concurso público para o cargo de professora, começou ensinar no Povoado Cafezal, mas a escola era pequena, tinha apenas 2 salas de aula. Contudo, mesmo chegando na comunidade já nos anos de 1990, **Esperança** nos afirma que enfrentou dificuldades, como sala de aula com uma grande quantidade de alunos. Em seu testemunho, ela diz o seguinte:

> As salas eu lembro quando eu cheguei aqui, eram salas bem lotadas. Eu recebi uma sala que tinha 40 alunos de alfabetização, com idade bem elevada. Na época foi uma dificuldade muito grande, mas graças a Deus eu tive um apoio muito bom por parte da comunidade que me acolheu de braços abertos. Eu sei também que nessa época [...] eu consegui alfabetizar praticamente os 40 alunos[...] quando se passaram uns 2 anos foi facilitando mais, porque eu comecei a conhecer mais o povo, a escola foi crescendo, eu nunca trabalhei com sala multisseriada, que eu comecei com alfabetização, depois a escola foi ampliada, cresceu, foi dividindo as salas e foi acontecendo. [...]. Ficou muito tempo com esse porte, depois que foi ampliada e foi implantado o fundamental II. (ESPERANÇA**,** professora, 52 anos)

Sobre o funcionamento da escola, **Esperança** continua seu relato, informando que apesar do tempo de trabalho, nunca exerceu as funções de merendeira e faxineira, comum na época em escolas rurais, mas por ser um Povoado, já necessitava dos serviços desses profissionais. Ela nos conta que a escola, apesar de pequena já comportava um número grande de alunos, por isso as salas de aula eram superlotadas:

> A estrutura era salinha pequena, superlotada, aquelas cadeiras bem antigas que acomodavam 3 alunos, funcionava assim [...]. Fui uma professora que apesar de ter 30 anos de sala de aula eu nunca fiz merenda, nem fiz faxina, tenho colegas mais novos que já fizeram tudo isso. Então pra mim, por ser num Povoado era um pouquinho mais desenvolvido, também por causa do número de alunos que tinha, já tinha necessidade de faxineira e merendeira. Agora a escola era pequena para o número de aluno que tinha, eu tinha 40 alunos, tinha a outra sala de 40, só que ela funcionava o dia todo, eram 4 turmas. (ESPERANÇA, professora, 52 anos)

Em conversa com o sujeito **Aprendizagem**, ele confirma os relatos de outros sujeitos, relatando-nos sobre o processo de construção da EMJBF, quando diz:

> Eu acredito que em 1980, com o então senhor prefeito Israel Tavares Viana, essa escola foi construída. Cheguei na escola em 1988, junto com o colega, já falecido, já tinha essa escola, com apenas 2 salas, 2 sanitários e a cantina. Recebia alunos de toda a comunidade e da região. Eram alunos que a gente trabalhava com salas multisseriadas, na época, fui beneficiado, porque não comecei com sala multisseriada, comecei com o 1º ano. Em seguida foi acrescentando novas turmas. (APRENDIZAGEM, professor, 55 anos)

A participante **Saudade,** que foi a primeira merendeira da EMJBF, fala sobre sua trajetória na escola, sendo a funcionária com mais tempo de casa, hoje já aposentada, diz que acredita que a escola foi construída no governo municipal de Israel Tavares Viana:

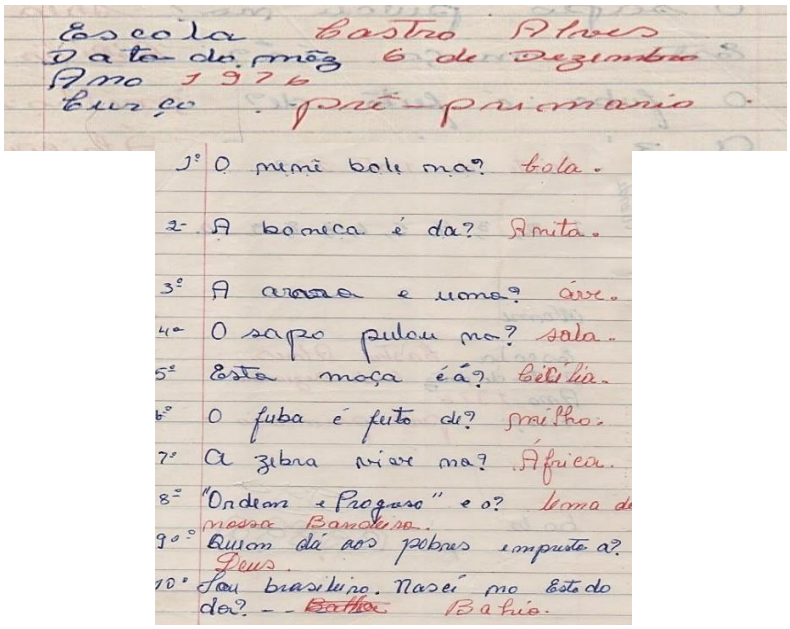
> Naquela época era assim, difícil porque não tinha professor ainda. Entrou uma primeira professora para ensinar [...]. Ela foi a primeira professora e eu fui a primeira merendeira. Então, quando eu fiz merenda não tinha cantina. A sala de aula é ali onde está sendo a cantina hoje. [...] Eu entrei no tempo de Bráulio. Quando outro prefeito entrou fez aquelas outras salas. [...] (SAUDADE, funcionária aposentada, 63 anos)

Em sua entrevista, **Amizade**, dá detalhes sobre o funcionamento da EMJBF, no período inicial, pois ela começou a trabalhar na escola na década de 1980, e relata sobre as dificuldades com água, e as séries que eram ensinadas na escola:

> Ela comtemplava a necessidade do Povoado, porque todo lugar tem que ter um colégio. Então foi favorável. [...] Funcionava até a 4ª série. Era sala mista, antigamente era ABC, Cartilha e 1ª, hoje não, é Pré I e Pré II. Então, de manhã era 2ª, 3ª e 4ª série e a tarde era ABC, Cartilha e 1ª. Era pequena, só tinha duas salinhas, não tinha secretaria, não tinha área de lazer para os meninos brincarem. Era muito precária, a água era de má qualidade, barrenta. Tinha vez que só tinha água 3 vezes na semana, principalmente quando o motor queimava. Aqui em casa como tinha água da fazenda do velho Gildasio, eu vinha buscar água para pôr no filtro e para fazer merenda, muitas vezes trazia as coisas para lavar aqui em casa, porque lá não tinha água. (AMIZADE, funcionária, 55 anos)

A Figura 21, refere-se a uma atividade destinada aos alunos da pré-primário, em 1976, a mesma foi cedida por um dos sujeitos de nossa pesquisa, **Crianças**, de quando ela ensinava na Escola Castro Alves, na região da Fazenda Pedra Branca, próxima ao Cafezal:

Figura 21 – Atividade para os alunos da Escola Castro Alves


Escola Castro Alves
Data do mês 6 de Dezembro
Ano 1976
Curço pré-primario

1º O nenê bole na? bola.
2º A boneca é da? Anita.
3º A arara e uma? ave.
4º O sapo pulou na? sala.
5º Esta moça é a? Cecília.
6º O fuba é feito de? milho.
7º A zebra vive na? África.
8º "Ordem e Progreso" e o? lema de nossa Bandeira.
9º Quem dá aos pobres empresta a? Deus.
10º Sou brasileiro. Nasci no Estado da? -- ~~Bahia~~ Bahia.

Fonte: Cedido pela participante Crianças (1976).
Pesquisa de campo (2022).

Para reafirmar o que os relatos anteriores nos afirmam quanto às condições em que a escola foi construída no Povoado Cafezal, **Educação**, relata que houve a necessidade de construí-la, devido ao aumento do número de pessoas no Povoado, por causa da colheita do café. Assim como a falta de transporte para levar os alunos para a escola e as condições precárias das estradas:

> Foi na época do café que cresceu o Povoado precisava de um colégio para trazer os alunos ali para o Povoado, porque tinha dificuldade de gente ir para Barra do Choça, porque não tinha vans para carregar, não tinha carro, ou transporte escolar, apesar que não tinha nem estrada direito. As estradas eram estradas de passar gado. Eu estudei pouco porque não tinha condições de ir estudar lá em Barra do Choça, que era na sede. Eles resolveram fazer esse prédio, porque era assim que chamava. [...]. Acho que construiu em 1980. (EDUCAÇÃO, funcionária, 56 anos)

Em seu relato**, Educação** continua descrevendo a estrutura física da escola, e informa sobre sua ampliação nos anos seguintes. **Educação** ainda fala da falta de registros documentais e fotográficos da época, não sendo uma coisa comum tirar fotografias, já que era caro, por isso a inexistência dos registros:

> Quando começou construir esse colégio, construiu essas duas salas, uma cantina e uns banheiros, não era como os de agora, mas serviu. Foi crescendo, e entraram prefeitos e foram ampliando a escola. Minhas irmãs ensinaram lá, eu também ensinei um ano, como professora substituta. Não tenho registro dessa data, porque naquela época não era comum tirar foto. [...]. Comecei trabalhar lá já tem 22 anos. **(**EDUCAÇÃO, funcionária, 56 anos)

Ao entrevistarmos os moradores da Comunidade sobre as condições de construção da escola, o sujeito **Recomeço,** relata:

> Quando a gente chegou aqui em 1983, essa escola tinha 2 cômodos, bem pequenininha, dessa data para cá, cada dia vem evoluindo mais um pouquinho. Vai melhorando mais a infraestrutura. Hoje já tem uma grande melhoria, já que naquele tempo era pouca gente. O Povoado era bem pequenininho, não tinha aquele fluxo de aluno, era pouca gente, a infraestrutura era pequena, muita dificuldade. Daí pra cá, sempre evoluindo. (RECOMEÇO, morador da comunidade, 59 anos)

Recomeço, lembrou de uma coincidência interessante, que a EMJBF fora construída no período da Ditadura Militar. Ele também relata que seu Gildásio Cairo teve forte influência na construção da escola, tendo contribuído com o desenvolvimento da educação e da comunidade local:

> A escola foi construída na época da ditadura, e esse Povoado deve muito a Gildásio Cairo, porque foi através da influência dele, através da educação, foi uma pessoa que teve uma contribuição muito forte, especialmente porque doou essa área para ajudar no desenvolvimento da educação da comunidade. Então, todo o crescimento que tem nessa comunidade deve sim ao finado Gildásio Cairo, que foi uma pessoa que teve grande contribuição nessa comunidade. (RECOMEÇO, morador da comunidade, 59 anos)

Segundo **Recomeço**, na época em que ele e sua família chegaram ao Povoado Cafezal, em 1983, a comunidade passava por muitas dificuldades, praticamente todos os membros das famílias tinham que trabalhar, até as crianças, para ajudarem no sustento da casa:

> Muita dificuldade, também para a comunidade. Era muito difícil, mesmo para os profissionais. Naquele tempo não era como hoje que tem muita facilidade, até mesmo a educação dos pais, o desenvolvimento que não tinha[...] as pessoas tinham que sair para trabalhar, as mães, filhos, todo mundo vivia muito no trabalho, e hoje diferenciou, porque a criança na época de estudo não pode trabalhar e naquele tempo tinha que trabalhar para sobreviver (RECOMEÇO, morador da comunidade, 59 anos**)**

Conforme relato do sujeito **Amor**, em conformidade com relatos de outros sujeitos, era uma escola com estrutura física bem pequena, foi construída no governo de seu Israel Tavares

Viana (Iôsa). E que cada gestor que entrava no município de Barra do Choça, ampliava a escola.

> Quem primeiro construiu esse colégio pequeno, foi Iôsa. Quando nós chegamos aqui, o professor ensinava num depósito de Gildásio Cairo, depois o prefeito construiu o colégio, colocou gente para ensinar. Depois, cada prefeito que entrava, aumentava o colégio. No Galpão quem ensina era a professora Crianças. (AMOR, moradora da comunidade, 83 anos)

Em seu testemunho, **Amor** nos informa que quando construiu a escola, melhorou para a comunidade, porque os alunos já não precisavam mais ir para Barra do Choça estudar, pois a EMJBF atende alunos até o 9º ano. Em continuidade, **Amor** nos relata sobre o início de formação do Cafezal, de acordo seu testemunho, os alunos mais adiantados precisavam ir para a sede do município para continuarem os estudos.

> [...] meus meninos estudaram no colégio, depois aqueles que iam mudando de serie ia para a Barra. Pegava bicicleta, no ponto tinha a casa de dona Bela, eles deixavam a bicicleta, pegavam o ônibus e iam estudar na Barra, quando vinham, pegava as bicicletas e vinha para aqui. Até que, entraram professoras formadas, é que começou a ensinar todo mundo aqui mesmo no Povoado. (AMOR, moradora da comunidade, 83 anos**).**

Segundo o testemunho de outro morador da comunidade, **Recordação**, a escola foi construída para ter um movimento maior no Povoado, com o intuito de crescimento da população local. Ele reforça o fato de que na época, a falta de transporte dificultava o acesso dos alunos à escola.

> A escola foi construída para o movimento do Povoado, porque já estava aumentando gente, precisava do estudo para as crianças [...]. Antigamente não tinha merenda. [...], já foi, me parece, do mandato de Bráulio pra cá que começou merenda. No tempo de Iôsa não havia merenda. Era uma escola pequena. Quase só estudava os alunos daqui mesmo, porque de longe não vinha porque não ia carro buscar. Agora está vindo de longe, mais afastado um pouco, porque tem a condução que vai pegar (RECORDAÇÃO, morador da comunidade, 86 anos).

Observamos nos testemunhos dos sujeitos, que o processo de mudança na EMJBF e na comunidade foi gradativo, mas muito importante para a transformação do lugar. Aos poucos, segundo os entrevistados, a escola foi ganhando uma importância maior, e com isso, algumas dificuldades das quais a comunidade escolar passava, foram diminuindo. Percebemos a melhoria no acesso das crianças à escola, devido ao transporte escolar. Outro fator interessante, é a ampliação da escola no decorrer dos anos. Os sujeitos ressaltaram a importância de seu Gildásio Cairo, para o desenvolvimento do Povoado e implantação da escola, ainda que esta

tenha funcionado de forma precária, mas que para a realidade da época foi de fundamental importância, para assegurar a educação às crianças, pois as escolas rurais tiveram mais dificuldades de inserir o público estudantil no contexto escolar.

4.4. A Escola e o meio rural: sentido de pertencimento à comunidade

Conforme testemunho de uma professora aposentada há 20 anos, a situação dos professores que lecionavam em zona rural, principalmente nas décadas de 1970, 1980 e 1990, era muito difícil no município, visto que eles exerciam todas as funções além de serem professores. Conforme depoimento:

> [...] as coisas que tinham na escola não era a prefeitura que tinha dado, era o dono da escola que tinha fornecido os bancos, mesa, para poder funcionar. **Na escola teve uma mudança muito boa, porque antes era o professor que era merendeira, faxineira**. **Tudo que inaugurou a escola, colocaram merendeira, faxineira e professor ia lá só para assinar, não tinha mais o encargo de fazer tudo na sala de aula e na escola,** porque não era só a minha situação, era também das professoras que ensinaram antes e depois de mim (CRIANÇAS, professora aposentada, 67 anos) (Grifos nossos)

Com base nos depoimentos dos sujeitos da pesquisa, percebemos quantas dificuldades os professores tinham que enfrentar no cotidiano da sala de aula. Segundo **Crianças**, que foi professora na década de 1970, as dificuldades começavam no trajeto que, tanto os alunos, como os professores tinham que fazer para chegar à escola, além das dificuldades em manter o ambiente da escola limpo, pois não existia funcionário de apoio, logo a limpeza ficava a cargo do professor. Os materiais para funcionamento da escola também eram escassos. Contudo, ao construir a escola no Povoado Cafezal, a situação começou a melhorar, pois além dos professores, outros profissionais começaram a ser designados para exercerem outras funções.

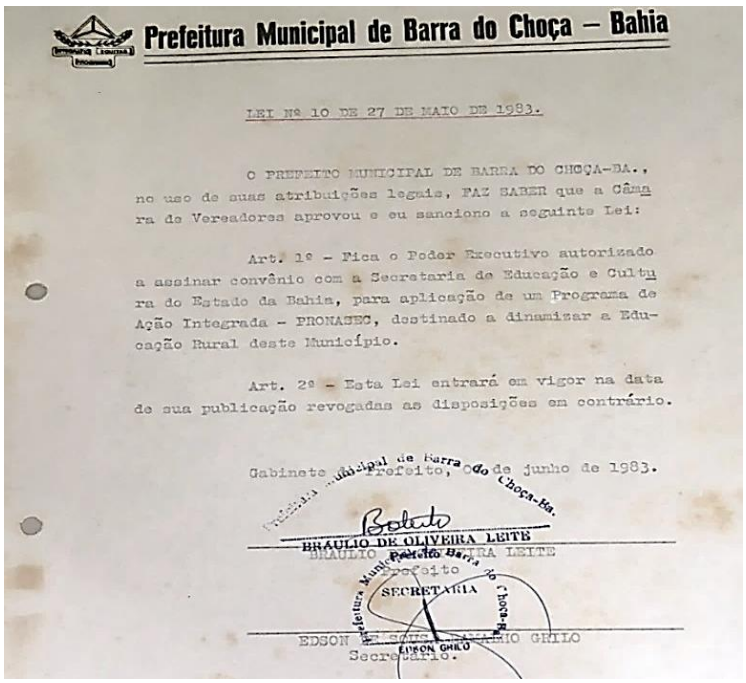
De acordo com alguns trechos do Plano Diretor Urbano de Barra do Choça, o município passou por mutas dificuldades com relação a educação, visto que a rede municipal de ensino na zona rural era muito grande e as escolas da zona rural quase em sua totalidade, eram mantidas por fazendeiros. Dado interessante, pois a primeira escola que começou a funcionar no Povoado Cafezal, adequava-se à essa realidade, já que era mantida por Gildásio Cairo, além de fornecer o local para o funcionamento, tanto das séries regulares, como do Programa Mobral. Outro dado relevante, presente no trecho do documento é o número de escolas da zona rural, prevalecendo em maior quantidade as escolas da zona urbana, além da informação dessas unidades escolares

funcionarem, em sua maioria, com professores leigos. Conforme apresenta o trecho:

> O ano de 1974, de acordo com dados do Anuário Estatístico da Bahia, mostra um quadro próximo. Havia 324 alunos no 1º grau matriculados no do início do ano, atingindo, no fim deste mesmo ano, 367, com as aprovações beneficiando 324 estudantes. O que destoa com os dados de 1978 é o número de escolas localizadas nas zonas urbanas e suburbanas. Existem cinco. As duas que não registramos em 1978 devem ser de subúrbio. Na Área Rural – A rede de ensino na zona rural tem 23 escolas, a maioria delas particulares, sobrevivendo com o apoio de fazendeiros, segundo informante local. Nelas funciona unicamente a 1ª série do 1º grau, com aulas ministradas, na quase totalidade, por professoras leigas. (Barra do Choça, PDU, 1978, p.49)

A partir de 1983, o município aderiu a programas do governo federal importantes para impulsionar a educação municipal, como o Programa de Ação Integrada (PRONASEC), que tinha o intuito de expandir a educação no meio rural. E em 1983 o município também assinou o convênio com a Campanha Nacional da Merenda Escolar, por meio do Setor Regional do Programa Nacional da Merenda Escolar (PNAE). Para escolas públicas, que atendiam, em sua maioria, crianças de periferias ou de zona rural, esse convênio teve um significado muito especial, pois além da educação prestada pelas escolas, a merenda escolar auxilia suprir a carência alimentar de muitas crianças, bem como ajuda na sua permanência na escola. Documentos que podem ser identificados a seguir (Figuras 22 e 23), e por conta da falta de visibilidade, foram anexados no final da pesquisa:

Figura 22 – Lei nº 10 de 1983 - que autoriza o PRONASEC



Prefeitura Municipal de Barra do Choça – Bahia

LEI Nº 10 DE 27 DE MAIO DE 1983.

O PREFEITO MUNICIPAL DE BARRA DO CHOÇA-BA., no uso de suas atribuições legais, FAZ SABER que a Câmara de Vereadores aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º - Fica o Poder Executivo autorizado a assinar convênio com a Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Bahia, para aplicação de um Programa de Ação Integrada - PRONASEC, destinado a dinamizar a Educação Rural deste Município.

Art. 2º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação revogadas as disposições em contrário.

Gabinete Municipal de Barra do Choça-Ba. de junho de 1983.

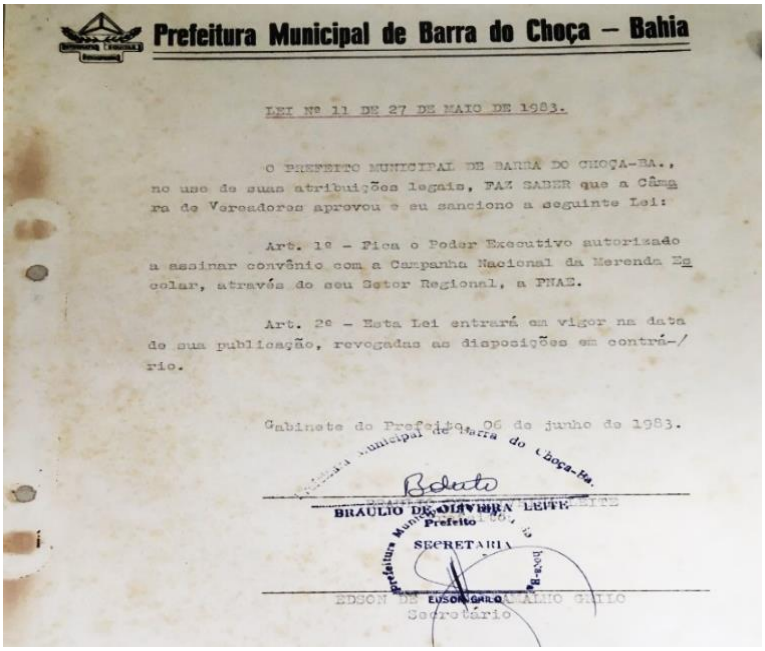
BRAULIO DE OLIVEIRA LEITE
Prefeito

SECRETARIA

EDSON GRILO
Secretário.

Fonte: Arquivo Público Municipal de Barra do Choça (1983)
Pesquisa de campo (2022)

Figura 23– Lei nº 11 de 1983 - que autoriza o PNAE



Prefeitura Municipal de Barra do Choça – Bahia

LEI Nº 11 DE 27 DE MAIO DE 1983.

O PREFEITO MUNICIPAL DE BARRA DO CHOÇA-BA., no uso de suas atribuições legais, FAZ SABER que a Câmara de Vereadores aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º - Fica o Poder Executivo autorizado a assinar convênio com a Campanha Nacional da Merenda Escolar, através do seu Setor Regional, a PNAE.

Art. 2º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Gabinete do Prefeito, 06 de junho de 1983.

BRAULIO DE OLIVEIRA LEITE
Prefeito

SECRETARIA

EDSON
Secretário

Fonte: Arquivo Público Municipal de Barra do Choça (1983)
Pesquisa de campo (2022)

Na perspectiva de encontrar registros que comprovassem os relatos dos entrevistados detalhamos nossa busca, assim como ampliamos os lugares visitados por nós para encontrarmos esses registros. No entanto, não foram identificados muitos documentos, e alguns deles não condiziam com essa pesquisa. Por isso, os testemunhos nos deram suporte para conduzir a pesquisa. Ainda que sabemos da importância dos registros documentais para confirmar os testemunhos. Sobres isso, Neves (2008), ressalta que as fontes documentais são elementos que revelam a rotina de moradores de uma comunidade, e podem facilitar a identificação da cultura e as tradições de um povo.

Dessa forma, em nossa pesquisa de campo, procuramos saber dos nossos entrevistados que sujeitos estiveram presentes na construção e implementação da EMJBF, ainda que de forma discreta, buscamos evocar suas memórias com o intuito de evidenciar estas informações para a construção do nosso texto. Para Ricoeur (2007, p. 111), “[...] na medida em que a memória é o presente do passado, o que é dito do tempo e de sua relação com a interioridade pode facilmente ser estendido à memória.”.

Para a construção dessa identidade, de acordo com o testemunho de **Crianças** foi “Além da prefeitura, outros moradores trabalharam para construção da escola, contratados pela prefeitura.”

Esperança relata que, quando chegou na comunidade em 1992, e nessa época a escola já estava construída e funcionando, sua resposta foi a seguinte: “Eu não me lembro, nessa época

já era a Secretaria Municipal de Educação (SEMED) que era responsável por tudo, que não tinha direção, só o professor **Aprendizagem** que tomava conta de tudo." **(ESPERANÇA**).

Já **Saudade**, funcionária aposentada, e trabalhou na Escola desde 1983, relatou que na época de funcionamento inicial da EMJBF, seu pai (um dos primeiros moradores do Povoado Cafezal) era administrador do Cafezal, nomeado pelo gestor municipal (era ele que providenciava o que o lugar necessitava), segundo ela: "[...] nesse tempo [...], quando Bráulio Leite ganhou a eleição para prefeito (1983), meu pai que ficou sendo administrador daqui. Então, tudo que precisava pai que pedia [...]. O administrador fazia os pedidos e Bráulio, o prefeito, atendia [...]."

Para **Aprendizagem,** seu Gildásio Cairo foi quem impulsionou a criação da primeira escola do Cafezal, influenciando mais tarde para a construção do prédio atual, no governo de municipal de 1977 e 1982 (2º mandato):

> Principalmente, seu Gildásio Cairo, que a escola começou num local na entrada do Cafezal que até hoje não tem a casa propriamente dita, mas tem o local, tem outra casa, outras pessoas morando. Primeiro o sr. Israel Tavares Viana, que era prefeito na época e com a solicitação da comunidade [...] ele tinha muito interesse pela educação. (APRENDIZAGEM, professor, 55 anos)

Segundo **Educação**, além do prefeito da época, que teve a iniciativa de construir a escola, devido a necessidade da comunidade, que estava em crescimento, seu Gildásio Cairo também teve forte participação, uma vez que a primeira Escola da comunidade começou a funcionar devido a ajuda desse senhor, dono das terras que, posteriormente seriam um povoado. Portanto, no relato de **Educação**, fica claro que:

> A única pessoa que construiu a escola por livre vontade, foi o prefeito. Quanto a outras pessoas, foi a comunidade, o prefeito. Quem formou o Povoado, foi Gildásio Cairo. E foi distribuindo posse para as pessoas, vendia uma e doava outra. Aí foi crescendo o Cafezal e viu que precisava de um colégio [...] **(**EDUCAÇÃO, funcionária, 55 anos**)**

Com base nos testemunhos dos sujeitos dessa pesquisa, bem como nas conversas que tivemos com algumas pessoas do Povoado Cafezal, observamos que todos falam da importância de Gildásio Cairo para a implantação da escola na comunidade, para atender as crianças filhas dos trabalhadores da lavoura do café em sua fazenda. Ainda que em condições precárias, mas a primeira escola desse Povoado surgiu a partir do envolvimento de Gildásio Cairo, para que ela funcionasse em suas terras. Nota-se, em toda a pesquisa, a influência desse fazendeiro para que a educação fosse implantada na comunidade.

Os moradores da Comunidade do Cafezal, tem relato semelhante aos profissionais da educação. **Recordação**, por exemplo, faz uma análise do contexto de construção da Escola até chegar ao patamar atual, quando diz que cada prefeito que governa faz mudanças na Escola:

> Olha a escola, eu sei quem iniciou 2 ou 3 cômodos foi Iôsa. Bráulio chegou e fez outra parte e depois Orberdan ampliou. De prefeito que não fez nada, só conservou foi José Amorim [...], Gesiel também fez (ampliação). (RECORDAÇÃO, morador da comunidade, 86 anos).

Em seu testemunho, **Amor** informa, assim como outros sujeitos, que seu Gildásio Cairo teve grande influência na construção da Escola, já que ele era o dono das terras. Ela nos conta que, ele doava terrenos (posses) para as famílias construírem suas moradias.

O sujeito **Recomeço**, reforça ainda mais a participação do fazendeiro Gildásio Cairo na construção da escola, contudo menciona também o prefeito da ocasião. Em seu depoimento, ele relata:

> Nesse cenário, nessa época de Iôsa que, juntamente ele com Gildásio Cairo, com a influência deles dois para estar ajudando essa comunidade, foi por aí que construiu essa escola. A comunidade foi evoluindo e de acordo com essa evolução os prefeitos foram chegando e dando seguimento naquilo que já estava. (RECOMEÇO, morador da comunidade, 59 anos)

O sujeito **Amizade**, não se lembra muito do período de construção da Escola, pois quando começou a trabalhar na Escola, era um outro prefeito e já havia construído a EMJBF. Como mostra seu relato:

> Eu não me lembro, porque quando nós chegamos pra aqui, nós começamos, e Bráulio havia ganhado a eleição. A escola estava construída, onde a gente trabalhava. Só aquelas 2 salas de aula, 1 banheiro e uma cantina. Depois foi mudando, tirou a professora da comunidade (que era leiga), colocou outras professoras que tinham formação. (AMIZADE, funcionária, 55 anos)

Em conformidade com os testemunhos dos sujeitos dessa pesquisa, buscamos informações concernentes às motivações que levaram à construção da EMJBF, no Povoado Cafezal. Os relatos são muito interessantes, pois notamos fatos que vão da implantação do Mobral na comunidade e passa pela formação do professor da época, até a presença da escola na vida do aluno por meio da ajuda profissional para alguns problemas que são notados, como podem ser vistos nos testemunhos que seguem. Essas lembranças marcaram a transformação do lugar, pois, “Podemos então chamar de lembranças muitas representações que repousam, pelo menos em parte, em depoimentos e racionalização.” (HALBWACHS, 1990, pp. 71/72)

No relato de **Aprendizagem**, a comunidade escolar foi beneficiada com a construção da EMJBF, uma vez que aos poucos foi adequado aos anseios da comunidade:

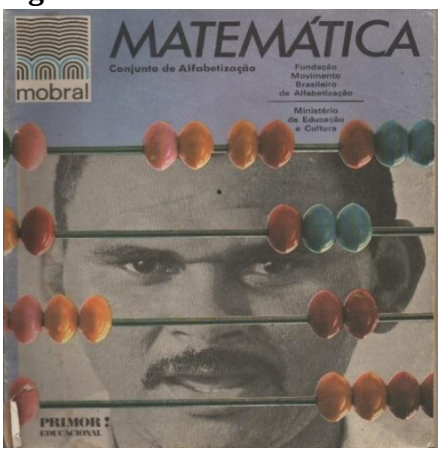
> Naquela época foi uma contemplação muito grande, como é até hoje. A escola só evoluiu de lá para cá, mas na época da construção ela atendeu, porque não tinha escola próxima para que os alunos pudessem estudar. Se eles quisessem estudar teriam que se locomover a cavalo, porque naquela época bicicleta era uma coisa difícil, eram mais animais, tinha que ser a cavalo, ou então os pais levarem na carroça para a escola, porque tinha escola para o lado do São Bernardo, próximo ao Cafezal não tinha, tinha escola também na Pedra Branca. (APRENDIZAGEM, professor, 55 anos)

Segundo **Crianças**, a escola atendia muitas crianças para a época, existiam outras escolas, e até o Mobral. **Crianças** ainda nos relata sobre as dificuldades financeiras da comunidade que era muito pobre, mas que colabora com a escola da forma que podia:

> Devido a escola ser maior, ela atendia várias crianças, agora tinham outros lugares que atendiam adulto, mas não era na escola (do Cafezal), que era uma salinha que outra professora ensinava. E a noite na época do Mobral [...] era escola para adultos [...]. Eu me lembro que eram 2 salas, uma cantina, banheiro, e o material que vinha da prefeitura, [...] a comunidade era muito pobre não tinha condição de colaborar, colaborava mandando as crianças para a escola, para que ela funcionasse. (CRIANÇAS, professora aposentada, 67 anos)

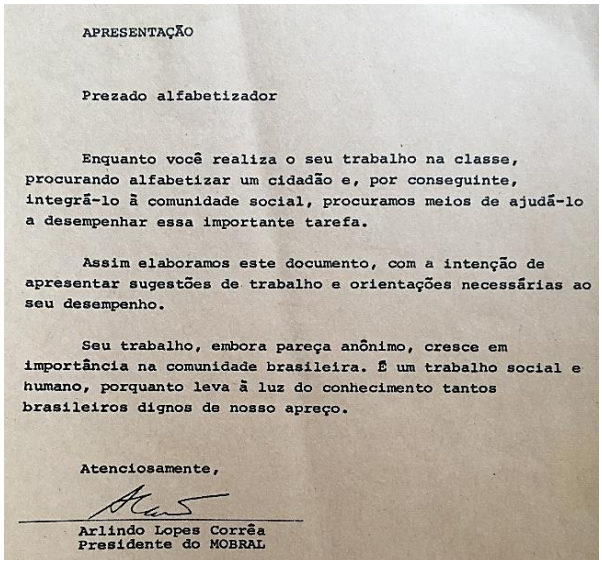
A implantação da escola no Povoado Cafezal, ainda que de forma precária, pois as condições materiais e o local de funcionamento da escola não eram adequados, foi um passo importante para o desenvolvimento do lugar. Pois, como identificamos nas entrevistas, foi o início de todo processo de mudanças para a comunidade. A Figura 24 retrata os materiais usados no curso Mobral, década de 1970.

Figura 24 – Material destinado ao ensino do curso Mobral



Fonte: Cedida pela participante Crianças (1974). P4quisa de campo (2022)

Fonte: Cedida pela participante Crianças (1977). Pesquisa de campo (2022)



APRESENTAÇÃO

Prezado alfabetizador

Enquanto você realiza o seu trabalho na classe, procurando alfabetizar um cidadão e, por conseguinte, integrá-lo à comunidade social, procuramos meios de ajudá-lo a desempenhar essa importante tarefa.

Assim elaboramos este documento, com a intenção de apresentar sugestões de trabalho e orientações necessárias ao seu desempenho.

Seu trabalho, embora pareça anônimo, cresce em importância na comunidade brasileira. É um trabalho social e humano, porquanto leva à luz do conhecimento tantos brasileiros dignos de nosso apreço.

Atenciosamente,

Arlindo Lopes Corrêa
Presidente do MOBRAL

Fonte: Cedida pela participante Crianças (1977).
Pesquisa de campo (2022)

Essas figuras representam os materiais utilizados pelos professores que trabalhavam com o curso Mobral, que tinha como meta a erradicação do analfabetismo de adultos. Elas foram fornecidas pela entrevistada **Crianças (**foi professora do Mobral, na década de 1970**).**

Além de trazer oportunidade para as crianças e, como vimos, para os adultos com o funcionamento do Mobral, influenciou a construção de um colégio com uma estrutura mais adequada para funcionar uma escola, que aos poucos foi sendo ampliada e facilitando não só a matrícula do aluno, mas a sua permanência no contexto escolar, já que a escola contemplava praticamente todo o público estudantil da comunidade e de algumas áreas vizinhas.

Ela continua nos relatando sobre a importância de seu Gildásio Cairo para o povoado. Segundo **Crianças**, o deslocamento para a escola era muito difícil, pois as estradas eram ruins:

> [...] mas ali era uma comunidade muito pobre, se tem alguma pessoa que ajudou lá financeiramente, devia ser seu Gildásio. As dificuldades eram imensas, porque o trajeto que a gente fazia como professora para deslocar de um local para outro, era difícil. Hoje as condições melhoraram, mas as estradas continham nas mesmas condições de quando eu ensinava no Povoado, era um atoleiro, tinha época que eu ficava quase uns 3 dias no Cafezal sem poder descer devido a lama. (CRIANÇAS, professora aposentada, 67 anos)

Ainda que a EMJBF não tenha começado a funcionar nessa época, as escolas que funcionavam na região, por não atenderem a todos os alunos, devido à distância, influenciaram a implementação de uma escola no Povoado, já que nessa época, o número de famílias era considerável.

Para **Esperança**, as melhorias foram significativas, uma vez que a primeira escola do

Cafezal funcionava num galpão, os professores da atualidade têm uma melhor formação e a implantação da escola na Comunidade só trouxe benefícios:

> Tinha professor que só tinha a 4ª série e que ensinava. Então antes era nessas condições. Quando eu cheguei aqui já estava bem desenvolvido. Porque pelo menos tinha professor já com Magistério completo, tinha uma sala multisseriada e outra não. (ESPERANÇA, professora aposentada, 52 anos)

Esperança ainda reforça seu relato sobre a importância da construção e funcionamento da EMJBF na Comunidade do Cafezal, relatando o seguinte:

> A gente não pode dizer que era insatisfatória, porque satisfatória era, porque **tudo que é implantado para o desenvolvimento do lugar é satisfatório**, agora a estrutura que no caso não era boa. Isso que fiquei sabendo, porque quando eu cheguei, apesar de ser uma sala pequenininha, pelo menos eram 2 salas, porque antes ela funcionava num galpão, e era sala multisseriada, e não tinha professor qualificado, não era formado. (ESPERANÇA, professora, 52 anos) (Grifo nosso)

Na visão de **Amizade**, as mudanças na EMJBF e no Povoado Cafezal ao longo do tempo foram muitas, conforme Moreira (2019, p. 45) "O tempo vai semeando "germes de vida" nas suas margens: casas, lugarejos, aldeias, cidades.". **Amizade** relata que além do crescente número de família na comunidade, por meio da escola muitos problemas de saúde dos alunos podem ser detectados, e a escola pode ajudá-los:

> A escola foi construída por necessidade, porque o Povoado era uma fazenda, então como o fazendeiro construiu o Povoado, foi aumentando as famílias, então tinha necessidade de um colégio [...] o prefeito construiu a escola, porque tinha necessidade para os alunos estudarem aqui, para não sair para fora [...]vieram muitos professores da Barra, então, o comportamento dos alunos melhorou, porque através dos professores, foram descobertos muitos problemas em alunos. (AMIZADE, funcionária, 55 anos)

De acordo com a reflexão que **Amizade** faz, sobre a relevância da escola para a Comunidade, devido o cuidado que a equipe escolar tem em observar o dia a dia dos alunos:

> [...] era preciso trazer psicólogo para conversar com os alunos, foi um grande desenvolvimento, assim valorizou mais o colégio, porque as mães falam, meu filho tinha problema [...], muitas coisas foram descobertas pelo próprio professor, as mães gavam muito. [...] (AMIZADE, funcionária, 55 anos)

No testemunho de **Amizade**, foi possível identificar o aumento do número de funcionários na escola e a chegada de materiais didáticos "Teve direção, colocou celular que não tinha, computador, não tinha porteiro, não tinha vigia, não tinha auxiliar, e hoje tem tudo,

tem diretor, tem secretário, tem vigia, então o colégio valorizou muito." (**AMIZADE**). Conforme **Educação**, a implantação da escola no Cafezal, deve-se ao fato do crescente número de alunos:

> Com a necessidade de crescer mais, construiu a escola, porque tinham mais alunos, muitas crianças, não só lá dentro do Cafezal, mas da zona rural, pois a região é muito grande. Ali dentro do Cafezal, eu acho que na zona rural tem mais alunos do que dentro do Cafezal mesmo. (EDUCAÇÃO, funcionária, 55 anos)

Segundo **Educação,** à medida que outros prefeitos entravam no município, outras melhorias chegavam para os alunos, sobretudo, da zona rural, e Povoado do Cafezal, pois: "foi melhorando, os novos prefeitos que foram entrando, foram vendo que precisava ter carro pra trazer os alunos da zona rural. Agora está melhor ainda. Na escola também, a comunidade estar a par de todas as coisas." (**EDUCAÇAO**). Nota-se, nos testemunhos que as memórias evocam as lembranças que representam as mudanças ocorridas no espaço, a partir das necessidades do homem.

Pelos relatos dos nossos entrevistados, verificamos o quanto tais lembranças ainda permanecem vivas em suas memórias, uma vez que todas essas mudanças no locus da pesquisa representam mais que meramente fatos do passado, mas suas trajetórias de vida, enquanto grupos sociais, enquanto comunidade que de alguma forma foi beneficiada por tudo que foi implantado, que melhorou ou que trouxe possibilidades de avanço, de desenvolvimento. É a partir dessa necessidade, causada pelo aumento de famílias no Cafezal que a escola foi construída, aos poucos foi crescendo, diminuíram custos dessas famílias que não podiam pagar passagens todos os dias, e hoje se tornou referência para a região, conforme relata **Amor**:

> [...] foi aumentando tudo, e ficava longe para estudar na Barra, o povo não aguentava pagar passagem, não tinha carro para poder pegar, como tem hoje, quem quisesse estudar ia pegar o ônibus. E nessa época era pouca gente (época em que eles iam a pé ou de bicicleta para o ponto pegar o ônibus e estudar na Barra), quando foi crescendo o número de pessoas, construiu a escola. Quando trouxe professora formada, os alunos começaram estudar no Povoado. Aqueles que já estavam adiantados iam estudar na Barra. (AMOR, moradora da comunidade, 83 anos)

Assim como outros sujeitos dessa pesquisa em seus relatos, **Amor** reafirma que cada prefeito eleito dava sua contribuição para as mudanças que faziam no Cafezal, não só com a ampliação e melhores condições de funcionamento da escola e transporte escolar, mas na própria comunidade, como a construção do posto de saúde, uma vez que quando alguém precisa

fazer exame, tinha que se deslocar para Barra do Choça ou Vitória da Conquista, como mostra o trecho da entrevista a seguir:

> Aqui só tinha 3 carros, quando nós chegamos, tinha o de João do Bar, tinha o de Raul e outro do Zé Moreira, mas como era do trabalho deles, não era toda hora que podia atender as pessoas. Agora era bom, porque tinha serviço para mulher, para menino, já hoje tem muita dificuldade para trabalho. (AMOR, moradora da comunidade, 83 anos)

Com relação à EMJBF, em seu testemunho, **Aprendizagem** nos conta que inicialmente, a escola começou a funcionar em condições que eram bem difíceis. Segundo ele:

> Quando cheguei ao Cafezal, já tinha um tempo que a escola havia sido construída, mas a gente atendia alunos do 1º ao 5º ano, que naquela época era alfabetização até o 5º ano (4ª série). E a escola era bem pequena, não tinha infraestrutura, você sofria muito para dar aula com a sala cheia demais, não tinha pátio, a frente da escola era aberta e de chão batido. No intervalo costumávamos jogar bola com as crianças. E as salas eram multisseriadas, mas eram bem pequenas, onde os meninos ficavam praticamente grudados um no outro. Então era uma dificuldade muito grande que a gente tinha para desenvolver o trabalho, está certo que conseguíamos, mas éramos jovens, não tínhamos experiência. (APRENDIZAGEM, professor, 55 anos)

Em continuidade com a entrevista concedida por **Amo**r, "antes da construção do prédio que a funciona EMJBF, uma escola funcionava num depósito, na entrada do Povoado." Ela relata que alguns de seus filhos estudaram no Cafezal, outros estavam em séries mais avançadas, por isso iam para Barra do Choça, pois no Cafezal só atendia até a 4ª série:

> A escola, quando era no depósito eu não ia, mas depois quando fez esse colégio, estudavam minhas meninas e meninos pequenos [...], os que vieram de Caraíbas com mais estudo, iam para a Barra. O colégio foi construído entre os anos de 1979 e 1980 mais ou menos. Era uma escola muito pequeninha. E tinha uma cantina também. (AMOR, moradora da comunidade, 83 anos)

Como morador da comunidade, o entrevistado **Recomeço** nos conta sobre a construção e funcionamento da escola, relatando que a educação é de muita importância para as crianças de qualquer lugar. Sendo assim, era muito relevante se construir uma escola para atender as famílias que moravam naquela localidade:

> [...] A escola tem que ter, todo lugar a educação, independentemente de onde é que esteja a educação tem que ter, naquele tempo os alunos eram poucos, porque a dificuldades eram muitas, o Povoado era pequeno, mas a educação é uma coisa que toda vida sempre tem que ter educação (RECOMEÇO, morador da comunidade, 59 anos)

Notamos o quanto o Povoado Cafezal e a EMJBF significam para essa comunidade. Ao longo das entrevistas foi perceptível a representatividade do Povoado Cafezal para essas pessoas, pois passou por mudanças, porém as lembranças quando as memórias são evocadas, demonstram o reconhecimento desse lugar em suas vidas, por isso essas memórias precisam ser registradas, pois são essas lembranças que evidenciam a participação dos sujeitos sociais no processo de formação do Cafezal e criação da instituição.

5. A (RE)CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA SOCIAL POR MEIO DOS TESTEMUNHOS DOS DOCENTES E NÃO DOCENTES E DA COMUNIDADE DO CAFEZAL

Para construção desse capítulo, baseamo-nos nas entrevistas concedidas pelos profissionais da educação, docente e não docente, bem como nos relatos de moradores da comunidade do Povoado do Cafezal. Por meio dos testemunhos dos entrevistados, buscamos a compreensão das memórias desses sujeitos sociais, sobre esse espaço educativo, a relação da escola e dos projetos desenvolvidos com e para a comunidade. Sendo assim, com base nos relatos dos sujeitos da pesquisa, e para melhor entendimento desses testemunhos, o capítulo foi organizado da seguinte forma:

- Os testemunhos e participantes da pesquisa;
- Profissionais da educação e comunidade: identidade e memórias;
- Relatos de um tempo esquecido: memórias para serem lembradas.

Conforme o objetivo: Conhecer as memórias dos profissionais de educação e de moradores da comunidade do Cafezal sobre esse espaço educativo, a relação da escola e dos projetos desenvolvidos com e para a comunidade, elencamos categorias analíticas, apresentadas a seguir, como forma de organizar as entrevistas a partir das respostas dos entrevistados, bem como identificar as informações obtidas pela coleta de dados, a partir dos testemunhos dos nossos sujeitos sociais.

- A importância da escola para a Comunidade do Cafezal e para os profissionais de educação;
- As memórias que foram construídas nesse espaço educativo;
- A relação da escola e dos projetos desenvolvidos com a comunidade.

Ao elaborarmos categorias analíticas, apresentadas, foram construímos tabelas com as informações sobre cada categoria, o participante e as informações obtidas em seus testemunhos. As tabelas podem ser conferidas nos anexos desse texto. Para a condução da entrevista, melhor compreensão dos testemunhos, de acordo com as categorias, foram elaboramos as seguintes questões:

1. Como você vê a relação que a escola tem com a comunidade?
2. E quais atividades educativas são promovidas pela escola que envolvem à comunidade?
3. Como você vê a relação que a escola tem com a comunidade?
4. E quais atividades educativas são promovidas pela escola que envolvem à comunidade?
5. Essa relação tem produzido aspectos positivos para o desenvolvimento local e da comunidade estudantil?

6. Quais memórias foram construídas nesse espaço educativo, que precisam ser evocadas?
7. Quais mudanças foram percebidas na instituição escolar no decorrer do tempo? E no Povoado Cafezal?
8. Que registros são possíveis identificar, além de suas lembranças que podem confirmar essas memórias?

Os testemunhos apresentados no próximo tópico, representam as memórias de cada sujeito sobre a EMJBF e a Comunidade do Cafezal, e os acontecimentos que marcaram o processo de desenvolvimento desse espaço social, atribuindo-lhe sentido de pertencimento ao lugar de memória. Para isto, buscamos dar voz aos nossos sujeitos, uma vez suas memórias trazem consigo as experiências e as lembranças do contexto de evolução tanto da escola, como do Povoado, assim como o espaço de referência às tradições da comunidade, que busca manter suas peculiaridades a partir de suas memórias, por meio das gerações posteriores. Para isso, suas memórias precisam ser evocadas para que permaneçam vivas em suas histórias.

5.1. Os testemunhos e os sujeitos da pesquisa

Ao longo da pesquisa de campo, muitas informações foram obtidas. Buscamos em diversas fontes, vestígios ou registros que pudessem confirmar os testemunhos dos nossos participantes. Contudo, nos muitos lugares que percorremos, não foram encontrados registros sobre o nosso *locus* da pesquisa, para compor a memória documental. Entretanto, obtivemos muitas informações importantes acerca da instituição e que, certamente serão relevantes para esse estudo, já que "O passado nos é dado como radicalmente outro, [...]. É colocando em evidência toda a extensão que dele nos separa que nossa memória confessa sua verdade – como na operação que [...] a suprime." (NORA, 1993, p.19). Assim, buscamos focar nas memórias mais subjetivas, mas profundas dos entrevistados.

Em relação ao Projeto Político Pedagógico (PPP 2012) da Escola, identificamos o documento referente ao ano de 2008, em posse da EMJBF, contudo, no Conselho Municipal de Educação, órgão em que ficam arquivados documentos das unidades de ensino, verificamos a existência de tal documento do ano de 2012, contudo, na EMJBF não há um exemplar desse documento até a realização da pesquisa. Ressaltamos que os PPPs de todo o município vão passar por uma reformulação e adequação, possivelmente ainda em 2022. Ao analisarmos o documento da referida escola de nossa pesquisa, notamos muitas mudanças, principalmente no quadro de professores, direção, coordenação e secretário escolar. Além do corpo administrativo, docente e outros profissionais que trabalhavam na escola. Na época, percebemos que a escola

atendia um público com uma faixa etária entre 04 a 60 anos, visto que além dos turnos matutino e vespertino, a mesma também funcionava no noturno, com turmas de EJA, contando na época com cerca de 459 alunos matriculados. A EMJBF funcionou até 2016 com turmas no noturno. Em 2017, por falta de alunos, a escola passou a funcionar apenas no diurno, com turmas da pré-escola até o 9º ano.

Outras informações chamaram nossa atenção, quando o PPP, elaborado em 2012, menciona as dificuldades em colocar em prática algumas atividades propostas na Jornada Pedagógica, quando a equipe diretiva e docente se reúnem para construir a proposta escolar. Como: A superação da dicotomia entre o rural e o urbano. A Educação do Campo de qualidade é um direito dos povos do campo; A Educação do Campo e o respeito às organizações sociais e o conhecimento por ela produzido; A Educação do Campo no campo entre outros.

Quanto aos encaminhamentos e propostas que viabilizem a melhor aprendizagem dos alunos, verificamos no PPP da escola que existem mecanismos para que tal melhoria ocorra, contudo, não são suficientes para motivar os alunos e evitar a evasão escolar no noturno. Com relação a metodologias e projetos desenvolvidos pela escola, no PPP já tem 10 anos de atualização, há algumas situações que não cabem mais à realidade do perfil do público estudantil. No entanto, ressaltamos que a escola utilizava alguns recursos que ainda podem ser utilizados, como debates, rodas de conversa, recursos audiovisuais, aulas expositivas dialogadas.

Sobre o relacionamento da comunidade estudantil, na época a escola percebia que os alunos não se tratavam com o devido respeito, colocando apelidos etc. Em relação à comunidade, alguns projetos eram realizados pela escola com o envolvimento e maior participação da comunidade, como projetos: Consciência Negra, Sexualidade, Festa Junina, Desfile da Primavera e reuniões para a composição do Caixa Escolar.

A escola também promovia, e ainda promove, algumas atividades culturais que têm a participação da comunidade na escola, tais como: O dia da criança, o dia das mães, atividades esportivas e outras.

Assim como algumas considerações presentes no PPP da escola, que precisa ser atualizado, uma vez que se refere a um documento de 2012, buscamos apresentar os testemunhos dos nossos sujeitos sociais sobre fatos e acontecimentos que fizeram parte da memória da escola. Para **Crianças**, apesar de já aposentada e afastada do convívio escolar, ela comenta que a escola realiza alguns eventos que envolvem a comunidade. Interessante perceber que ela fala de um problema na educação pública que não é novo, a evasão, já mencionada nas considerações do PPP - 2012, e nessa época tal fato se dava devido às condições em que as

crianças e suas famílias viviam na comunidade, como podemos notar no relato a seguir:

> As festas do Dia das Mães, do Dia dos Pais, a comunidade é convidada outras pessoas que queiram participar, na época de São João tinha quadrilha da escola, hoje eu não sei se está tendo, porque quase não frequento, devido a minha idade e é muito ruim locomover daqui pra lá, ficou muito difícil. Hoje eu sei poucas coisas da escola. E antes não tinha essa facilidade, quando começou a escola no Cafezal, criança não ia por não conseguir fazer o trajeto, pois existia muita lama, por causa das chuvas constantes e a distância da escola para essas crianças pequenas locomoverem. Então, tinha época que tinha evasão na escola devido as dificuldades que tinham, e não tem hoje. (CRIANÇAS, professora aposentada, 67 anos)

Contudo, mesmo diante de tantas dificuldades vivenciadas pelas famílias na época, o que de certa forma implicava na permanência da criança na escola, houve muitos avanços, e estes facilitaram a vida escolar dos alunos da região:

> O Povoado melhorou com certeza, porque tem aluno que estudava quando era pequeno e hoje já tem casa comercial lá, desenvolveu muitas coisas, alunos que estudam fora, e antigamente não tinha essas condições, porque mal chegava a 4ª série e acabou, porque não tinha carro para levar para estudar fora, em Barra do Choça, nem para Conquista. E quando ia para Conquista o prefeito não dava as passagens, poque nós sabemos que hoje a maioria do pessoal que não chegou a uma formatura não é porque não quis, é porque não teve ajuda de custo. (CRIANÇAS, professora aposentada, 67 anos)

Em relação à proximidade da comunidade com à escola, a comunidade além de ser participativa na vida escolar dos alunos, é muito presente quanto a sua participação no cotidiano escolar, portanto:

> Hoje, eu vejo assim a relação da escola com a comunidade, a gente sempre pode contar com ela. Qualquer hora que você manda um convite eles já estão na escola, todas as atividades eles querem estar presentes. Então eu acho assim, um relacionamento muito bom da escola com a comunidade. Eles são pessoas que cobram muito da gente, sempre presente tudo que acontece eles querem saber. Eu acho muito bom o relacionamento entre escola e comunidade. (ESPERANÇA, professora, 52 anos)

Segundo o testemunho de **Saudade**, a comunidade é muito unida, e preza por uma boa educação para suas crianças, além de ter tido muitos avanços no lugar no decorrer do tempo:

> É boa, porque somos unidos. É uma coisa que a comunidade tem, união. Agora segue uma coisa boa. A escola faz muita coisa boa pela educação e pelo trabalho, pelos projetos. Traz a união para o trabalho, primeiro era tudo junto. E hoje está melhor. Tem mais união. Então acontece é isso com a escola e a comunidade, é uma coisa em conjunto. (SAUDADE, funcionária aposentada, 63 anos)

Na visão de **Amizade**, a escola é muito próxima da comunidade e está sempre fazendo algo que traz as famílias para perto dela. Segundo ela: "Toda vez que tem algum benefício [...] os moradores daqui se fazem presentes, então elogia a escola, os diretores e as coisas [...] quando convidam os pais, eles vão. Então é bem aconchegante. Todo mundo dar valor [...]" (**AMIZADE**).

Educação enfatiza que, além da boa convivência entre escola e comunidade, a escola promove muitos projetos, palestras que trazem a comunidade para perto. Conforme ela: [...] tinham as palestras na (EMJBF), com a delegada, com pessoas sobre assuntos que os alunos precisavam saber, para melhorar o comportamento deles. [...] Muita coisa mudou ali no Cafezal, tem bastante coisa que mostrou que a educação é uma coisa muito importante para todo mundo. **(EDUCAÇÃO**). Ela continua seu relato, dizendo:

> [...] faziam dia das mães, dia dos pais, dia das crianças, fazia a quermesse, a comemoração do São João, que a comunidade toda gostava de ir, porque prestigiava tanto o colégio e ao Cafezal. Eles faziam lá na praça para todos comparecerem, fazia a festa das mães, e elas iam em peso, dos pais também, levava as crianças para fora da escola (no dia das crianças), fez também aquele projeto do Meio Ambiente (ECO TEENS- 2015), foi muito bom, os pais todos gostaram, tinha a festa da primavera, muito bom, os jogos estudantis, os internos, e tinha também em Barra do Choça a semana da cultura. (EDUCAÇÃO, funcionária, 56 anos)

Em continuidade do testemunho de **Educação**, notamos que há grandes avanços na vida dos alunos por meio da EMJBF, pois muitos hoje são professores, outros que já estudaram na escola voltam como forma de reconhecimento para que seus filhos usufruam do cotidiano escolar que eles tiveram:

> Muito aluno já progrediu, já formou, uns já são professores, uns já está trabalhando no próprio colégio que eles estudaram, ali a gente tem orgulho, tem vez que chega um aluno ali que tem muito tempo que a gente não vê, chega e fala estudei aqui n colégio, voltei, meus filhos vão estudar aqui no mesmo colégio, tem aquele prazer de colocar ali. Então, essa relação entre o colégio e a comunidade, melhorou muito no Cafezal. **(**EDUCAÇÃO, funcionária, 56 anos)

O sujeito **Aprendizagem**, assim como **Educação**, menciona alguns projetos realizados ao longo dos anos pela escola e que tem o apreço e a participação da comunidade do Cafezal. Reafirmando as concepções de Halbwachs (1990, p. 36) sobre a memória coletiva, para que "[...] se possa falar de memória coletiva quando evocamos um acontecimento que teve lugar na vida de nosso grupo e que considerávamos; e que consideramos ainda agora, quando nos lembramos, do ponto de vista desse grupo." Dessa forma, as memórias, são coletivas, pois são

evocadas coletivamente pelos sujeitos. Logo, **Aprendizagem**, convergindo com o relato de **Educação**, afirma:

> Eu acredito que as atividades relacionadas ao esporte, a projetos que a escola promove, como projeto de leitura, como o Eco Teens, o interclasse, o desfile da primavera, e hoje não vejo muito mais interesse, pois vem coisas novas que as pessoas querem promover. Então, acredito que foram contribuições muito grande para a aprendizagem dos alunos na escola. (APRENDIZAGEM, professor, 55 anos)

A partir dos testemunhos dos entrevistados, apresentamos a seguir algumas figuras (Figuras 25 a 27) sobre atividades educativas desenvolvidas pela EMJBF ao longo dos anos e que tem significado muito especial para as pessoas que vivenciaram esses momentos.

Figura 25-Passio ciclístico

Fonte: Arquivo pessoal da autora (2018). Pesquisa de campo (2022)

Figura 26- Festa do Dia das Crianças

Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019). Pesquisa de campo (2022)

Figura 27– Projeto Eco Teens - EMJBF

Fonte: Arquivo pessoal da autora (2015). Pesquisa de campo (2022)

Segundo o sujeito **Aprendizagem**, além de promover atividades que envolvem a comunidade, a EMJBF sempre teve um bom relacionamento com a comunidade, fato que foi se aprimorando com o tempo, como podemos notar em seu testemunho:

> Eu vejo a comunidade interagindo muito com a escola, sempre buscando o que a escola tem para oferecer, isto na minha visão eles sempre estão lá, sempre vão lá buscando informações, antes iam só para resolver problemas, hoje é diferente, estão lá para buscar o novo para os próprios filhos, claro que a gente não pode generalizar, porque sempre tem alguns que não tem aquele intuito de vínculo com a escola, mas colocando uns 80% vão à escola em busca da aprendizagem para seus filhos, pois quando cobram alguma coisa é em relação a isso. Não cobram o particular, eles cobram o todo para melhorar a aprendizagem dos seus filhos. (APRENDIZAGEM, professor, 55 anos)

Do ponto de vista de **Recordação**, o jovem da atualidade não gosta de estudar, e que quando não são acostumados ao trabalho, estes jovens dificilmente vão trabalhar na vida adulta, "[...] quando o aluno já está adiantado, eles procuram qual o destino dele, de trabalho dele. Ali eles têm que informar, então ali tem que indicar para onde é que eles podem ir estudar" (RECORDAÇÃO, morador da comunidade, 86 anos).

Mesmo que haja uma interação entre a escola e a comunidade, enquanto moradora da comunidade, **Amor** afirma que apenas os pais são convidados a participarem das reuniões e

festividades que a escola promove, mas que outros moradores da comunidade não são.

> Bom, só chama a comunidade, as mães, para falar alguma uma coisa, mas outras pessoas não, não frequentam lá. Só mais reuniões de pais. Quando tem alguma coisa assim chama os pais, e até as festinhas aí chamam. Aqui nunca soube que chamasse a comunidade para reunir na escola. (AMOR, moradora da comunidade, 83 anos)

Como entrevistamos três segmentos diferentes, docentes, não docentes e moradores da comunidade, em alguns momentos da entrevista, notamos respostas semelhantes, mas também respostas que se divergem, isso porque cada um deles tem um contexto diferente

Vale lembrar que outros sujeitos nos informaram que grande parte dos moradores da comunidade tem filhos ou netos na escola e que, portanto, basicamente todos são convidados para os eventos da escola.

Em outro momento da entrevista, **Amor** relata que ela mesma não foi chamada para participar da escola nas atividades promovidas, posto que ela não tem filhos estudando na escola, mas que há reciprocidade entre escola e comunidade, pois a maioria das famílias da região do Povoado tem filhos ou netos estudando na instituição. Para **Amor:**

> Só chama os pais, eu nunca fui chamada. E nunca ouvi falar que eu vou para a escola, fulana me chamou. Só vejo falar reunião dos pais, agora reunião de comunidade, nunca ouvi. Eu sei que a relação é boa, eu nunca soube de qualquer coisa ruim. Nunca vi professor(a) se queixarem de nada (AMOR, moradora da comunidade, 83 anos)

Já **Recomeço** avalia que o vínculo entre escola e comunidade é muito bom e que continua a progredir cada vez mais. Para ele esse fato é muito importante para o desenvolvimento do lugar:

> A escola tem um vínculo muito importante com a comunidade. A escola é um vínculo, é se sentir em casa, é uma família. Sempre faz muitas atividades, e a maioria das atividades, reunião na escola chama os pais, para poder estar cuidado de atividade, dando explicação sobre como os alunos estão, como está o ensinamento. Deles, como está o ensino. Dando explicação total que os professores estão passando para os pais, e a relação deles é uma coisa muito boa e necessária. (RECOMEÇO, morador da comunidade, 59 anos)

Os testemunhos dos entrevistados, mostram-nos as mudanças e transformações ocorridas na EMJBF e no Povoado Cafezal, no decorrer do tempo e tiveram impactos no cotidiano das pessoas, tanto nos aspectos econômicos quanto sociais. Nesse sentido, De Benedictis (2020), afirma:

> O espaço geográfico, é, portanto, o lugar de objetos, da vivência de sujeitos, por isso o olhar do pesquisador não pode ter uma ligação restrita ao aspecto econômico, pois, se assim o fosse, perderíamos a compreensão da lógica e da dinâmica que é peculiar à produção social do espaço (DE BENEDICTIS, 2020, p. 54).

Cabe aqui ressaltar que, enquanto pesquisadores, precisamos levar em consideração todos os aspectos que perpassam pela formação do espaço social, uma vez que são peculiares nos diferentes modos e influências que os sujeitos absorvem ao longo de suas vivências, e isso reflete diretamente na maneira como isso interfere em suas experiências e na forma como ele age perante tais influências, nos diversos campos em que formam esse espaço.

5.2. Profissionais da educação e comunidade: identidade e memórias

A memória como a evocação das lembranças do passado, e pode ser transformada nas experiências do cotidiano, vivenciadas por determinado grupo em um lugar específico. Portanto, "É preciso que nos encontremos ou que estejamos em condições que permitam a essas duas influências combinar melhor sua ação, para que a lembrança reapareça e seja reconhecida" (HALBWACHS, 1990, p. 46). A lembrança nos remete aos momentos que nem sempre precisam ser evocados, mas que estão guardados em nosso inconsciente. Para Japiassú e Marcondes (2001), a memória se apresenta como a:

> Capacidade de reter um dado da experiência ou um conhecimento adquirido e de trazê-lo à mente; considerada essencial para a constituição das experiências e do conhecimento científico. A memória pode ser entendida como a capacidade de relacionar um evento atual com um evento passado do mesmo tipo, portanto como uma capacidade de evocar o passado através do presente. (JAPIASSÚ e MARCONDES, p. 128)

Nesse sentido, evocar suas memórias e recorrer aos seus testemunhos de toda uma vida, não é uma tarefa fácil. Porém, muito agradável, já que por meio dos testemunhos com base nas memórias dos nossos sujeitos sociais, suas lembranças se tornaram visíveis, uma vez que tais lembranças representam a trajetória de vida de cada um e o que esse lugar diz sobre suas vidas, enquanto profissionais de educação e moradores da comunidade, pois, "Em resumo, os lugares de memória seriam os guardiões da memória pessoal e coletiva se não permanecessem "em seu lugar" (RICOEUR, 2007, p. 59/60). Neves (2008), reforça o sentido da memória no cotidiano, quando afirma que:

> A memória se manifesta na dimensão do cotidiano de modo diferente "do que

> acontece nas outras perspectivas da história". **Revela "o sentimento de duração, nas coletividades e nos indivíduos", a sensação do que muda ou permanece, para exprimir "a própria percepção de história."** (NEVES, 2008, pp. 18/19) (Grifo nosso)

De acordo com Neves, nossa memória revela o sentimento de duração daquilo que pertence não só aos sujeitos, como também a coletividade, na perspectiva de sentir aquilo que permanece ou muda em nossas vidas, no nosso cotidiano.

Em conformidade com os testemunhos a respeito da relação que se estabelece ou estabelecia entre comunidade e escola, os relatos nos fazem pensar que ao longo dos anos, a participação das famílias no contexto escolar melhorou significativamente, visto que, atualmente há uma cobrança, e consciência maior por parte dos pais em estar mais presentes na vida escolar dos seus filhos. Para **Crianças**:

> Já tem 20 anos que eu não estou mais trabalhando e eu pouco ando lá, apesar de meus netos estudarem lá, mas hoje a comunidade é mais frequente na escola, porque antigamente ensinava, cada professor ia embora para Conquista, outros para os seus lugares, não tinha como ficar ali o tempo todo e os pais trabalhavam, as crianças iam para a escola, chegava uma época que as crianças não iam na escola devido as condições da família, que tinha que as crianças ajudarem, tinha evasão na escola, mas com o passar do tempo foi melhorando. (CRIANÇAS, professora aposentada, 67 anos)

No relato de **Esperança**, percebemos a importância da comunidade para o funcionamento da escola, visto que o seu apoio é indispensável para que as atividades propostas pela escola funcionem com êxito. Sobre esse aspecto, Santos (2012, p. 73) destaca, "A sociedade a ser construída deve ser aquela em que todos os cidadãos participem da tarefa da produção coletiva, mas também de seus resultados." Ainda conforme **Esperança**:

> A escola nem funciona sem a comunidade e a comunidade a gente sempre pode contar, não importa o que eles estão fazendo, se estão apertados de serviço, se você manda um convite hoje, a manhã escola está superlotada, para esse povo eu tiro o chapéu. Se tem uma coisa errada eles vêm aqui e cobram da gente, eles não ficam falando por fora. Projetos, antes tinha Dia dos Pais, Dia das Mães, mas hoje não é mais dividido, hoje é família na escola. Essa é a maior atividade que tem na escola. (ESPERANÇA, professora, 67 anos)

No testemunho de **Crianças**, famílias passavam por muitas dificuldades na época em que ela lecionou, que eram muito acentuadas. As crianças no período da colheita do café ficavam um bom tempo longe da escola, pois precisavam ajudar suas famílias:

> Na época da colheita tinha um recesso escolar, que eram de 3 meses, durante a colheita as escolas ficavam fechadas para as crianças ajudarem os pais na

> colheita, porque a família era muito pobre, para ao menos comprar roupa, sapato, que nem era sapato, era sandália nessa época. Para as crianças irem para a escola, elas precisavam ajudar os pais, porque era uma comunidade que unida, mas era muito pobre. (CRIANÇAS, professora aposentada, 67 anos)

Halbwachs (1990) corrobora com a ideia de que a memória das outras pessoas reforça e completa a nossa, quando fazemos parte do mesmo grupo social. Nesse sentido, como os outros participantes, **Crianças** menciona que hoje, ela vê a relação entre comunidade e escola muito melhor do que era no passado, já que há uma comunicação maior do que havia:

> Pelo que eu vejo falar, eu vejo uma relação boa, porque agora os pais participam das reuniões, se tem alguma coisa a escola manda comunicar, se está precisando da presença dos pais para irem lá para resolver alguma coisa de aluno, ficou muito melhor, bem mais evoluída, porque naquele tempo nem reunião de pais tinha, porque não era exigido dos professores. Os professores quando terminava a aula iam embora, porque se não fosse só tinha um carro pra levar, não tinha condição de ficar estendendo o atendimento, terminava a aula ia embora. (CRIANÇAS, professora aposentada, 67 anos)

Esperança destaca algumas atividades que a escola vem realizando ao longo dos anos de funcionamento e que tem o apoio importante da comunidade. Ela comenta sobre a prontidão das famílias em atender as solicitações da escola, como no caso das reuniões de pais:

> Tem os jogos internos, os jogos interclasses que a população apoia muito, tem projetos pequenos, por exemplo se a gente faz desfile da primavera, eles são sempre presentes. Assim essas datas comemorativas**.** Após a pandemia a gente não teve nenhum evento grande, porque não estamos funcionando direito ainda, mas eu acho que é bom, porque tudo que vamos fazer a gente tem o apoio da comunidade, do jeito que eles estão cobrando da gente hoje. Aqui quando tem reunião, eles cobram muito da gente, cobram porque a escola não inaugura logo, eu acho que vai continuar do mesmo jeito, cada dia melhor. **(**ESPERANÇA, professora, 52 anos)

Já **Saudade**, como funcionária de maior tempo de trabalho na escola, esclarece sobre as dificuldades encontradas inicialmente. Segundo ela, os alunos deviam trazer seus copos de casa para merendarem, pois a escola não possuía.

> [...] nesse tempo nem cantina tinha, eu fazia a merenda em casa. Os alunos traziam as vasilhas pra merendar, eles que traziam da casa deles. Agora eu dava a merenda para eles. Nesse tempo não tinha cantina aqui, não tinha nada. E era pouquinho também. Eram poucos alunos. As pessoas tinham pouco estudo. Aqueles que tinham mais um estudozinho, eles iam para Barra. (SAUDADE, funcionária aposentada, 63 anos)

Contudo, **Amizade** traz informações importantes e que mostram como a Comunidade

evoluiu com o tempo, pois alguns dos ex-alunos da escola, hoje são professores, estão estudando Mestrado em outro estado, e assim por diante. Nesse sentido, Halbwachs (1990, p. 88) ressalta: "[...] se circunstâncias exteriores introduzissem na vida do grupo um novo elemento, incompatível com seu passado, um outro grupo nasceria, com uma memória, onde substituiria apenas uma lembrança incompleta e confusa", por isso, é tão importante o registro das memórias sobre as mudanças do lugar, que marcaram a vida das pessoas na comunidade. Portanto, em seu relato sobre a importância da escola para a comunidade, **Saudade** menciona:

> [...] aqui é de grande necessidade, porque tem muitas crianças, valorizou muito porque muitos estudantes que passaram por aqui outros fazendo mestrado, estão sendo professores até do ginásio, então, foi uma grande valorização a construção e ampliação do colégio, porque era só o primário e aí agora tem o ginásio, e principalmente agora que tem o professor de educação física que é de grande valor para a criançada , evitou que os alunos ficassem na rua, porque os que estudam de manhã tem treino, à tarde, os que estudam a tarde tem treino de manhã [...] (AMIZADE, funcionária, 55 anos)

Quando perguntamos sobre a relação da comunidade com a escola, conforme seu testemunho, **Aprendizagem** detalha a participação da comunidade em todas as atividades que a escola vem realizando, assim como os profissionais que lá trabalham:

> Tem uma grande relevância, há participação intensa da comunidade, como também dos profissionais, e essa relevância vem trazendo bons frutos para a escola, como sempre trouxe, e continua mais agora com a evolução das pessoas, elas ficaram mais informadas, procuraram mais a escola para estarem mais presentes com a gente, buscar informações, dentre muitas outras coisas que acontecem no entorno da escola, que acaba sabendo e as pessoas acabam contribuindo. (APRENDIZAGEM, professor, 55 anos)

Para **Aprendizagem**, atualmente, ex-alunos da escola estão em universidades, cursando Fisioterapia, Odontologia, Biologia, Mecatrônica, Física, Matemática, Educação Física etc., ou retornam para trabalharem na escola como profissionais, fazem concurso em outros estados e são aprovados. Segundo relato de **Aprendizagem**, todas essas conquistas estão atreladas a contribuição da escola para formação dos alunos, atuando de forma relevante no processo de ensino aprendizagem. Outro fator importante na escola, é a formação dos docentes, todos tem formação superior e muitos tem pós-graduação em nível de especialização.

Além da contribuição que a EMJBF tem para com a comunidade, é possível notar no testemunho de **Amizade**, que a comunidade tem muita gratidão pele ensino e atividades desenvolvidas pela escola, uma vez que promove o esporte e outros atrativos:

> [...]então, as mães estão dando grande valor ao colégio João Batista. Os próprios professores que ensinam os alunos. O esporte também está trazendo mais ânimo para a criança, porque quando as crianças não querem estudar, e as mães falam que vão tirar da educação física, eles têm outras vocações no estudo, acho que melhorou muito com a implantação do esporte. **(**AMIZADE, funcionária, 55 anos)

Quando **Amor** remete às lembranças do passado, evoca suas memórias quanto ao contexto do Povoado Cafezal na época em que ela e sua família chegaram por àquelas terras. Em seu relato, **Amor** revela que,

> [...] hoje tem dificuldade para trabalho, porque ninguém quer trabalhar mais, outros tem tudo máquina para plantar, veneno para matar o mato, não querem mais capinar, e também o povo daqui está saindo para trabalhar fora, porque aqui tinha muito café, só essa área aqui eram 53 quadras. (AMOR, moradora da comunidade, 83 anos)

Ao evocarem suas memórias, para fomentar suas vivências do passado, notamos uma nostalgia, percebemos que para muitos deles, houve uma ruptura das tradições do passado com o presente. Contudo, "O momento da recordação é então o do reconhecimento" (RICOEUR, 2007, p. 57), por isso todas as falas, os testemunhos serviram de um encontro muito prazeroso entre o passado e o presente, remetem que as mudanças ocorridas no lugar serviram para evoluir, para melhorar a vida das pessoas, visto que foram inseridas melhorias no espaço físico, possibilitaram melhores condições de vida das pessoas e facilitaram para as crianças continuarem na escola e terem mais oportunidades no desenvolvimento da sua aprendizagem.

5.3. Relatos de um tempo esquecido: memórias para serem lembradas

Neste tópico, apresentamos de forma objetiva, testemunhos que representam as memórias dos entrevistados, com relação às suas lembranças sobre suas trajetórias, para melhor compreender o lugar de fala de cada participante, com o intuito de conhecermos a sua inserção no *locus* da pesquisa, como salienta Ricoeur (2007, p. 293), "Ocorreu-me dizer que não temos nada melhor do que a memória para certificar a realidade de nossas lembranças [...]". A partir das informações obtidas, conforme à pesquisa de campo, percebemos o significado do lugar de memória para os sujeitos da pesquisa. Contudo, nem todas as informações podem ser comprovadas por registro. Dessa forma, aderimos ao testemunho como uma de nossas fontes de informações, pois "[...] a noção de rastro pode ser tida como a raiz comum ao testemunho e ao indício." (RICOEUR, 207, p. 185).

Identificamos ainda que este lugar representa muito mais que o espaço por eles habitados, representa as mudanças em suas vidas. E esse contato com as pessoas que habitam o mesmo lugar, torna o espaço coletivo, como aponta Halbwachs (1990, p. 21) "[...] o homem se caracteriza essencialmente por seu grau de integração no tecido das relações sociais."

Para falar das memórias do lugar, vale ressaltar a trajetória de seu Gildásio Cairo que nasceu na cidade de Ituberá, no Estado da Bahia, veio com sua família para a cidade de Vitória da Conquista em 1944. Gildásio Cairo foi um dos responsáveis pela formação do Povoado Cafezal. Por isso, conforme relato de seu filho, a trajetória de seu pai está atrelada ao seu passado, desde a sua cidade de origem, passando pelas motivações da vinda de sua família para Vitória da Conquista, às atividades econômicas de seu Gildásio, até a sua chegada na região, que hoje conhecemos como Povoado Cafezal. Segundo seu filho:

> Quando eles vieram pra cá, isso foi em 1944, minha mãe veio grávida de minha irmã mais velha [...]. Então minha irmã mais velha e todos os meus irmãos somos daqui de Conquista. Quando meu pai e minha mãe chegaram aqui em Conquista, não tinham perspectiva nenhuma de trabalho, Conquista era um vilarejo, uma cidade muito pequena, então meu pai trabalhou prestando serviço para outras pessoas [....] chegou um determinado momento que ele chegou a ter 2 bares, não simultaneamente, num dado instante ele tinha um Bar chamado Salão Azul, e tinha um outro bar em outro tempo, chamado Gato Preto [...] ficava localizado ali na Praça 9 de Novembro no centro da cidade [...]. Então, meu pai sempre contava o seguinte, que naquela época, as pessoas que iam aos bares, talvez até em muitas cidades ainda exista isso, cidades pequenas, ou periferias de cidades, nem sempre as pessoas pagam o que consomem ali, com dinheiro. Era comum a pessoa pagar com uma galinha, um porco, a comida que prepara [...] algumas pessoas pagavam com algumas terras consideradas imprestáveis, [...]que não servia pra plantar nada, segundo o que pensava na época[...]. Essas terras eram nos arredores daquele pequeno vilarejo de Vitória da Conquista. (Filho de Gildásio Cairo, professor, 59 anos)

Ele ainda conta que seu pai e sua mãe tinham uma vinculação religiosa. Ao mesmo que acreditavam no catolicismo, eles acreditavam no espiritismo, no candomblé etc. Tal vinculação com religiosidades diferentes se configura como sincretismo[4] religioso. Por isso, seus filhos tiveram nomes de origem indígena. Assim como os nomes de alguns bairros que ele loteava, também partiram dessa origem. Os loteamentos feitos por seu Gildásio, tinham ruas largas, bem planejadas, com bom traçado. Mesmo ele tendo estudado até o 1º ano primário, ele tinha

[4] Sincretismo (do lat. syncretismus, do gr. synkretismos: união dos cretenses). Na história da filosofia, o sincretismo designa a tendência dos filósofos neoplatônicos a uma certa unificação arbitrária das mais variadas doutrinas que os precederam. Contrariamente ao *ecletismo, o sincretismo constitui uma tendência para fundir todas as doutrinas anteriores. Hoje em dia, o termo adquire um sentido pejorativo, pois designa uma miscelânea das mais disparatadas ideais. (JAPIASSÚ e MARCONDES, 2001, p.175)

facilidade com cálculos, com a matemática, o que facilitou a sua inserção na área de loteamentos.

Segundo seu filho Paulo, fazer loteamento naquela época era muito diferente de hoje em dia, porque não se exigia aquilo que normalmente se exige hoje, então naquela época, não era necessário que o loteamento tivesse asfalto, rede de esgoto, água e energia. Os loteamentos eram feitos e vendidos a longos prazos, a preço irrisório, com prazo bem estendido para pagamento. Caso a pessoa deixasse de pagar, não recebia escritura do lote, "Mas ele mesmo nunca foi cobrar, e vendia a preços populares. Então isso, foi consolidando o negócio dele, aí ele foi deixando aquela coisa de ter o bar, foi começando a trabalhar só com loteamentos." (Filho de Gildásio Cairo, professor, 59 anos).

Suas memórias, seu cotidiano estão presentes em suas vidas, em suas caminhadas, e podem ser notadas nas transformações ocorridas no lugar com o passar do tempo e das gerações, pois "[...] ficamos admirados sobretudo das diferenças ou das semelhanças entre as gerações que ora se fecham sobre si mesmas e se afastam uma da outra, ora se juntam e se confundem." (HALBWACHS, 1990, p. 70). De acordo com o testemunho de uma professora do *locus* de nossa pesquisa, as lembranças sobre a memória do lugar merecem ser evocadas, pois:

> Assim, na época que ensinava lá, no prédio eu não cheguei ensinar, quando eu me casei, eu dava aula em 2 lugares, e quando se passa ser dona de casa, tem que dar mais atenção em casa, tive que abri mão de ensinar lá para ensinar, em outra escola. Só que eu vejo que merece o entusiasmo daquelas crianças que sonhavam com o dia que ia estudar numa sala de aula, porque lá eram uns bancos, dava para estudar, mas era uma mesa que colocava aqueles bancos em volta da mesa, e cá eles iam ter cadeira individual, ia ter quadro giz, lá o quadro era bem pequenininho e não dava para passar atividade para todo mundo. (CRIANÇAS, professora aposentada, 67 anos)

A entrevistada aponta que era um tempo difícil, quando ela ensinava no Povoado, a merenda era escassa, nem local para o seu preparo existia, as crianças traziam a vasilha para merendarem, a professora e alunos fizeram uma "vaquinha" para a compra de um caldeirão. Segundo ela, o governo estadual era quem fornecia a merenda e com o tempo os pratos, talheres e copos. Com os anos essas condições melhoraram (CRIANÇAS, professora aposentada, 67 anos).

Sobre essas memórias com relação à escola e à comunidade, suas transformações no decorrer dos anos, bem como as dificuldades das quais a comunidade passou, Pollak (1989) reforça que, "O passado longínquo pode então se tornar promessa de futuro e, às vezes, desafio lançado à ordem estabelecida." (POLLAK, 1989, p. 11). Além de suas trajetórias no Povoado Cafezal, apresentamos neste estudo, alguns testemunhos que resumem tais experiências e

vivências dos sujeitos dessa pesquisa.

Portanto, os testemunhos demonstram as memórias muito peculiares dos sujeitos, enquanto profissionais da educação e comunidade, como ressalta Halbwachs (2006, p. 194), "[...] nos reportamos a uma série de ideias que nos são familiares, ideias e reflexões acompanhadas de imagens: aos rostos de nossos pais, de nossos amigos [...] e pessoas que para nós representam a meiguice, a ternura, a secura, a maldade, o amargor, a dissimulação." Por isso, elencamos os testemunhos que representam essas memórias vivas e que trazem um sentimento de pertencimento e de participação na construção desse espaço.

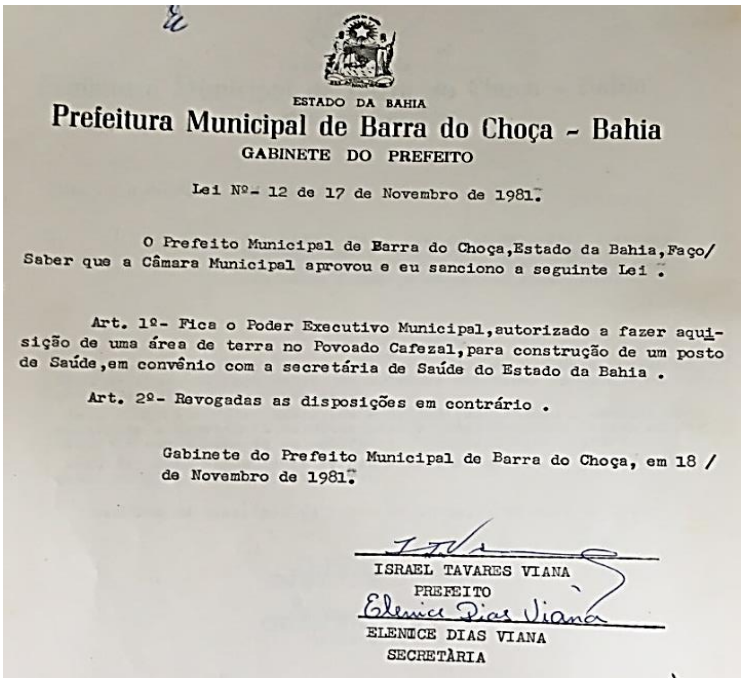
Notamos que em alguns momentos das entrevistas, houve uma comparação entre o passado e presente, quando esta mostra claramente que algumas mudanças foram perceptíveis, mas que não foram positivas. Isso posto, finalizando a entrevista, pedimos ao participante que evocasse suas memórias sobre a sua trajetória no Povoado Cafezal e relatasse os fatos e acontecimentos no decorrer do tempo, que fossem evocadas todas àquelas lembranças que marcaram seu percurso no lugar. A partir das respostas, construímos 3 quadros (Quadros 25 ao 27) com esses relatos. Nesse momento, alguns deles ficaram emocionados, e todos eles demonstraram a alegria que tem em fazer parte da construção desse lugar.

Após a entrevista, solicitamos dos sujeitos que, resumidamente evocassem suas lembranças mais importantes sobre o lugar de memória. Nesse momento, notamos que foi um momento muito especial para a maioria deles, posto que para eles esse lugar representa mais que o local em que residem, grande parte de suas vidas foi construída nesse lugar. Diante dos testemunhos, observamos que eles passaram por dificuldades quando o Povoado surgiu, e continuaram passando por alguns anos. Por isso, buscamos resumir as memórias mais salutares e subjetivas para nossos entrevistados, como as apresentadas no Quadro 25:

Quadro 25 - Testemunhos sobre as mudanças no locus da pesquisa

Codinome	Testemunho
Amor	Foram muitas coisas que aconteceram. Cresceu, melhorou numas coisas, piorou em outras. A coisa que eu achei bom, que marcou, que não tinha e hoje tem, é assistência, tem no colégio, tem no posto, tem ambulância que carrega, tem mais gente que ajuda, se aparecer uma pessoa doente, quer fazer um exame, uma cirurgia, sai pedindo e todo mundo ajuda. Tem muita gente que para isso é boa, faz bingo pra ajudar aquela pessoa que precisa fazer uma cirurgia, fazer um exame caro. (AMOR, moradora da comunidade, 83 anos) Cada ano que passa, mudam as coisas, a escola melhorou muito, cresceu, todo prefeito que entra faz uma renovação, dá uma pintura, se quebrou uma cadeira coloca outra. O Povoado é muto diferente, tem muita casa que não tinha, gente boa e tem gente ruim. O ruim são as coisas que estão aparecendo, a droga, que rapaz de futuro está usando. Quando eu cheguei para aqui não tinha isso, ninguém sabia o que era isso. (AMOR, moradora da comunidade, 83 anos).

Continua

Codinome	Testemunhos
Amor	**Figura 28** -Autorização para a construção do Posto de Saúde no Povoado Cafezal  ESTADO DA BAHIA Prefeitura Municipal de Barra do Choça - Bahia GABINETE DO PREFEITO Lei Nº- 12 de 17 de Novembro de 1981. O Prefeito Municipal de Barra do Choça,Estado da Bahia,Faço/ Saber que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono a seguinte Lei . Art. 1º- Fica o Poder Executivo Municipal,autorizado a fazer aquisição de uma área de terra no Povoado Cafezal,para construção de um posto de Saúde,em convênio com a secretária de Saúde do Estado da Bahia . Art. 2º- Revogadas as disposições em contrário . Gabinete do Prefeito Municipal de Barra do Choça, em 18 / de Novembro de 1981. ISRAEL TAVARES VIANA PREFEITO ELENICE DIAS VIANA SECRETÀRIA **Fonte:** Arquivo Público Municipal (1981). Pesquisa de campo (2022)
Recomeço	Em respeito à escola, deu um avanço muito grande, a escola comporta quase 600 alunos, não sei a quantidade, mas são muitos alunos que comporta hoje. Ela cresceu extraordinariamente, e estou vendo que tem chegado, que daqui para a frente vai ter que adquirir muito mais espaço, porque a tendência do Povoado é crescer, vão ter novos espaços para está acumulando novas pessoas. (RECOMEÇO, morador da comunidade, 59 anos**)** Vou começar pela escola, quando a gente chegou aqui em 1983, comecei trabalhar por essas zonas rurais, me marcou demais isso aqui. Cada dia que passa o Povoado foi evoluindo, vai melhorando, a gente pensava que não ia ver essa estrutura que tem hoje, porque aqui era só buraco, criatório de porcos, a gente não tinha água de qualidade, bebia barro, praticamente lama. A gente nunca pensava que a gente ia ter a situação que tem, não tinha transporte para carregar doente, era uma dificuldade imensa, a criança morria, por causa dessa água suja que bebia. Veio parar de morrer criança aqui depois que a Embasa colocou água encanada, agora todo mundo sarou, mas naquele tempo que não tinha água tratada, que não tinha infraestrutura, que não tinha nada disso, o saneamento básico que até hoje não tem, mas criava muitos animais no meio da rua, era muita doença. (RECOMEÇO, morador da comunidade, 59 anos)
Educação	Nesses 22 anos, eu aprendi muito, minha filha estudou ali, meus sobrinhos estão estudando ali, e muitas pessoas que eu conheci, agora quando eu sento para lembrar, eu digo meu Deus do céu, estou velha e sem saber de tanta gente que já passou comigo trabalhando. Eu praticamente vivo ali dentro do Cafezal, dentro do colégio, entro 7 horas e quando chego em casa são quase 18 h, que eles vão entregar alunos nas fazendas, então eu moro ali dentro e só venho pra casa pra dormir. (EDUCAÇÃO, funcionária, 56 anos)

Continua

Codinome	Testemunho
Educação	Pelo que eu me lembro, o Cafezal era tipo uma fazenda e formou um povoado para está expandindo, evoluindo para a melhoria das pessoas, não só do Cafezal, mas da região inteira, porque melhorou, construiu muita coisa, o colégio, o posto, foi tudo obra da educação, e aí eu acho muito importante, muita coisa me marcou muito, porque quando eu entrei ali eu era uma pessoa que não sabia muita coisa, estudei pouco, então aprendi muito e continuo aprendendo, cada vez que passa. Trabalhando na educação a gente aprende mais ainda, e me marcou muito todas as pessoas que entraram na escola, é como se fosse família, é tanto que a gente chama família no Cafezal. (EDUCAÇÃO, funcionária, 56 anos)
Amizade	Para nós aqui, estamos como se tivéssemos na cidade, é roça, é fazenda, mas para mim, quando eu vejo o que era antigamente pra hoje, nós moramos dentro de uma cidade. A escola, era só primário, começou com o professor leigo, depois é que vieram os professores formados, não tinha diretor, a escola era pequena, e hoje eu acho que foi uma valorização grande. Hoje tem o ginásio, que não tinha não tinha professor de educação física, o colégio valorizou muito. (AMIZADE, funcionária, 55 anos)
Recordação	A mudança que eu acho é que os professores mandavam os alunos antigamente, hoje não podem mandar mais. Porque se manda é perigoso o professor perder até o emprego, então não pode ter aquele interesse conforme tinha. Antigamente acredito que tinha mais interesse do que o hoje, mas é por causa da lei. (RECORDAÇÃO, morador da comunidade, 86 anos)
Crianças	Na escola teve uma mudança muito boa, porque antes era o professor que era merendeira, faxineira, e tudo que inaugurou a escola, colocaram outros professores. Nunca teve ajuda nenhuma a não ser de alunos que ajudavam a gente, porque aqueles que moravam mais perto, chegavam e iam varrendo a sala, ajeitando banco para a aula, mas os outros que chegavam muitas vezes chegavam até fora de hora, devido o tempo que gastavam da casa para a escola, porque não tinha condução e os pais não tinham condição de comprar uma bicicleta para uma criança, elas iam tudo caminhando. (CRIANÇAS, professora aposentada, 67 anos)
Recomeço	Agora melhorou muito, quem conheceu o Povoado do passado chega aqui fica perdido. Em respeito à educação que me marcou, foi quando eu cheguei aqui, coloquei meus filhos na escola, todos estudaram aqui, concluíram o ensino básico aqui e o Ensino Médio na Barra, nascidos aqui, criados aqui dentro. Depois que eu os criei, foi com os 40 anos de idade, 40 e poucos anos, fui estudar, isso me marcou, que a minha idade chegou, fui lá sem saber de nada, estudei esses anos, consegui concluir o Ensino Médio, que nasceu daqui de dentro. Isso é a marca que eu tenho para o resto da vida, porque eu consegui evoluir o meu ensino daqui de dentro, nascido do Cafezal. (RECOMEÇO, morador da comunidade, 59 anos) Naquele tempo o que me marcou é que a gente tinha apetite, tinha uma vontade de ver ela evoluir, porque hoje está evoluindo, está crescendo muito mais. O Cafezal cada dia que passa está evoluindo de 2000 e pouco para cá, com certeza o Povoado deu um avanço muito significativo, a estrutura física do Cafezal aumentou, melhorou muito. (RECOMEÇO, morador da comunidade, 59 anos)
Saudade	A escola para o Cafezal foi melhorando muito, trouxe muita coisa, como agora o Cafezal aumentou, e as escolas foram aumentando. As merendas vêm boas. Vem os projetos também. Porque quando nós viemos pra aqui mesmo tinha pouquinha casa. Quando eu vim para aqui eu tinha 15, hoje eu tenho 63. (SAUDADE,

Continua

Conclusão

Codinome	Testemunho
	funcionária aposentada, 63 anos)
Saudade	Já mudou muita coisa. Porque hoje o ensino está melhor, a educação, tem mais professores. Tudo enfim, melhorou bastante. Porque no tempo que a gente trabalhava lá não tinha diretor não tinha secretário, não tinha nada. E agora, depois com mais tempo, então, foi aumentando mais, teve mais aluno, aumentou o número de sala de aula e de professores. (SAUDADE, funcionária aposentada, 63 anos)
Esperança	As mudanças são as que eu acabei de citar, **a transformação do lugar**. De quando eu cheguei aqui, meus Deus, quando eu lembro assim... muitas mudanças. O que marcou é que eu cheguei aqui há tanto tempo, foi mudando aos pouquinhos, foi transformando não só o espaço, mas a vida das pessoas. a minha vida também foi totalmente transformada, foi aqui que eu conheci meu esposo, tive minhas filhas, elas cresceram e hoje foram embora. Então isso é que marca muito, minha vida foi toda aqui, de 22 anos até agora com 52. Foi isso que marcou muito minha vida. (ESPERANÇA, professora, 52 anos)

Fonte: Pesquisa de campo (2022).
Elaboração: LIMA, I. P. (2022)

Em relação às dificuldades encontradas no início da formação do Povoado Cafezal, como também do funcionamento da EMJBF, notamos que as lembranças dos nossos sujeitos foram importantes, com isso percebemos como este lugar tem um significado especial para cada um deles. Ao ouvirmos os relatos dessas pessoas tão importantes para a transformação do lugar, uma vez que vivenciaram esses fatos e que demonstram todo um carinho, uma satisfação em ver que o lugar cresceu se modificou e trouxe oportunidades de desenvolvimento e de sobrevivência para aqueles que ali habitam. Entretanto, as dificuldades encontradas tanto por moradores da comunidade, como para os profissionais da educação foram marcantes e serão destacadas nos testemunhos, apresentados no Quadro 26:

Quadro 26 – Relatos sobre as dificuldades no início da formação do Povoado e funcionamento da EMJBF

Codinome	Testemunho
Crianças	Eram raras as crianças que iam com sapato, para chegar com os pés limpos, tinham que levar a sandália na mão. Junto da escola tinha uma torneira, lava os pés e a sandália para entrar na escola, era assim. E mesmo com a facilidade, a gente ver o desinteresse de muitos alunos que não querem estudar. (CRIANÇAS, professora aposentada, 67 anos) [...] daqui até a escola onde eu ensinava, tinha que deixar essa merenda aqui, ir até a escola, quando estava próximo do recreio, as crianças saiam de lá para virem buscar o caldeirão de merenda aqui, porque não tinha condição de eu sair, levar vassoura, rodo tudo para limpar a escola e ainda levar o caldeirão de merenda. Hoje o vandalismo existe, mas não é tanto como naquela época, porque o pessoal construía a escola, deixava lá no canto sem morador e o povo fazia vandalismo e roubava tudo que tinha na escola. (CRIANÇAS, professora aposentada, 67 anos)

Continua

Codinome	Testemunho
Aprendizagem	Eu acredito que o conhecimento da comunidade era o principal, porque na época que começou a escola em 1983, que a gente vive ao lado das pessoas, elas não tinham o conhecimento que tem hoje. Eles achavam que a escola era somente para a criança aprender a escrever o nome e mais nada. Não necessitava de uma aprendizagem melhor. Então, para mim, uma das dificuldades que os profissionais devem ter enfrentado na época era isso. E para a comunidade local o acesso à escola era diferente de hoje. Naquela época o acesso à escola era mais seguro, não é como a gente tem hoje livre para todas as pessoas estarem ali, quer chegar lá fazer uma visita. (APRENDIZAGEM, professor, 55 anos) Foi um sofrimento grande no começo, a gente não tinha transporte, a prefeitura contribuía com o transporte somente até Onildo, que dava aquele passe antigo, e a gente ia até lá, de lá íamos de pé, passando o tempo a gente, adquiriu uma bicicleta, às vezes preferíamos ir de pé para ir conversando para não chegar muito cedo na escola, porque saíamos da sede às 6 horas da manhã. Não tinha esse negócio de chegar lá ficar sentado, a gente chegava lá, trocava de roupa e ia para a sala até 11 h, almoçávamos, pois a comida levávamos uma marmita de casa. Dava 1 hora, gente entrava na sala, saía 5 h e vínhamos embora. Então, tudo isso foi um aprendizado para nós, diferente do que é hoje que temos transporte para ir e vir a qualquer hora. Mas eu e Francisco enfrentamos esse problema no início, além de sala multisseriada que é a memória que eu tenho até hoje, ver uma sala cheia demais, você se preocupa bastante. E também têm as coisas boas, que a comunidade foi bem receptiva com a gente, ajudou muito, e até hoje ainda ajuda. (APRENDIZAGEM, professor, 55 anos**)**
Amizade	Naquela época pai trabalhava para o prefeito para dá socorro, porque não tinha ambulância, então ele ia buscar (a professora) meio dia. E quando meu pai não estava, eu tinha que ir buscar de bicicleta. Era sofrido, então muitas vezes, quando ela chegava no ponto que não tinha ninguém para trazer, ela pegava o ônibus e voltava para trás. Outros professores vinham a pé, e quando a professora Esperança começou a ensinar no lugar de um professor, ela comprou uma bicicleta e vinha de bicicleta do ponto até aqui. (AMIZADE, funcionária, 55 anos**)** Isso para mim é uma valorização, tem o posto que funciona os 5 dias da semana, tem a igreja que não tinha, para gente assistir uma missa o padre tinha que celebrar no galpão do véi Gildásio. Hoje tem a igreja católica, tem muita coisa boa, tem telefone que antigamente não tinha, colocou o celular de antena e hoje tem o celular, tem a internet, tem energia. Quando eu mudei para aqui não tinha, tinha água encanada, vinha água do posto de uma fazenda, a água era barrenta, mas a única que tinha para a gente passar era ela, quando o motor queimava a gente ia buscar água na cabeça, era o maior sofrimento, depois colocou a energia, aos poucos a gente foi comprando uma televisãozinha para assistir alguma reportagem, veio a embasa, colocou água, depois veio o asfalto, fez uma pracinha. (AMIZADE, FUNCIONÁRIA, 55 anos**)** As dificuldades eram assim, a merenda vinha do governo, era uma merenda boa e tudo, mas às vezes faltava. Faltava até 3 meses, era de qualidade, mas faltava. E as dificuldades dos professores, eles vinham do ponto a pé. Eles vinham e iam, tomavam chuva, tomava sol por um bom tempo, depois que o colégio foi fazendo mais salas, é que o prefeito e colocou o transporte, mas uns 10 anos foi de

Continua

Conclusão

Codinome	Testemunho
	sofrimento para o professor. Quando eu comecei trabalhar tinha 2 professoras de Conquista. (AMIZADE, FUNCIONÁRIA, 55 anos)
Amor	Aqui tinha muita dificuldade, porque não tinha posto, depois é que veio, quem quisesse qualquer coisa tinha que ir pra Barra ou para Conquista, comprar um remédio, fazer um exame. E também não tinha o conforto que tem hoje, que hoje tem a ambulância que carrega qualquer hora. Aqui só tinha 3 carros quando nós chegamos, mas como era do trabalho deles, não era toda hora que podia atender as pessoas. (AMOR, moradora da comunidade, 83 anos)

Fonte: Pesquisa de campo (2022)
Elaboração: LIMA, I. P. (2022)

Sabe-se que a transformação do espaço está relacionada com a assimilação das influências que os sujeitos recebem ao longo de suas vidas e de como isso vai refletir em suas ações neste espaço. Com o passar do tempo, tornam-se perceptíveis às transformações que este lugar sofre, algumas delas ocorrem involuntariamente, outras dependem diretamente das ações destes sujeitos perante a sociedade em que estão inseridos. Como salienta Nora (1993):

> [...] é a memória que dita e a história que escreve. É por isso que dois domínios merecem que nos detenhamos, os acontecimentos e os livros de história, porque, não sendo mixtos de memória e história, mas os instrumentos, por excelência, da memória em história, permitem delimitar nitidamente o domínio. (NORA, 1993, p.24)

As mudanças no contexto de desenvolvimento do Povoado Cafezal, principalmente na EMJBF, são significativas. Por meio dos testemunhos que seguem, verificamos que muitas memórias desse lugar, ficaram guardadas por nossos sujeitos e merecem destaque. “O que a confiança na palavra de outrem reforça não é somente a interdependência, mas a similitude em humanidade dos membros da comunidade” (RICOEUR, 2007, p. 175). Sendo assim, de acordo com seus testemunhos, suas memórias foram evocadas, além disso percebemos como elas foram capazes de trazer emoções e lembranças sobre este espaço e sobre o sentido de pertencimento a esse lugar. Como mostram os testemunhos apresentados no Quadro 27:

Quadro 27 – As memórias dos sujeitos da pesquisa sobre o Povoado e a EMJBF

Codinome	Testemunho
Esperança	Eu lembro assim, como a escola era e como é, você vai lá e ver a escola hoje., isso aí é maravilhoso. Quando eu lembro que eu fui professora do aluno B, eu que alfabetizei, hoje B está quase terminando o Mestrado, isso é uma vitória muto grande. E não só ele, quantos alunos a gente ver crescer, por exemplo ex-alunos, hoje são pequenos empresários que vivem daqui, e muitos outros, é uma graça, uma vitória. **E quando você ver a mudança do lugar, como era antes e como**

Continua

Codinome	Testemunho
	é hoje. (ESPERANÇA, professora, 52 anos) (Grifo nosso)
Recomeço	Eu acho que de quando começou e que deve ser relembrado, porque essa memória nunca sai, porque era muito pequenininha, acho que 2 cômodos. Tinha uma mesinha, uns banquinhos, para os alunos chegarem e se sentar. Mesmo que a gente sabe que evoluiu muito, mas a **memória do passado nunca deve esquecer. Se não fosse o passado não tinha o presente hoje. Eu acho que essa memória é muto boa de ser lembrada. O passado sempre está na vida da gente.** (RECOMEÇO, morador da comunidade, 59 anos) (Grifo nosso)
Educação	Tem muitas memórias, porque eu nasci nessa região e lembro muito de todos que fizeram muito para o Povoado crescer, das pessoas antigas que moraram ali, que fundaram, até a minha própria família que foram os primeiros que começaram lecionar na região, uma das coisas é a minha família, e outra são os conhecidos também que ensinaram lá, que faleceram e não estão mais aqui para contar a história, se tivesse contaria melhor do que eu. (EDUCAÇÃO, funcionária, 56 anos)
Crianças	Os pais respeitavam o professor, e hoje os relatos que a gente vê passando na TV os pais, incentivam as crianças fazerem brutalidade com os professores, coisa que nunca devia ser feito, porque **se hoje tem muitos médicos, muitos professores formados, é devido o professor, sem professor não existia isso**. (CRIANÇAS, professora aposentada, 67 anos**)** (Grifo nosso) O que eu vivi durante o tempo que eu dei aula, era uma época que apesar das dificuldades, era muito bom, simplesmente a gente trabalhava muito, mas a gente via o fruto do nosso trabalho. Porque as crianças respeitavam os professores. Eu dei aula 25 anos, eu nunca precisei levar uma criança na diretoria, nunca precisei sair para dar queixa de uma criança, as crianças me obedeciam, e hoje quando eu vejo o povo falando, as crianças sabiam respeitar o professor. (CRIANÇAS, professora aposentada, 67 anos) O pessoal não sabe dá valor, eu não sei se vai chegar uma época em que vão dar valor, eu falo hoje, eu ensinei porque eu amava ensinar, se fosse para eu escolher uma profissão, eu poderia até ser uma professora, mas era difícil, devido desrespeito que o povo trata o professor, em tudo, professor não ganha um salário digno. É preciso fazer greve, fazer tudo, porque não fazem por vontade própria, faz pelas condições que não tem, e devia ser bem valorizado. Porque as dificuldades que o professor tem de fazer uma criança entender, aprender não é para todos não. (CRIANÇAS, professora aposentada, 67 anos)
Recomeço	O meu futuro do ensino, da aprendizagem nasceu daqui de dentro, e depois de maduro que eu consegui o Ensino Médio com 55 anos. Isso me marcou mesmo, e me marca diariamente, tenho muito que agradecer, porque nem todo mundo da minha idade que vai chegar aos 55 anos vai concluir o Ensino Médio. Para mim é uma honra que eu tenho, é um agradecimento que tenho por esse Povoado, por todos os gestores que vem passando, porque cada um faz um pouco. E esse pouco que vai fazendo, quando resumir esse pouco todo, transforma em muito. (RECOMEÇO, morador da comunidade, 59 anos)
Aprendizagem	A gente falar das memórias é um pouco difícil, porque você só quer trazer o bem, mas você não pode trazer só o bem, você tem que trazer as duas coisas. Eu me lembro até hoje do dia que a gente chegou no Cafezal (pausa, o participante nessa hora ficou bastante emocionado). Eu e Francisco chegando no Cafezal com seu Zezé Amorim e Edmilson, num fusquinha, o carinho da comunidade com a gente,

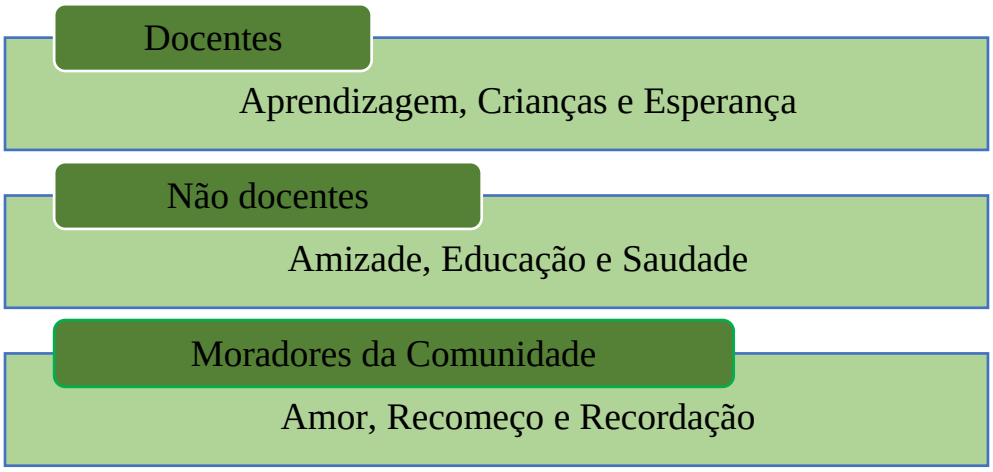
Continua

Codinome	Testemunho
	nem conhecia, mas só aquele carinho ali cativou a gente para sempre, até hoje eu não quero sair do Cafezal, e houve uma grande evolução para gente, o meu aprendizado foi todo no Cafezal, o que eu sou, o que eu sei hoje, além de minha família ter contribuído bastante, foi no Cafezal, eu nem faço questão das pessoas falarem para sair, eu não quero não, **só saio de lá quando aposentar, porque não tem jeito, serei obrigado a sair, mas as memórias foram muito boas, eu cheguei no Cafezal com 21 anos, hoje eu estou com 55**. (APRENDIZAGEM, professor, 55 anos) (Grifos nossos)

Fonte: Pesquisa de campo (2022)
Elaboração: LIMA, I. P. (2022)

Os testemunhos, tanto dos docentes e não docentes, como os moradores da comunidade, revelam-nos uma trajetória de lutas, de dificuldades, de ganhos e de muitas mudanças. Segundo as memórias destas pessoas, o lugar passou por um processo de transformação muito significativa, o que trouxe oportunidades, principalmente com a construção da EMJBF, que talvez seja um dos maiores ganhos que a comunidade teve no decorrer desses anos, e que em 2022 passou por mais uma mudança em sua estrutura física. Mudança especial que contempla e valoriza esta comunidade que representa um lugar cheios de:

Figura 29 – Palavras que representam os sujeitos da pesquisa



Fonte: Pesquisa de campo (2022).
Elaboração: LIMA, I. P. (2022)

O mais importante ao ouvirmos essas pessoas, é perceber o quanto elas gostam de viver naquele lugar, pois mostra todo o progresso contínuo do passado e suas conquistas, ao passo que são concretizadas.

Para as próximas gerações, esperamos que façam jus àqueles que tanto trabalharam para o crescimento e desenvolvimento desse lugar de memória, e o que ele representa, pois, “O

sentimento de um desaparecimento rápido e definitivo combina-se à preocupação com o exato significado do presente e com a incerteza do futuro para dar ao mais modesto dos vestígios, ao mais humilde testemunho a dignidade virtual do memorável." (NORA, 1993, p.14). Partindo dessa reflexão do autor, notamos a urgente importância em registrar as memórias daqueles que não tiveram visibilidade de suas contribuições.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sob o ponto de vista de que a pesquisa científica não se esgota sob qualquer teoria estabelecida para nosso estudo, o texto apresentado em nossa pesquisa, busca trazer considerações que estejam de acordo com o que nós elencamos em nossa proposta de pesquisa, baseada nas informações obtidas ao longo dos estudos epistemológicos, da construção do estado da arte, da pesquisa documental e dos testemunhos dos sujeitos sociais.

Cabe ressaltar que as concepções de memória social, além de ser um dos mecanismos que possibilitou essa pesquisa, de cunho teórico e com base nos vestígios e nos registros documentais, baseou-se também nos testemunhos dos moradores mais antigos da comunidade e dos profissionais de educação, de maior tempo de trabalho na instituição. Dessa forma, buscamos evidências sobre a importância desses sujeitos para (re)construção da memória social desse lugar, o que tornara esses sujeitos mais visíveis. Segundo Moreira (2019), o tempo é importante no processo de transformação do desenvolvimento do lugar.

Sobre a evocação das memórias do lugar, foi possível notar a disponibilidade dos sujeitos em testemunhar suas experiências e vivências sobre o significado do espaço educativo, para contribuir com a (re)construção da memória social do *locus* da pesquisa, como forma de evidenciar a importância desse lugar para a Comunidade do Cafezal, permitindo a valorização dessas memórias, enquanto parte das transformações ocorridas na comunidade. Para a valorização do lugar, é importante conservar os valores dos moradores mais antigos da região e sua significativa contribuição para que o Povoado se tornasse um lugar tão acolhedor e importante para os que o ajudaram a construí-lo, como forma de preservar tais memórias.

Ao longo de nosso percurso para construção desse estudo, tanto na pesquisa exploratória, como nas pesquisas documental e de campo, identificamos muitos elementos e informações condizentes com a construção desse estudo. Vale lembrar que começamos pela busca de informações que contribuíssem tanto para a caracterização inicial do locus da pesquisa, como para o delineamento do perfil dos sujeitos que fariam parte desse estudo. Nesse contexto, fizemos diversas visitas à escola e à comunidade do Cafezal, com o intuído de que as memórias dos moradores mais antigos e dos profissionais de educação, fossem aos poucos evocadas. Não foi muito fácil, pois muitas das pessoas que conversamos não se mostraram disponíveis ou acessíveis para contribuir com nosso estudo. Outras ainda tinham muita dificuldade em expor suas lembranças, já que se lembrariam de momentos difíceis, devido às condições de moradia e de trabalho do lugar. Assim, foi uma tarefa difícil e tivemos que filtrar as informações que obtínhamos.

Quanto à pesquisa documental, nosso acesso ao Arquivo Público não foi possível inicialmente, devido à pandemia, contudo, a direção da escola pesquisada foi solícita com os dados que desejávamos. Quando tivemos acesso ao Arquivo Público de Barra do Choça, observamos que esses documentos não estarem organizados de forma ordenada, foi outro fator que dificultou a busca por registros sobre a instituição e o Povoado.

Paralelo a isto, o que nos chamou atenção, deixando-nos frustrada, foi a falta de registros sobre a escola, tanto os registros fotográficos, quanto as memórias documentais. Fato que nos fez ir em busca dessas informações em outros órgãos do município, como Câmara dos Vereadores, Secretaria Municipal de Educação, Prefeitura Municipal de Barra do Choça (setor de tributos), além do Espaço Cultural João Caranha. Diante disso, notamos a importância do registro na escola por meio dessa pesquisa.

Com relação a cultura cafeeira em Barra do Choça, o secretário de Agricultura nos concedeu uma entrevista, sobre a implantação, a decadência do café na região e as novas possibilidades de cultivo agrícola. Porém, os registros físicos não foram encontrados, pelo menos os registros que esperávamos encontrar. Assim, buscamos informações novamente no Plano Diretor Urbano do Município de 1978. Contudo, o documento menciona a implantação, mas não o declínio, por conta da data desse documento, já que segundo o secretário, as dificuldades com o plantio do café, deram-se nos anos de 1990. Entretanto, alguns dados foram identificados no Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista, grata supressa, foram encontradas algumas reportagens de jornais locais, principalmente de 1997, abordando tanto a decadência do café, quanto o principal motivo para tal fato, os recursos hídricos, consolidando-se pela seca na época.

Por conta das dificuldades em encontrar registros que comprovassem a construção da escola, o testemunho passou a ser o dispositivo de maior importância para nossa pesquisa, pois, segundo Ricoeur (2007), é o testemunho que nos aproxima às condições formais de coisas relacionadas com o passado. Portanto, a rememoração é capaz de evocar as lembranças que nos proporcionam uma reflexão acerca da presença do sujeito social em cada época, quando nos remetemos ao passado, e a sua ação no presente, como ele enquanto ser social é capaz de se apropriar sobre o tempo e sobre suas memórias do lugar, Ricoeur (2007, p. 56) “Resta o fato de que o passado reconhecido tende a se fazer valer como passado percebido”. Portanto, à memória cabe não a intepretação, mas a evocação de detalhes que fomentam e evidencia a realidade no processo de pesquisa, o que remete a identidade do lugar.

No cerne da pesquisa de campo, com as entrevistas semiestruturadas, percebemos o valor da memória para construir a imagem de determinado lugar, a partir das lembranças do

passado. Isso, certamente, foi um momento muito rico, gratificante e em muitos momentos surpreendente, já que os sujeitos sociais se dispuseram a lembrar de fatos que estavam guardados em suas memórias. Foi realmente interessante observar o ponto de vista de cada um, de acordo com o seu lugar de fala, uma vez que buscamos testemunhos de profissionais da educação docente e não docente, que estão aposentados, outros continuam trabalhando há muitos anos (22 a 37 anos), e os moradores da comunidade que veem a escola de forma bem diferente daqueles que fazem parte do contexto.

Ressaltamos que durante a pesquisa de caráter exploratória, a análise documental e a pesquisa de campo, algumas situações nos inquietaram. Notamos que segundo uma moradora da região e também professora da EMJBF nos anos de 1980, ter-nos contado que o nome "João" foi dado à escola por ela. Ressaltamos que João Batista Figueiredo, atual nome da instituição pesquisada, é o nome do último governo da ditadura militar (período de 15 de março de 1979 a 15 de março de 1985), que por sua vez coincide com a época de construção e funcionamento da escola.

Identificamos durante as primeiras visitas feitas ao arquivo público de Barra do Choça, que aconteceram nos dias 13/04/22, 18/04/22, 20/04/22, 25/04/22, 28/04/22, início da análise documental, na busca por vestígios e registros sobre a escola, um livro escrito à mão, constando vários contratos de professores para a sede e zona rural do município da década de 1960. Em continuidade com a análise documental, no Arquivo Público Municipal de Barra do Choça, nos dias 04/05/22, 10/05/22, 12/05/2022, 15/06/2022, 14/07/22, novas informações foram agregadas à pesquisa e análise documental. Revisitamos o livro do Plano Diretor Urbano, que constam as plantas de Barra do Choça no ano de 1978, alguns dados e outras informações acerca da educação do município e da cafeicultura.

Vale ressaltar que às visitas à EMJBF e à Comunidade do Cafezal, deram-se desde o processo de pesquisa exploratória, no I semestre de 2021. Continuamente, seguimos com as visitas ao locus da pesquisa em busca de informações que fossem pertinentes à construção desse estudo. Além disso, visitamos o Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista em busca de documentos sobre Barra do Choça, nas seguintes datas: 05/04/22, 12/04/22, 21/07/22, com o intuito de encontrarmos informações sobre o fazendeiro que ajudou a formar o Povoado Cafezal, como também para obtenção de informações acerca da cafeicultura no Planalto da Conquista, região de localização de Barra do Choça.

Sobre as visitas ao APMBC, notamos que o município precisa catalogar de forma organizada as informações contidas nesse espaço, para melhor visibilidade e acesso desses registros não só para a pesquisa, mas também como forma de preservar a memória da educação

e de outros seguimentos do município, por meio dos registros.

Outra questão que causou em nós uma certa frustração, foi a falta de registro fotográfico ou jornalístico sobre a educação do município e sobre a formação e desenvolvimento do Povoado Cafezal. Olhamos centenas de fotografias sobre Barra do Choça no APMBC, identificamos apenas registros fotográficos mais recentes de eventos e pessoas, não levando em consideração a memória dos lugares do município e suas transformações e mudanças. Nestas visitas foi encontrado um Estatuto do Servidor de 1979, Planos de Carreira do Magistério Público Municipal de 1987 (não sendo aprovado), de 1998 e de 2004. Outra informação relevante encontrada no livro de contratos a partir de 1967, foi a prevalência de mulheres na profissão docente.

Assim, a partir da comunidade local e dos profissionais de educação, no processo de evocação das memórias do lugar, os sujeitos se fazem presentes em suas trajetórias de vida, e os sentidos são evidenciados na prática rotineira de cada um dos participantes desse estudo, informações que foram municiadas por meio dos testemunhos, visto que não foram encontrados registros que contemplassem a proposta desse estudo.

A pesquisa científica, como muitas outras formas de estudo, não pode ser concebida de maneira isolada. Como não poderia ser diferente, o nosso trabalho é fruto da interação e de encontros, da evocação de memórias, de possíveis coincidências, das motivações e do desejo de evocar tais lembranças, para enfim possibilitar o conhecimento, de conduzir novos estudos e de novos caminhos para a continuidade da pesquisa sobre a memória social no campo da educação. Para galgar possibilidades de reconhecimento e de valorização para aqueles sujeitos sociais que têm muito a contribuir para a pesquisa científica em detrimento de suas memórias.

Como se trata de um campo que possibilita estudos por muitas áreas do conhecimento, o campo da memória traz uma infinidade de possibilidades para a pesquisa, visto que é uma área que precisa ainda ser muito mais difundida e explorada. Em nosso estudo, ela nos possibilitou, tendo o testemunho como um dos pré-requisitos, reconstruir a memória do lugar. Pode-se dizer que ela nos despertou para um novo olhar sobre a educação, percepções e vestígios que necessitavam ser evidenciados.

Notamos em todo o percurso dessa pesquisa, que esse caminho de possibilidades de conhecimento no campo empírico, também trouxe consigo a angústia por não conseguir verificar as diversas memórias que deveriam ser evocadas e que, por isso, ficaram ainda sem visibilidade, sem emergir para que a sociedade conheça suas verdadeiras identidades. É notório como é importante que estas memórias ganhem uma nova versão para serem evocadas. E o tempo, este não foi nosso aliado, pois percebemos o quanto poderíamos mostrar sobre as

memórias de tanta gente que ficou no passado, e que para muitos não mereciam ser expostas. Contudo, percebemos que os objetivos que traçamos para a condução desse estudo foram suficientes para contemplar a proposta de nosso objeto de estudo. No entanto, verificamos que há muitas outras memórias precisando de um olhar que não negue suas vivências e experiências, mas que evoquem as lembranças que tanto contribuíram para a construção do espaço, que carinhosamente chamamos de lugar de memórias.

Mediante o exposto, o que se pode dizer dos caminhos que levam a tantas possibilidades para a ciência e academia nesse estudo, é que a princípio o pesquisador percebe a importância de seu trabalho para os sujeitos nele inseridos, mas descobre que terá sempre uma informação, um testemunho, um vestígio, um registro que ficaram guardados, mas que tiveram a oportunidade de serem evocados. Dessa forma, o trabalho científico, deve levar em conta as lacunas ou fissuras que estão em aberto e que, por isso, abrem caminho para que novas pesquisas possam dar continuidade para que outros pontos de vista sejam possíveis para o campo da memória social.

Baseando-se no processo de estudos teóricos e pesquisa, observamos que muitas memórias ainda precisam ser evocadas, não só na EMJBF, como na Comunidade do Cafezal e suas adjacências, principalmente, as pequenas comunidades que são atendidas pela escola em questão.

Outra abordagem de real valor para os estudos da memória social, são as pessoas que passaram pela educação do município, seja como docentes, seja em outras funções, sendo perceptível a invisibilidade desses profissionais diante da administração pública ao longo dos anos, sobretudo, no final da década de 1960 e na década de 1970, posto que no APMBC há registros de contratos e decretos que confirmam o trabalho desses profissionais na educação municipal.

Nota-se o crescente número de ex-alunos da EMJBF que assumem posição no mercado de trabalho local e em outros municípios, como também a aprovação de forma significativa de alunos da comunidade em Universidades, sejam elas públicas ou particulares. São exemplos de sujeitos que estão inseridos nessa pequena comunidade rural e se destacam fora do seu ambiente. Essas memórias representam a continuidade da trajetória da vida das pessoas, traçando um paralelo entre as condições encontradas no lugar pelos primeiros moradores e a perspectiva de vida que se estabeleceu para os mais jovens, com mais oportunidade de ascensão. Nesse aspecto, revela-se a importância da EMJBF para essas pessoas que tiveram mudanças em suas vidas, também por meio do processo de ensino aprendizagem.

Tendo em vista a relevância da memória social para a pesquisa científica, observa-se

que esta possibilita que o sujeito tenha lugar de fala e visibilidade, uma vez que evocam suas memórias por meio dos relatos e testemunhos dos sujeitos que participaram ou presenciaram determinado acontecimento ou fato e, por consequência possibilitaram a construção do lugar de memória.

7. REFERÊNCIAS

ABNT, Manual: **Regras gerais de estilo e formatação de trabalhos acadêmicos** / Centro Universitário Álvares Penteado-FECAP, Biblioteca FECAP – Paulo Ernesto Tolle. – 5.ed., rev. e ampl. São Paulo: Biblioteca FECAP Paulo Ernesto Tolle, 2021. 109 p.; PDF

ADORNO, Theodor Wiesengrund. **Educação e Emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. – 2ª edição revisada – São Paulo: Paz e Terra. Impressão no Brasil, 2020. 208 p.

ARROYO, Miguel Gonzalez. A Educação Básica e o Movimento Social do Campo. In**: Por uma educação do campo.** Miguel Gonzalez Arroyo, Roseli Salete Caldart, Mônica Castagna Molina (organizadores). 4. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BAHIA. **Constituição do Estado da Bahia,** de 02 de agosto de 1947. Salvador/BA, 1947. Disponível em: http://www.legislabahia.ba.gov.br/documentos/constituicao-do-estado-da-bahiade-02-de-agosto-de-1947. Acesso em: 21 ago. 2021

BAHIA. **Lei Orgânica do Ensino.** Lei nº 2.463, de 13 de setembro de 1967. Salvador/BA, 1967. Disponível em: https://governo-ba.jusbrasil.com.br/legislacao/85543/lei-2463-67 Acesso em: 21 de julho de 2021.

BAHIA. **Lei Orgânica do Ensino**. Lei nº 1.962-a, de 16 de setembro de 1963. Salvador/BA, 1963. Disponível em: http://www.legislabahia.ba.gov.br/documentos/lei-no-1962-a-de-16-de setembro-de-1963 Acesso em: 21 de julho de 2021.

BARRA DO CHOÇA, **Plano Diretor Urbano**. Governo do Estado da Bahia, Salvador, 1978.

BARROS, Virna Santos, DE BENEDICTIS, Nereida Maria Santos Mafra, DIAS, Mariana Sousa Oliveira, LIMA, Irlandia da Ponte. O "lugar de memória" como espaço de subjetivação e construção do sujeito social. In**: Formação, Subjetivação e Linguagem na Educação/**Organizadores: Ester Maria Figueiredo Souza, Nereida Maria Santos Mafra De Benedictis e Juci Barros de Oliveira Cardoso, -1.ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2022. – Coleção FOLIMES – volume 1.

BENEDICTIS, Nereida Maria Santos Mafra De. **Memória e geografia social de mulheres em Rio de Contas – Bahia**. Vitória da Conquista. Edições UESB, 2020.

BEZERRA NETO, Luiz. **Educação Rural no Brasil:** do ruralismo pedagógico ao movimento por uma educação do campo. Uberlândia: Navegando Publicações, 2016. Disponível em: http://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/livros-e-colecoes/livros-gepec/educacao-rural-no-brasildo-ruralismo-pedagogico.pdf Acesso em: 15 março de 2022.

BRASIL **(**Constituição de 1988). **Constituição da República Federativa Do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016. Leis/CF88_Livro_EC91_2016.pdf.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação

Nacional – LDB. Brasília, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm Acesso em: 10 de agosto de 2021.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 8.529,** de 2 de janeiro de 1946. Lei Orgânica do Ensino Primário. Brasília, 1946. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decretolei-8529-2-janeiro-1946-458442-publicacaooriginal-1-pe.html Acesso em: 20 agosto. 2021.

BRASIL. **Conheça a História da Educação Brasileira. Ministério da Educação e Cultura**. Brasília, 2020. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/acessibilidade-sp-940674614/33771-institucional/83591-conheca-a-evolucao-da-educacao-brasileira Acesso em: 07 agosto 2021.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Catálogo de teses e dissertações.** Disponível em: https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/. Acesso em: 10 de setembro de 2021.

CORDIOLLI, Marcos Antônio. **Sistemas de ensino e políticas educacionais no Brasil.** Curitiba: Ibpex, 2011. – (Série Fundamentos da Educação).

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **As pesquisas denominadas "Estado da Arte". Educação & Sociedade**, ano XXII, nº 79, agosto/2002.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**/Paulo Freire.: ed.30. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra S/A. 2007

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Anthony Giddens: tradução: Ronaldo Cataldo Costa: revisão técnica: Fernando Coutinho Cotanda. – 6. Ed. – Porto Alegre: Penso, 2012.

GONDAR, Jo; DODEBEI, Vera (Orgs.). O que é memória social? Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria. Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Traduzido do original francês. 2ª ed. Paris – França, 1968. Disponível em: <.https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/43597 72/mod_resource/content/1/48811146> Maurice-Halbwachs-A-Memoria-Coletiva.pdf. Acesso em: 17 de maio de 2021.

HALBWACHS, Maurice, 1877-1945. **A memória coletiva/**Maurice Halbwachs; Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro. 2ª edição, 2006.

JAPIASSÚ, Hilton, MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 3ª edição revista e ampliada. Editora Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2001.

LAKATOS, Eva Maria. **Sociologia geral/**Eva Maria Lakatos, Marina de Andrade Marconi, colaboradora. – 6. ed. rev. e ampl. – São Paulo: Atlas, 1990.

MEDEIROS, Shirlene Santos Mafra. Memórias e identidade social da formação docente em Rio de Contas- BA, nas décadas de 1920 a 1960: reminiscências das educadoras e educadores de cátedra à universidade**. Dissertação (mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade)** –

Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2016.

MILLS, Charles, Wright, 1916-1962. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**/Charles Wright Mills; seleção e introdução Celso Castro; tradução Maria Luiza X. de A. Borges; revisão técnica Celso Castro. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

MINAYO, Maria Cecilia de Sousa. Ciência, técnica e arte**:** O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecilia de Sousa (Org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.p.9-27.

MOREIRA, Haroldo Augusto. **Café com arte e poesia**/Haroldo Augusto Moreira, Valéria Vidigal. – Mogi Guaçu, SP: Becalete, 2021.

MOREIRA, Ruy. **Espaço, corpo do tempo:** a construção geográfica da sociedade/Ruy Moreira, - Rio de Janeiro: Consequência, 2019.

MÜLLER, Felipe de Matos, RODRIGUES, Tiegue Viera**, Epistemologia social:** dimensão social do conhecimento (recurso eletrônico). Dados eletrônicos. – Porto Alegre: EDIPURCRS, 2012.

NEVES, Erivaldo Fagundes, 1946 -. **Uma comunidade sertaneja:** da sesmaria ao minifúndio (um estudo de história regional e local) /Erivaldo Fagundes Neves. – 2.ed. ver. e ampl. – Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS, 2008.

NÓBREGA-THERRIEN, Silvia, Maria, Jacques, Therrien. **Trabalhos Científicos e o Estado da Questão:** reflexões teórico-metodológicas. Estudos e Avaliação Educacional, v. 15, n. 30, jul. -dez./2004

NORA, Pierre. **Entre a memória e a história: a problemática dos lugares**. Tradução: Yara Aunkhouri. Proj. História. São Paulo (10), 1993. Disponível em 142 https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763. Acesso em: 14 abril de 2021.

NOVA, Lêda. **Café, a Saga de um Herói**. Arte e Café! Do Planalto da Conquista para o Mundo: ilustração Valéria Vidigal – Salvador: Contexto e Arte Editorial Ltda, 2010.

NOVAIS, Idelma Aparecida Ferreira, GOMES, Ricardo Amorim, OLIVEIRA, Jacson Tavares de. **Barra do Choça**: povoamento, emancipação política e contexto atual. Vitória da Conquista: Gráficalog, 2012. Páginas 202.

NÓVOA, Antônio. **Profissão professor**. Apoio Editorial: Manuel Figueiredo Ferreira. Tradutores: Irene Lima Mendes, Regina Correia, Luísa Santos Gil., 2ª ed. Portugal. Editora: Porto Editora,1999 (Coleção Ciência da Educação)

NUNES, Antonietta d´Aguiar. **Fundamentos e Políticas Educacionais**: História, Memória e Trajetória da Educação Na Bahia. 2008: http://dx.doi.org/10.5212/PublicatioHum.v.16i2.2092. Acesso em: 21 de agosto de 2021.

POLLAK, M. **Memória, Esquecimento, silêncio**. Tradução: Dora Rocha Flauman. Estudos

Históricos. Rio de Janeiro, v. 02 nº03, 1989. Memória, esquecimento, silêncio Pollak.pdf

RICOEUR, Paul. 1913**. A memória, a história, o esquecimento**. Tradução Alain François [et al.]. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ROMANOWSKI, Joana Pauli; Ens., Romilda Teodora**. As pesquisas denominadas do tipo "Estado da Arte" em educação**. revista Diálogo Educacional, vol. 6, n. 19, septiembre-diciembre, 2006, pp. 37-50. Pontifício Universidade Católica do Paraná, Paraná, Brasil.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova:** Da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica/Milton Santos. – 6 ed., 1. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. – (Coleção Milton Santos; 2).

_____ Pensando o Espaço do Homem/ Milton Santos. – 5. ed., 3. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 17.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SUHR, Inge Renate Frôse. **Teorias do conhecimento pedagógico**/Inge Renate Frôse Suhr. – Curitiba. interSaberes, 2012. – (Série Fundamentos da Educação).

RE.BRAS. EST. PEDAG. **Debates e Propostas.** O Manifesta dos Pioneiros da Educação Nova. Brasília 65(150): 408-425, maio/ago. 1984.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**.** Disponível em: htts//www.memoriasocial.pro.br › dissertaçoes-teses. Acesso em: 10 de julho de 2021

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO ESTADO DA BAHIA. **Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade**. Disponível em: http://www2.uesb.br › ppg › ppgmls; Acesso em: 10 de setembro de 2021.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA. **Programa de Pós-graduação em Educação** (PPGED). Disponível em: http://www2.uesb.br › ppg › ppged › post_type=produ. Acesso em: 10 de setembro de 2021.

APÊNDICES

Apêndice A – Instrumento de coleta de dados para pesquisa de campo.....176
Apêndice B – Quadros com as categorias analíticas para a pesquisa de campo.....179
Apêndice C - Convite a todos os sujeitos sociais da pesquisa, todos maiores de 18 anos 182
Apêndice D – Lugares escolhidos pelos sujeitos sociais para a realização das entrevistas.....183
Apêndice E – Texto: Em memória de Chico 186

Apêndice A -Instrumento de coleta de dados para a pesquisa de campo

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA– UESB
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO –PPGED

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Linha de Pesquisa: Formação, Linguagem, Memória e Processos de Subjetivação

Mestranda: Irlandia da Ponte Lima

Orientadora: Profa. Dr.ª Nereida Maria Santos Mafra De Benedictis

Este estudo tem como objetivo a reconstrução da memória social da Escola Municipal João Batista Figueiredo (EMJBF) para os profissionais da educação e para a comunidade do Povoado Cafezal.

Sendo uma pesquisa com abordagem qualitativa, terá como base, para coleta dos dados, os testemunhos dos profissionais da educação docentes e não docentes da EMJBF, bem como a comunidade do Povoado do Cafezal, Município de Barra do Choça -Ba.

PROBLEMÁTICA

Como a memória social da Escola Municipal João Batista Figueiredo se estabelece para os seus profissionais da educação e para a comunidade do Cafezal?

OBJETIVO GERAL

(Re)construir a memória social da Escola Municipal João Batista Figueiredo para os profissionais da educação e para a comunidade do Cafezal no Município de Barra do Choça – Bahia.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Compreender os estudos da memória social como um importante recurso para a pesquisa em educação; TEÓRICA
- Identificar por meio de documentos, fotografias e outros elementos, mecanismos relevantes sobre a criação e implementação da escola na comunidade do Cafezal.
- Conhecer as memórias dos profissionais de educação e de moradores da comunidade do cafezal sobre esse espaço educativo, a relação da escola e dos projetos desenvolvidos com e para a comunidade.

QUESTÕES NORTEADORAS

- Qual o processo de criação da escola?
- O que motivou a criação da escola?
- Qual a importância da escola para a Comunidade do Cafezal e para os profissionais de educação?
- Quais os sujeitos que participaram do processo de criação e implementação da escola?
- Quais memórias foram construídas nesse espaço educativo?
- Qual a relação da escola, dos projetos desenvolvidos com a comunidade?

COLETA DE DADOS

Em conformidade com os objetivos propostos, elaboramos as seguintes questões para a condução da entrevista:

OBJETIVO: Identificar por meio de documentos, fotografias e outros elementos, mecanismos relevantes sobre a criação e implementação da escola na comunidade do Cafezal:

Para atingirmos o objetivo proposto será realizada a busca por fontes documentais que contenham informações, testemunhos, imagens, documentos oficiais para análise e escrita do quarto capítulo da dissertação. Por meio de tais aspectos e elementos serão consideradas as seguintes categorias analíticas:

- O processo de criação da escola
- A motivação para a criação da escola
- Os sujeitos que participaram do processo de criação e implementação da escola

Com base no objetivo apresentado, será elaborado o quarto capítulo. Assim, elencamos as seguintes questões semiestruturadas para as entrevistas:

6. Evocando suas memórias sobre a formação da Escola, em que cenário a instituição começou a funcionar no Povoado Cafezal?
7. Quais participantes colaboraram para esse processo?
8. Em que condições a instituição foi implementada?
9. No período inicial de seu funcionamento, quais eram as dificuldades encontradas na escola pelos profissionais e pela comunidade local?
10. Como era a escola, nessa época?

OBJETIVO: Conhecer as memórias dos profissionais de educação e de moradores da comunidade do cafezal sobre esse espaço educativo, a relação da escola e dos projetos desenvolvidos com e para a comunidade. Por meio de tais aspectos e elementos serão consideradas as seguintes categorias analíticas:

- A importância da escola para a Comunidade do Cafezal e para os profissionais de educação;
- As memórias que foram construídas nesse espaço educativo;
- A relação da escola e dos projetos desenvolvidos com a comunidade.

Com base no objetivo apresentado, será elaborado o quinto capítulo da dissertação. Assim, elencamos as seguintes questões semiestruturadas para as entrevistas:

9. Como você vê a relação que a escola tem com a comunidade?
10. Quais atividades educativas promovidas pela escola envolvem à comunidade?
11. Atualmente, como você avalia a relevância da EMJBF para a comunidade do Cafezal?
12. Para você, qual a relação da EMJBF com a comunidade?
13. Essa relação tem produzido aspectos positivos para o desenvolvimento local e da comunidade estudantil?
14. Quais memórias foram construídas nesse espaço educativo, que precisam ser evocadas?
15. Quais mudanças foram percebidas na instituição escolar e no Povoado Cafezal no decorrer do tempo?
16. Que registros são possíveis identificar, além de suas lembranças que podem confirmar essas memórias?

Apêndice B – Quadro com as categorias analíticas para a pesquisa de campo

SOBRE O PROCESSO DE CRIAÇÃO DA ESCOLA	
PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO – DOCENTES	
CODINOME 1 – Crianças	
CODINOME 2 – Aprendizagem	
CODINOME 3 – Esperança	
PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO NÃO DOCENTES	
CODINOME 1 – Saudade	
CODINOME 2 – Amizade	
CODINOME – Educação	
MORADORS DA COMUNIDADE DO CAFEZAL	
CODINOME 1 – Recordação	
CODINOME 2 – Amor	
CODINOME 3 – Recomeço	

Fonte: Pesquisa de campo (2022)
Elaboração: LIMA, I. P. (2022)

EM RELAÇÃO A MOTIVAÇÃO PARA A CRIAÇÃO DA ESCOLA	
PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO – DOCENTES	
CODINOME 1 – Crianças	
CODINOME 2 – Aprendizagem	
CODINOME 3 – Esperança	
PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO NÃO DOCENTES	
CODINOME 1 – Saudade	
CODINOME 2 – Amizade	
CODINOME – Educação	
MORADORS DA COMUNIDADE DO CAFEZAL	
CODINOME 1 – Recordação	
CODINOME 2 – Amor	
CODINOME 3 – Recomeço	

Fonte: Pesquisa de campo (2022)
Elaboração: LIMA, I. P. (2022)

QUANTO AOS SUJEITOS QUE PARTICIPARAM DO PROCESSO DE CRIAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DA ESCOLA	
PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO – DOCENTES	
CODINOME 1 – Crianças	
CODINOME 2 – Aprendizagem	
CODINOME 3 – Esperança	
PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO NÃO DOCENTES	
CODINOME 1 – Saudade	
CODINOME 2 – Amizade	
CODINOME 3 – Educação	
MORADORS DA COMUNIDADE DO CAFEZAL	
CODINOME 1 – Recordação	
CODINOME 2 – Amor	
CODINOME 3 – Recomeço	

Fonte: Pesquisa de campo (2022)
Elaboração: LIMA, I. P. (2022)

COM RELAÇÃO A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA PARA A COMUNIDADE DO CAFEZAL E PARA OS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO	
PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO – DOCENTES	
CODINOME 1 – Crianças	
CODINOME 2 – Aprendizagem	
CODINOME 3 – Esperança	
PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO NÃO DOCENTES	
CODINOME 1 – Saudade	
CODINOME 2 – Amizade	
CODINOME 3 – Educação	
MORADORS DA COMUNIDADE DO CAFEZAL	
CODINOME 1 – Recordação	
CODINOME 2 – Amor	
CODINOME 3 – Recomeço	

Fonte: Pesquisa de campo (2022)
Elaboração: LIMA, I. P. (2022)

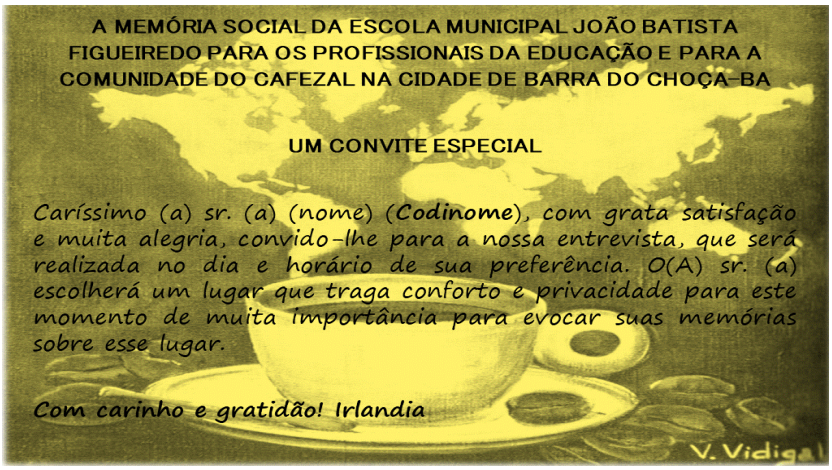
NO QUE SE REFERE AS MEMÓRIAS QUE FORAM CONSTRUÍDAS NESSE ESPAÇO EDUCATIVO	
PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO – DOCENTES	
CODINOME 1 – Crianças	
CODINOME 2 – Aprendizagem	
CODINOME 3 – Esperança	
PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO NÃO DOCENTES	
CODINOME 1 – Saudade	
CODINOME 2 – Amizade	
CODINOME 3 – Educação	
MORADORS DA COMUNIDADE DO CAFEZAL	
CODINOME 1 – Recordação	
CODINOME 2 – Amor	
CODINOME 3 – Recomeço	

Fonte: Pesquisa de campo (2022)
Elaboração: LIMA, I. P. (2022)

QUANTO A RELAÇÃO DA ESCOLA E DOS PROJETOS DESENVOLVIDOS COM A COMUNIDADE	
PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO – DOCENTES	
CODINOME 1 – Crianças	
CODINOME 2 – Aprendizagem	
CODINOME 3 – Esperança	
PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO NÃO DOCENTES	
CODINOME 1 – Saudade	
CODINOME 2 – Amizade	
CODINOME 3 – Educação	
MORADORS DA COMUNIDADE DO CAFEZAL	
CODINOME 1 – Recordação	
CODINOME 2 – Amor	
CODINOME 3 – Recomeço	

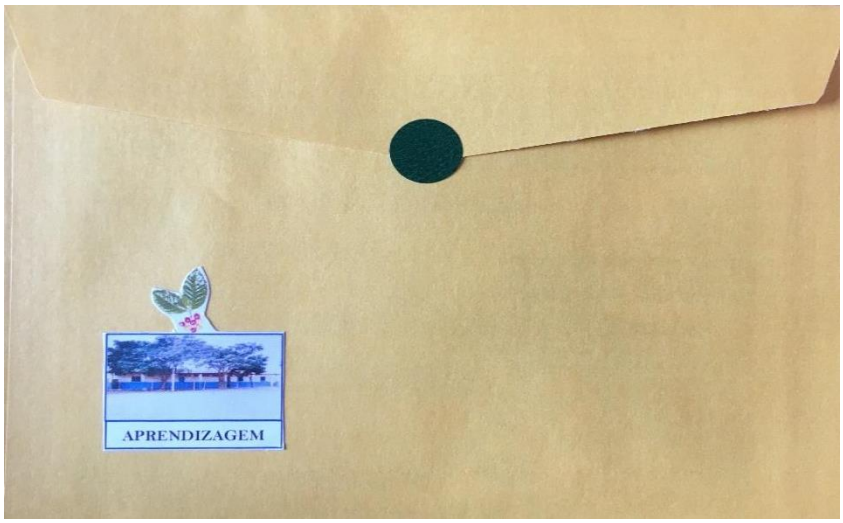
Fonte: Pesquisa de campo (2022)
Elaboração: LIMA, I. P. (2022)

Apêndice C - Convite a todos os sujeitos sociais da pesquisa, todos maiores de 18 anos



Fonte: Pintura da artista plástica Valéria Vidigal (2010).
Elaboração: LIMA, I. P. (2022)

Fonte: Secretaria Municipal de Educação (por volta da década de 1980
Pesquisa de campo (2022)



Fonte: LIMA, I. P. (2022).
Pesquisa de campo (2022)

Apêndice D – Lugares escolhidos pelos sujeitos sociais para a realização das entrevistas

Fonte: Pesquisa de campo (2022) (Sujeito **Amizade**)

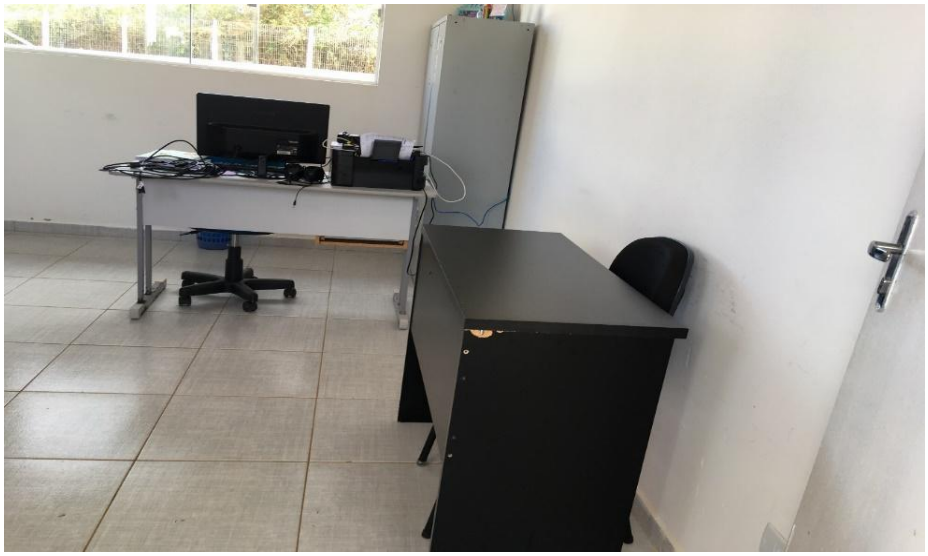
Fonte: Pesquisa de campo (2022) (Sujeito **Recordação**)

Fonte: Pesquisa de campo (2022) (Sujeito **Aprendizagem**)

Fonte: Pesquisa de campo (2022) (Sujeito **Educação**)

Fonte: Pesquisa de campo (2022) (Sujeito **Crianças**)

Fonte: Pesquisa de campo (2022) (Sujeito **Recomeço**)



Fonte: Pesquisa de campo (2022) (Sujeito **Esperança**)

Fonte: Pesquisa de campo (2022) (Sujeito **Saudade**)

Fonte: Pesquisa de campo (2022) (Sujeito **Amor**)

Apêndice E – Texto: Em memória de Chico

EM MEMÓRIA DE CHICO

Para demonstrar todo carinho e afeto que temos pelo colega e amigo que iniciou sua carreira docente no Povoado Cafezal na segunda metade da década de 1980, e nos deixou em 2014, abrimos espaço para escrever algumas palavras sobre a carreira do professor Francisco de Assis Amorim Bomfim, iniciada na EMJBF, cujo nome foi atribuído a uma escola do município em sua homenagem. Contudo, evocar as memórias das pessoas que estiveram na escola desde o início de seu funcionamento até a chegada de Francisco no Povoado, não há como não falar desse professor que escreveu sua trajetória profissional tanto nas escolas por onde passou, como na vida de muitos que foram seus alunos e que tiveram o prazer de desfrutar de sua companhia. Chico, como era carinhosamente conhecido, deixou marcas positivas em nossas vidas, pois o mesmo era conhecido pela paciência, carinho, generosidade, companheirismo e competência na profissão que escolheu, na melhor das hipóteses, foi a profissão que o escolheu.

Francisco cursou Magistério no Centro Educacional de Barra do Choça (CEBC). E fez Licenciatura em Matemática pela Universidade do Sul de Santa Catarina.

Fonte: Centro Educacional de Barra do Choça (2022)

Não poderíamos deixar de prestar esta homenagem, ainda que de forma simples e não compatível com a grandeza de alma que ele foi. Atualmente, a Unidade de Ensino Municipal Conveniada Francisco de Assis Amorim Bomfim tem o seu nome, como forma de prestar homenagem a esse ilustre professor pelo seu legado na educação do município.

Chico foi um professor exemplar para aqueles que tiveram a honra de serem seus alunos. Sempre muito alegre, manso e muito generoso, além de ser um professor que foi e ainda é

inspiração para muitas pessoas que querem ingressar na carreira docente, pois sua postura afetuosa e amorosa mostrava que era possível ser um bom profissional, e um ser humano amável.

Fonte: Arquivo pessoal da família (S/ANO)

Nascido em 17 de março de 1964, na Fazenda Bom Retiro, em Barra do Choça, filho de seu Adelcino José Bomfim e dona Generosa Amorim Bomfim (ambos falecidos). Francisco lecionou na Escola Municipal João Batista Figueiredo - Povoado Cafezal de 1988 a 1991. Trabalhou por 1 ano na Escola Municipal Adelieta Ramalho. Ingressou no Centro Educacional de Barra do Choça em 13 de abril de 1993, atuando na unidade de ensino até a data do seu falecimento, em 29 de julho de 2014. Na foto a seguir, Francisco já estava doente e em tratamento.

Fonte: Arquivo pessoal da família (S/ANO)

Foi um dos professores do antigo curso de Magistério do Município, lecionando para

este curso de 1993 até 2001. Mas também lecionou em outras series (na época) do ensino fundamental (5ª a 8ª série), equivalente do 6º ao 9º, sempre intercalando com as turmas de Magistério em que ele lecionava. O bonequinho representa carinhosamente, para alguns colegas, o professor Francisco, no CEBC.

Fonte: Centro Educacional de Barra do Choça (2022)

De acordo sua irmã, que também é professora, **Chiquim**, como ela carinhosamente o chamava, durante toda a sua vida viveu exclusivamente em prol da família e da função que exerceu com zelo, dedicação e amor. Um ser humano de bom caráter e de coração puro. Nesta escola, Chico consolidou sua história na educação, deixando um legado de experiências como professor, mas sobretudo, como um ser humano cordial que sempre foi. Sabendo da dimensão do que Chico representou para seus familiares, amigos, colegas e alunos, seria necessário um livro, contudo contamos um pouco do que ele significou para nós. Portanto, as lembranças do que o professor Francisco representou para toda uma geração ficará para sempre em nossas memórias.

Segundo um professor da Escola, que ingressou na educação do município em 1996, Francisco era uma pessoa bondosa e cheia de virtudes, para ele:

> Francisco, uma pessoa extremamente dinâmica, gostava imensamente de ajudar as pessoas. Francisco era aquela pessoa que quando via alguém precisamente de ajuda, jamais deixou de chegar junto do outro. Lembro-me que quando eu chegava aqui de manhã ou a tarde, ele era o primeiro profissional a chegar. Sempre brincava com ele, e ele ficava rindo. Se você precisasse de uma caneta emprestada uma orientação, como eu estava vindo do noturno, não tinha muita habilidade com Matemática, logo no início ele me socorreu muito. Ele prontamente me orientava, empresava livros, ajudava com

> as fórmulas, ajudava a elaborar provas e atividades para meus alunos. Uma pessoa fantástica, ele marcou de forma significativa a minha vida e a de vários profissionais aqui. Infelizmente em pouco tempo ele adoeceu, tivemos que mobilizar a escola para ajudá-lo. Ele ainda tentou, foi a São Paulo, fez o tratamento. Ele queria estar na escola, queria dar aula. Ele acima de tudo amava a escola. Tinha um relacionamento muito bom com os alunos, que o tinha como uma figura paterna que acolhia todos. (Professor, 63 anos)

Em outro ponto da conversa, o professor menciona como foi difícil ver Francisco doente, mas que em suas visitas tentava trazer alegria, para que ele se sentisse melhor. Ele ainda conta como era prazeroso trabalhar com uma pessoa de tamanha generosidade como foi Francisco.

> Eu consegui visitá-lo, lembro que das vezes que fazíamos visitas, ainda brincava com ele, cantei uma musiquinha, encontrei ele em trajes para dormir. Nós brincávamos, sorríamos até para ele atravessar aquele momento de sofrimento. Nós tentávamos diminuir a dor e o sofrimento que ele tinha através de brincadeiras, de conversas, mas confesso que Chico deixou uma lacuna entre a gente, foi um momento muito sofrido. No final da vida ele foi se definhando e a gente tinha um carinho especial e queria que ele permanecesse mais algum tempo com a gente. Sabíamos da trajetória da família e aquilo para a gente foi muito marcante. Enquanto profissional era um sujeito assim extremamente capaz, corrigia suas provas, atividades e prontamente queria ajudar os outros. Eu tenho a melhor lembrança de ser humano de profissional, de honestidade, de empenho admirável, que independente de qualquer coisa ele sempre era a primeira pessoa a nos receber. Para mim foi um prazer, foi algo que me fez despertar ainda mais o meu interesse, a minha paixão pela educação, foi olhar a forma como Francisco tratava os seus e, principalmente seus alunos. (Professor, 63 anos)

A nossa memória nos remete às lembranças que ficaram camufladas por muito tempo, no entanto elas existem e estão vivas, é por esta razão que nos reportamos ao passado para evidenciar fatos, acontecimentos e, sobretudo, pessoas que fizeram parte de nossas vidas, e que estão vivas em nossas memórias e merecem o nosso reconhecimento pela trajetória de vida e pelas marcas que deixaram em nós, seja no pessoal ou como profissionais. Por isso, pessoas como “Chico” devem ser lembradas, posto que claramente influenciaram pessoas e certamente nos fazem refletir sobre o que vale a pena ser rememorado.

Assim como outras pessoas que contribuíram para a construção dessa pesquisa, “Chico” também fez parte dessa memória e tem um lugar especial em todos os lugares por onde passou em toda existência aqui na Terra. Sua presença simples, marcante, conquistou muitas amizades e admiradores, e cativou os seus alunos ao longo dos anos que lecionou, cabe aqui, portanto, fazer esta homenagem ao ser humano que ele foi, e na condução do seu trabalho que tanto contribuiu com a educação do município.

A Francisco (Chico), o nosso mais profundo agradecimento, por ter feito parte de nossas vidas, ter sido um profissional exemplar, inspirando muitas pessoas e por estar presente em nossas memórias.

ANEXOS

Anexo A - Parecer consubstanciado do CEP UESB/BA 192

Anexo B – Termo de consentimento livre e esclarecido/TCLE 198

Anexo C – Reportagens do Jornal Diário do Sudoeste (1997) sobre a seca e a cafeicultura na região do Planalto da Conquista.....202

Anexo D – Notícia do Jornal A Tarde - O século da seca e do Jornal Tribuna do café (1981) – Cafeicultor conquistense recebeu prêmio de produtor modelo.....203

Anexo E– Notícia do Jornal Tribuna de Conquista (1998) -A decadência do café.....204

Anexo F – Notícia do Jornal Diário do Sudoeste (1997) – Estiagem compromete até sistemas de irrigação da lavoura cafeeira.....205

Anexo G – Lei nº 10 de 27 de maio de 1983 – adesão ao PRONASEC.....206

Anexo H – Lei nº 11 de 27 de maio de 1983 – adesão ao PNAE.....207

Anexo A - Parecer consubstanciado do CEP UESB/BA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA - UESB/BA

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: A MEMÓRIA SOCIAL DA ESCOLA MUNICIPAL JOÃO BATISTA FIGUEIREDO PARA OS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO E PARA A COMUNIDADE DO CAFEZAL NA CIDADE DE BARRA DO CHOÇA ¿ BAHIA

Pesquisador: IRLANDIA DA PONTE LIMA

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 60978422.7.0000.0055

Instituição Proponente: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.662.335

Apresentação do Projeto:

Nas palavras da autora:

"Esta pesquisa tem como base a (re)construção da memória social de uma unidade escolar, por meio dos testemunhos dos participantes da pesquisa, compreendendo como o estudo da memória social é um importante recurso para a pesquisa em educação. Os procedimentos metodológicos para realização desse trabalho partem da abordagem qualitativa com entrevista semiestruturada, pois a pesquisa qualitativa, apresenta-se como uma possibilidade de reconhecimento dos relatos de profissionais de educação e de moradores da comunidade, como requisito importante para a constituição da memória social da escola. De acordo as contribuições de Minayo, (1994) a pesquisa qualitativa, tornou-se uma aliada no campo da memória e, reforça a ideia da importância dos participantes para a construção dessa memória. Como estratégia metodológica para esta pesquisa, percorreremos os caminhos da Hermenêutica como abordagem metodológica com o método Fenomenológico. Baseando-se em Ricoeur (2007), quando se propõe a defender a ideia da fenomenologia da memória, sendo esta um fenômeno social, e que a partir dela, pode-se interpretar a sociedade e os elementos abordados no texto e coletados no decorrer das entrevistas, segundo Chizotti (2008, p. 183), "Nas entrevistas, a memória é retomada, nossas lembranças, imagens, representações de mundo são compartilhadas com o outro e, por vezes, pontos obscuros de nossa trajetória de vida são

Endereço: Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, Módulo CAP, 1º andar (UESB)
Bairro: Jequiezinho **CEP:** 45.206-510
UF: BA **Município:** JEQUIE
Telefone: (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepjq@uesb.edu.br

aclarados." Com base no processo de reconhecimento da realidade da instituição, os estudos serão conduzidos para a pesquisa sobre os testemunhos dos participantes e que constituirão a memória social da instituição escolar. De acordo os objetivos propostos e a partir das informações obtidas por meio de pesquisa, será necessária a averiguação e identificação de documentos que comprovem a existência da escola, para a composição dos elementos necessários para a construção da memória da Escola e a identificação de projetos que existem na escola e que buscam o envolvimento e a participação da comunidade do Cafezal. Ressaltamos que num primeiro momento, será feita a identificação da parte documental e pedagógica da Instituição. Num segundo momento, serão realizadas as entrevistas semiestruturadas, nesse processo, os participantes da pesquisa darão seus testemunhos sobre o lugar de memória".

Emenda:

"Tendo em vista que os testemunhos coletados durante a pesquisa de campo deste estudo, serão utilizadas como parte da escrita na produção textual dessa pesquisa, solicito que seja anexado o TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS nos documentos enviados para submissão dessa pesquisa a este Comitê. Solicito ainda a alteração no título da pesquisa, sendo que a alteração foi feita pela banca de qualificação, passando a ser: A MEMÓRIA SOCIAL DA ESCOLA MUNICIPAL JOÃO BATISTA FIGUEIREDO PARA OS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO E PARA A COMUNIDADE DO CAFEZAL NA CIDADE DE BARRA DO CHOÇA - BAHIA."

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

(Re)construir a memória social da Escola Municipal João Batista Figueiredo para os profissionais da educação e para a comunidade do Cafezal, no Município de Barra do Choça – Bahia.

Objetivo Secundário:

a) Compreender os estudos da memória social como um importante recurso para a pesquisa em educação;

b) Identificar por meio de documentos, fotografias e outros elementos, mecanismos relevantes sobre a criação e implementação da escola na comunidade do Cafezal; c) Conhecer as memórias dos profissionais de educação e de moradores da comunidade do Cafezal sobre esse espaço educativo, a relação da escola e dos projetos desenvolvidos com e para a comunidade.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

No decorrer da pesquisa, os riscos para os participantes serão mínimos, pois cada participante será entrevistado individualmente em local privado para evitar interferências de outras pessoas e manter a privacidade do mesmo. Também utilizaremos local arejado para evitar desconfortos. Durante a entretista, serão feitas perguntas semiestruturadas referentes aos objetivos da pesquisa, com o intuito de não haver constrangimentos e o

envolvimento de questões pessoais ou memórias que não forem agradáveis ao participante. Ainda assim, caso ocorra algum desconforto ou mal estar do participante, daremos uma pausa na entrevista ou ainda poderemos remarcar para outro momento, que seja possível para o participante. Mesmo com a proposta de 40 min para a duração de cada sessão, isto poderá ser modificado, caso seja necessário. Vale lembrar que para cada entrevista, apenas o entrevistador e entrevistado estarão presentes. Será utilizada máscara de proteção em cada entrevista, assim como o uso de álcool em gel. Como todas as outras formas de higiene, como evitar abraços, tocar no entrevistado, pegar na mão. Mesmo que os riscos sejam pequenos, caso ocorra algum imprevisto durante a entrevista, será garantido ao participante todo cuidado e responsabilidade quanto o seu bem estar. Se for preciso faremos pausa ou suspenderemos a entrevista. O participante também tem direito de desistir de sua participação da pesquisa. em qualquer tempo. E se, caso ele não se sinta à vontade em responder qualquer pergunta, o entrevistador poderá criar um ambiente favorável para o andamento da entrevista ou perguntar outras.

Benefícios:

Esta pesquisa terá como possíveis contribuições potenciais para a sociedade e seres humanos nos pontos referentes a memória social em educação como direito subjetivo de todos e condição necessária para o exercício da cidadania, autonomia, criticidade, qualidade no trabalho e reconhecimento. Neste contexto, este estudo visa contribuir com aspectos, tais como: 1) valorização da dos profissionais da educação e de moradores da comunidade como agentes imprescindíveis no processo de construção da memória social. 2) a valorização e o reconhecimento do trabalho dos profissionais que contribuíram com a formação da escola e da memória de moradores da comunidade. 3) registro de suas memórias para dar visibilidade aos testemunhos dos participantes como protagonistas do processo de implementação e crescimento da unidade escolar, paraque a sociedade tome conhecimento de seu trabalho prestado, ou relevância enquanto morador da comunidade. 4) inserção da memória social nos

estudos sobre educação para o reconhecimento do testemunho como mecanismo da pesquisa científica. 5) tornar público as contribuições dos participantes da pesquisa, para que estes sejam reconhecidos, com possibilidades de novos estudos acadêmicos sobre a memória do lugar e a comunidade que ajudou a construir este lugar, bem como a ampliação das teorias acerca da memória social.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa de mestrado ligada ao PPGEd (UESB), que tem por escopo reconstruir a memória social da Escola Municipal João Batista Figueiredo / Comunidade do Cafezal - Barra do Choça-Ba, à luz da hermenêutica.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados os seguintes documentos:

1) PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1972435 (OK)
2) termo_uso_imagem.pdf (Não se aplica)
3) arquivo_conquista (OK)
4) tcle (OK)
5) instrumento_pesquisa (OK)
6) folha_rosto (OK)
7)termo_arquivo (OK)
8) termo_coleta (OK)
9) termo_compromisso (OK)
10) projeto (OK)
11) cronograma (OK)

Recomendações:

Ver conclusões.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

REITERAMOS QUE o documento "Termo para uso de imagens e depoimentos" se destina à captura de fotos e gravações de sons e imagens. No caso em tela, em que as entrevistas serão apenas gravadas em áudio, não é necessário esse documento. Caso a pesquisadora queira utilizar fotos e imagens DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA, deverá encaminhar emenda com as devidas alterações na metodologia da pesquisa.

Sem pendências éticas.

Atenção:
Durante a execução do projeto e ao seu final, anexar na Plataforma Brasil os respectivos relatórios parciais e final, de acordo com o que consta na Resolução CNS 466/12 (itens II.19, II.20, XI.2, alínea d) e Resolução CNS 510/16 (artigo 28, inciso V).

Considerações Finais a critério do CEP:
Em reunião realizada no dia 23/09/2022, por videoconferência, autorizada pela CONEP, a plenária deste CEP/UESB acatou o parecer do relator.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_2007818_E2.pdf	28/08/2022 01:04:14		Aceito
Outros	Termo_uso_de_imagens.pdf	28/08/2022 00:53:36	IRLANDIA DA PONTE LIMA	Aceito
Outros	arquivo_conquista.pdf	28/08/2022 00:41:35	IRLANDIA DA PONTE LIMA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle.pdf	15/07/2022 18:40:02	IRLANDIA DA PONTE LIMA	Aceito
Outros	instrumento_pesquisa.pdf	13/07/2022 19:46:23	IRLANDIA DA PONTE LIMA	Aceito
Folha de Rosto	folha_rosto.pdf	13/07/2022 13:38:12	IRLANDIA DA PONTE LIMA	Aceito
Outros	termo_arquivo.pdf	24/06/2022 19:26:01	IRLANDIA DA PONTE LIMA	Aceito
Outros	termo_coleta.pdf	24/06/2022 19:25:00	IRLANDIA DA PONTE LIMA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	termo_compromisso.pdf	24/06/2022 07:58:58	IRLANDIA DA PONTE LIMA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto.pdf	24/06/2022 07:33:40	IRLANDIA DA PONTE LIMA	Aceito
Cronograma	cronograma.pdf	24/06/2022 07:32:42	IRLANDIA DA PONTE LIMA	Aceito

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA - UESB/BA

Continuação do Parecer: 5.662.335

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

JEQUIE, 24 de Setembro de 2022

Assinado por:
Leandra Eugenia Gomes de Oliveira
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, Módulo CAP, 1º andar (UESB)
Bairro: Jequiezinho **CEP:** 45.206-510
UF: BA **Município:** JEQUIE
Telefone: (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepjq@uesb.edu.br

Anexo B – Termo de consentimento livre e esclarecido/TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Conforme Resoluções nº 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde – CNS

CARO(A) SENHOR(A),

Este documento é um CONVITE ao(à) Senhor(a) (ou à pessoa pela qual o(a) Sr.(a) é responsável) para participar da pesquisa abaixo descrita. Por favor, leia atentamente todas as informações abaixo e, se você estiver de acordo, rubrique as primeiras páginas e assine a última, na linha "Assinatura do participante".

1. QUEM SÃO AS PESSOAS RESPONSÁVEIS POR ESTA PESQUISA?

1.1. PESQUISADOR RESPONSÁVEL: IRLANDIA DA PONTE LIMA

1.2. ORIENTADOR/ORIENTANDO: NEREIDA MARIA SANTOS MAFRA DE BENEDICTIS

2. QUAL O NOME DESTA PESQUISA, POR QUE E PARA QUE ELA ESTÁ SENDO FEITA?

2.1. TÍTULO DA PESQUISA A MEMÓRIA SOCIAL DA ESCOLA MUNICIPAL JOÃO BATISTA FIGUEIREDO PARA OS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO E PARA A COMUNIDADE DO CAFEZAL NA CIDADE DE BARRA DO CHOÇA – BAHIA
2.2. POR QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA (Justificativa): Os estudos no campo da memória, é um meio de reconhecimento dos elementos e vivências que não tiveram registros formais. Portanto, as experiências de profissionais de educação que contribuíram para a criação e implementação da Escola Municipal João Batista Figueiredo são importantes para o processo de (re)construção da memória do lugar, com base no significado que a memória tem para evocar fatos e lembranças que ficaram no passado e que não tiveram o devido reconhecimento e registro. Logo, os estudos sobre a memória social, também possibilitam o entendimento das trajetórias de vida de pessoas da comunidade do Povoado Cafezal, seus costumes e tradições e, principalmente daquelas pessoas que participaram da construção da Escola e da importância que tem hoje para essa comunidade. A motivação para essa pesquisa se deu por meio das vivências adquiridas como educadora/docente na referida escola. As observações sobre o espaço escolar, tornaram-se um ponto de interesse em conhecer quais as circunstâncias a escola foi construída, bem como o interesse em conhecer as memórias dos moradores da comunidade e de seus profissionais. Por isso, o testemunho, por meio da evocação das lembranças dos participantes da pesquisa possibilitará a construção da memória social da instituição, que até o momento ainda permanece invisibilizada.
2.3. PARA QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA (Objetivos): *(Re)construir a memória social da Escola Municipal João Batista Figueiredo para os profissionais da Educação e para a comunidade do Cafezal no Município de Barra do Choça – Bahia; Compreender os estudos da memória social como um importante recurso paraa pesquisa em educação; Identificar por meio de documentos, fotografias e outros elementos, mecanismos relevantes sobre a criação da escola na comunidade do Cafezal; Conhecer as memórias dos profissionais da educação e de moradores da comunidade do Cafezal, sobre o espaço educativo, a relação da escola e dos projetos com e para a comunidade.*

Seja consciente: ao imprimir este documento, se necessário, use a frente e o verso do papel. :)

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) - UESB/Jequié
(73) 3528-9727 | cepjq@uesb.edu.br

Rubricas:

3. O QUE VOCÊ (OU O INDIVÍDUO SOB SUA RESPONSABILIDADE) TERÁ QUE FAZER? ONDE E QUANDO ISSO ACONTECERÁ? QUANTO TEMPO LEVARÁ? (Procedimentos Metodológicos)

3.1 O QUE SERÁ FEITO: *Serão realizadas entrevista. Cada entrevista será realizada individualmente com cada participante em dias diferentes, de acordo a disponibilidade da pessoa. Também será solicitado um codinome aos participantes. Os codinomes deverão possuir um relação com o significado da Escola para os mesmos. Será utilizado um gravador de voz do celular iPhone ou um gravador de voz portável, de posse do pesquisador. Com o consentimento do entrevistado, respeitando todos os protocolos de segurança, respeito e equidade do participante.*
3.2 ONDE E QUANDO FAREMOS ISSO: *Escola Municipal João Batista Figueiredo, Povoado Cafezal, Município de Barra do Choça, Bahia*
3.3 QUANTO TEMPO DURARÁ CADA SESSÃO: *40 minutos*

4. HÁ ALGUM RISCO EM PARTICIPAR DESSA PESQUISA?

Segundo as normas que tratam da ética em pesquisa com seres humanos no Brasil, sempre há riscos em participar de pesquisas científicas. No caso desta pesquisa, classificamos o risco como sendo

(•) MÍNIMO ( ) MODERADO ( ) ALTO

4.1 NA VERDADE, O QUE PODE ACONTECER É: (detalhamento dos riscos)

No decorrer da pesquisa, os riscos para os participantes serão mínimos, pois cada participante será entrevistado individualmente em local privado para evitar interferências de outras pessoas e manter a privacidade do mesmo. Também utilizaremos local arejado para evitar desconfortos. Durante a entretista, serão feitas perguntas semiestruturadas referentes aos objetivos da pesquisa, com o intuito de não haver constrangimentos e o envolvimento de questões pessoais ou memórias que não forem agradáveis ao participante. Ainda assim, caso ocorra algum desconforto ou mal estar do participante, daremos uma pausa na entrevista ou ainda poderemos remarcar para outro momento, que seja possível para o participante. Mesmo com a proposta de 40 min para a duração de cada sessão, isto poderá ser modificado, caso seja necessário. Vale lembrar que para cada entrevista, apenas o entrevistador e entrevistado estarão presentes. Será utilizada máscara de proteção em cada entrevista, assim como o uso de álcool em gel. Como todas as outras formas de higiene, como evitar abraços, tocar no entrevistado, pegar na mão.

4.2 MAS PARA EVITAR QUE ISSO ACONTEÇA, FAREMOS O SEGUINTE: (meios de evitar/minimizar os riscos):

Mesmo que os riscos sejam pequenos, caso ocorra algum imprevisto durante a entrevista, será garantido ao participante todo cuidado e responsabilidade quanto o seu bem estar. Se for preciso faremos pausa ou suspenderemos a entrevista. O participante também tem direito de desistir de sua participação da pesquisa. em qualquer tempo. E se, caso ele não se sinta à vontade em responder qualquer pergunta, o entrevistador poderá criar um ambiente favorável para o andamento da entrevista ou perguntar outras.

5. O QUE É QUE ESTA PESQUISA TRARÁ DE BOM? (Benefícios da pesquisa)

5.1 BENEFÍCIOS DIRETOS (aos participantes da pesquisa): Os benfíficios serão a valorização e o reconhecimento do trabalho dos profissionais que contribuíram com a formação da Escola desde a sua fundação, e da memória de moradores da Comunidade do Cafezal que vivenciaram e participaram do crescimento do povoado.

Seja consciente: ao imprimir este documento, se necessário, use a frente e o verso do papel. :)

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) - UESB/Jequié
(73) 3528-9727 | cepjq@uesb.edu.br

Rubricas:

5.2 BENEFÍCIOS INDIRETOS (à comunidade, sociedade, academia, ciência...):

Registro da memória social, possibilidade de visibilidade dos testemunhos dos participantes. Quanto a sua contribuição social, para a academia e ciência, tornar público as contribuições dos participantes pa pesquisa, e possibilitar novos estudos acadêmicos sobre a memória do lugar, já que se trata do primeiro estudo sobre esta memória

6. MAIS ALGUMAS COISAS QUE O(A) SENHOR(A) PODE QUERER SABER (Direitos dos participantes):

6.1. Recebe-se dinheiro ou é necessário pagar para participar da pesquisa?
R: *Nenhum dos dois*. A participação na pesquisa é voluntária.

6.2. Mas e se acabarmos gastando dinheiro só para participar da pesquisa?
R: O pesquisador responsável precisará lhe ressarcir estes custos.

6.3. E se ocorrer algum problema durante ou depois da participação?
R: Voce pode solicitar assistência imediata e integral e ainda indenização ao pesquisador e à universidade.

6.4. É obrigatório fazer tudo o que o pesquisador mandar? (Responder questionário, participar de entrevista, dinâmica, exame...)
R: Não. Só se precisa participar daquilo em que se sentir confortável a fazer.

6.5. Dá pra desistir de participar no meio da pesquisa?
R: Sim. Em qualquer momento. É só avisar ao pesquisador.

6.6. Há algum problema ou prejuízo em desistir?
R: Nenhum.

6.7. Os participantes não ficam expostos publicamente?
R: Não. A privacidade é garantida. Os dados podem ser publicados ou apresentados em eventos, mas o nome e a imagem dos voluntários são sigilosos e, portanto, só serão conhecidos pelos pesquisadores.

6.8. Depois de apresentados ou publicados, o que acontecerá com os dados e com os materiais coletados?
R: Serão arquivadas por 5 anos com o pesquisador e depois destruídos.

6.9. Qual a "lei" que fala sobre os direitos do participante de uma pesquisa?
R.: São, principalmente, duas normas do Conselho Nacional de Saúde: a Resolução CNS 466/2012 e a 510/2016. Ambas pdem ser encontradas facilmente na internet.

6.10. E se eu precisar tirar dúvidas ou falar com alguém sobre algo acerca da pesquisa?
R: Entre em contato com o(a) pesquisador(a) responsável ou com o Comitê de ética. Os meios de contato estão listados no ponto 7 deste documento.

Seja consciente: ao imprimir este documento, se necessário, use a frente e o verso do papel. :)

7. CONTATOS IMPORTANTES:

Pesquisador(a) Responsável: Irlandia da Ponte Lima.
Endereço: **Rua Trazibulo Rocha, 274, Bairro Cidade Jardim, Barra do Choça - Bahia**
Fone: (77) 99941 1747 / E-mail: *irlandialima@hotmail.com.*

Comitê de Ética em Pesquisa da UESB (CEP/UESB)
Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, 1º andar do Centro de Aperfeiçoamento Profissional Dalva de Oliveira Santos (CAP). Jequiezinho. Jequié-BA. CEP 45208-091.
Fone: (73) 3528-9727 / E-mail: cepjq@uesb.edu.br
Horário de funcionamento: Segunda à sexta-feira, das 08:00 às 18:00

8. CLÁUSULA DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Concordância do participante ou do seu responsável)

Rubricas:

Declaro, para os devidos fins, que estou ciente e concordo

☒ **em participar do presente estudo;**

☐ **com a participação da pessoa pela qual sou responsável.**

Ademais, confirmo ter recebido uma via deste termo de consentimento e asseguro que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

Povoado Cafezal, Barra do Choça - BA, 5 de setembro de 2022

_____

Assinatura do(a) participante (ou da pessoa por ele responsável)

Impressão Digital
(Se for o caso)

9. CLÁUSULA DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR

Declaro estar ciente de todos os deveres que me competem e de todos os direitos assegurados aos participantes e seus responsáveis, previstos nas Resoluções 466/2012 e 510/2016, bem como na Norma Operacional 001/2013 do Conselho Nacional de Saúde. Asseguro ter feito todos os esclarecimentos pertinentes aos voluntários de forma prévia à sua participação e ratifico que o início da coleta de dados dar-se-á apenas após prestadas as assinaturas no presente documento e aprovado o projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa, competente.

Povoaado Cafezal, Barra do Choça - BA, 5 de setembro de 2022

_____

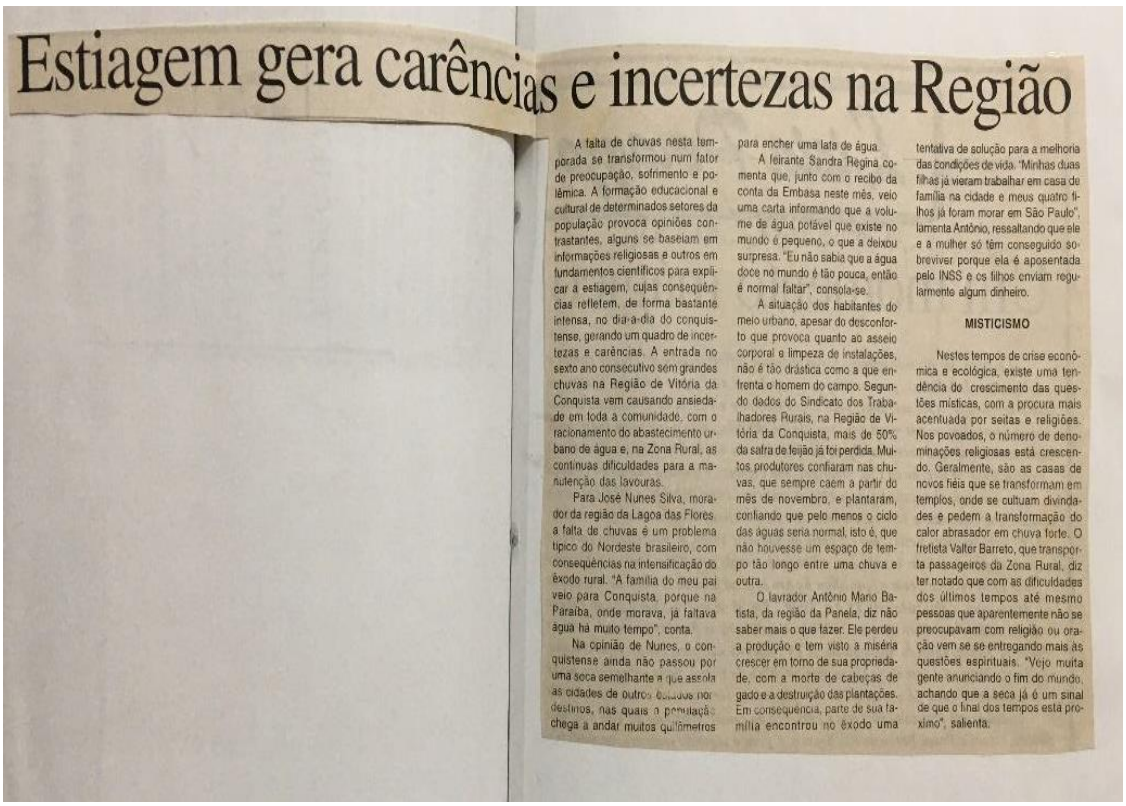
Assinatura do(a) pesquisador

Seja consciente: ao imprimir este documento, se necessário, use a frente e o verso do papel. :)

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) - UESB/Jequié
(73) 3528-9727 | cepjq@uesb.edu.br

Rubricas:

Anexo C – Reportagens do Jornal Diário do Sudoeste (1997) sobre a seca e a cafeicultura na região do Planalto da Conquista



Estiagem gera carências e incertezas na Região

A falta de chuvas nesta temporada se transformou num fator de preocupação, sofrimento e polêmica. A formação educacional e cultural de determinados setores da população provoca opiniões contrastantes, alguns se baseiam em informações religiosas e outros em fundamentos científicos para explicar a estiagem, cujas consequências refletem, de forma bastante intensa, no dia-a-dia do conquistense, gerando um quadro de incertezas e carências. A entrada no sexto ano consecutivo sem grandes chuvas na Região de Vitória da Conquista vem causando ansiedade em toda a comunidade, com o racionamento do abastecimento urbano de água e, na Zona Rural, as contínuas dificuldades para a manutenção das lavouras.

Para José Nunes Silva, morador da região da Lagoa das Flores, a falta de chuvas é um problema típico do Nordeste brasileiro, com consequências na intensificação do êxodo rural. "A família do meu pai veio para Conquista, porque na Paraíba, onde morava, já faltava água há muito tempo", conta.

Na opinião de Nunes, o conquistense ainda não passou por uma seca semelhante a que assola as cidades de outros estados nordestinos, nas quais a população chega a andar muitos quilômetros para encher uma lata de água.

A feirante Sandra Regina comenta que, junto com o recibo da conta da Embasa neste mês, veio uma carta informando que a volume de água potável que existe no mundo é pequeno, o que a deixou surpresa. "Eu não sabia que a água doce no mundo é tão pouca, então é normal faltar", consola-se.

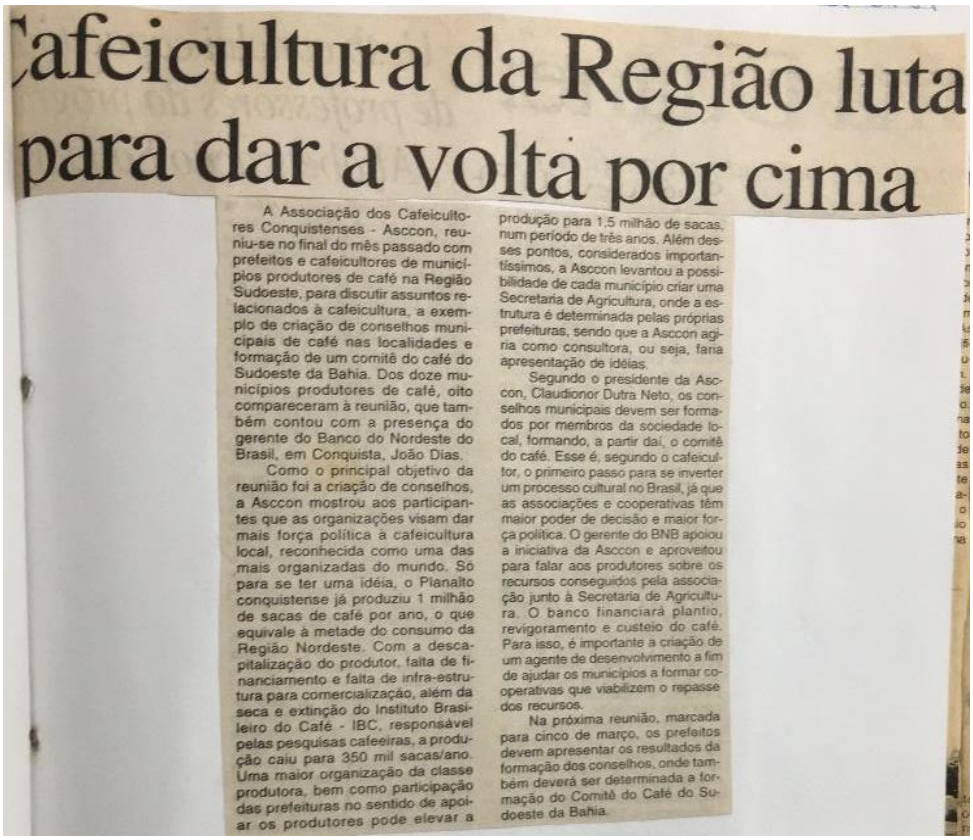
A situação dos habitantes do meio urbano, apesar do desconforto que provoca quanto ao asseio corporal e limpeza de instalações, não é tão drástica como a que enfrenta o homem do campo. Segundo dados do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, na Região de Vitória da Conquista, mais de 50% da safra de feijão já foi perdida. Muitos produtores confiaram nas chuvas, que sempre caem a partir do mês de novembro, e plantaram, confiando que pelo menos o ciclo das águas seria normal, isto é, que não houvesse um espaço de tempo tão longo entre uma chuva e outra.

O lavrador Antônio Mario Batista, da região da Panela, diz não saber mais o que fazer. Ele perdeu a produção e tem visto a miséria crescer em torno de sua propriedade, com a morte de cabeças de gado e a destruição das plantações. Em consequência, parte de sua família encontrou no êxodo uma tentativa de solução para a melhoria das condições de vida. "Minhas duas filhas já vieram trabalhar em casa de família na cidade e meus quatro filhos já foram morar em São Paulo", lamenta Antônio, ressaltando que ele e a mulher só têm conseguido sobreviver porque ela é aposentada pelo INSS e os filhos enviam regularmente algum dinheiro.

MISTICISMO

Nestes tempos de crise econômica e ecológica, existe uma tendência de crescimento das questões místicas, com a procura mais acentuada por seitas e religiões. Nos povoados, o número de denominações religiosas está crescendo. Geralmente, são as casas de novos fiéis que se transformam em templos, onde se cultuam divindades e pedem a transformação do calor abrasador em chuva forte. O fretista Valter Barreto, que transporta passageiros da Zona Rural, diz ter notado que com as dificuldades dos últimos tempos até mesmo pessoas que aparentemente não se preocupavam com religião ou oração vem se se entregando mais às questões espirituais. "Vejo muita gente anunciando o fim do mundo, achando que a seca já é um sinal de que o final dos tempos está próximo", salienta.

Fonte: Diário do Sudoeste (29-01-1997) APMVC. Pesquisa de campo (2022)



Cafeicultura da Região luta para dar a volta por cima

A Associação dos Cafeicultores Conquistenses - Asccon, reuniu-se no final do mês passado com prefeitos e cafeicultores de municípios produtores de café na Região Sudoeste, para discutir assuntos relacionados à cafeicultura, a exemplo de criação de conselhos municipais de café nas localidades e formação de um comitê do café do Sudoeste da Bahia. Dos doze municípios produtores de café, oito compareceram à reunião, que também contou com a presença do gerente do Banco do Nordeste do Brasil, em Conquista, João Dias.

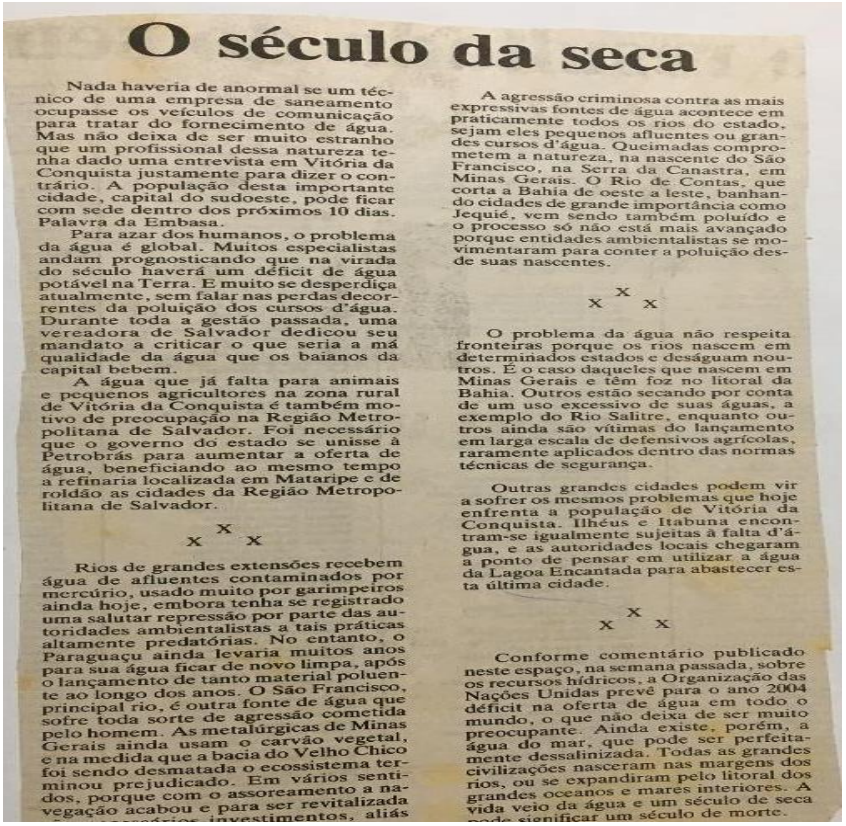
Como o principal objetivo da reunião foi a criação de conselhos, a Asccon mostrou aos participantes que as organizações visam dar mais força política à cafeicultura local, reconhecida como uma das mais organizadas do mundo. Só para se ter uma idéia, o Planalto conquistense já produziu 1 milhão de sacas de café por ano, o que equivale à metade do consumo da Região Nordeste. Com a descapitalização do produtor, falta de financiamento e falta de infra-estrutura para comercialização, além da seca e extinção do Instituto Brasileiro do Café - IBC, responsável pelas pesquisas cafeeiras, a produção caiu para 350 mil sacas/ano. Uma maior organização da classe produtora, bem como participação das prefeituras no sentido de apoiar os produtores pode elevar a produção para 1,5 milhão de sacas, num período de três anos. Além desses pontos, considerados importantíssimos, a Asccon levantou a possibilidade de cada município criar uma Secretaria de Agricultura, onde a estrutura é determinada pelas próprias prefeituras, sendo que a Asccon agiria como consultora, ou seja, faria apresentação de idéias.

Segundo o presidente da Asccon, Claudionor Dutra Neto, os conselhos municipais devem ser formados por membros da sociedade local, formando, a partir daí, o comitê do café. Esse é, segundo o cafeicultor, o primeiro passo para se inverter um processo cultural no Brasil, já que as associações e cooperativas têm maior poder de decisão e maior força política. O gerente do BNB apoiou a iniciativa da Asccon e aproveitou para falar aos produtores sobre os recursos conseguidos pela associação junto à Secretaria de Agricultura. O banco financiará plantio, revigoramento e custeio do café. Para isso, é importante a criação de um agente de desenvolvimento a fim de ajudar os municípios a formar cooperativas que viabilizem o repasse dos recursos.

Na próxima reunião, marcada para cinco de março, os prefeitos devem apresentar os resultados da formação dos conselhos, onde também deverá ser determinada a formação do Comitê do Café do Sudoeste da Bahia.

Fonte: Jornal Diário do Sudoeste (1997) APMVC. Pesquisa de campo (2022)

Anexo D – Notícia do Jornal A Tarde - O século da seca e do Jornal Tribuna do café (1981) – Cafeicultor conquistense recebeu prêmio de produtor modelo



O século da seca

Nada haveria de anormal se um técnico de uma empresa de saneamento ocupasse os veículos de comunicação para tratar do fornecimento de água. Mas não deixa de ser muito estranho que um profissional dessa natureza tenha dado uma entrevista em Vitória da Conquista justamente para dizer o contrário. A população desta importante cidade, capital do sudoeste, pode ficar com sede dentro dos próximos 10 dias. Palavra da Embasa.

Para azar dos humanos, o problema da água é global. Muitos especialistas andam prognosticando que na virada do século haverá um déficit de água potável na Terra. E muito se desperdiça atualmente, sem falar nas perdas decorrentes da poluição dos cursos d'água. Durante toda a gestão passada, uma vereadora de Salvador dedicou seu mandato a criticar o que seria a má qualidade da água que os baianos da capital bebem.

A água que já falta para animais e pequenos agricultores na zona rural de Vitória da Conquista é também motivo de preocupação na Região Metropolitana de Salvador. Foi necessário que o governo do estado se unisse à Petrobrás para aumentar a oferta de água, beneficiando ao mesmo tempo a refinaria localizada em Mataripe e de roldão as cidades da Região Metropolitana de Salvador.

x
x x

Rios de grandes extensões recebem água de afluentes contaminados por mercúrio, usado muito por garimpeiros ainda hoje, embora tenha se registrado uma salutar repressão por parte das autoridades ambientalistas a tais práticas altamente predatórias. No entanto, o Paraguaçu ainda levaria muitos anos para sua água ficar de novo limpa, após o lançamento de tanto material poluente ao longo dos anos. O São Francisco, principal rio, é outra fonte de água que sofre toda sorte de agressão cometida pelo homem. As metalúrgicas de Minas Gerais ainda usam o carvão vegetal, e na medida que a bacia do Velho Chico foi sendo desmatada o ecossistema terminou prejudicado. Em vários sentidos, porque com o assoreamento a navegação acabou e para ser revitalizada [illegible] investimentos, aliás

A agressão criminosa contra as mais expressivas fontes de água acontece em praticamente todos os rios do estado, sejam eles pequenos afluentes ou grandes cursos d'água. Queimadas comprometem a natureza, na nascente do São Francisco, na Serra da Canastra, em Minas Gerais. O Rio de Contas, que corta a Bahia de oeste a leste, banhando cidades de grande importância como Jequié, vem sendo também poluído e o processo só não está mais avançado porque entidades ambientalistas se movimentaram para conter a poluição desde suas nascentes.

x
x x

O problema da água não respeita fronteiras porque os rios nascem em determinados estados e deságuam noutros. É o caso daqueles que nascem em Minas Gerais e têm foz no litoral da Bahia. Outros estão secando por conta de um uso excessivo de suas águas, a exemplo do Rio Salitre, enquanto outros ainda são vítimas do lançamento em larga escala de defensivos agrícolas, raramente aplicados dentro das normas técnicas de segurança.

Outras grandes cidades podem vir a sofrer os mesmos problemas que hoje enfrenta a população de Vitória da Conquista. Ilhéus e Itabuna encontram-se igualmente sujeitas à falta d'água, e as autoridades locais chegaram a ponto de pensar em utilizar a água da Lagoa Encantada para abastecer esta última cidade.

x
x x

Conforme comentário publicado neste espaço, na semana passada, sobre os recursos hídricos, a Organização das Nações Unidas prevê para o ano 2004 déficit na oferta de água em todo o mundo, o que não deixa de ser muito preocupante. Ainda existe, porém, a água do mar, que pode ser perfeitamente dessalinizada. Todas as grandes civilizações nasceram nas margens dos rios, ou se expandiram pelo litoral dos grandes oceanos e mares interiores. A vida veio da água e um século de seca [illegible] significar um século de morte.

Fonte: Jornal A Tarde (20-01-1997) APMVC. Pesquisa de campo (2022)

TC TRIBUNA DO CAFÉ

Ano IX — Nº 1252 — Vitória da Conquista, 3ª-Feira, 29/12/1981. — CR$ 20,00

Trio elétrico fará carnaval na última noite do ano

O Vice-Prefeito Gidásio Cairo dos Santos segundo nos informou o companheiro Enyl Lemos, vai oferecer aos conquistenses, a oportunidade de fazer um Carnaval, na noite de 31 do corrente. última noite do ano de 1981.

O Trio Elétrico «Alegria do Povo» que é de propriedade do Vice-Prefeito de Vitória da Conquista. a partir das 21 horas, estará nas ruas centrais da cidade, devendo tocar até às 3 horas do dia 1º de janeiro. proporcionando. assim. àqueles que não podem frequentar clubes ou boites nas festas de «Reveillon». o Baile Popular que marca o final de 81 e o começo de um Ano Novo que chega com esperanças de melhores dias.

Cafeicultor conquistense recebeu prêmio de produtor modelo

O cafeicultor conquistense Cristovão Khouri foi agraciado pelo INCRA como o Produtor Modelo 81 da Bahia, na relação em que representantes de quase todos os estados brasileiros fizeram parte.

Cristovão Khouri, cafeicultor e agropecuarista, é proprietário da Fazenda Casca. no Distrito de Inhobim. município de Vitória da Conquista, moço dinâmico. começou sua atividade como cafeicultor, em 1972. recebendo. na época. total apoio do Banco do Brasil. tendo iniciado essa atividade com apenas 50 mil covas, estando, hoje. graças ao seu espírito empreendedor, com 236 mil covas, com financiamento do BB.

Falando sobre o prêmio conquistando por Cristovão, o gerente do Banco do Brasil. agência de Conquista, Raimundo Reis. disse que «Cristovão ganhou o prêmio em nome da região. como produtor Modelo 1981, tendo sido recepcionado em Brasília. pelo Presidente da República, presidente do Incra. pelo Ministro da Agricultura e por diversas outras autoridades».

A programação enaltecendo aos Produtores Modelos — do Brasil, foi realizada no período de 3 a 10 de dezembro corrente, em Brasília. constando de uma série de atos os mais significativos.

Cristovão Khouri. mereceu o troféu que lhe conferiu o INCRA pela média de produção alcançada em sua fazenda — 57 a 92 sacas de café por mil covas.

Sobre aspectos de sua produtividade. disse Cristovão: «Temos. aqui, em nossa região, índices os mais positivos, sendo talvez, os maiores, da moderna técnica da cafeicultura. Através da cafeicultura. estamos solucionando alguns problemas sociais, particularmente aquele que proporciona a fixação do homem na caatinga. A minha fazenda. conta com toda a infra-estrutura necessária e. há pouco. recebemos a visita de produtores do Piauí, Sergipe, Espírito Santo e Rio de Janeiro que ficaram impressionados com o que viram na microregião de Vitória da Conquista.

Cristovão Khouri. ao retornar de Brasília, disse que, ao ser recebido pelo Presidente João Figueiredo. ouviu do mesmo, de que «o Brasil necessita de agricultores para que o país possa. cada vez mais. aumentar sua produção».

A florescente cafeicultura da região, deu a um conquistense o título de Melhor Produtor do Ano, prêmio instituído pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária-INCRA.

Fonte: Jornal Tribuna do café (1981) APMVC. Pesquisa de campo (2022)

Anexo E – Notícia do Jornal Tribuna de Conquista (1998) -A decadência do café

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA
ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO
RECORTE DO JORNAL Tribuna de Conquista DATA 28

A decadência do café

O café teve seu apogeu em Conquista e região ainda na década de 70. Este período pode ser considerado o mais promissor no desenvolvimento econômico-financeiro regional; e Vitória da Conquista foi beneficiária deste boom de desenvolvimento, dada a sua vocação de polo regional, de entreposto comercial e de grande produtor de carne e leite, nos seus quase 2 séculos de existência. Dizem os técnicos que alguns equívocos foram cometidos na implantação do polo cafeeiro. Segundo esta fonte, 80% das terras não são próprias para a lavoura. Os bancos ofereceram muito dinheiro a juros baixos, mas não fiscalizaram convenientemente as aplicações destes recursos, sendo pública e notória o desvio destes recursos para outras atividades, mormente na construção ou aquisição de imóveis aqui e alhures. Por outro lado, as multinacionais que forneciam adubos e herbicidas, foram acusados de estarem trazendo em seus produtos pragas jamais conhecidas na região; o prêço aviltado dos insumos, a super valorização da terra, o tipo de café aqui plantado (que segundo especialistas não seria o adequado para o clima, altitude e terrenos. E, por fim, a sêca, antiga conhecida destas plagas, que jamais falhou. Como sabemos as nossas terras são caatinga, mata cipó e encosta de mata atlântica. Ora, não poderia mesmo ter dado certo, a não ser que o plantio fosse restrito a áreas de excelência na região que, comprovadamente, são próprias para o café. Esta matéria não tem qualquer intúito de acusar quem quer que seja, mas o desejo de cumprir uma obrigação histórica que é a relativa à informação. Fala-se que, anos antes da implantação do polo cafeeiro, o Instituto Brasileiro do Café - IBC havia desaconselhado a plantação de café nessas terras, mas mudou o lado por injunções políticas. E deu no que deu.

Vejamos o demonstrativo de produção fornecido por Nascimento Corretagem de Café e tiremos nossas conclusões:

Vitória da Conquista	20.000.000	Pés
Barra do Choça	23.000.000	Pés
Encruzilhada	22.000.000	Pés
Planalto	9.500.000	Pés
Poções	5.000.000	Pés
Outras	4.500.000	Pés
	84.000.000	Pés

Plantio de Café na Bahia

Planalto da Conquista	84.000.000	Pés
R. Jequié	24.000.000	Pés
R. Santa Inêz	22.000.000	Pés
R. Chapada Diamantina	35.000.000	Pés
R. Barra da Estiva	25.000.000	Pés

Consulte seu agente de ...
Avenida Presidente João Goulart, 15 - Centro - F
- Telefax (073) 525-3488 - CEP 45.200-(
Hotel Rei Sol, tipo ★★★

Fonte: Jornal A Tarde (1997) APMVC. Pesquisa de campo (2022)

Anexo F – Notícia do Jornal Diário do Sudoeste (1997) – Estiagem compromete até sistemas de irrigação da lavoura cafeeira

Estiagem compromete até sistemas de irrigação da lavoura cafeeira

A estiagem na Região de Vitória da Conquista já dura mais de três anos. Embora algumas chuvas sejam registradas espaçadamente, o volume das águas não tem sido suficiente para realmente amenizar o quadro, tendo em vista que o índice pluviométrico não atinge as proporções necessárias. Nessas condições, até os sistemas de irrigação das lavouras estão comprometidos, porque a queda do poder aquisitivo acaba gerando dívidas, reduzindo os investimentos no setor agrícola. Além disso, o fato de a maioria dos açudes, lagos e rios estar praticamente seca também inviabiliza a manutenção dos projetos de irrigação pelos produtores.

Além da perda de boa parte da lavoura, os cefeicultores têm de enfrentar mais um problema: a queda da qualidade do café, provocada pelos longos períodos de estiagem. Às voltas com esta situação, encontra-se a maioria dos produtores de toda a Região Sudoeste, e uma das consequências mais imediatas é a crise no próprio comércio, que depende de injeções de capital.

O cafeicultor Carlos Alberto Rocha, que tem uma fazenda próxima à cidade de Barra do Choça, afirma que a sua produção caiu em mais de 50%, gradativamente. O que lhe dá mais esperança é uma provável melhora para a safra deste ano, que foi "regada", ainda que pouco, pelas chuvas recentes. A colheita deve começar em março e alguns produtores estão procurando alternativas de tentar recuperar a lavoura deste ano. Rocha diz que está providenciado a adubação da lavoura, embora isso não venha promover resultados extraordinários, justamente pela falta de chuva. "É uma alternativa que pode ou não dar certo, mas numa situação dessa temos de tentar de tudo", menciona, complementando que, mesmo se fizessem irrigações os custos seriam altos, porque os locais onde existem água são muito distantes, acarretando mais gastos, o que não compensaria.

A perda para o produtor Carlos Rocha foi mais além do que a própria lavoura de café. A seca atingiu até a sua plantação de feijão, que está praticamente perdida. Dois anos atrás, a produção de sua lavoura cafeeira chegava a 1300 sacas e, atualmente, não passa de 300. Com isso, a tendência do preço é subir, fator agravado pela baixa no estoque mundial e brasileiro de café. O agricultor diz ser necessário uma política pública voltada especificamente para melhorar a situação, tendo em vista que uma larga produção é o principal freio para reter o aumento dos preços.

Fonte: Jornal Diário do Sudoeste (1997) APMVC. Pesquisa de campo (2022)

Anexo G – Lei nº 10 de 27 de maio de 1983 – adesão ao PRONASEC

Prefeitura Municipal de Barra do Choça – Bahia

LEI Nº 10 DE 27 DE MAIO DE 1983.

O PREFEITO MUNICIPAL DE BARRA DO CHOÇA-BA., no uso de suas atribuições legais, FAZ SABER que a Câmara de Vereadores aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º - Fica o Poder Executivo autorizado a assinar convênio com a Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Bahia, para aplicação de um Programa de Ação Integrada - PRONASEC, destinado a dinamizar a Educação Rural deste Município.

Art. 2º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação revogadas as disposições em contrário.

Gabinete do Prefeito, 0 de junho de 1983.

Prefeitura Municipal de Barra do Choça-Ba.

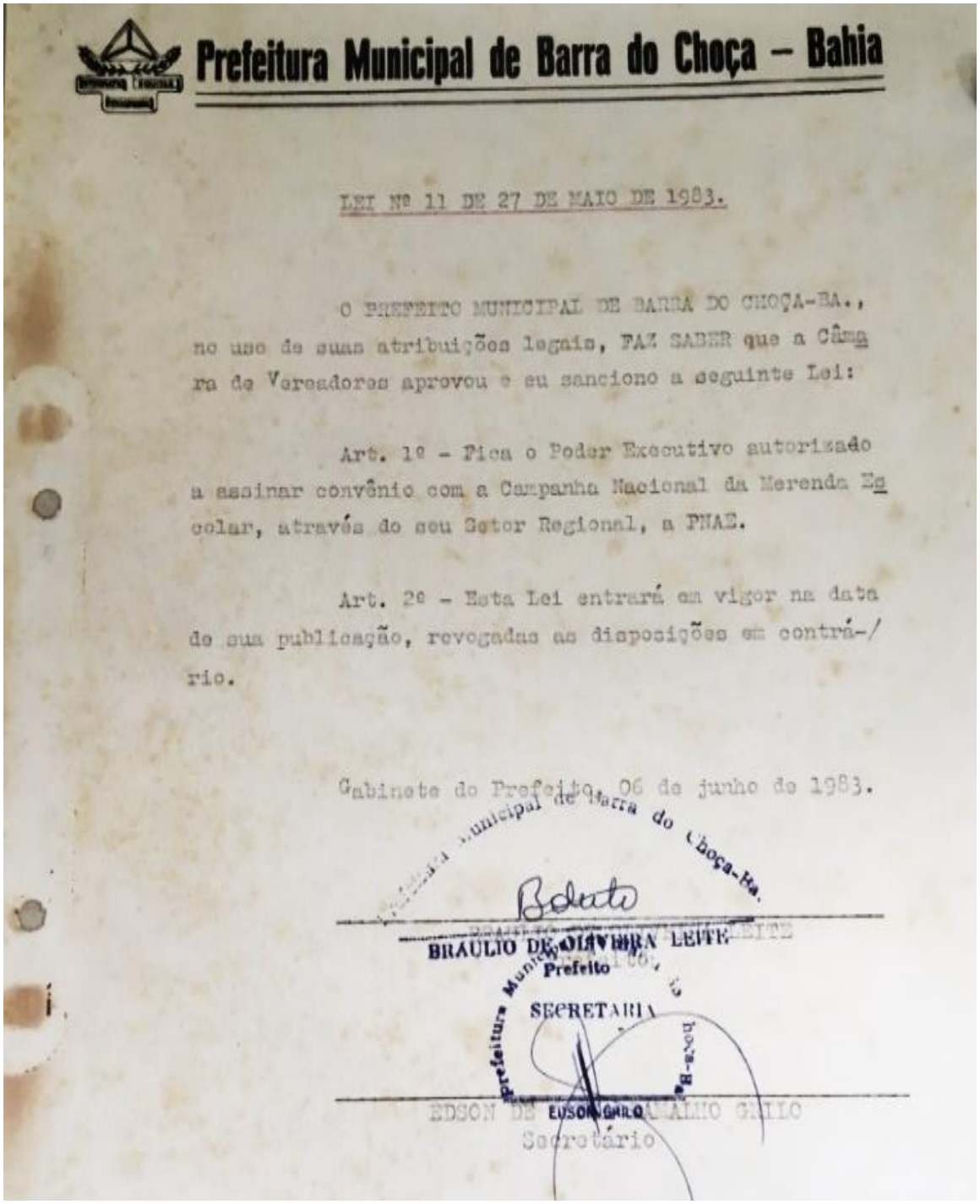
BRAULIO DE OLIVEIRA LEITE
Prefeito

Prefeitura Municipal de Barra do Choça-Ba. SECRETARIA

EDSON DE SOUZA CARNEIRO GRILO
Secretário.

Fonte: Arquivo Público Municipal de Barra do Choça (1983)
Pesquisa de campo (2022)

Anexo H– Lei nº 11 de 27 de maio de 1983 – adesão ao PNAE



Prefeitura Municipal de Barra do Choça – Bahia

LEI Nº 11 DE 27 DE MAIO DE 1983.

O PREFEITO MUNICIPAL DE BARRA DO CHOÇA-BA., no uso de suas atribuições legais, FAZ SABER que a Câmara de Vereadores aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º - Fica o Poder Executivo autorizado a assinar convênio com a Campanha Nacional da Merenda Escolar, através do seu Setor Regional, a PNAE.

Art. 2º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Gabinete do Prefeito, 06 de junho de 1983.

Prefeitura Municipal de Barra do Choça-Ba.

BRAULIO DE OLIVEIRA LEITE
Prefeito

SECRETARIA

EDSON DE [illegible] CAMALHO GRILO
Secretário

Fonte: Arquivo Público Municipal de Barra do Choça (1983)
Pesquisa de campo (2022)